



IRMANDADE DA ADAGA NEGRA  
SÉRIE DE VAMPIROS BEST-SELLER NO NEW YORK TIMES

# AMANTE ETERNO

J.R.  
WARD

UNIVERSO DOS LIVROS

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



## RHAGE, FILHO DE TOHTURE TAMBÉM CONHECIDO COMO HAL E. WOOD

*"Queria lhe sugerir outra palavra para que o  
pronunciasse; algo como apetitoso, sussurro ou morango.*

*Bom mesmo seria inconstitucionalíssimamente."*

*- AMANTE ETERNO, p. 72*

**IDADE: 165.**

**INGRESSO NA IRMANDADE: 1898.**

**ALTURA: 2.03 M.**

**PESO: 127 KG.**

**COR DOS CABELOS: LOIROS**

**COR DOS OLHOS: AZUL-ESVERDEADO**

**COMPANHEIRA: MARY MADONNA**

**LUCE.**



Published by New American Library, a division of Penguin Group (USA) Inc.,  
375 Hudson Street, New York, New York 10014, USA

Penguin Group (Canada), 90 Eglinton Avenue East, Suite 700, Toronto, Ontario  
M4P 2Y3, Canada (a division of Pearson Penguin Canada Inc.)

Penguin Books Ltd., 80 Strand, London WC2R 0RL, England Penguin Ireland, 25  
St. Stephen's Green, Dublin 2, Ireland (a division of Penguin Books Ltd.)

Penguin Group (Australia), 250 Camberwell Road, Camberwell, Victoria 3124,  
Australia (a division of Pearson Australia Group Pty. Ltd.)

Penguin Books India Pvt. Ltd., 11 Community Centre, Panchsheel Park, New  
Delhi 110 017, India Penguin Group (NZ), cnr Airborne and Rosedale Roads,  
Albany, Auckland 1310, New Zealand (a division of Pearson New Zealand Ltd.)

Penguin Books (South Africa) (Pty.) Ltd., 24 Sturdee Avenue, Rosebank,  
Johannesburg 2196, South Africa Penguin Books Ltd., Registered Offices: 80  
Strand, London WC2R 0RL, England First published by Signet Eclipse, an imprint  
of New American Library, a division of Penguin Group (USA)

Inc.

First Printing, September 2005

Copyright © Jessica Bird, 2005 All rights reserved

SIGNET ECLIPSE and logo are trademarks of Penguin Group (USA)

Inc. //br//Printed in the United States of America

## DEDICATÓRIA

---

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes ou são produto da imaginação do autor ou são usados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas reais, estabelecimentos comerciais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência. A editora não tem nenhum controle e não assume nenhuma responsabilidade por autor ou sites de terceiros ou seu conteúdo.

*Dedicado a:*

*Você, com reverência e amor.*

*Obrigado por ter vindo e me encontrar.*

*E por me mostrar o caminho.*

## RESUMO

---

Dentro da Irmandade, Rhage é o vampiro mais voraz, o melhor lutador, agindo sempre através de seus instintos mais primários...

E o amante mais selvagem - porque em seu interior arde uma feroz maldição lançada pela Virgem Escriba. Possuído por este lado sombrio, Rhage teme o momento em que o dragão que leva dentro de si seja libertado, convertendo-o em um perigo para quem o rodeia. *Mary Luce*, uma mulher que conseguiu sobreviver a uma vida cheia de penúrias, é introduzida de maneira involuntária ao mundo dos vampiros.

Agora, toda sua vida depende da proteção de Rhage. Com uma maldição que ameaça sua própria vida, Mary não está buscando o amor. Faz muito tempo que deixou de acreditar em milagres. Mas quando a intensa atração animal de Rhage se converte em algo mais emocional, ele sabe que deve fazê-la sua. E, enquanto os inimigos pisam em seus calcanhares, Mary lutará desesperadamente por conseguir uma vida eterna junto ao homem ao qual ama...

## APRESENTAÇÃO

---

A Irmandade agora se compõe de seis vampiros e guerreiros que arriscam suas vidas pelo amparo e sobrevivência de sua raça, perseguida e dizimada, o que a deixou em uma situação delicada. A população de vampiros está perigosamente diminuída.

Os Irmãos, embora não de sangue, e sim de vínculo, são selecionados por suas habilidades tanto físicas e mentais como por suas habilidades curadoras.

Agressivos, auto-suficientes não se relacionam com outros membros a não ser que precisem alimentar-se.

**Warth, Rhage, Zsadi, Phury, Vishous e Tohrment** se submeteram a duros treinamentos para poder lutar e proteger a sua espécie. São vampiros, são guerreiros e cada um deles carrega uma maldição própria que os mantém isolados.

**Warth** é virtualmente cego o que o faz ocultar permanentemente seus olhos com uns óculos escuros. Como todos, é imponente, enorme, uma massa de músculos e tendões duramente treinado para a luta. É o líder da Irmandade, além de rei dos vampiros.

**Rhage** é o melhor guerreiro do grupo além disso o mais atraente, mas tem um lado escuro e violento.

**Zsadi** foi torturado e escravizado, uma cicatriz cruza seu rosto, usa o cabelo virtualmente raspado e vários piercings em seu corpo, e o resto da Irmandade teme que esteja próximo de perder sua alma.

**Phury** é seu gêmeo, leva uma prótese em uma perna, cabelo multicolorido, e por decisão própria se mantém celibatário.

**Vishous** é o especialista em tecnologia e usa cavanhaque, uma boina vermelha e

uma luva que oculta sua mão esquerda... e por último está...

**Tohrment** Só Tohr tem companhia, o resto vive só, sem nenhuma companhia, somente a Irmandade os une em sua luta pela sobrevivência da raça contra os assassinos de seu povo.

Pouco antes de sua morte **Darius**, o sétimo vampiro da Irmandade pede ao Warth que cuide de sua filha **Beth**, meio humana meio vampira que está a ponto de passar pela transição, converter-se em vampira. Esse é um processo perigoso que pode significar a morte ou a conversão, implicando em uma mudança de vida, estilo e raça, abandonar a vida humana e passar a viver entre as sombras da noite. Warth se nega, mas depois da morte de seu "irmão" e amigo procura a Beth para instruí-la e adverti-la.

Beth desconhece suas origens e procedência, criou-se em lares adotivos, depois da morte de sua mãe ao lhe dar a luz e nunca conheceu seu pai.

Atualmente é uma jornalista que vive como uma mais entre a multidão de Caldwell, em Nova Iorque. Mas depois da intervenção de Warth sua vida sofre uma guinada de 180 graus: a entrada em uma vida na escuridão, a conversão em vampira e uma intensa e sensual relação com o líder da Irmandade, face à inicial reticência por parte de ambos. Beth teme a esse enorme desconhecido, Warth não quer vínculos nem laços de nenhum tipo, tão só a ajudará na transição diz, pois seu sangue é poderoso, antigo e a mais forte... mas os planos foram feitos para quebrar-se e o perigo os une em uma ardente e sensual relação que os vincula irremediavelmente.

## GLOSSÁRIO

---

***Doggen:*** Membro da classe servil no mundo dos vampiros. Os doggens mantêm as antigas tradições de forma muito rigorosa, e são muito, conservadores em questões relacionadas com o serviço prestado a seus superiores. Suas vestimentas e comportamento são muito formais. Podem sair durante o dia, mas envelhecem relativamente rápido. Sua esperança de vida é de quinhentos anos aproximadamente.

***As Escolhidas:*** Vampiras destinadas a servir à Virgem Escriba. São consideradas membros da aristocracia, embora de uma maneira mais espiritual que temporal. Têm pouca, ou nenhuma, relação com os machos, mas podem acasalar-se com guerreiros com objetivo de reproduzir sua espécie se assim o desejar a Virgem Escriba. Têm a capacidade de predizer o futuro. No passado, eram utilizadas para satisfazer as necessidades de sangue de membros solteiros da Irmandade, mas esta prática foi abandonada pelos irmãos.

***Doggen:*** Membro da classe servil no mundo dos vampiros. Os doggens mantêm as antigas tradições de forma muito rigorosa, e são muito, conservadores em questões relacionadas com o serviço prestado a seus superiores. Suas vestimentas e comportamento são muito formais. Podem sair durante o dia, mas envelhecem relativamente rápido. Sua esperança de vida é de quinhentos anos aproximadamente.

***Escravo de sangue:*** Vampiro fêmea ou macho que foi subjugado para satisfazer as necessidades de sangue de outros vampiros. A prática de manter escravos de sangue caiu, em grande medida, em desuso, mas não é ilegal.

***Fore-lesser:*** Cargo dentro da Sociedade Lessening outorgado pelo Omega e que vem acompanhado de certos poderes e privilégios especiais que outorgam ao sujeito habilidades superiores e poderes que o resto dos lessers não possuem.

***O Fore-lesser*** é o cabeça da sociedade, responsável pela estratégia e todos os lessers lhe devem obediência.

***A Virgem Escriba:*** Força mística conselheira do rei, guardiã dos arquivos vampíricos e encarregada de outorgar privilégios. Existe em um reino atemporal e possui grandes poderes. Capaz de um único ato de criação, que empregou para dar existência aos vampiros.

***Irmandade da Adaga Negra:*** Guerreiros vampiros treinados para proteger a sua

espécie contra a **Sociedade Lessening** como resultado de uma cria seletiva no interior da raça. Os membros da Irmandade possuem uma imensa força física e mental, assim como uma enorme capacidade para curar-se de suas feridas com rapidez. A maioria não são propriamente irmãos de sangue. Iniciam-se na Irmandade através da nomeação de um de seus membros. Agressivos, auto-suficientes e reservados por natureza, vivem separados dos humanos e têm pouco contato com membros de outras espécies, exceto quando precisam alimentar-se. São objeto de lendas e muito respeitados dentro do mundo dos vampiros. Só se pode acabar com eles se os ferir gravemente com um disparo ou uma punhalada no coração.

**Leelan:** Termo carinhoso, que se pode traduzir de maneira aproximada como « a que mais quero » .

**Lesser:** Membro da **Sociedade Lessening**. Trata-se de humanos sem alma que perseguem vampiros para exterminá-los. Deve-se apunhalar os lessers para matá-los, pois do contrário são eternos. Não comem nem bebem e são impotentes. Com o tempo, seus cabelos, sua pele e a íris de seus olhos perdem a pigmentação até convertê-los em seres loiros, pálidos e de olhos incolores. Cheiram a talco para bebês. Depois da iniciação na sociedade pelo Omega, conservam um frasco de cerâmica onde foi colocado seu coração depois de extirpado.

**Hellren:** Vampiro que escolhe a uma fêmea como companheira. Os machos podem ter mais de uma fêmea como companheira.

**O Ocaso:** Reino atemporal onde os mortos se reúnem com seus entes queridos durante toda a eternidade.

**O Omega:** Malévola figura mística que pretende a extinção dos vampiros por causa de um ressentimento para com a Virgem Escriba. Existe em um reino atemporal e possui grandes poderes, embora não tenha capacidade de criação.

**Período de Necessidade:** Época fértil das vampiras. Geralmente dura dois dias e é acompanhado por intensos desejos sexuais. Apresenta-se aproximadamente cinco anos depois da transição de uma fêmea, a partir daí, uma vez a cada década. Todos os machos respondem de algum modo se estiverem perto de uma fêmea em período de necessidade. Pode ser uma época perigosa, com conflitos e lutas entre machos, especialmente se a fêmea não tiver companheiro.

**Primeira Família:** O rei e a rainha dos vampiros, e os filhos nascidos de sua

união.

**Princeps:** Grau superior da aristocracia dos vampiros, só superado pelos membros da Primeira Família ou a Escolhida da Virgem Escriba. O título é hereditário, não pode ser outorgado.

**Pyrocant:** refere-se a uma debilidade crítica em um indivíduo. Essa debilidade pode ser interna, como um vício, ou externa, como um amante.

**Rythe:** Forma ritual de salvar à honra. Oferece-o alguém que tenha ofendido a outro. Se for aceito, o ofendido escolhe uma arma e ataca ao ofensor, que se apresenta ante ele desprotegido.

**Selam:** Vampiresa que se uniu a um macho tomando-o como companheiro. Em geral, as fêmeas escolhem a um só companheiro devido à natureza fortemente territorial dos machos acasalados.

**Sociedade Lessening:** Ordem de caça vampiros convocados pelo Omega com o propósito de erradicar a espécie dos vampiros.

**Transição:** Momento crítico na vida dos vampiros, quando ele ou ela se convertem em adultos. A partir desse momento, devem beber o sangue do sexo oposto para sobreviver e não podem suportar a luz solar. Geralmente, acontece aos vinte e cinco anos. Alguns vampiros não sobrevivem a sua transição, sobre tudo os machos. Antes da mudança, os vampiros são fisicamente frágeis, sexualmente ignorantes e indiferentes, e incapazes de desmaterializar-se.

**A Tumba:** Cripta sagrada da Irmandade da Adaga Negra. Usada como sede cerimonial e como armazém dos frascos dos lessers. Entre as cerimônias ali realizadas se encontram as iniciações, funerais e ações disciplinadoras contra os irmãos. Ninguém pode penetrar nela, exceto os membros da Irmandade, a Virgem Escriba ou os candidatos a uma iniciação.

**Vampiro:** Membro de uma espécie separada do Homo sapiens. Os vampiros precisam beber sangue do sexo oposto para sobreviver. O sangue humano os mantém vivos, mas sua força não dura muito tempo. Depois de sua transição, que geralmente acontece aos vinte e cinco anos, são incapazes de sair à luz do dia e devem alimentar-se na veia regularmente. Os vampiros não podem «converter» aos humanos com uma dentada nem com uma transfusão sanguínea, embora, em alguns casos, sejam capazes de procriar com a outra espécie. Podem desmaterializar-se à vontade, mas precisam procurar tranquilidade e concentração para consegui-lo, e não podem levar

consigo nada pesado. São capazes de apagar as lembranças das pessoas, sempre que forem recentes. Alguns vampiros são capazes de ler a mente. Sua expectativa de vida é superior a mil anos, e em alguns casos até mais.

**J.R. WARD**

AMANTE ETERNO

MARY LUCE e RHAGE



## CAPÍTULO UM

---

Ah, inferno, Vishous, você está me matando.

Butch O'Neal procurava na gaveta das meias, as de seda preta, mas só encontrava as de algodão branco.

— Não, espera. - Ele tirou uma meia três-quartos. Não foi exatamente um triunfo.

— Se quisesse te matar, Tira, então os sapatos seriam a última coisa em sua mente.

Butch olhou fixamente seu companheiro de quarto.

Seu companheiro fã dos Red Sox. Seu... bem, um de seus dois melhores amigos. Ambos, por assim dizê-lo, casualmente eram vampiros.

Refrescado pelo banho, Vishous tinha uma toalha ao redor de sua cintura, exibindo seu musculoso peito e seus grossos braços. Estava colocando uma luva de couro, que cobria completamente sua mão esquerda tatuada.

— Tem que ir vestido com minhas roupas? Vishous lhe sorriu, suas presas cintilavam em meio a seu cavanhaque.

— Gosto delas.

— Por que não pede ao Fritz que te consiga algumas?

— Ele está muito ocupado saciando nossos desejos para suas roupas, homem.

Certo, talvez recentemente Butch houvesse conseguido um contato interno na Versace, e quem teria pensado que o teria tido, mas quão difícil pode ser colocar uma dúzia de sedas adicionais na casa?

— Pedirei algumas para você.

— Não é um cavalheiro. - Vishous prendeu para trás seu cabelo escuro. As tatuagens de sua têmpora esquerda apareceram e em seguida ficaram encobertas outra vez.

— Necessita do Escalade esta noite?

— Sim, obrigado. - Butch colocou seus pés em seus mocassins Gucci, sem se sentar.

— Então você vai ver Marissa?

Butch assentiu.

— Preciso vê-la. De uma maneira ou outra.

E ele tinha o pressentimento de que ia ser da outra.

— Ela é uma boa mulher.

Com certeza, por todos os infernos que o era, e era por isso provavelmente que ela não lhe respondia seus telefonemas. O ex-policial que, como bom escocês, não era exatamente bom material para relacionar-se com as mulheres, humanas ou vampiras. E o fato de que ele não era uma dessas coisas não o ajudava na situação.

— Bem, Tira, Rhage e eu estaremos relaxando no One Eye. Quando terminar o que tiver de fazer, venha nos buscar.

Um golpe, como se alguém atingisse a porta principal com um ariete, fez que girassem suas cabeças.

Vishous subiu a toalha.

— Mas que droga, o menino voador tem que aprender a usar a campainha.

— Tente falar com ele. Ele não me escuta.

— Rhage não escuta ninguém. - V desceu correndo para o vestibulo.

Quando o estrondo se silenciou, Butch foi para sua extensa coleção de gravatas. Escolheu uma Brioni azul claro, dobrou a gola de sua camisa branca, e colocou a seda ao redor de seu pescoço. Quando saiu da sala de estar, pôde ouvir Rhage e Vishous falando sobre Rustill down de Tupac?

Butch teve que rir. Homem, sua vida já o havia levado a um montão de lugares, muitos deles perigosos, mas nunca tinha pensado que terminaria vivendo com seis vampiros guerreiros. Ou estando em volta das brigas para proteger sua

decrecente espécie oculta. De certa forma, entretanto, ele tinha um lugar com a Irmandade da Adaga Negra. Vishous, Rhage e ele formavam um trio impressionante.

Rhage vivia na mansão cruzando o pátio com o resto dos integrantes da Irmandade, mas o trio que dirigia a Irmandade estava fora da casa do guarda, onde V e Butch ficavam. O Pit, como era conhecido o lugar, era um doce alojamento comparado com o barracão em que Butch tinha vivido. Ele e Vishous tinham dois dormitórios, dois banheiros, uma cozinha, uma sala de estar que era decorada com um atraente estilo, no porão da Casa da Fraternidade, alguns sofás de couro, uma TV de plasma de alta definição, futebol de mesa, e sacos de academia por toda parte.

Quando Butch entrou no quarto principal, teve uma vista da roupa de Rhage para a noite: trench-coat preto de couro que caía de seus ombros até seus tornozelos. Camiseta preta metida nas calças de couro. As botas de combate faziam-no ultrapassar os 2,05m. Assim vestido, o vampiro era sem dúvida nenhuma, extremamente atraente. Até para um hetero reconhecido como Butch.

O filho da puta realmente dobrava as leis da física, era muito atraente. O cabelo loiro estava cortado curto atrás e mais longo na frente. O azul de seus olhos eram da cor da água do mar das Bahamas. E a face fazia que Brad Pitt se visse como um candidato para o [The Swan](#).

Mas ele não era um filhinho da mamãe, apesar de ser fascinante. Algo escuro e letal fervia detrás de um reluzente exterior, e você sabia no minuto que o via. Ele emitia as vibrações de um cara que enquanto sorria, fazia a elucidação diretamente com seus punhos, inclusive se cuspiam entre dentes enquanto se encarregava do assunto.

— O que está fazendo, Hollywood? — Perguntou Butch.

Rhage sorriu, mostrando um esplêndido grupo dentes perolados com longos caninos. — Fazendo cera para sair, Tira.

— Maldição, vampiro não teve bastante ontem à noite? Essa ruiva parecia um assunto sério. E também a irmã dela.

— Já me conhece. Sempre faminto.

Sim, bem, felizmente para Rhage, havia uma corrente interminável de mulheres mais que felizes para satisfazer suas necessidades. E doce Jesus, o cara as possuía. Não bebia. Não fumava. Mas ele corria entre as damas como Butch

nunca tinha visto.

E Butch não conhecia meninos bonzinhos.

Rhage olhou para Vishous.

— Vá se vestir, homem. A menos que esteja pensando em ir ao One Eye com uma toalha?

— Deixa de me cronometrar, meu Irmão.

— Então mova o traseiro.

Vishous se levantou atrás da pesada mesa onde estavam os aparelhos de informática que podia dar ao Bill Gates uma ereção. Deste centro de comando, Vishous executava e fiscalizava os sistemas de segurança do recinto da Irmandade, incluindo a casa principal, as instalações subterrâneas de treinamento, a Tumba e seu Pit, assim como também o sistema de túneis subterrâneos que interconectaram os edifícios. Ele controlava tudo: as venezianas cobertas de aço que estavam instaladas em cada janela; as fechaduras nas portas de aço; a temperatura nas residências; a iluminação; as câmeras de segurança; as grades.

Vishous tinha preparado o equipamento inteiro ele mesmo antes que a Irmandade se mudasse, há três semanas. Os edifícios e os túneis estavam preparados desde os princípios de 1900, mas em sua maior parte não tinham sido utilizados. Depois dos acontecimentos de julho, no entanto, a decisão tinha sido tomada para consolidar as operações da Irmandade, e todos eles haviam vindo até aqui.

Enquanto Vishous se dirigia para seu quarto, Rhage tirou um pirulito de seu bolso, rasgou o pacote vermelho, e o meteu na boca. Butch podia sentir como o cara olhava fixamente. E não se surpreendeu quando o irmão conectou com ele.

— Eu não posso acreditar que te vista da melhor maneira para ir até o One Eye, poli. Suponho, este é um serviço perigoso, inclusive para você. A gravata, as abotoaduras dos punhos da camisa são todos novos, não é mesmo?

Butch alisou a Brioni sobre seu peito e estendeu a mão para pegar a jaqueta de Tom Ford que combinava com suas amplas calças pretas. Ele não queria comentar sobre Marissa. Só falar do tema com Vishous tinha sido suficiente. Além disso, o que ele podia lhe dizer?

“Ela me fechou as portas quando eu a encontrei, e me evita há três semanas. Assim em vez de aceitar a indireta, me descabelo e suplico como um perdedor desesperado.”

Bem, ele realmente não queria dizer isso diante do Sr. Perfeito, mesmo ele sendo um bom camarada. Rhage girou o pirulito em sua boca.

— Me diga uma coisa. Por que perde tempo com as roupas, homem? Não faz nada com seu membro. Eu me refiro, vejo-te sempre rechaçando as mulheres no balcão. Está tentando se salvar do casamento?

— Yup. Tem razão. Terão que me levar amarrado para que eu caminhe por esse corredor.

— Vamos, realmente estou curioso. Está se reservando para alguém? - Quando houve somente silêncio, o vampiro riu suavemente.

— Eu a conheço?

Butch entrecerrou os olhos, pensando se a conversa terminaria mais rapidamente se ele fechasse a boca. Provavelmente não. Uma vez que Rhage começava, não o deixava até que ele decidia que havia se acabado. Falava da mesma forma que matava. Rhage negou com a cabeça tristemente.

— Ela não te necessita?

— Saberemos esta noite.

Butch verificou quanto tinha de dinheiro. Dezesseis anos como detetive de homicídios não tinham forrado muito seus bolsos. Agora era dependente da Irmandade e tinha muito dinheiro, possivelmente não poderia gastá-lo suficientemente rápido.

— Que tenha sorte, Tira.

Butch o olhou de cima a baixo.

— Como você o compreende?

— Sempre me perguntei como seria viver com uma mulher que valesse a pena.

Butch riu. O cara era um deus sexual, uma lenda erótica em sua raça. Vishous lhe tinha contado histórias sobre Rhage que haviam passado de geração

em geração quando o tempo era o correto. A idéia de que poderia trocar isso para ser o marido de alguém era absurda.

— De acordo, Hollywood. Qual é o golpe final? Vamos, dêem-me isso.

Rhage se sobressaltou e se afastou o olhar.

“Por todos os infernos, o cara falava a sério.

— Ei, escuta, não significa nada.

— Não, você é gay.

O sorriso reapareceu, mas os olhos eram planos. Ele caminhou a passo lento até a lixeira e atirou o palito do pirulito no lixo.

— Agora, podemos sair daqui? Estou cansado de esperar vocês, crianças.

\*\*\*\*

Mary Luce estacionou em sua garagem, desligou o Civic, e ficou com o olhar fixo nas pás de neve que limpavam a passagem diante dela.

Estava cansada, embora o dia não tivesse sido extenuante. Atender ao telefone e identificar e arquivar os documentos em um escritório de advogados não era exaustivo, física ou mentalmente. Então realmente não deveria estar exausta. Mas talvez esse fosse o ponto. Ela não se sentia muito estimulada, de maneira que estava adoecendo.

Talvez fosse o momento de voltar para as crianças? Depois de tudo, era para o que havia estudado. O que amava. O que a alimentava. Trabalhar com seus pacientes autistas e lhes ajudar a encontrar as formas de se comunicarem havia lhe trazido todo tipo de recompensas, pessoal e profissionalmente. E o intervalo de dois anos não tinha sido sua escolha.

Talvez devesse chamar o centro, ver se estava aberto. Inclusive se não estivesse ela poderia se alistar como voluntária até que houvesse algo disponível. Sim, amanhã o faria. Não havia razão para esperar.

Mary pegou sua bolsa e saiu do carro. Quando a porta da garagem se fechou, ela foi para a parte dianteira de sua casa e recolheu a correspondência. Folheando as contas, fez uma pausa para examinar a noite moderadamente fria de outubro com seu nariz. Suas fossas nasais zumbiam. O outono tinha varrido com todos os indícios do verão fazia um mês, a mudança de estação tinha

chegado após uma rajada de ar frio do Canadá.

Ela amava o outono. E o norte do estado de Nova Iorque o fazia memorável, em sua opinião. Caldwell, Nova Iorque, a cidade onde ela tinha nascido e provavelmente morreria, estava a mais de uma hora ao norte de Manhattan, de maneira que estava no que tecnicamente se considerava o "upstate" (norte do estado). Partido pela metade pelo rio Hudson, o Caldie, como era conhecida pelos nativos, era uma cidade média na América. As zonas ricas, pobres, sujas e as zonas normais. Os Wall-Marts, Target's e McDonalds. Os museus e as bibliotecas. As alamedas suburbanas sufocadas por um centro da cidade descolorido. Três hospitais, duas universidades, e uma estátua de bronze de George Washington no parque.

Ela inclinou a cabeça para trás e olhou as estrelas, pensando que nunca lhe ocorreria se mudar. Se falasse por lealdade ou por falta de imaginação, ela não tinha certeza.

Talvez fosse sua casa, - pensou enquanto se dirigia à porta principal. O celeiro convertido estava situado na beira de uma velha propriedade da granja, e ela tinha feito uma oferta quinze minutos depois de tê-la examinado com um agente imobiliário. Dentro, os espaços eram acolhedores e pequenos. Era... preciosa.

Havia comprado há quatro anos, imediatamente depois da morte de sua mãe. Necessitava de algo adorável, assim como uma mudança completa de paisagem. Seu celeiro era tudo o que sua casa durante sua infância não tinha sido. Aqui, as tábuas do piso de madeira do pinheiro eram da cor do mel, claro envernizado, não manchadas. Seu mobiliário era da Crate e Barrel, tudo novo, nada usado ou velho. Os tapetes pequenos eram de sisal, de pele curta e couro. E cada uma das camadas das cortinas para as paredes e os tetos eram de um branco cremoso.

Sua aversão à escuridão tinha influenciado na decoração interior. E veja, se tudo for uma variação da cor bege, então as coisas combinam, não é mesmo?

Ela colocou as chaves e sua bolsa na cozinha e pegou o telefone. Ela foi informada que tinha... duas mensagens... novas.

— Oi, Mary, é Bill. Escuta, vou te fazer uma proposta. Se pudesse me cobrir na linha direta esta noite durante uma hora, mais ou menos seria genial. A menos que saiba de você, assumirei que ainda está livre. Obrigado, outra vez. Ela o apagou com um bip.

— Mary, aqui é do consultório da Dra. Delia Croce. Nós gostaríamos que viesse para sua consulta médica trimestral. Você me liga, por favor, para programar uma consulta quando ouvir esta mensagem? Nós a internaremos. Obrigado, Mary.

Mary baixou o telefone. O tremor começou em seus joelhos e abriu caminho até os músculos de suas coxas. Quando atingiu seu estômago, pensou em correr em busca do banheiro.

Consulta médica. Nós a internaremos. Ela voltou, e ela que pensava que a leucemia havia ficado atrás.

## CAPÍTULO DOIS

---

— Que diabos vamos dizer-lhe? Ele chegará aqui em vinte minutos!

O Sr. O considerou a seu dramático colega com um olhar aborrecido, enquanto pensava que se o lesser fizesse algo mais que saltar para cima e para baixo, o idiota poderia ser qualificado como um brinquedo saltitante.

Maldição, mas Sr. E era um ferrado. Por que seu patrocinador havia o metido na Lessening Society em primeiro lugar era um mistério. O homem tinha pouco impulso. Nenhuma concentração. E nenhum estômago para a nova direção na guerra contra os vampiros.

— Que vamos...

— Não vamos lhe dizer nada. — Disse o Sr. O enquanto olhava ao redor do porão.

Facas, navalhas e martelos estavam espalhados sem ordem no aparador barato do canto. Havia poças de sangue aqui e lá, mas não debaixo da mesa, onde pertenciam. E misturado com o vermelho havia um negro lustroso, graças às feridas superficiais de E.

— Mas o vampiro escapou antes que lhe tirássemos qualquer informação.

— Obrigado pelo resumo.

Dois deles haviam começado a trabalhar sobre o macho quando o Sr. O saiu em busca de ajuda. Quando ele regressou, o Sr. E havia perdido o controle do vampiro, havia cortes em alguns lugares, ficando apenas com um pequeno sangramento num canto.

Seu chefe idiota ia encher o saco, e embora o Sr. O desprezasse o homem, ele e o Sr. X tinham uma coisa em comum: o descuido era para perdedores.

O Sr. O olhou a dança do Sr. E a seu redor um pouco mais, enquanto encontrava em seus movimentos estúpidos a solução do problema imediato de ambos e ao mesmo tempo em longo prazo. Quando o Sr. O sorriu, o Sr. E, o tolo, pareceu aliviado.

— Não se preocupe por nada. — Murmurou Sr. O.

— Direi-lhe que tiramos o corpo e o deixamos ao sol no bosque. Não é

grande coisa.

— Falará com ele?

— Sem problema, homem. Entretanto, é melhor sair correndo. Ele vai sentir se chateado. E assentiu e abriu a fechadura da porta.

— Até mais tarde.

Sim, diga boa noite, filho da puta, pensou o Sr. O quando começou a limpar o porão. A repugnante casa pequena onde trabalhavam passava despercebida na rua, intercalada entre uma desgastada armação que uma vez tinha sido uma churrascaria e uma arruinada pensão. Esta parte da cidade, uma mescla de residências miseráveis e antros comerciais, era perfeita para eles. Por aqui, as pessoas não saíam depois do anoitecer, pequenos estalos de pistolas eram tão comuns como os alarmes dos carros, e ninguém dizia nada se alguém deixava escapar um grito ou dois.

Também, ir e vir do lugar era fácil. Graças aos —pesadosl do bairro, todas as luzes estavam quebradas e a luz ambiente de outros edifícios era insignificante. Como um benefício acrescentado, a casa tinha uma entrada exterior com um biombo na entrada de seu porão. Carregar um corpo completo em um saco e sair e entrar não era problemático.

Embora se alguém visse algo, tomaria só um momento eliminar o descobrimento. Não seria uma grande surpresa para a comunidade, em qualquer caso. O lixo branco tinha um caminho para descobrir suas sepulturas. Junto com esposas maltratadas e bebedores de cerveja, morrer devia ser provavelmente somente outra competência principal.

O recolheu uma faca e passou um pano sobre o sangue negro de E eliminando-o da lâmina.

O porão não era muito grande e o teto era baixo, mas havia espaço suficiente para a velha mesa que usavam como estação de trabalho e para o aparador estragado onde conservavam seus instrumentos. De todos os modos, o Sr. O pensava que não era a instalação correta. Era impossível armazenar de forma segura um vampiro aqui, e isso queria dizer que perdiam uma importante ferramenta de persuasão. O tempo desgastava as faculdades físicas e psíquicas. Se a influência era a correta, o passar dos dias tinha tanto poder como qualquer outra coisa com a qual pudesse quebrar um osso.

O Sr. O queria algo que fosse no bosque, o suficientemente grande de

maneira que pudesse conservar seus cativos durante um período de tempo. Como os vampiros viravam fumaça com o amanhecer, tinham que ser mantidos protegidos do sol. Mas se os encerrava em um quarto, então corria o risco de se desmaterializassem fora de suas mãos. Ele necessitava de uma jaula de aço para eles.

Acima se ouviu fechar a porta traseira e alguns passos desciam pelas escadas. O Sr. X caminhou sob uma lâmpada nua.

O Fore-lesser media aproximadamente 1,95m e sua constituição era como a de um jogador de defesa do futebol americano. Assim como todos os assassinos que estavam há muito tempo na Lessening Society, era muito pálido. Seu cabelo e sua pele eram da cor da farinha, e sua íris eram tão claras e incolores como o vidro de uma janela. Como o Sr. O, ele se vestia com a roupa padrão dos lessers. Calças cargo pretas e um pulôver preto de gola alto com as armas escondidas sob uma jaqueta de couro.

— Então, me diga Sr. O, como foi o trabalho? Como se o caos no porão não fosse explicação suficiente.

— Eu estou a cargo desta casa? — Perguntou Sr. O. O Sr. X caminhou casualmente até o aparador e pegou um cinzel.

— Por assim dizê-lo, sim.

— Então me permite assegurar-me para - ele moveu sua mão ao redor da desordem — que não ocorra outra vez?

— O que ocorreu?

— Os detalhes são aborrecidos. Um civil escapou.

— Sobreviverá?

— Não sei.

— Estava aqui quando ocorreu?

— Não.

— Conte-me tudo. — O Sr. X sorriu quando o silêncio se estendeu.

— Sabe, Sr. O, sua lealdade poderia te levar a ter problemas. Não quer que castigue a pessoa certa?

— Quero encarregar-me eu mesmo.

— Estou seguro de que o fará. Exceto se não me disser isso, poderia ter que tirar o custo do fracasso de sua pele de todas as formas. Vale isso?

— Se tiver permissão para fazer o que quiser com o responsável pela festa, então sim. O Sr. X sorriu.

— Só posso imaginar que poderia ser.

O Sr. O esperava, enquanto olhava a cabeça do afiado cinzel pego suavemente enquanto o Sr. X passeava ao redor do quarto.

— Te juntei com o homem incorreto verdade? — O Sr. X murmurou enquanto recolhia as algemas do chão. Ele as deixou cair sobre o aparador.

— Pensei que o Sr. E poderia elevar-se a seu nível. Não o fez. E me alegra que eu viesse primeiro antes que você o disciplinasse. Ambos sabemos quanto você gosta de trabalhar independentemente. E quanto desgosta a mim. O Sr. X o olhava sobre seu ombro, seus olhos fixos no Sr. O.

— Em vista de tudo isto, particularmente porque te aproximou de mim primeiro, pode ter o Sr. E.

— Quero fazê-lo com audiência.

— Seu esquadrão?

— E outros.

— Tratando de provar a você mesmo outra vez?

— Elevando o nível. O Sr. X sorriu friamente.

— É um pequeno bastardo arrogante, não é mesmo?

— Sou tão alto como você.

Repentinamente, o Sr. O se encontrou incapaz de mover seus braços ou suas pernas. O Sr. X tinha utilizado a merda paralizadora antes, por isso não era totalmente inesperado. Mas o cara ainda tinha o cinzel em sua mão e se aproximava.

O Sr. O se opôs ao agarramento, suando enquanto lutava e não conseguia

nada. O Sr. X se inclinou de maneira que seus peitos se tocavam. O sentiu que algo roçava seu traseiro.

— Te divirta, filho. — Murmurou o homem no ouvido do Sr. O. — Mas faça um favor a você mesmo. Recorda-se que por maiores que sejam suas calças, você não é eu. Verei-te mais tarde.

O homem caminhou com grandes passos pelo porão. A porta de cima se abriu e se fechou. Assim que o Sr. O pôde se mover, colocou a mão em seu bolso de trás. O Sr. X havia lhe dado o cinzel.

\*\*\*

Rhage saiu do Escalade e esquadrinhou a escuridão ao redor do One Eye, esperando que um par de lessers os assaltassem. Não esperava ter sorte. Ele e Vishous tinham patrulhado durante as horas noturnas, e não tinham conseguido nada. Nem sequer uma olhada. Era condenadamente estranho.

E para alguém como Rhage, que dependia de lutar por razões pessoais, também era infernalmente frustrante. Como todas as coisas, entretanto, a guerra entre a Lessening Society e os vampiros eram cíclicas, e atualmente estavam em baixa. Tinha sentido. Lá por julho, a Irmandade da Adaga Negra tinha atacado o centro local de recrutamento da Lessening Society, junto com dez de seus melhores homens. Claramente, agora os lessers faziam um reconhecimento do terreno.

Graças a Deus, havia outras formas de queimar sua frustração.

Ele olhou para o crescente ninho de depravação que era atualmente o lugar de descanso e relaxamento da Irmandade. O One Eye estava nos limites da cidade, por isso as pessoas em seu interior eram motoristas e caras que trabalhavam na construção, caras duros que tendiam à brutalidade em vez de suave persuasão. O bar era seu modelo de chiqueiro úmido. Um só andar construído ao redor de um aro de asfalto. Caminhões, sedãs americanos, e Harleys estacionavam no espaço. Com diminutas janelas, sinais de cerveja brilhavam vermelho, azul e amarelo, o logotipo da Coors e Bud Light e Michelob.

Não Coroas ou Heinekens para estes rapazes.

Quando fechou a porta do carro, seu corpo tremia, sua pele coçava, seus grossos músculos crispados. Estendeu seus braços, tentando ganhar um pouco de alívio. Não se surpreendeu quando não houve diferença. Sua maldição arrojava seu passo ao redor, levando-o a um território perigoso. Se não encontrasse algum

tipo de libertação logo, então ia ter sérios problemas.

Caramba, ele ia ser um sério problema. Muito obrigado, Virgem Escriba.

Era suficientemente ruim ter nascido com muito poder físico, um maldito presente forte que nunca tinha apreciado ou valorizado. Mas então ele tinha aborrecido muito à mística mulher que teve o domínio sobre sua estirpe. Homem, ela só tinha estado muito feliz de colocar outra camada de merda no abono com o qual ele tinha nascido. Agora, se ele não esgotasse a cólera de forma regular, então se tornava mortífero.

As brigas e o sexo eram as únicas duas libertações que o ajudavam, e ele as usava como um diabético à insulina. Uma corrente estável de ambas o ajudava manter o nível, mas nem sempre resolvia o problema. E quando o perdia, as coisas ficavam mal para todo mundo, inclusive para ele mesmo.

Meu Deus, ele estava cansado de ser golpeado no interior de seu corpo, dirigindo suas exigências, fazendo uma tentativa para não cair em uma inconsciência brutal. Certamente, seu rosto estonteante e sua força eram excelentes e boas. Mas teria trocado ambas por um corpo fraco, ossudo e feio, se tivesse tido alguma paz. Caramba, não podia recordar o que era a serenidade. Inclusive não podia recordar quem era.

A desintegração de si mesmo havia se iniciado rapidamente. Depois de somente alguns anos de maldição, tinha deixado de esperar qualquer alívio verdadeiro e simplesmente tinha tentado sobreviver sem ferir ninguém. Foi então que havia começado a morrer por dentro, e agora, uns cem anos mais tarde, estava em sua maior parte intumescido, nada mais que uma fachada brilhante e encanto vazio.

Em cada nível que contava, tinha deixado de tentar fingir que era tudo menos uma ameaça. Porque a verdade era que ninguém estava a salvo quando estava por perto. E isso era o que realmente o matava, ainda mais que as coisas físicas pelas quais tinha que passar quando a maldição se manifestava. Vivía com medo de ferir algum de seus irmãos. E, de um mês atrás, a Butch.

Rhage caminhou ao redor do SUV e olhou o macho humano através do pára-brisa. Meu Deus, quem teria pensado que alguma vez estaria junto a um Homo Sapiens?

— O veremos mais tarde, Tira? Butch se encolheu de ombros.

— Não sei.

— Boa sorte, homem.

— Será o que tem que ser.

Rhage praguejou suavemente quando o Escalade se foi e ele e Vishous atravessaram o estacionamento.

— Quem é ela, Vishous? Uma de nós?

— Marissa.

— Marissa? A shellan anterior de Wrath? — Rhage negou com a cabeça.

— Oh, certo, necessito de detalhes. Vishous, você vai me dar.

— Não faço brincadeiras sobre isto. E você tampouco deveria.

— Não tem curiosidade? Vishous não respondeu até que chegaram à altura da entrada dianteira do bar.

— Oh, bom. Você sabe, não? — Disse-lhe Rhage. — Sabe o que vai acontecer.

Vishous meramente levantou seus ombros e chegou até a porta. Rhage plantou sua mão sobre a madeira, lhe detendo.

— Ouça.

— Vishous, alguma vez sonha comigo? Alguma vez você viu meu futuro?

Vishous girou a cabeça. Na brilhante luz de néon do Coors, seu olho esquerdo, ao redor do qual tinha suas tatuagens, ficou todo preto. A pupila se dilatou até que lhe comeu a íris e a parte branca, até não houve nada exceto um buraco. Era como ficar olhando no infinito. Ou talvez no Fade enquanto se morria.

— De verdade quer sabê-lo? — Disse o irmão.

Rhage deixou cair sua mão de um lado.

— Só uma coisa me preocupa. Vou viver o bastante para escapar de minha maldição? Você sabe, encontrar a paz?

A porta se abriu repentinamente e um homem bêbado cambaleante saiu como um caminhão com a direção quebrada. O cara se dirigiu para os arbustos,

vomitou, e em seguida caiu de barriga sobre o asfalto.

A morte era uma forma segura para encontrar a paz, pensou Rhage. E todo mundo morria. Inclusive os vampiros. Eventualmente.

Ele não encontrou os olhos de seu irmão outra vez.

— Esqueça, Vishous. Não quero saber.

Ele tinha sido amaldiçoado uma vez e ainda restavam outros noventa e um anos antes que fosse livre. Noventa e um anos, oito meses, quatro dias até que seu castigo tivesse terminado e a besta já não fosse parte dele. Por que deveria alistar-se como voluntário para um golpe cósmico e saber que não viveria durante muito tempo, o suficiente para ser livre da maldita coisa?

— Rhage.

— O que?

— Eu vou contar isso. Seu destino está chegando. E ela virá logo.

Rhage sorriu.

— Oh, sim? Como é a mulher? Eu a preferiria...

— Ela é uma virgem.

Um calafrio atravessou a coluna vertebral de Rhage e lhe cravou no traseiro.

— Está brincando, não é mesmo?

— Olhe em meus olhos. Pensa que estou te ferrando?

Vishous fez uma pausa durante um momento e depois abriu a porta, lançando-se para o aroma de cerveja e os corpos humanos juntos com a batida de uma velha canção do Guns N' Roses.

Quando entraram, Rhage resmungou,

— É um pervertido de merda, meu irmão. Realmente o é.

## CAPÍTULO TRÊS

---

Pavlov fazia sentido, Mary pensou enquanto voltava para centro. Sua reação de pânico pela mensagem do consultório da Dr. Delia Croce era por instinto, não por algo lógico. "Mais exames" poderiam ser mais coisas. Só porque ela associasse qualquer tipo de notícias de um médico com uma catástrofe não significava que pudesse ver o futuro. Ela não tinha nem idéia do que (se era algo), estivesse errado. Depois de tudo, tinha passado já dois anos e ela se sentia muito bem. Bom, cansava-se, mas quem não o fazia? Seu trabalho e o trabalho de voluntária a mantinham ocupada.

— O primeiro que faria pela manhã seria ligar e marcar a consulta. Mas agora ela ia começar o trabalho que tinha trocado com Bill na linha direta para suicídios.

Para diminuir um pouco a ansiedade, ela fez uma profunda respiração. As vinte e quatro horas seguintes iam ser uma dura prova, com seus nervos convertendo seu corpo em um trampolim e sua mente em um redemoinho. O truque era atravessar as fases do pânico e em seguida reforçar-se quando o medo se aliviava.

Ela estacionou o Civic em uma área aberta na Tenth Street e caminhou rapidamente para um edifício desgastado de seis andares. Estava na área sombria da cidade, resultado de um esforço dos anos setenta de profissionalizar uma área com nove blocos do que era então um "bairro ruim". O otimismo não tinha funcionado, e agora o espaço do escritório se mesclava com um albergue de baixa renda.

Ela parou na entrada e saudou com a mão aos dois policiais que passavam em um carro patrulha.

O escritório central da Linha Direta da Prevenção contra o Suicídio estava no segundo andar na frente, e ela olhou para as iluminadas janelas. Seu primeiro contato com a associação sem fins lucrativos tinha sido quando ela tinha ligado para lá. Três anos antes, ela atendia ao telefone a cada quinta-feira, sexta-feira, e os sábados de noite. Também cobria os dias de festa e quando era necessário.

Ninguém sabia que ela tinha ligado para aquele número. Ninguém sabia que havia tido leucemia. E se tinha que voltar a batalhar com seu sangue, então ia ter que mantê-lo da mesma maneira.

Tendo visto sua mãe morrer, não queria ninguém chorando sobre sua

cama. Ela já conhecia a raiva impotente quando a graça salvadora não chegava. Não tinha interesse em representar enquanto brigava por respirar e se movia entre as falhas dos órgãos.

Certo. Os nervos estavam se acalmando.

Mary escutou um som à esquerda e viu o brilho de um movimento, como se alguém se inclinasse evitando que o vissem atrás do edifício. Reagindo, ela digitou um código em uma fechadura, entrou, e subiu as escadas. Quando chegou ao segundo andar, chamou no interfone para entrar nos escritórios da Linha Direta.

Enquanto passava pela recepção, saudou com a mão à diretora executiva, Rhonda Knute, que estava no telefone. Depois saudou com a cabeça Nan, Stuart, e Lola, que estavam cobrando essa noite, e se instalou em um cubículo vago. Depois de se assegurar que tinha suficientes formulários de entradas, algumas canetas, e o livro de intervenções da Linha Direta, tirou uma garrafa de água de sua bolsa.

Quase imediatamente uma de suas linhas soou, e ela comprovou na tela que identificava a chamada. Ela conhecia o número. E a polícia havia lhe havia que era o número de um telefone público. Do centro da cidade.

Chamava a ela.

O telefone soou uma segunda vez e o pegou, e em seguida disse o roteiro da linha direta. - Linha Direta Para a Prevenção do Suicídio, sou Mary. Como posso lhe ajudar?

Silêncio. Nem sequer uma respiração.

Fracamente, ela ouviu o zumbido de um motor de um carro e depois se desvaneceu no trânsito. De acordo com o registro de chamadas da polícia, a pessoa sempre ligava de um telefone público e variava sua posição de maneira que não pudessem rastreá-lo.

— Sou Mary. Como posso lhe ajudar? — Ela baixou sua voz e quebrou o protocolo.

— Sei que é você, e me alegro que estenda sua mão esta noite outra vez. Mas por favor, não me pode dizer seu nome ou o que lhe passa?

Ela esperou. O telefone continuou mudo.

— Outro dos seus? — Perguntou-lhe Rhonda, bebendo um gole de chá de ervas.

Mary desligou o telefone. — Como soube?

A mulher assentiu sobre seu ombro.

— Ouvi um montão de ligações de fora, mas não foi mais à frente da saudação. Então de repente você estava encurvada sobre o telefone.

— Sim, bom...

— Escuta, os policiais voltaram hoje. Não há nada que possam fazer para controlar cada telefone público da cidade, e não estão dispostos a ir mais à frente neste ponto.

— Já lhe disse. Não me sinto em perigo.

— Não sabe se não está.

— Vamos, Rhonda, isto está acontecendo a nove meses, certo? Se fossem saltar sobre mim, então já o teriam feito. E realmente quero ajudar...

— Essa é outra coisa pela qual estou preocupada. Claramente tenho a impressão de que está protegendo a quem quer que seja. Está agindo como fosse algo muito pessoal.

— Não, não sou a razão pela qual ligam, e sei que posso me encarregar disso.

— Mary, pare e ouça. — Rhonda aproximou uma cadeira e falou baixo quando se sentou.

— É ... duro para mim dizer-lhe isso. Mas acredito que necessita de um descanso.

Mary se virou para trás.

— Do que?

— Está aqui há muito tempo.

— Trabalho o mesmo número dias que outros.

— Mas fica aqui durante horas depois de que seu turno chega ao final, e

cobrir os horários dos outros sempre. Você está muito envolvida. Sei que está substituindo Bill agora mesmo, mas quando ele chegar quero que vá. E não quero você aqui até algumas semanas. Precisa de alguma perspectiva. Isto é duro, reduzir drasticamente o trabalho, mas tem que manter uma devida distância.

— Não agora, Rhonda. Por favor, não agora. Preciso estar aqui mais que nunca.

Rhonda amavelmente apertou a mão tensa de Mary.

— Este não é um lugar apropriado para solucionar seus problemas, e você sabe. É uma das melhores voluntárias que já tive, e que quero que volte. Mas só depois de que tenha tido algum tempo para limpar a cabeça.

— Posso não ter esse tipo de tempo. — Murmurou Mary sob sua respiração.

— O quê?

Mary tremeu e sorriu à força.

— Nada. É óbvio, tem razão. Sairei logo que Bill chegar.

Bill chegou perto de uma hora mais tarde, e Mary esteve fora do edifício dois minutos depois. Quando chegou a casa, fechou a porta e se apoiou contra os painéis de madeira, escutando o silêncio. O horrível, esmagante silêncio.

Meu Deus queria voltar para os escritórios da Linha Direta. Precisava ouvir as suaves vozes dos outros voluntários. E os telefones tocando. E o zumbido dos fluorescentes no teto.

Porque sem distrações, sua mente voava para as terríveis imagens: As camas do hospital. As agulhas. As bolsas de medicação pendendo a seu lado. Em uma horrível foto mental, via-se careca, sua pele cinza e seus olhos afundados até que não parecesse ela mesma, até que não fosse ela mesma.

E recordou como se sentia quando deixava de ser uma pessoa. Depois que os doutores iniciaram seu tratamento com quimioterapia, rapidamente havia se afundado na classe marginada dos doentes frágeis, dos moribundos, convertendo-se em nada mais que um aviso lastimoso, horripilante da mortalidade de outras pessoas, um pôster da natureza terminal da vida.

Mary passou velozmente pela sala de estar, atravessou a cozinha, e abriu a porta corrediça. Quando suas emoções explodiram na noite, o medo a fez

ofegar, mas o choque do ar frio baixou sua respiração.

Você não sabe o que é o que pode estar errado. Não sabe o que é o que...

Ela repetiu o mantra, tentando lançar uma rede sobre o incessante pânico enquanto se dirigia para a piscina.

Não era mais que uma banheira grande de água quente, e sua água, espessa e lenta como o azeite negro à luz da lua. Ela se sentou, tirou seus sapatos e meias três - quartos, e colocou seus pés nas profundidades geladas. Manteve-os inundados inclusive quando se intumesceram, desejando ter o bom senso de saltar e nadar até a grade do fundo. Caso se agarrasse a ela por tempo suficiente, então poderia anestesiá-la completamente.

Pensou em sua mãe. E em como Cissy Luce tinha morrido em sua cama na casa que as duas sempre tinham chamado lar.

Tudo sobre aquele dormitório era ainda muito claro: a forma em que a luz atravessava as cortinas e fazia um padrão de flocos de neve. Essas pálidas paredes amarelas e o tapete branco e as mantas. Esse objeto de alívio que sua mãe tinha amado o que tinha as pequenas rosas com um fundo creme. O aroma de noz moscada e gengibre de um prato com uma mescla de flores secas. O crucifixo na cabeceira da cama e a grande imagem de Nossa Senhora no canto do chão.

As memórias ardiam, obrigando Mary a ver a residência como tinha estado depois de que tudo tivesse terminado a enfermidade, a morte, a limpeza, a venda da casa. Tinha visto o quarto antes de se mudar. Limpo. Em ordem. Os apoios católicos de sua mãe empacotados, a sombra que a cruz tinha deixado na parede coberta com uma imagem emoldurada de Andrew Wyeth.

As lágrimas não ficaram em seu lugar. Chegaram lenta e implacavelmente, caindo sobre a água. Olhou-as cair sobre a superfície e desaparecer.

Quando olhou para cima, não estava só.

Mary se levantou e tropeçou para trás, mas se deteve, enxugando as lágrimas. Era só uma criança. Um adolescente. De cabelo escuro e pele pálida. Tão magro que estava esquelético, tão belo que não parecia humano.

— O que está fazendo aqui? — Perguntou ela, não particularmente assustada. Era difícil estar tão assustada de algo tão angélico. — Quem é você?

Ele só balançou a cabeça.

— Você se perdeu?

Ele a olhou com tranqüilidade. Fazia muito frio para que ele usasse somente calça jeans e uma camiseta.

— Como você se chama?

Ele levantou uma mão para sua garganta e a moveu de um lado para outro negando com a cabeça. Como se fosse um estrangeiro e estivesse frustrado pela barreira idiomática.

— Você fala inglês?

Ele assentiu e em seguida suas mãos se ergueram e se moveram. A Linguagem de Sinais Americano. Ele usava o LSA.

Mary voltou para sua antiga vida, quando havia ensinado a seus pacientes autistas a usar suas mãos para se comunicarem.

—Você lê os lábios ou pode ouvir? Ela falou por gestos para ele.

Ele se congelou, como se o fato de que ela o compreendesse fosse o último que ele esperasse.

—Posso ouvir muito bem. Só que não posso falar.

Mary o olhou fixamente durante um momento.

— É a pessoa que ligava para mim.

Ele vacilou. Depois assentiu com a cabeça.

—Nunca tive a intenção de lhe assustar. E eu não ligo para incomodá-la. Só gosto de saber que você está ali. Mas não há nada estranho nisso, honestamente. Juro-o.

Seus olhos firmes encontraram os seus.

— Eu acredito em você. — Mas o que ela ia fazer agora? A Linha Direta proibia todo contato com as pessoas que ligavam.

Sim, bom, ela não ia tirar a pobre criança a pontapés para fora de sua propriedade.

— Quer comer algo?

Ele negou com a cabeça.

— Talvez eu possa me sentar com você por um momento? Ficarei do outro lado da piscina.

Como se estivesse acostumado que lhe dissessem que se mantivesse afastado deles.

— Não — Disse ela.

Ele inclinou a cabeça uma vez e partiu dando meia volta.

— Quero dizer, sente-se aqui. Perto de mim.

Ele se aproximou lentamente, como se esperasse que ela mudasse de idéia. Quando tudo o que ela fez foi se sentar e colocar seus pés de novo na piscina, ele tirou um par de lona velhos, enrolou suas folgados calças, e se sentou a mais ou menos a um metro dela.

Meu Deus, ele era tão pequeno.

Ele colocou seus pés na água e sorriu.

— Está fria. — afirmou ele.

— Quer um suéter?

Ele negou com a cabeça e moveu seus pés em círculos.

— Como te chama?

— John Matthew.

Mary sorriu, pensou que tinham algo em comum.

— Dois profetas do Novo Testamento.

— As freiras me chamaram assim.

— Freiras?

Houve uma longa pausa, como se ele debatesse o que dizer a ela.

— Estava em um orfanato? — Ela apontou amavelmente. Ela recordou que havia um na cidade, Nossa Senhora da Graça.

—Nasci em um banheiro de uma estação de ônibus. O empregado da limpeza que encontrou-me levou-me para o Convento Nossa Senhora. As freiras que me deram esse nome.

Ela conteve seu arrepio.

— Ah, onde vive agora? Adotaram-lhe?

Ele negou com a cabeça.

— Pais adotivos? — Por favor, Deus, deixa que tenha pais adotivos. Pais adotivos agradáveis. Que o resguardassem do frio e o alimentassem. Boa gente que lhe dissessem que se importavam com ele inclusive quando seus pais o haviam desertado.

Quando ele não respondeu, ela viu suas velhas roupas, e a velha expressão em seu rosto. Ele não olhava como se tivesse conhecido muitas coisas agradáveis.

Finalmente, suas mãos se moveram.

—Vivo na Tenth Street.

O que queria dizer que vivia em um edifício não habitável ou era o inquilino de um barracão infestado de ratos.

Como conseguia estar tão limpo era um milagre.

— Vive perto dos escritórios da linha direta, não é mesmo? Por isso você sabia que eu estive lá esta tarde apesar da mudança.

Ele assentiu.

Meu apartamento é em frente. Observo-a ir e vir, mas não de uma forma furtiva. Acredito que penso em você como em uma amiga. Quando liguei a primeira vez... sabe, foi como um capricho ou algo do tipo. Você atendeu... e eu gostei como soava sua voz.

Ele tinha belas mãos, pensou ela. Como as de uma garota. Graciosas. Delicadas.

— E me seguiste até a casa esta noite?

Muitas noites. Tenho uma bicicleta, e você é uma condutora lenta. Penso que se velo por você, estará mais segura. Sempre fica até tarde, e essa não é uma área boa da cidade para que uma mulher esteja sozinha. Mesmo que seja em um carro.

Mary negou com a cabeça, pensando que era algo estranho. Parecia uma criança, mas suas palavras eram as de um homem. E considerando as coisas, ela provavelmente deveria partir. Este menino anexando—se a ela, pensando que era uma espécie de protetor, ainda quando parecia como se ele necessitasse que o resgatassem.

— Me diga por que estava chorado agora. — lhe disse por gestos.

Seus olhos eram muito diretos, e era raro ver o olhar de um adulto na face de uma criança.

— Porque pode ser que o meu tempo tenha acabado. — Ela falou pelos cotovelos.

— Mary? Não vais me apresentar a visita?

Mary olhou sobre seu ombro. Bela, sua única vizinha, tinha atravessado andando o prado de oito mil metros quadrados que havia entre suas propriedades e estava de pé sobre a beira do gramado.

— Oi, Bela. Ah, venha conhecer John.

Bela desceu até a piscina. A mulher tinha chegado à velha granja no ano passado e se dedicaram a falar pelas noites. Com 1,80m de altura, e uma juba de cachos escuros que lhe caíam um pouco pelas costas. Bela te deixava de nocaute. Sua face era tão formosa que Mary tinha demorado meses em deixar de olhá-la fixamente, e o corpo dela era perfeito para a capa da edição em trajes de banho do Sports Illustrated.

Naturalmente John parecia assombrado.

Mary se perguntou distraidamente como seria provocar essa percepção em um homem, inclusive em um pré-adolescente. Ela nunca tinha sido formosa, estava dentro da vasta categoria de mulheres que não eram nem feias nem bonitas. E isso tinha sido antes do efeito que a quimioterapia surtiu em seu cabelo e pele.

Bela se inclinou com um leve sorriso e estendeu sua mão para o rapaz.

— Olá.

John se levantou e a tocou brevemente, como se não estivesse seguro de que fosse real. Tinha graça, Mary freqüentemente tinha sentido o mesmo pela mulher. Havia algo muito ... muito sobre ela. Parecia maior que a vida, com mais vivências que as que Mary tinha vivido. Certamente mais magnífica.

Embora Bela com certeza não desempenhasse o papel de femme fatale. Ela era tranqüila, modesta e vivia só, aparentemente trabalhava como escritora. Mary nunca a via durante o dia, e ninguém nunca parecia vê-la ir e vir da velha granja.

John olhou para Mary, suas mãos movendo-se.

— Quer que eu vá?

Depois, como se antecipando a sua resposta, ele tirou seus pés para fora da água.

Ela colocou sua mão em suas costas, tratando de ignorar os pontiagudos ossos que havia debaixo de sua camisa.

— Não. Fique.

Bela tirou suas meias três - quartos e suas sapatilhas e deu uma batidinha com seus dedos dos pés em cima da superfície da água.

— Sim, vamos, John. Fica conosco.

## CAPÍTULO QUATRO

---

Rhage viu a primeira coisa que queria nessa noite. Ela era uma mulher humana e loira, toda sexualidade e preparada. Como o resto de sua classe no balcão, estava emitindo sinais: Exibindo seu traseiro. Afagando sua desenredada juba.

— Encontrou algo que lhe agrada? — Disse-lhe Vishous secamente.

Rhage assentiu e sinalizou com seu dedo a mulher. Ela foi quando ele a chamou. Ele gostava disso em um humano.

Ele estava acompanhando o movimento de seus quadris quando seu olhar foi bloqueado pelo corpo escuro de outra mulher. Ele olhou para cima e forçou seus olhos a não girar.

Caith era uma de sua espécie, e suficientemente formosa com seu cabelo preto e os olhos escuros. Mas ela era uma irmã caçadora, sempre procurando, oferecendo-se a si mesma. Ele sentia que ela os via como prêmios, algo sobre o que se gabar. E isso era muito irritante.

No que a ele se referia, ela tinha colocado o dedo na ferida.

— Oi, Vishous. — Disse ela em voz baixa, erótica.

— Boa noite, Caith. — Vishous tomou um gole de sua Grey Goose.

— O que acontece?

— Me pergunto o que você estava fazendo.

Rhage deu um olhar pelo lado dos quadris de Caith. Graças a Deus a loira não estava fora da pequena competição. Ela ainda vindo na direção da mesa.

— Vai dizer-me olá, Rhage? — Provocou-o Caith.

— Só se sair da frente. Está bloqueando a minha vista.

A mulher riu.

— Outra das suas milhares de modelos. É muito sortuda.

— Você o quer, Caith.

— Sim, o faço. — Seus olhos, predadores e quentes, deslizou-os sobre ele.  
— Talvez você queira se unir com Vishous e eu?

Quando ela estendeu a mão para acariciar seu cabelo, ele prendeu seu pulso.

— Nem se atreva.

— Como é que sempre o faz com humanas e me nega isso?

— É só que não estou interessado.

Ela se inclinou, lhe falando no ouvido.

— Deveria me provar alguma vez.

Ele a separou com força, enquanto lhe apertava os ossos de sua mão.

— De acordo, Rhage, aperta mais forte. Eu gosto quando dói.

Ele deixou de apertar imediatamente, e ela sorriu enquanto se esfregava o pulso.

— Está ocupado, Vishous?

— Estou me acomodando agora. Mas talvez um pouco mais tarde.

— Sabe onde me encontrar.

Quando ela saiu, Rhage voltou o olhar para seu irmão.

— Não sei como você a agüenta.

Vishous remexeu sua vodca, olhando à mulher com os olhos entrecerrados.

— Ela tem seus atributos.

A loira chegou, detendo-se diante de Rhage e com uma postura impressionante. Ele colocou ambas as mãos em seus quadris e a atraiu para frente de maneira que a colocou sentada sobre suas coxas.

— Olá. — Disse ela, enquanto se movia contra sua ereção. Ela estava ocupada lhe observando, classificando-o por suas roupas, olhando o grande Rolex dourado que aparecia às escondidas sob a manga de seu casaco. O olhar

calculador era tão frio como o centro de seu peito.

Meu Deus, se tivesse podido partir o teria feito; estava farto desta merda. Mas seu corpo necessitava da libertação. Podia sentir como aumentava e como sempre, a horrível sensação deixava seu coração arrasado.

— Como você se chama? — Perguntou-lhe.

— Tiffany.

— Prazer em conhecê-la, Tiffany. — Disse ele, mentindo.

A menos de dezesseis quilômetros de distância, na piscina de Mary em seu pátio traseiro, ela, John, e Bela tinham um surpreendente momento alegre.

Mary soltou uma gargalhada e olhou para John.

— Você está brincando.

— É verdade. Eu me transporto por entre os teatros.

— O que você disse? — Perguntou Bela, sorrindo abertamente.

— Ele viu Matrix quatro vezes no dia que estreou.

A mulher riu.

— John, sinto muito te dizer isto, mas isso é patético.

Ele sorriu para ela, ruborizando-se um pouco.

— Você viu "O Senhor Dos Anéis" completo também? — Perguntou ela.

Ele negou com a cabeça, falou por gestos, e olhou impacientemente para Mary.

— Diz que gosta das artes marciais. — traduziu ela. — Não de elfos.

— Não posso culpá-lo. Essa horripilante coisa de pés? Não posso fazê-lo.

Uma rajada de vento chegou, brincando com as folhas caídas na piscina. Quando chegaram até eles, John estendeu a mão e pegou uma.

— O que está usando no pulso? — perguntou Mary.

John estendeu seu braço de maneira que ela pudesse examinar a pulseira de couro. Tinha marcas ordenadas, alguma mistura de hieróglifos e caracteres chineses.

— É magnífico.

— Eu que o fiz

— Posso vê-lo? — Perguntou Bela, inclinando-se. Seu sorriso se desintegrou e seus olhos se estreitaram na face de John.

— Onde você o conseguiu?

— Diz que foi ele que o fez.

— De onde disse que era?

John retraiu seu braço, claramente um pouco nervoso pela repentina atenção de Bela.

— Ele vive aqui. — Disse Mary. — Nasceu aqui.

— Onde estão seus pais?

Mary olhou para sua amiga, perguntando-se por que Bela estava tão interessada. — Não tem ninguém.

— Ninguém?

— Ele me disse que cresceu no sistema de adoções, não é mesmo, John?

John assentiu e colocou seu braço sobre o estômago, protegendo a pulseira.

— Essas marcas. — Animou-o Bela. — Sabe o que significam?

O rapaz negou com a cabeça, em seguida se sobressaltou e se esfregou as têmporas. Depois de um momento, suas mãos falaram por sinais lentamente.

— Diz que não significam nada. — Murmurou Mary. — Só sonha com elas e gosta como são. Bela, vamos deixar isso, OK?

A mulher pareceu conter-se.

— Sinto muito. Eu ... ah, realmente sinto.

Mary voltou a olhar para John e tratou de tirar pressão sobre ele.

— E que outros filmes você gosta?

Bela tirou seus pés e os meteu nos tênis. Sem as meias três - quartos.

— Desculpam-me por um momento? Voltarei em seguida.

Antes que Mary pudesse dizer algo, a mulher correu através do prado. Quando ela esteve fora do alcance de seu ouvido, John olhou para Mary. Ele ainda estava sobressaltado.

—Eu deveria ir agora.

— Dói-te a cabeça?

John colocou seus nódulos com força no sobrecenho.

—Sinto-me como se tivesse comido um picolé muito rápido.

— Quando você vai jantar?

Ele se encolheu de ombros.

—Não sei.

O pobre rapaz devia estar hipoglicêmico.

—Escuta, por que não entra e janta comigo? A última coisa que comi foi algo rápido no almoço, e isso foi faz aproximadamente oito horas.

Seu orgulho era evidente na firme sacudida de sua cabeça.

—Não tenho fome.

— Então se sentará comigo enquanto faço uma janta tardia? — Talvez ela pudesse lhe seduzir para que comesse desse modo.

John ficou de pé e estendeu sua mão para ajudá-la a se levantar. Ela tomou sua pequena palma e se apoiou nele o suficiente de maneira que sentisse um pouco de seu peso. Juntos se dirigiram para a porta de trás, os sapatos na mão, os pés nus deixando rastros molhados sobre a laje ao redor da piscina.

Bela irrompeu em sua cozinha e parou, não tinha tido nenhum plano em particular quando havia saído correndo. Só sabia que tinha que fazer algo.

John era um problema. Um sério problema.

Não podia acreditar que não o tivesse reconhecido o que era assim que o havia visto. Não obstante, ainda não tinha passado pela mudança. E como era que um vampiro estava no pátio traseiro da casa de Mary?

Bela quase riu. Ela esteve no pátio traseiro de Mary. Então por que não outros não o poderiam fazer?

Colocando seus braços na cintura, cravou os olhos no chão. Que diabos ia fazer? Quando tinha revistado a mente de John, não tinha encontrado nada sobre sua raça, sua gente, suas tradições. A criança não sabia nada, não tinha nem idéia de quem era ou no que ia se converter. E honestamente não sabia o que queriam dizer aqueles símbolos.

Ela sim. Soletrava-se TEHROR na Velha Linguagem. O nome de um guerreiro.

Como era possível que se perdesse no mundo humano? E quanto tempo tinha antes que a transição o atingisse? Ele parecia estar no início dos vinte anos, o que significava que tinha um ano ou dois mais. Mas se ela estava equivocada, se ele se aproximava mais dos vinte e cinco, podia estar em um perigo imediato. Se ele não tivesse uma vampira para ajudar-lhe a atravessar a mudança, então morreria.

Seu primeiro pensamento foi chamar seu irmão. Revenge sempre sabia o que tinha o que fazer em tudo. O problema era, que uma vez que ele se envolvia, assumia o controle completamente. E assustava infernal mente a todo mundo.

Havers ... poderia pedir ajuda a Havers. Como médico, poderia lhe dizer quanto tempo restava ao rapaz antes da transição. E talvez John pudesse ficar na clínica até que seu futuro fosse mais claro.

Bem, exceto que ele não estava doente. Era um macho em pré-transição, por isso é que estava fisicamente frágil, mas ela não havia sentido nenhuma enfermidade nele. E Havers tinha instalações médicas, não algo como uma casa de hóspedes.

Além disso, e seu nome? Era como o dos guerreiros...

Bingo.

Saiu da cozinha e entrou na sala de estar, dirigindo-se para o livro de endereços que tinha em seu escritório. Na parte traseira, na última página, havia um número escrito que ela havia circulado há uns dez anos mais ou menos. O rumor dizia, que se chamava, contataria com A Irmandade da Adaga Negra. A raça de guerreiros.

Queriam saber que existia um rapaz com um de seus nomes mantendo-se por si mesmo. Talvez acolhessem John.

Sua palmas estavam úmidas quando pegou o telefone, e ela esperava que o número não fosse direto ou que alguém respondesse-lhe que fosse ao inferno. Em lugar disso, tudo o que ela obteve foi uma voz eletrônica repetindo o número que tinha discado e após um bip.

— Eu ... ah, meu nome é Bella. Estou procurando à Irmandade. Necessito ... de ajuda. — Ela deixou seu número e desligou o telefone, pensando que menos era mais. Se tivesse sido mal informada, então não queria deixar uma mensagem detalhada na secretária eletrônica de algum humano.

Ela espiou por uma janela, vendo o prado e a luminosidade da casa de Mary ao longe. Não tinha nem idéia de quanto tempo passaria até que alguém respondesse, se o fizessem. Talvez devesse voltar e se inteirar de onde vivia o rapaz. E como tinha conhecido Mary.

Deus, Mary. A terrível doença dela havia retornado. Bela havia sentido sua volta e havia pensado em como lidar com aquilo o sabia dela quando Mary tinha mencionado que ia a sua consulta médica trimestral. Isso havia sido há alguns dias, e esta noite Bela tinha tido a intenção de perguntar-lhe como haviam sido as coisas. Talvez ela pudesse ajudar à mulher em alguma pequena coisa.

Movendo-se rapidamente, ela retornou para as portas francesas e que davam para o prado. Ela encontraria algo mais sobre John e ...

O telefone soou.

Tão cedo? Não podia ser.

Ela chegou até a bancada e recolheu a extensão que tinha na cozinha.

— Olá?

— Bela? — A masculina voz era baixa. Comandando.

— Sim.

— Você ligou para nós.

Santo Moisés, havia sortido efeito.

Ela clareou a voz. Como qualquer civil, ela sabia tudo sobre A Irmandade: seus nomes, suas reputações, seus triunfos e suas lendas. Mas nunca havia se encontrado com algum. E era um pouco difícil de acreditar que ia dirigir a palavra a um guerreiro em sua cozinha.

Assim vá direto ao ponto, disse-se a si mesma.

— Eu, ah, tenho um assunto. — Explicou ao homem o que sabia sobre John.

Houve silêncio durante um momento.

— Amanhã à noite você vai trazê-lo para nós.

Oh, homem. Como ia ela a fazê-lo?

— Ah, ele não fala. Pode ouvir, mas necessita de um tradutor para ser entendido.

— Então traga um com ele.

Ela se perguntou como Mary se sentiria sobre enredar-se com seu mundo.

— A mulher que ele usa esta noite é humana.

— Ocuparemos-nos de sua memória.

— Como me aproximo de vocês?

— Enviaremos-lhes um carro. As nove em ponto.

— Meu endereço é...

— Sabemos onde você vive.

Quando o telefone ficou mudo, ela tremeu um pouco.

Ok Agora só tinha que fazer que John e Mary concordassem em ver a Irmandade.

Quando retornou ao celeiro de Mary, John estava sentado na mesa da cozinha enquanto a mulher tomava uma sopa. Ambos a olharam quando ela se aproximou, e ela tentou parecer casual quando se sentou. Esperou um momento antes de começar.

— Então, John, eu conheço algumas pessoas que estão metidas nas artes marciais. — O qual não era exatamente uma mentira. Tinha ouvido que os irmãos eram muito bons em alguns tipos de combates. — E me perguntava se você tem algum interesse em conhecê-los?

John inclinou sua cabeça e moveu suas mãos enquanto olhava para Mary.

— Ele quer saber por que. Para treinar?

— Talvez.

John falou um pouco mais com as mãos.

Mary limpou a boca.

— Diz que não pode pagar o custo do treinamento. E que é muito pequeno.

— Se fosse grátis iria? — Meu Deus, o que estava fazendo, oferecendo coisas das quais não poderia efetuar a entrega? O céu sabia o que A Irmandade faria com ele.

— Escuta, Mary, posso levá-lo a um lugar onde pode encontrar ... diga-lhe que é um lugar que os melhores guerreiros freqüentam. Ele poderia falar com eles. Chegar a conhecê-los. Poderia gostar de...

John puxou fortemente a manga de Mary, fez alguns sinais, e o homem olhou fixamente para Bela.

— Ele quer te lembrar que pode ouvir perfeitamente bem.

Bela olhou para John.

— Sinto muito.

Ele assentiu, aceitando a desculpa.

— Só vem encontrar-se com eles amanhã. — Disse ela. — O que tem a perder?

John se encolheu de ombros e fez um elegante movimento com sua mão.

Mary sorriu.

— Ele diz que está de acordo.

— Você terá que vir, também. Para traduzir.

Mary pareceu surpresa, mas então ficou olhando ao rapaz.

— A que horas?

— As nove em ponto. — Respondeu Bela.

— Sinto muito, estarei trabalhando.

— De noite. As nove em ponto da noite.

## CAPÍTULO CINCO

---

Butch entrou no One Eye sentindo-se como se alguém tivesse lhe arrancado os tampões de alguns de seus órgãos internos. Marissa tinha recusado lhe ver, e embora não estivesse surpreso, doía-lhe muitíssimo.

Então, agora era a hora para a terapia escocesa.

Depois de se afastar do caminho de um animado bêbado, um grupo de prostitutas, e alguns lutadores de boxe, Butch encontrou a mesa habitual do triunvirato. Rhage estava no canto mais afastado, contra a parede com uma morena. E Vishous não se via, mas um copo cheio de Grey Goose (vodca) e um agitador para a bebida se encontravam em frente de uma cadeira.

Butch tomou dois goles e não se sentiu muito melhor quando Vishous saiu da parte de trás. Sua camisa estava para fora das calças e enrugada na parte inferior, e bem atrás dele havia uma mulher de cabelo escuro. V a despediu com a mão quando viu Butch.

— Ei, Tira. — Disse o irmão quando se sentou.

Butch inclinou seu gole.

— O que foi?

— Como...?

— Não vai.

— Ah, caramba, homem. Sinto muito.

— Eu, também.

Vishous fechou o telefone e se levantou. O vampiro disse duas palavras, colocou-o de novo em seu bolso, e estendeu sua mão para seu casaco.

— Era Wrath. Temos que estar em casa em meia hora.

Butch pensava em sentar-se e somente beber. Que este plano era uma má idéia estava escrito.

— Quer se desmaterializar ou voltará comigo?

— Temos tempo para ir dirigindo.

Butch lançou as chaves do Escalade através da mesa.

— Vá pegar o carro. Vou chamar Hollywood.

Ele se levantou e se dirigiu para um canto escuro. O Casaco de Rhage cobria o corpo da morena. Só Deus sabia quão longe tinham chegado as coisas para dele.

— Rhage, colega. Temos que ir.

O vampiro levantou sua cabeça, apertou os lábios e estreitou os olhos.

Butch levantou suas mãos.

— Não venho te tirar a garota. O nave mãe chamou.

Com uma maldição, Rhage deu um passo para trás. As roupas da morena estavam desordenadas e ofegava, mas ainda não tinham obtido nada. Os couros de Hollywood estavam todos onde deviam estar.

Quando Rhage se retirava, a mulher agarrou-o como se ela desse conta de que o orgasmo de sua vida caminhava para a porta. Com um suave movimento, ele passou sua mão na frente de seu rosto e a congelou. Depois ela olhou para baixo, para si mesmo enquanto tentava saber como tinha chegado estar tão excitada

Rhage partiu dando meia volta olhando encolerizado, mas quando ele e Butch estiveram lá fora, sacudiu a cabeça com arrependimento.

— Tira, escuta, sinto muito se te olhei de um modo ruim. Estava um pouco ... concentrado.

Butch lhe atingiu ruidosamente no ombro.

— Não há problema.

— Ouça, como foi com sua mulher...

— Nenhuma oportunidade.

— Demônios, Butch. Isto é contagioso.

Entraram no Escalade e foram para o norte, seguindo a rota 22

atravessando o campo. Estavam bastante unidos, Thug Matrimony de Trick Daddy soava como uma metralhadora, quando de repente Vishous freou. Em uma clareira, a uns noventa metros da estrada, havia algo pendurado de uma árvore.

Não, alguém estava em processo de pendurar algo em uma árvore. Com uma audiência de caras rudes de cabelo pálido e roupas pretas, observando.

— Lessers. — Resmungou V, relaxando o ombro.

Antes que se detivessem por completo, Rhage saiu do carro, correndo depressa ao encontro do grupo.

Vishous olhou através do assento dianteiro.

— Tira, você deveria ficar...

— Vá se ferrar, Vishous.

— Está armado com alguma das minhas?

— Não, ali vou estar nu. — Butch pegou uma Glock debaixo do assento, destravando-a enquanto ele e Vishous saltavam ao chão.

Butch tinha visto só a dois lessers antes, e o alucinaram. Pareciam-se com os homens, moviam-se e falavam como homens, mas não estavam vivos. Um olhar em seus olhos bastava para saber que os assassinos eram tigelas vazias, sem alma. E cheiravam tão mal que fediam.

Mas de todas as formas, ele nunca poderia agüentar o aroma de talco de bebê.

Fora da clareira, os lessers adotaram posições para atacar e tiraram suas jaquetas quando Rhage correu pelo prado como um trem de carga. Derrubou o grupo com algum tipo de onda suicida, não usou nenhuma arma.

Jesus, o cara estava louco. Ao menos, um desses assassinos tinha pegado uma pistola.

Butch apontou com a Glock e averiguou a ação, mas não podia obter um disparo limpo. E depois se deu conta de que não precisava fingir que estava de reforço.

Rhage cuidou dos lessers por si mesmo, todo todo seu reflexo e sua força

animal. Estava utilizando algum tipo de artes marciais híbridas, seu casaco ondulava atrás dele enquanto chutava cabeças e perfurava torsos. Era mortalmente formoso à luz da lua, sua face retorcida em um grunhido, seu grande corpo esmurrando os lessers sem misericórdia.

Um grito excitado à direita e Butch olhou a seu redor. Vishous havia derrubado um lesser que tinha tentado fugir, e o irmão estava sobre a maldita coisa que era tão branco como o arroz.

Deixando essa coisa de Clube da Luta para os vampiros, Butch se dirigiu para a árvore. Preso com uma corda que estava pendurada em um grosso galho estava o corpo de outro lesser. Tinham trabalhado bem sobre a coisa.

Butch afrouxou a corda e abaixou o corpo, olhando sobre seu ombro porque as bofetadas e os grunhidos da briga eram repentinamente mais fortes. Três lessers mais se uniram à briga, mas não estava preocupado por seus rapazes.

Ele se ajoelhou diante do assassino e iniciou a revisão de seus bolsos. Ele tirava uma carteira quando uma pistola se apagou com um horrível som de estouro. Rhage atingiu o chão. Caiu de bruços sobre suas costas.

Butch não pensou duas vezes. Trocou a posição de tiro e apontou para um lesser que estava a ponto de dar outra porrada em Rhage. O gatilho nunca foi apertado. Do nada, apareceu uma brilhante luz branca, como se tivesse explodido uma bomba atômica. A noite pareceu converter-se em dia quando a clareira ficou iluminada: as árvores outonais, a briga, o espaço plano.

Quando o resplendor diminuiu, alguém se lançou contra Butch. Quando reconheceu Vishous, abaixou a pistola.

— Tira! Entra no maldito carro. — O vampiro estava lhe arrastando o traseiro, as pernas lhe batendo por estar a ponto de cair.

— O que aconteceu a Rhage?

Butch não disse o resto da frase. Vishous o atingiu como com um pedaço de madeira agarrou-o, carregou-o e só acabou quando estiveram no Escalade e as portas estavam trancadas.

Butch se voltou para o irmão.

— Não deixaremos Rhage lá fora!

Um poderoso rugido soou na noite e Butch lentamente girou sua cabeça.

Na clareira viu uma criatura. De 2,50m de altura, parecido com um dragão, com dentes como de um Tiranossauro Rex e afiadas garras dianteiras. A coisa brilhava sob a luz da lua, seu enérgico corpo e sua cauda estavam cobertos com um púrpura iridescente e escamas verdes amarelados.

— Que diabos é isso? — Murmurou Butch, tateando para se assegurar de que a porta estava fechada.

— Rhage está realmente de muito mau humor.

O monstro soltou outro uivo e foi atrás dos lessers como se fossem brinquedos.

Mas como..... Bom Senhor. Não ia restar nada dos assassinos. Nem sequer os ossos.

Butch sentiu que começava a ofegar.

Fracamente, escutou que um ligeiro som se produzia, e voltou o olhar para o assento. O rosto de Vishous se acendeu e sustentou uma labareda amarelada enquanto acendia um charuto com mãos trêmulas. Quando o irmão exalou a fumaça, o sabor forte de tabaco turco encheu o ar.

— Desde quando ele tem... — Butch se deu a volta para a criatura que protagonizava o jogo na clareira. E perdeu completamente o rumo de seus pensamentos.

— Rhage desgostou muito a Virgem Escriba, assim ela o amaldiçoou. Deu-lhe duzentos anos de inferno. Em qualquer momento que ele esteja muito aborrecido, ele se transforma rapidamente. A dor pode transformá-lo. A cólera. A frustração física, se me entende.

Butch elevou uma sobrancelha. E pensar que ele havia se interposto entre esse cara e uma mulher que ele queria. Nunca voltaria a fazer uma coisa tão estúpida outra vez.

Enquanto o massacre continuava, Butch começou a sentir como se olhasse o Canal de Ficção Científica sem som. Homem, este tipo de violência estava inclusive fora de sua liga. Em todos seus anos como detetive de homicídios, havia visto grande quantidade de cadáveres, alguns dos quais tinha sido horripilantes. Mas nunca tinha presenciado a ação de uma matança ao vivo

antes, e estranhamente, o choque disso retirou a experiência da realidade.

Graças a Deus.

Embora tivesse que admitir que a besta fosse um homem de ação refinada. A forma em que fazia os lesser girar levantando-os no ar e prendendo os assassinos com seu...

— Ocorre freqüentemente? — Perguntou ele.

— Muito. Por isso vive em busca de sexo. O acalma. Digo-te isto, não se aproxime ao redor da besta. Não sabe quem é amigo e quem é o almoço. Tudo o que podemos fazer é esperar até que Rhage volte e depois cuidar dele.

Algo ricocheteou contra a capota do Escalade fazendo ruído pela batida. Oh, Meu Deus, era uma cabeça? Não, uma bota. Talvez à criatura não gostasse do sabor da borracha.

— Cuidar dele? — Murmurou Butch.

— Como se sentiria se cada osso de seu corpo estivesse quebrado? Ele experimenta uma transformação quando aquilo sai, e quando o deixa, volta outra vez.

Em pouco tempo, a clareira estava vazia de lessers. Com outro rugido ensurdecedor, a besta girou como se procurasse algo mais para consumir. Não encontrando outros assassinos, seus olhos concentraram sua atenção no Escalade.

— Pode entrar no carro? — Perguntou Butch.

— Se quiser de verdade. Felizmente, não pode estar muito faminto.

— Bem, bom ... o que ocorre se tiver lugar para o ferro — resmungou Butch.

A besta moveu a cabeça, a escura juba sacudida à luz da lua. Depois uivou e se lançou contra eles, correndo em duas pernas. Os golpes de seus passos soavam como o trovão e houve pequenos tremores sobre a terra.

Butch se certificou a tranca da porta uma vez mais. Depois refletiu sobre ser um maricas e talvez ficar no chão.

A criatura se deteve ao lado do SUV e caiu dobrando-se. Estava o suficientemente perto de maneira que sua respiração embaçava a janela de

Butch com seu hálito, e de perto, a coisa era horrenda. O branco de seus olhos era estreito. Suas queixadas grunhiam. E o conjunto cheio das presas de sua boca aberta era como um pesadelo febril. O sangue negro descia correndo por seu peito como petróleo cru.

A besta levantou suas patas dianteiras as quais se fizeram mais musculosas.

Jesus, essas garras eram como adagas. Fazia as de Freddie Krueger serem simples.

Mas Rhage estava ali dentro. Em alguma parte.

Butch colocou sua mão na janela, como se pudesse alcançar o irmão.

A criatura levantou sua cabeça, seus brancos olhos piscavam. Abruptamente fez uma grande inspiração, e em seguida o maciço corpo começou a estremecer-se. Um alto e penetrante uivo saiu de sua garganta, perdendo-se na noite. Houve outro grande brilho. E depois Rhage apareceu nu no chão.

Butch abriu a porta do carro e se ajoelhou junto a seu amigo.

Rhage tremia incontrolavelmente na sujeira e na grama, sua pele estava úmida e pegajosa, seus olhos fechados, sua boca movendo-se lentamente. Havia sangue negro por toda sua face, em seu cabelo, sobre seu peito. Seu estômago estava terrivelmente distendido. E havia um pequeno afundamento em seu ombro onde uma bala o tinha atingido.

Butch tirou bruscamente a jaqueta e a colocou sobre o vampiro. Inclinando-se para baixo, tentou ouvir as palavras que ele murmurava.

— O que aconteceu?

— Vocês estão feridos? Você ... Vishous?

— Não, estamos bem.

Rhage pareceu relaxar um pouco.

— Me leve para casa ... por favor ... me leve para casa.

— Não se preocupe com nada. Nós vamos cuidar de você.

O Senhor O se moveu rapidamente através da clareira, separando-se do massacre. Seu caminhão estava estacionado na rua, a um quilômetro de distância. Acreditava que tinha outros três ou quatro minutos antes de poder chegar até ele, e até agora ninguém o perseguia.

Tinha saído correndo no instante em que o brilho de luz tinha atravessado a clareira, sabendo malditamente bem o que vinha depois desse fogo de artifício. Tinha acreditado que era gás paralisante ou o precursor de alguma explosão, mas então escutou um rugido. Quando olhou sobre seu ombro, parou em seco. Algo estava brincando com seus companheiros lesser, abatendo-os como moscas.

Uma criatura. Do nada.

Não tinha observado o suficiente, e enquanto corria, voltou a olhar para trás outra vez para se assegurar de que não o perseguiam. O caminho atrás ainda estava claro, e no caminho a frente estava o caminhão. Quando chegou, lançou-se para dentro, ligou o motor, e pisou no acelerador.

A primeira coisa a fazer era se afastar da cena. Um massacre como esse ia atrair atenção, fosse pelo que se via e parecia, como o momento em que tinha ocorrido ou pelo que restou quando havia terminado.

Em segundo lugar teria que fazer um reconhecimento. O Senhor X ia ficar muito chateado por isso. O florescente esquadrão do Senhor O tinha desaparecido, e os outros lesser aos quais havia convidado para observar a disciplina sobre E estavam mortos, também. Seis assassinatos em menos de meia hora.

E maldição, ele não sabia muito sobre o monstro que tinha feito o mal. Estavam pendurando o corpo do Senhor E na árvore quando o Escalade se aproximou do lado da estrada. Um guerreiro loiro tinha saído, tão grande, tão rápido, que obviamente era um membro da Irmandade. Tinha havido outro macho com ele, também incrivelmente letal, inclusive um humano, embora só Cristo soubesse o que esse cara estava fazendo com os dois irmãos.

A briga tinha continuado por aproximadamente oito ou nove minutos. O Senhor O havia se colocado diante do loiro, tinha-lhe dado socos muitíssimas vezes sem efeito visível na resistência do vampiro ou em sua força. Dois deles tinham sido profundos quando outro lesser havia disparado uma pistola. O Senhor O teve que inclinar-se rapidamente e rolar, quase o haviam acertado. Quando tinha olhado para cima, o vampiro agarrava fortemente seu ombro e caía para trás.

O Senhor O havia se inclinado sobre ele, querendo matá-lo, mas quando saltou para frente, o lesser com a pistola tinha tentado alcançar ao mesmo vampiro. O idiota tinha tropeçado na perna do Senhor O e os dois haviam caído ao chão. Então a luz apareceu e o monstro saiu. Era possível que essa coisa tivesse vindo de certa maneira do guerreiro loiro? Homem, que arma secreta poderia ser.

O Senhor O imaginou o guerreiro, recordando cada aspecto do macho desde seus olhos, seu rosto inclusive as roupas que usava e a forma em que se movia. Ter uma boa descrição do irmão loiro seria crucial para os interrogatórios da sociedade. Perguntas mais específicas aos cativos provavelmente conduziria então a melhores respostas.

E informação sobre os irmãos era o que estavam procurando. Depois de décadas simplesmente atingindo civis, os lessers agora apontavam para a Irmandade especificamente. Sem esses guerreiros, a raça dos vampiros seria completamente vulnerável, e os assassinos finalmente poderiam terminar seu trabalho erradicando a espécie.

O foi até o estacionamento no local indicado pelo laser, pensando que a única coisa boa da tarde tinha sido quando tinha matado o Senhor E lentamente. Derrubar sua irritação no corpo do assassino tinha sido como beber uma cerveja gelada em um dia quente de verão. Satisfeito. Acalmado. Mas o que tinha acontecido depois o tinha colocado de volta ao caminho.

O Senhor O apertou a tecla de seu telefone e discou rapidamente. Não havia razão para esperar até chegar em casa para fazer um relatório. A reação do Senhor X pensou que seria pior se as notícias se atrasassem.

— Tivemos uma situação. — Disse quando a ligação foi atendida.

Cinco minutos mais tarde desligou o telefone, deu a volta no caminhão, e voltou para a zona rural da cidade. O Senhor X tinha requerido uma audiência. Em sua cabana privada no bosque.

## CAPÍTULO SEIS

---

Rhage só podia ver sombras, enquanto seus olhos eram incapazes de enfocar ou filtrar muita luz. Odiava a perda de faculdades e tentou focalizar o melhor que pôde as duas formas grandes que se moviam a seu redor. Quando as mãos o agarraram pelas axilas e o atingiram acima de seus tornozelos, gemeu.

— Tranquilo, Rhage, vamos te levantar durante um segundo, certo? — Disse Vishous.

Uma bola de fogo de dor atravessou como um relâmpago seu corpo quando o moveram e o colocaram na parte de atrás do Escalade. O colocaram no chão. As portas se fecharam. O motor ligou com um baixo ronronar.

Tinha tanto frio que seus dentes tiritavam, e tentou tirar tudo o que estava perto de seus ombros. Não podia mover as mãos, mas alguém lhe atirou em cima o que parecia uma jaqueta.

— Só a mantenha aí, menino grande.

Butch. Era Butch.

Rhage lutou para falar, odiando o pestilento sabor de sua boca.

— Ei, relaxe, Hollywood. Fique frio. Vishous e eu levaremos você para casa.

O carro começou a se mover, balançando para cima e para baixo enquanto atingia a estrada. Ele gemeu como um efeminado, mas não podia ajudar. Sentia seu corpo como se o tivessem golpeado em todas as partes com um taco de beisebol do tipo A, com um gancho na ponta.

E os ossos e os doloridos músculos eram seu menor problema comparados com seu estômago. Rezava para chegar em casa antes de vomitar no carro de Vishous, mas não havia nenhuma garantia sobre se agüentaria tanto. Suas glândulas salivais tinham trabalho extra, de maneira que teve que tragar repetidamente. O que fez que lhe disparasse o reflexo de engasgar-se. O que impulsionou a náusea a voltar. Que lhe fez querer...

Tentando sair da espiral, ele respirou lentamente através de seu nariz.

— Como vai por aí, Holly wood?

— Me prometa. A ducha. A primeira coisa.

— Conseguiu-o colega.

Rhage acreditava ter desmaiado porque despertou quando estava sendo tirado do carro. Escutou vozes familiares. De Vishous. De Butch. Um grunhido profundo que só poderia ser Wrath.

Perdeu a consciência outra vez. Quando voltou, algo frio estava contra suas costas.

— Pode ficar de pé? — Perguntou Butch.

Rhage tentou e agradeceu quando suas coxas aceitaram seu peso. E agora que estava fora do carro, a náusea estava um pouco melhor.

Seus ouvidos perceberam o doce ruído de um toque de campainha, e um momento mais tarde uma rápida quentura sobre seu corpo.

— Como está, Rhage? Muito quente?

A voz de Butch. Estava em cima dele.

O tira estava na ducha com ele. E cheirava a tabaco turco. V também devia estar no banheiro.

— Holly wood? Está muito quente para você?

— Não. — Ele pegou o sabão, tateando. — Não posso ver.

— Melhor. Não há nenhuma razão para que saiba o que parecemos juntos nus. Francamente, estou o suficientemente traumatizado pelos dois.

Rhage sorriu um pouco quando uma esponja passou sobre sua face, pescoço e peito.

Deus, sentia-se fantástico. Esticou o pescoço para trás, deixando que o sabão e a água lavassem os restos da obra da besta.

O banho acabou muito rápido. Uma toalha estava envolta ao redor de seus quadris enquanto com outra o secavam completamente.

— Há alguma outra coisa que possamos fazer por você antes de deitar? — Perguntou Butch.

— Alka-Seltzer. No armário.

— Vishous, vamos infundir lhe algo de ânimo a esta merda, não é mesmo? — Butch colocou seu braço na cintura de Rhage.

— Te apóie em mim, colega. Bem, certo. Pare! Maldição, temos que deixar que se alimente.

Rhage deixou que o dirigissem através do chão de mármore e sobre o tapete do dormitório.

— Bom, menino grande, se deite.

Oh, sim. A cama. A cama era boa.

— Olhe quem está aqui. É a enfermeira Vishous.

Rhage sentiu como inclinavam sua cabeça e em seguida lhe colocaram um copo nos lábios. Quando tomou tudo o que pôde, ele desabou sobre os travesseiros. Ele estava a ponto de desmaiar outra vez quando escutou a voz baixa de Butch.

— Ao menos a bala o atravessou limpamente. Mas, homem, não tem bom aspecto.

Vishous respondeu em voz baixa

— Ele estará bem em um dia ou dois. Recupera-se rapidamente de qualquer coisa, mas ainda é difícil.

— Aquela criatura era algo mais.

— Preocupa-se muito pelo que aconteceu. — Ali estava o som de um isqueiro e depois uma suave fumaça desse maravilhoso tabaco.

— Tenta não mostrar o medo que lhe produz isto. Tem que manter essa imagem brilhante demais. Mas lhe aterroriza fazer mal a alguém.

— A primeira pergunta que fez foi se você e eu estávamos bem.

Rhage tentou se forçar a dormir. A negra lacuna mental era muitíssimo melhor que escutar a piedade que seus amigos tinham por ele.

Noventa e um anos, oito meses e quatro dias. E depois seria livre.

Mary estava desesperada para conciliar o sonho. Ela fechou seus olhos. Fez uma profunda inspiração. Relaxado os dedos do pé um por um. Repassou rapidamente todos os números de telefone que ela sabia. Nada lhe funcionou.

Virou-se e cravou os olhos no teto. Quando sua mente formou uma imagem de John, sentiu-se agradecida. O rapaz era melhor que tantos outros temas nos quais podia pensar insistentemente.

Não podia acreditar que tinha vinte e três anos de idade, embora quanto mais pensasse ele, mais parecia possível. Tirando sua fixação por Matrix, era incrivelmente adulto. Velho, realmente.

Quando disse que era tempo de partir, ela havia insistido em levá-lo de volta a seu apartamento. Bela tinha perguntado se podia ir também, então os três foram ao centro com sua bicicleta se sobressaindo atrás do Civic. Deixar o rapaz diante daquele miserável edifício de apartamentos tinha sido duro. Quase tinha lhe rogado que voltasse para casa com ela.

Mas ao menos ele tinha concordado em estar na casa de Bela na noite seguinte. E talvez a academia de artes marciais abrisse algumas portas para ele. Tinha a impressão de que não tinha muitas amigas, e pensou que Bela era doce ao fazer o esforço em seu benefício.

Com um pequeno sorriso, Mary recordou a maneira com a qual John tinha olhado para a outra mulher. Com tímida admiração. E Bela havia administrado a atenção graciosamente, entretanto ela sem dúvida se desse conta de seus olhares fixos. Provavelmente soube todo o tempo.

Por um momento Mary se deu o prazer e imaginou olhar ao mundo através dos impecáveis olhos de Bela. E caminhando sobre as perfeitas pernas de Bela. E balançando o perfeito cabelo de Bela sobre o ombro.

Fantasiar tinha sido uma boa diversão. Decidiu que iria à cidade de Nova Iorque e se passearia pela Quinta Avenida e compraria algo fabuloso. Não, à praia. Iria à praia com um biquíni preto. Caramba, pode ser um biquíni preto com uma tira de couro.

Certo, isso seria um pouco horripilante.

De qualquer modo, teria sido genial, uma única vez, ao ter o olhar fixo de um homem sobre ela com adoração total. Ter ele ... cativado. Sim, essa era a

palavra. Teria amado a um homem que estivesse cativado por ela.

Exceto que isso nunca ia ocorrer. Aquele tempo em sua vida, de juventude, beleza e sexualidade coberta de orvalho, tinham passado. Nunca tinham existido, realmente. E agora era uma mulher nada especial de trinta e um anos de idade que tinha tido uma vida muito árdua, graças ao câncer.

Mary gemeu. Oh, isto era maravilhoso. Ela não estava aterrorizada, mas estava até os joelhos de sentir pena de si mesma. E a merda parecia lodo, pegajoso e asqueroso. Ela acendeu a luz e pegou a Vanity Fair com determinação sombria. Dominick Dunne, me dê força, pensou.

## CAPÍTULO SETE

---

Depois que Rhage adormeceu, Butch desceu com Vishous para o vestibulo para o escritório particular de Wrath. Normalmente Butch não ficava ao redor dos negócios da Irmandade, mas Vishous ia contar o que tinham encontrado quando voltavam para casa, e Butch era o único que tinha visto o lesser da árvore.

Quando atravessou a porta, teve a mesma reação que sempre tinha com a decoração Versailles: não encaixava. Todas as coisas de flores de dourado nas paredes e as pinturas de pequenas crianças gordas com asas no teto débil e o mobiliário frágil, de fantasia. O lugar se via como um lugar ultrapassado, caras franceses com perucas empoeiradas. Não um quarto de guerra para um montão de resistentes guerreiros.

Mas que diabos. A Irmandade havia se mudado à mansão porque era conveniente e segura, não porque gostassem da decoração.

Ele escolheu uma cadeira com pernas largas e finas e tentou se sentar sem deixar cair todo seu peso. Quando se sentou, saudou com uma inclinação de cabeça a Tohrment, que estava no sofá recoberto de seda em frente. O vampiro ocupava a maior parte do móvel individual, seu grande corpo encolhido desconfortavelmente sobre as almofadas azul pálida. Seu cabelo preto cortado como nas Forças Armadas e seus ombros largos lhe marcavam como uma pessoa de mau humor, mas esse olhar azul escuro contava outras histórias.

Debaixo de toda essa coisa de guerreiro duro, Tohr era um cara realmente agradável. E surpreendentemente empático, apesar de que atingia os mortos para ganhar a vida. Era o líder oficial da Irmandade desde que Wrath tinha subido ao trono há dois meses, e o único guerreiro que não vivia na mansão. A Shellan de Tohr, Wellsie, esperava seu primeiro filho e não ia compartilhar o lar com um montão de caras solteiros. E quem a podia culpar?

— Então adivinho que vocês, rapazes, se divertiram durante o caminho para casa. — Thor disse a Vishous.

— Sim, Rhage realmente se soltou. — Vishous respondeu enquanto se servia de um gole de vodka no bar.

Phury entrou depois e os saudou com a cabeça. Butch gostava muito do irmão, embora não tivessem muito em comum. Bem, exceto por seu fetiche com o vestuário, mas inclusive ali tinham diferenças. O de Butch era uma

camada de tinta fresca em uma casa velha. O estilo e a elegância masculina de Phury eram impregnados em seus ossos. Era letal, sem lugar a dúvidas, mas para ele tinham vibrações metrossuais.

A impressão de cavalheiro refinado não era simplesmente um resultado de suas atraentes roupas, como o suéter preto de caxemira e as calças longas e finas de sarja que estava usando. O irmão tinha a cabeleira mais assombrosa que Butch tinha visto. Longas ondas, grossas, vermelhas e marrons eram escandalosamente formosas, inclusive para uma mulher. E seu olhar amarelado, que brilhava como o ouro à luz do sol, acrescentava ao todo.

Por que ele era celibatário era um mistério total.

Quando Phury foi até o bar e se serviu de uma taça de vinho do Porto, sua claudicação quase não se notava. Butch tinha ouvido que o cara havia perdido a perna em alguma parte ao longo do caminho. Agora tinha uma extremidade artificial, e evidentemente não lhe obstaculizava nem um pouco no campo de batalha.

Butch se virou para olhar a alguém que tinha entrado no quarto.

Infelizmente, o gêmeo de Phury havia decidido em aparecer a tempo, mas ao menos Zsdist era uma pessoa longínqua e se mantinha afastado de todo mundo. Isso ia bem para Butch, porque esse bastardo o deixava nervoso.

A face cheia de cicatrizes de Zsdist e os escuros olhos brilhantes eram simplesmente a ponta do iceberg para a bizarrice. A cabeça raspada, as tatuagens ao redor de seu pescoço e punhos, os piercings: era uma ameaça completa e tinha a impressão de que tinha de uma alta dose de ódio. No jargão da execução da lei, ele era uma tripla ameaça. Frio como a pedra. Mesquinho como uma serpente. E imprevisível como o inferno.

Aparentemente Zsdist tinha sido seqüestrado de sua família quando era uma criança e vendido para algum tipo de escravidão. Os cem ou mais anos que ele havia estado no cativeiro lhe absorveram todo o remotamente humano, ou vampiro, que havia nele. Agora ele não era mais que escuras emoções presas em uma pele estragada. E se sabe o que é o melhor para você, melhor sair de seu caminho.

Do vestibulo chegou o som de passos fortes. Os irmãos ficaram calados, e um momento mais tarde Wrath encheu a porta.

Wrath era enorme, de cabelo escuro, um cara com uma boca cruel.

Sempre usava óculos escuros, muito couro, e era a última pessoa do planeta que ninguém queria enganar.

Ele também tinha passado a encabeçar a lista de homens que Butch queria ter a suas costas. Ele e Wrath tinham forjado um vínculo na noite em que Wrath havia sido baleado ao tentar recuperar sua esposa dos lessers. Butch tinha dado uma mão, e isso era tudo. E se deram bem.

Wrath entrou no quarto como se possuísse o mundo inteiro. O irmão tinha todo o material de um imperador, o qual tinha sentido, porque era isso o que ele era. O Rei Cego. O último vampiro puro-sangue que havia no planeta. Um governante de raça.

Wrath voltou o olhar na direção de Butch.

— Encarregou-te bem de Rhage esta noite. Obrigado.

— Ele teria feito o mesmo por mim.

— Sim, ele faria. — Wrath foi para trás da mesa do escritório e se sentou, cruzando suas armas sobre seu peito. — Isto é o que temos. Havers teve um caso de trauma esta noite. Um macho civil. Feito merda, quase não estava consciente. Antes de morrer, disse a Havers que os lessers o haviam interrogado. Quiseram saber sobre a Irmandade, onde vivemos, o que sabia sobre nós.

— Outro mais. — Murmurou Tohr.

— Sim. Acredito que há uma mudança na estratégia da Lessening Society. O homem descreveu um lugar especificamente feito para um duro interrogatório. Infelizmente, morreu antes que pudesse indicar o lugar.

Wrath fixou a vista em Vishous.

— Vishous, quero que vá ver a família do civil e lhes dirá que sua morte será vingada. Phury, vá ver Havers e fala com enfermeira que acolheu e falou com o civil. Vê se pode obter onde o prenderam e como escapou. Não vou ter a esses bastardos usando meus civis para se coçarem.

— Também estão trabalhando sobre sua classe. — Interrompeu Vishous. — Encontramos um lesser pendurado com uma corda em uma árvore no caminho para casa. Rodeado por seus amigos.

— O que lhe fizeram ao cara?

Butch falou sem temor.

— Bastante. Ele já não respirava. Fazem isso normalmente?

— Não. Não o fazem.

— Então é uma infernal coincidência, não acha? O civil se livra de um campo de tortura esta noite. Lessers aparecem parecendo agulheiros.

— Estou contigo, tira. — Wrath se voltou para Vishous. — Obteve alguma informação desses lessers? Ou Rhage limpou a casa?

Vishous sacudiu a cabeça.

— Tudo desapareceu.

— Não exatamente. — Butch colocou a mão em seu bolso e tirou a carteira que havia tinha do lesser pendurado. — Tirei isto do qual haviam atacado. — Ele olhou e encontrou a carteira de motorista. — Gary Essen. Ei, ele vivia em meu velho edifício. Quem ia dizer, nunca se sabe sobre seus vizinhos.

— Revistarei o apartamento. — Disse Tohr.

Quando Butch lhe lançou a carteira, os irmãos se levantaram, preparados para sair.

Tohr falou antes que alguém saísse.

— Há outra coisa. Esta noite recebi uma chamada. Uma mulher civil encontrou um jovem varão dos nossos. Seu nome é Tehrror. Disse-lhe que o trouxesse para o centro de treinamento amanhã de noite.

— Interessante. — Disse Wrath.

— Ele não fala, e sua tradutora virá com ele. É uma humana, a propósito. — Tohr sorriu e meteu a carteira do lesser no bolso detrás de suas calças de couro.

— Mas não se preocupe. Apagaremos sua memória.

\*\*\*

Quando o Senhor X abriu a porta principal de sua cabana, seu humor não tinha melhorado seu afeto pelo Sr. O. O lesser do outro lado se via firme,

imperturbável. A humildade o teria levado mais à frente, mas qualquer forma de debilidade ou submissão não estava na natureza do homem. Ainda.

O Senhor X fez gestos a seu subordinado.

— Sabe de uma coisa, esta coisa de confissão de fracasso que continuamos tendo não funciona para mim. E deveria ter sabido que não devia confiar em você. Você vai me explicar por que matou a seu esquadrão?

O Senhor O se virou.

— Desculpe?

— Não trate de se esconder atrás de mentiras, é incômodo — O Senhor X fechou a porta.

— Não os matei.

— Mas uma criatura o fez? Por favor, Sr. O. Ao menos poderia ser mais original. Melhor ainda, jogue a culpa à Irmandade. Isso seria mais plausível.

O Senhor X atravessou andando o cômodo principal da cabana, ficando calado enquanto seu subordinado se recompunha e se preparava. Tranqüilamente ele olhou seu notebook e depois percorreu com o olhar o local particular. O lugar era rústico, com escasso mobiliário, ao redor de 4 km<sup>2</sup> que o rodeavam eram um bom amortecedor. O banheiro não funcionava, mas os lessers não comiam, então esse tipo de facilidade era desnecessária. Entretanto, o chuveiro funcionava como foi pedido.

E até que entrassem em um acordo de achar outro centro de recrutamento, este humilde local avançado era o quartel general da sociedade.

— Disse-lhe exatamente o que vi. — Disse-lhe o Senhor O, quebrando o forte silêncio. — Por que eu mentiria?

— O porquê é irrelevante para mim. — O Senhor X casualmente abriu a porta que ia para o dormitório. As dobradiças chiaram.

— Deveria saber que enviei um esquadrão à cena enquanto vinha de carro para cá. Disseram que ali não havia nada mais que os corpos, de maneira que assumo que os apunhalou em um grande desconhecimento. E confirmaram que houve uma briga infernal, um montão de sangue. Posso imaginar como seu esquadrão brigou contra você. Deve se sentir espetacular pela vitória.

— Se os tivesse matado assim, por que minhas roupas em sua maior parte estão limpas?

— As trocou antes de vir para cá. Você não é estúpido. — O Senhor X se posicionou no portal do dormitório.

— Então onde nos encontramos, Sr. O. É uma dor no traseiro, e a pergunta que preciso me fazer é se você vale toda esta miserável provocação. Eram Principais os que matou. Lessers com muita experiência. Sabe como...

— Não os matei...

O Senhor X deu dois passos para frente e o Senhor O lhe deu um golpe nocauteador no queixo. O outro homem caiu ao chão.

O Senhor X colocou sua bota sobre o rosto do Senhor O lhe imobilizando.

— Vamos deixar assim, certo? O que eu dizia era: você tem a menor idéia de quanto tempo se necessita para fazer um Principal? Décadas, séculos. Você arrasou com três deles em uma noite. Que eram um total de quatro, contando com o Senhor M, a quem cortou em rodelas sem minha permissão. E também estão os Betas que matou violentamente esta noite.

O Senhor O cuspiu loucamente, seus olhos olhando fixamente para as exclusivas botas Timberland. O Senhor X apoiou seu pé até que as botas fizeram mais pressão.

— Então, outra vez, tenho que me perguntar, você vale a pena? Só faz três anos que está na sociedade. Você é forte, é efetivo, mas é impossível de controlar. Coloquei-lhe com os Principais por que achei que você seria super! Igual a seu excelente nível e seu caráter. Em lugar disso, você os matou.

O Senhor X sentiu que o sangue lhe levantava e se recordou a si mesmo que a cólera não era apropriada para um líder. Calma, a dominação sensata funcionava melhor ele respirou profundamente antes de falar outra vez.

— Você eliminou alguns de nosso melhores ativos esta noite. E isto tem que parar, Sr. O. Agora mesmo.

O Senhor X levantou sua bota. O outro lesser imediatamente se levantou do chão.

Quando o Senhor O estava a ponto de falar, algo raro, um discordante som atravessou a noite. Ele olhou para o som.

O Senhor X sorriu.

— Agora se não se importa, meta-se naquele dormitório.

O Senhor O ficou em uma postura de ataque.

— O que é isso?

— É a hora para modificar um pouco seu comportamento. Um pouco de castigo, também. Então meta-se no dormitório.

Neste momento o som era tão forte que era mais que uma vibração do ar, era algo que seus ouvidos podiam registrar.

O Senhor O gritou.

— Disse-lhe a verdade.

— Ao dormitório. O tempo para falar passou. — O Senhor X olhou por cima de seu ombro, rumo ao zumbido.

— Oh, por todos os Santos.

Congelou os grandes músculos do corpo do lesser e dirigiu o Senhor O para o outro quarto, empurrando-o para a cama.

A porta principal explodiu abrindo-se de par em par.

Os olhos do Senhor O se arregalaram quando viu Omega.

— Oh ... Deus ... não.

O Senhor X colocou em ordem as roupas do homem, endireitando a jaqueta e a camisa. Além disso, alisou todo esse cabelo escuro e beijou a testa do Senhor O, como se ele fosse uma criança.

— Se me desculpar. — Murmurou então o Sr. X. — Vou deixá-los a sós.

O Senhor X saiu pela porta traseira da cabana. Justo quando entrava no carro, começaram os gritos.

## CAPÍTULO OITO

---

— Ah, Bela, acredito que nosso transporte está aqui. — Mary deixou que a cortina voltasse a cair em seu lugar. — Isso ou um ditador de terceiro mundo se perdeu em Caldwell.

John se dirigiu para a janela.

—Uau, ele fez sinais. — Olhem esse Mercedes. Essas janelas escuras parecem anti-balas.

O três deixaram a casa de Bela e caminharam para o sedan. Um pequeno ancião, vestido com uma roupa preta, saiu do lado do condutor e foi saudá-los. Incongruente mente, ele era um cara alegre, todo sorrisos. Com a pele solta em sua face, seus lóbulos largos, e as maçãs do rosto, parecia estar se derretendo, embora sua felicidade radiante sugeria que a desintegração era um bom estado para estar.

— Sou Fritz — Disse ele, abaixando-se profundamente. — Por favor me permitam lhes conduzir.

Ele abriu a porta traseira e Bela foi a primeira a deslizar para dentro. John foi depois, e quando Mary estava tranqüilamente recostada contra o assento, Fritz fechou a porta. Um segundo mais tarde estavam a caminho.

Enquanto o Mercedes se deslizava para frente, Mary tentou ver para onde iam, mas as janelas eram muito escuras. Pensava que iam para o norte. Mas quem saberia?

— Onde é este lugar, Bela? — Perguntou ela.

— Não é longe. — Mas a mulher, contudo não soava confiante, de fato estava com os nervos à flor da pele desde que Mary e John tinham aparecido.

— Sabe aonde nos levam?

— Oh, claro. — A mulher sorriu e olhou para o John. — Vamos nos encontrar com alguns dos homens mais assombrosos que já viu.

Os instintos de Mary atingiram seu peito, enviando todo gênero de sinais que se misturavam cuidadosamente. Meu Deus, ela desejou ter pegado seu carro.

Vinte minutos mais tarde, o Mercedes freou. Avançou pouco a pouco. Freou outra vez. Isto ocorreu em intervalos regulares muitíssimas vezes. Depois Fritz baixou sua janela e falou por algum tipo de interfone. Seguiram um pouco mais à frente, depois pararam. O motor foi desligado.

Mary tentou alcançar a porta. Estava trancada.

Os Mais Procurados da América, aqui vamos, pensou ela. Só podia imaginar suas fotos na TV, vítimas de um crime violento.

Mas o condutor os deixou sair imediatamente, tranqüilo com aquele sorriso em seu rosto.

— Querem me seguir?

Quando Mary saiu, olhou a seu redor. Estavam dentro de algum tipo de estacionamento subterrâneo, mas não havia outros carros. Só dois microônibus, como as do tipo que ficavam ao redor de um aeroporto.

Mantiveram-se juntos a Fritz e passaram através de um algumas portas de metal grossas que se abriram em um labirinto de corredores iluminados com fluorescentes. Graças a Deus o cara parecia saber para onde ia. Havia ramificações em todas as direções sem plano racional, como se o lugar tivesse sido desenhado para deixar as pessoas perdidas e conservá-las desse modo.

Exceto alguém que sempre soubesse para onde ia, pensou ela. Cada nove metros havia uma cápsula colocada no teto. Ela as tinha visto antes nas alamedas, e o hospital as tinha também. Câmeras de vigilância.

Finalmente entraram em um quarto pequeno com espelho dos dois lados, uma mesa e cinco cadeiras metálicas. Uma pequena câmera estava colocada no canto oposto à porta. Era exatamente como o quarto de interrogação da polícia, ou como devia ser em algum dos sets do NYPD Blue.

— Não terão que esperar muito. — Disse Fritz com uma pequena referência. Assim que desapareceu, a porta se fechou sozinha.

Mary se aproximou e testou a maçaneta, surpresa de encontrá-la facilmente liberava. Não obstante, quem quer que estivesse a cargo por aqui claramente não tinha que se preocupar em perder a pista de suas visitas.

Ela olhou para Bela.

— Pode me explicar que lugar é este?

— É uma instalação.

— Uma instalação.

— Já sabe, para treinar.

Sim, mas que tipo de treinamento?

— Estas pessoas pertencem ao governo ou a algo assim?

— Oh, não. Não.

John fez sinais, Isto não se parece com uma academia de artes marciais.

Sim, não brinque.

— O que ele disse? — Perguntou Bela.

— Ele está tão curioso como eu.

Mary se voltou para a porta, abriu-a, e colocou sua cabeça para fora da sala. Quando ouviu um som rítmico, deu um passo na direção da sala, mas não entrou.

Ruído de passos. Não, arrastavam os pés. Que o...

Um homem loiro, alto e musculoso, vestido com uma camisa preta e calças de couro cambaleava ao redor de uma esquina. Estava instável sobre seus pés descalços, com uma mão na parede e seus olhos olhando para baixo. Parecia olhar ao chão cuidadosamente, como se confiasse em sua percepção da profundidade para equilibrar-se.

Parecia bêbado ou talvez doente, mas... bom Deus, ele era belo. De fato, seu rosto era tão deslumbrante que teve que piscar algumas vezes. O queixo perfeitamente quadrado. Lábios cheios. Maçãs do rosto altas. A testa larga. O cabelo era grosso e ondulado, mais claro na frente, mais escuro na parte de trás onde era mais curto.

E seu corpo era tão espetacular como seu rosto. De ossos grandes. Muito musculoso. Nada de gordura. Sua pele era dourada até sob as luzes fluorescentes.

Repentinamente ele a olhou. Seus olhos eram de cor azul elétrica, tão brilhantes, tão vívidos, que eram quase como o néon. E ficaram olhando

fixamente através dela.

Mary desabou de todas as maneiras e pensou que a carência de resposta não era uma surpresa. Os homens como ele não notavam as mulheres como ela. Isto era um fato natural.

Ela deveria retornar para a sala. Não havia sentido em observá-lo enquanto ele não a notasse quando passasse por ela. O problema era quanto mais se aproximava, mais fascinada se sentia.

Meu Deus era realmente... lindo.

Rhage se sentia no santo inferno enquanto serpenteava pelo corredor. Cada vez que a besta saía dele e sua visão tirava pequenas férias, seus olhos tomavam seu tempo para retornar ao trabalho. O corpo não queria funcionar, tampouco; suas pernas e braços ficavam pendurados como pesos pesados fora de seu tronco, não exatamente impréstáveis, mas malditamente perto.

E seu estômago ainda estava desligado. Só de pensar em comida o fazia ter náuseas.

Mas tinha que sair de seu quarto. Doze horas deitado era suficiente tempo desperdiçado. Determinado a chegar até o ginásio do centro de treinamento, subir na bicicleta ergométrica, e poder desentorpecer-se um pouco...

Ele se deteve, ficando tenso. Não poderia ver muito, mas sabia com certeza que não estava sozinho no vestibulo. Quem quer que fosse estava perto dele, a sua esquerda. E era um desconhecido.

Ele se virou e pegou bruscamente a figura da porta, agarrando-a pela garganta, forçando seu corpo contra a parede oposta. Muito tarde se deu conta de que era uma mulher, e o agudo ofego o envergonhou. Ele rapidamente afrouxou um pouco a pressão da mão, mas não deixou de apertar.

O pescoço delgado sob sua palma estava quente e suave. Seu pulso era frenético, o sangue corria rapidamente através das veias que chegavam a seu coração. Apoiou-se e respirou pelo seu nariz. Só para avançar dando tombos para trás.

Jesus Cristo era uma humana. E estava doente, talvez morrendo.

— Quem é você? — Lhe exigiu. — E como você entrou aqui?

Não houve resposta, só uma respiração acelerada. Ela estava

completamente aterrorizada, o aroma de seu medo era como fumaça de madeira em seu nariz.

Ele abaixou sua voz.

— Não vou te fazer mal. Mas este não é seu lugar e quero saber quem é você.

Sua garganta se moveu sob sua mão, como se tragasse.

— Meu nome... meu nome é Mary. Estou aqui com alguns amigos.

Rhage deixou de respirar. Seu coração aumentou uma pulsação e depois se desacelerou.

— Diga-me isso outra vez. — Murmurou ele.

— Ah, meu nome é Mary Luce. Sou amiga de Bela... viemos aqui com um rapaz, com John Matthew. Fomos convidados.

Rhage tremeu uma suave brisa florescente saindo por toda sua pele. A cadência musical de sua voz, o ritmo de seu discurso, o som de suas palavras, tudo isso se espalhando através dele, acalmando-o, confortando-o. O prendendo docemente.

Ele fechou seus olhos.

— Me diga algo mais.

— O que? — Perguntou ela, desconcertada.

— Converse. Fale comigo. Quero ouvir sua voz outra vez.

Ela ficou em silêncio, e ele estava a ponto de lhe exigir que falasse quando disse. — Você não parece bem. Precisa de um médico?

Ele se encontrou cambaleando. As palavras não importavam. Era o som: baixo, suave, lhe acariciando os ouvidos. Ele se sentiu como se estivesse sendo acariciado por dentro de sua pele.

— Mais. — Disse ele, retorcendo sua palma pela parte dianteira de seu pescoço de maneira que podia sentir melhor as vibrações de sua garganta.

— Poderia..... poderia por favor me soltar?

— Não. — Ele subiu seu outro braço. Ela usava algum tipo de lã, e ele a moveu para um lado do pescoço, colocou uma mão sobre o ombro dela de maneira que não pudesse escapar.

— Fale.

Ela começou a lutar.

— Você está me apertando.

— Eu sei. Fale.

— Oh, pelo amor de Deus, o que quer que eu diga?

Até exasperada, sua voz era bela.

— Qualquer coisa.

— Bem. Tire sua mão da minha garganta e deixe-me ir ou vou te dar uma joelhada onde você vai sentir.

Ele riu. Depois afundou a parte inferior de seu corpo sobre ela, prendendo-a com suas coxas e seus quadris. Ela ficou rígida contra ele, mas ele conseguiu uma ampla percepção dela. Tinha a constituição delgada, entretanto não havia dúvida de que era uma mulher. Seus seios atingiam seu peito, seus quadris se amoldavam ao dele, seu estômago era macio.

*—Siga falando. — Disse ele contra seu ouvido. —Meu Deus, ela cheirava muito bem. Limpo. Fresco. Como o limão.*

Quando ela se empurrou contra ele, ele se inclinou totalmente contra ela. Sua respiração se acelerou.

— Por favor. — Murmurou ele.

Seu peito se moveu contra o dele quando inspirou.

— Eu... eh, não tenho nada para dizer. Exceto te afaste de mim.

Ele sorriu cuidadoso em manter a boca fechada. Não havia sentido em mostrar suas presas, especialmente se ela não soubesse o que ele era.

— Então diga nada.

— O que?

— Nada. Diga nada. Outra e outra e outra vez. Faça-o.

Ela se encolerizou, o cheiro do medo foi substituído por um cheiro forte, um cheiro de hortelã fresca do jardim. Ela estava incômoda agora.

— Diga. — Ele lhe ordenou, precisando sentir mais do que ela fazia a ele.

— Bem. Nada. Nada. — Abruptamente ela riu, e o som foi diretamente para sua coluna vertebral, queimando-o.

— Nada, nada. Naaada. Naaada. Naaaaaaaada. É o suficientemente para você? Deixará-me partir agora?

— Não.

Ela lutou contra ele outra vez, criando uma fricção deliciosa entre seus corpos. E ele soube o momento em que sua ansiedade e sua irritação se converteram em algo quente. Ele cheirou sua excitação, um precioso doce no ar, e seu corpo respondeu a sua chamada.

Ele ficou duro como um diamante.

— Fale para mim, Mary. — Ele moveu seus quadris em um lento círculo contra ela, esfregando sua ereção sobre seu abdômen, aumentando sua dor e sua temperatura.

Depois de um momento a tensão dela diminuiu, amolecendo-a contra o impulso de seus músculos e sua excitação. Suas mãos esmagadas em sua cintura. E depois lentamente as deslizando para aproximá-las de suas costas, como se estivesse insegura da forma em que ele ia responder a ela.

Ele se arqueou contra ela, para exteriorizar sua aprovação e a incentivar a tocá-lo. Quando suas palmas subiram por sua coluna vertebral, ele se expressou com um grunhido baixo em sua garganta e deixou cair sua cabeça de tal maneira para que seu ouvido ficasse mais perto de sua boca. Ele queria lhe dar outra palavra para que a dissesse algo apetitoso ou um sussurro ou um morango.

Infernos, ela o estava desestabilizando.

O efeito que ela teve sobre ele era como uma droga, uma combinação tentadora de necessidade sexual e desafogo profundo. Como se estivesse tendo um orgasmo e caísse em um sono tranqüilo ao mesmo tempo. Não era nada do que ele houvesse sentido antes.

Um calafrio passou como um relâmpago por ele, absorvendo o calor de seu corpo.

Jogou sua cabeça para trás quando recordou o que Vishous havia lhe dito.

— Você é virgem? — exigiu Rhage.

Voltou a rigidez de seu corpo, como se fosse de cimento. Ela tentou afastá-lo com um duro empurrão, não movendo nenhuma polegada.

— Desculpe que tipo de pergunta é essa?

A ansiedade fez que apertasse a mão em seu ombro.

— Alguma vez foste tomada por um macho? Responde à pergunta.

Sua preciosa voz se elevou assustada.

— Sim. Sim, tive... um amante.

A desilusão afrouxou seu apertão. Mas o alívio o colocou sobre seus calcanhares.

Considerando tudo, não estava seguro de precisar se responsabilizar por seu destino nestes dez minutos.

Além disso, mesmo que ela não fosse seu destino, esta fêmea humana era extraordinária... algo especial.

Tinha que fazer alguma coisa.

Mary inspirou profundamente quando a pressão em sua garganta diminuiu de intensidade.

Tem que ter cuidado com o que se pede, pensou ela, recordando como tinha querido que um homem se sentisse cativado por ela.

Meu Deus, isto não era a experiência que ela queria. Estava completamente constrangida. Pelo corpo masculino pressionando o dela. Pela promessa de ter sexo com ele. Pelo poder letal que ele poderia exercer se pensasse em apertar seu pescoço outra vez.

— Me diga onde vive. — Disse o homem.

Quando ela não respondeu, ondulou seus quadris, a ereção maciça

movendo-se, dando voltas, pressionando em seu abdômen.

Mary fechou os olhos. E tentando não se perguntar sobre o que sentiria se ele estivesse dentro dela enquanto estivesse fazendo isso.

Sua cabeça baixou e seus lábios acariciaram o lado de seu pescoço. Acariciando-a com o nariz.

— Onde vive?

Ela sentiu um golpe suave, úmido. Deus, sua língua. Subindo por sua garganta.

— Alguma hora você vai me dizer. — Murmurou ele. — Mas tome seu tempo. Agora mesmo não tenho muita pressa.

Seus quadris a deixaram brevemente, retornando com sua coxa empurrando entre suas pernas e lhe acariciando o centro. A mão na base de seu pescoço desceu totalmente para seu esterno, detendo-se finalmente entre seus seios.

— Seu coração palpita rapidamente, Mary.

— Is.... isso é por que eu estou com medo.

— O medo não é a única coisa que você sente. Por que você não comprova o que suas mãos estão fazendo?

Estavam levantadas sobre seus bíceps. E os agarravam, aproximando-o mais. Suas unhas cravando-se em sua pele.

Quando ela o soltou, ele franziu o cenho.

— Eu gosto do que percebo. Não se detenha.

A porta se abriu atrás deles.

— Mary? Você está ok.. Oh... Meu Deus. — As palavras de Bela se desvaneceram.

Mary se preparou psicologicamente quando o homem virou seu torso e olhou para Bela. Seus olhos a olharam de esguelha, espionando-a de cima a baixo e em seguida se voltaram para Mary.

— Sua amiga está preocupada com você. — Disse ele suavemente. — Pode lhe dizer que não é preciso.

Mary tentou se soltar e não se surpreendeu quando ele dominou facilmente seus abruptos movimentos.

— Tenho uma idéia. — Resmungou ela. — Por que você não me deixa partir, e assim não terei que reconfortá-la?

Uma seca voz masculina atravessou o vestibulo.

— Rhage, a mulher não veio aqui para seu prazer, e este não é o One Eye, meu irmão. Nada de sexo no vestibulo.

Mary tentou virar a cabeça, mas a mão entre seu seios se deslizou para sua garganta e tomou seu queixo, segurando-a. Seus olhos azuis a perfurando.

— Vamos ignorar a ambos. Se você fizer o mesmo, então podemos fazê-los desaparecer.

— Rhage, deixa-a ir. — Uma corrente afiada de palavras seguiu falado em uma linguagem que ela não entendeu.

Enquanto a acalorada discussão continuou, o brilhante olhar do loiro se manteve nela, seu controlado polegar para frente e para trás ao longo de seu queixo. Ele foi preguiçoso, carinhoso, mas quando respondia ao outro homem, sua voz era dura e agressiva, como seu poderoso corpo. Outra série de palavras voltaram de novo, desta vez menos combativas. Como se o outro cara tentasse raciocinar com ele.

Bruscamente o loiro a deixou partir e se distanciou. A ausência de seu corpo quente foi como um curioso choque.

— Ver-te-ei mais tarde, Mary.

Ele acariciou sua bochecha com seu dedo indicador e em seguida se separou dela.

Sentindo seus joelhos fracos, apoiou-se contra a parede quando ele a soltou, colocando um braço a seu lado para se estabilizar.

Meu Deus, quando ele a tinha tido a sua mercê, ela se havia se esquecido de que estava doente.

— Onde está o rapaz? — Requereu a outra voz masculina.

Mary olhou para sua esquerda. O cara era grande e se vestia com couro preto, com um corte de cabelo militar e sagazes olhos azul escuro.

Um soldado pensou ela, de certa forma como o outro.

— O rapaz? — Exigiu-lhe ele.

— John está lá dentro. — Respondeu Bela.

— Então vamos.

O homem abriu a porta e se apoiou contra ela de maneira que ela e Bela tiveram que se apertar contra ele. Ele prestou pouca atenção a elas quando passaram, em vez disso ficou olhando para John. John o olhou diretamente, os olhos se estreitaram como se tentasse se encontrar no soldado.

Quando todos se sentaram à mesa, o homem inclinou a cabeça para Bela.

— Foi você quem ligou.

— Sim. E esta é Mary Luce. E John. John Matthew.

— Sou Tohrment. — Ele concentrou sua atenção em John. — Como está, filho?

John fez sinais, e Mary teve que clarear a voz antes de traduzir.

— Ele diz: bem senhor. Como está você?

— Bem. — O homem sorriu um pouco e depois voltou a olhar para Bela.

— Quero que espere no vestibulo. Falarei contigo quando acabar de falar com ele.

Bela vacilou.

— Não é um pedido. — Disse ele com uma voz nivelada.

Depois que Bela tivesse saído, o cara voltou sua cadeira para John, reclinou-se nela, e esticou suas longas pernas.

— Então me diga filho, onde você cresceu?

John moveu suas mãos, e Mary disse.

— Aqui na cidade. Primeiro em um orfanato, depois com alguns pais adotivos.

— Sabe alguma coisa sobre sua mãe ou seu pai?

John negou com a cabeça.

— Bela me disse que tinha uma pulseira com alguns símbolos, você poderia me mostrá-la.

John subiu sua manga e estendeu seu braço. A mão do homem pegou o pulso do rapaz.

— Isto é estupendo, filho. Foi você quem fez?

John assentiu.

— E de onde tirou a idéia para o desenho?

John se soltou da mão do soldado e começou a fazer sinais. Quando ele se deteve, Mary disse:

— Ele sonha com modelo.

— Sim? Importa-te se te pergunto como são seus sonhos? — O homem retornou a sua postura casual na cadeira, mas seus olhos se estreitaram.

Adeus treinamento de artes marciais pensou Mary. Isto não se tratava de algumas aulas de karate. Era um interrogatório.

John hesitou, ela queria pegar o rapaz e partir, mas tinha o pressentimento de que o rapaz se oporia. Ele se concentrou completamente no homem, intenso e concentrado.

— Está bem, filho. O que for, está bem.

John levantou suas mãos, e Mary falou quando fez os sinais.

— Que... que ele está em um lugar escuro. Ajoelhando diante de um altar. Atrás dele, ele vê escritos sobre a parede, centenas de linhas de escritura em pedra escura. — John, um momento, reduz a velocidade. Não posso traduzir quando vai tão rápido. — Mary se concentrou nas mãos do rapaz. — Ele diz que

no sonho continua e tira uma tira da escritura que em geral lhe agrada.

O homem franziu o cenho.

Quando John olhou para baixo, como se estivesse envergonhado, o soldado lhe disse.

— Não se preocupe filho, está tudo bem. Há algo mais no que possa pensar que te pareça incomum? Coisas que talvez lhe façam diferente de outra pessoa?

Mary trocou de posição em sua cadeira, realmente incômoda com a forma que as coisas estavam indo. John ia claramente responder a qualquer pergunta que lhe fizesse, mas pelo bem de Deus, não sabiam quem era este homem. E Bela, embora tivesse feito a apresentação, havia estado obviamente incômoda.

Mary levantou suas mãos, a ponto de indicar através de gestos uma advertência a John, quando o rapaz desabotoou sua camisa. Ele abriu um lado, mostrando uma cicatriz circular por cima de seu músculo peitoral esquerdo.

O homem se inclinou para frente, estudando a marca, e então se moveu para trás. — Onde você fez isso?

As mãos do rapaz voaram diante dele.

— Ele diz que nasceu com isso.

— Há alguma outra coisa? — Perguntou o homem.

John olhou para Mary. Ele fez uma profunda respiração e fez os sinais:

— Sonho com sangue. Com presas. Com morder.

Mary sentiu que seus olhos se arregalavam antes de poder se deter.

John a olhou ansioso.

Não se preocupe Mary. Não sou um psicopata ou algo parecido. Estava aterrorizado quando tive os primeiros sonhos e não posso controlar o que meu cérebro faz você sabe.

— Claro, eu sei. — Disse ela, estendendo e apertando sua mão.

— O que ele disse? — Perguntou o homem.

— Essa última parte foi para mim.

Ela respirou a fundo. E voltou a traduzir:

## CAPÍTULO NOVE

---

Bela se apoiou contra a parede do corredor e começou a trançar seu cabelo, algo que fazia quando estava nervosa. Tinha ouvido que os membros da Irmandade eram quase como uma espécie distinta, mas ela nunca tinha pensado que fosse verdade. Até agora. Esses dois homens não eram simplesmente colossais em uma escala física; irradiavam dominação e agressão. Caramba faziam que seu irmão parecesse um amador no departamento dos caras duros, e Rehvenge era a coisa mais resistente que ela havia encontrado.

Querido Deus, o que havia feito ao trazer Mary e John até aqui? Estava menos preocupada com o rapaz, mas e Mary? A maneira como o guerreiro loiro havia agido a redor dela seriam problemas à vista. Poderia se ferver um oceano com o tipo de luxúria que ele emanava, e os membros da Irmandade da Adaga Negra não estavam acostumados a que lhes negasse nada. Pelo que havia escutado, quando queriam uma mulher, tinham-na.

Felizmente, não se sabia que violassem, embora pelo que havia visto agora mesmo, não teriam por que fazê-lo. Os corpos desses guerreiros estavam feitos para o sexo. A união com um deles, sendo possuída por toda essa força, seria uma experiência extraordinária. Embora Mary, como uma humana, poderia não se sentir assim.

Bela olhou de cima a baixo o corredor, agitada, tensa. Não havia ninguém, e se tivesse que ficar quieta ia ter a cabeça cheia de tranças. Ela sacudiu seu cabelo, escolheu uma direção aleatória, e caminhou sem rumo. Quando percebeu o som de um tamborilar rítmico ao longe, ela seguiu o ruído surdo até uma porta de metal. Abriu um lado e a atravessou andando.

O ginásio era do tamanho de um estádio de basquete profissional, o chão de madeira envernizado muito brilhante. Tapetes azuis brilhante estavam colocados aqui e lá e os fluorescentes protegidos pendurados em um teto alto. Uma sacada com assentos de estádio se projetava à esquerda, e sob uma depressão saliente, uma série de sacos de areia estavam pendurados acima.

Um magnífico homem atingia com força um deles, de costas para ela. Dançava sobre as pontas de seus pés, ligeiro como a brisa, lançando soco atrás de soco, inclinando-se rapidamente, chocando, conduzindo o saco pesado para frente com sua força de maneira que a coisa pendurada ficava em ângulo.

Não podia ver o seu rosto, mas tinha que ser atraente. Seu cabelo cortado

rente era de cor de café, e estava usando um suéter de gola virada preto muito justo e calça preta de náilon ampla de ginástica. Um coldre cruzava suas largas costas.

A porta fez um clique quando se fechou atrás dela.

Com um golpe de seu braço, o homem tirou de repente uma adaga e a enterrou no saco. Ele abriu com um puxão a coisa, a areia e o enchimento caíram rapidamente sobre o chão. E em seguida ele se virou.

Bela colocou uma mão sobre sua boca. Sua face estava cheia de cicatrizes, como se alguém tivesse tentado cortá-la pela metade com uma faca. A grossa linha se iniciava em sua testa, descia pela ponta do nariz, e se curvava sobre sua bochecha. Acabava ao lado de sua boca, deformando seu lábio superior.

Os olhos estreitos, negros e frios como a noite, acolheram-na e depois se arregalaram levemente. Ele pareceu desconcertado, seu grande corpo imóvel exceto pelas inspirações profundas que fazia.

O homem a queria pensou ela e estava inseguro sobre que fazer com isso.

Então a incerteza e a estranha confusão foram enterradas. O que tomou seu lugar foi uma cólera gelada que a assustou como o próprio inferno. Mantendo seus olhos sobre ele, ela voltou para trás até a porta e apertou a barra de abertura. Quando não chegou a nenhuma parte, teve o pressentimento que estava presa.

O homem olhou sua luta durante um momento e em seguida foi atrás dela. Enquanto atravessava os tapetes, lançava sua adaga ao ar e a pegava pelo cabo. Lançando-a para cima, voltando a pegá-la. Para cima e para baixo.

— Não sei o que você está fazendo aqui. — Disse ele em voz baixa. — Além de ferrar meu treinamento.

Quando seus olhos passaram sobre seu rosto e seu corpo, sua hostilidade era evidente, mas ele também eliminava um calor cru, uma espécie de ameaça sexual pela qual ela realmente não deveria ter se sentido cativada.

— Sinto muito. Não sabia...

— Não sabia o que, mulher?

Meu Deus, ele estava tão perto agora. E ele era maior que ela.

Ela se apertou contra a porta.

— Sinto muito...

O homem apoiou suas mãos no metal a cada lado de sua cabeça. Ela viu a faca que ele ainda segurava, mas logo esqueceu tudo sobre a arma quando ele se apoiou nela. Ele se deteve justo antes que seus corpos se tocassem.

Bela fez uma profunda inspiração, cheirando-o. Seu perfume era mais como um fogo em seu nariz que qualquer outra coisa que ela pudesse identificar. E ela lhe respondeu o calor, o desejo.

— Você sente muito. — Disse ele, colocando sua cabeça a seu lado e concentrando-se em seu pescoço. Quando ele sorriu, suas presas eram largas e muito brancas. — Sim, com certeza que sim.

— De verdade sinto muito.

— Demonstre-me isso

— Como? — Ela sussurrou.

— Te coloque sobre suas mãos e seus joelhos. Tomarei sua desculpa assim.

Uma porta no outro lado do ginásio se abriu de repente.

— Oh Cristo!.... Deixa-a ir! — Outro homem, com uma longa cabeleira, correu através do vasto chão.

— Tire as mãos, Zsadist. Agora mesmo.

O homem das cicatrizes se apoiou nela, colocando sua deformada boca perto de seu ouvido. Algo pressionou sobre seu esterno, sobre seu coração. A ponta de um dedo.

— Salvaram-lhe, mulher.

Ele deu um passo ao redor dela e foi em direção a porta, justo quando o outro homem chegou até ela.

— Você está bem?

Bela olhou para o dizimado saco perfurado. Parecia que não podia

respirar, embora não soubesse se era de medo ou era algo inteiramente sexual, não tinha certeza. Provavelmente uma combinação de ambos.

— Sim, acredito que sim. Quem era?

O macho abriu a porta e a levou de volta a sala de interrogação sem responder a sua pergunta.

— Te faça um favor e espera aqui, ok?

Um bom conselho pensou ela, quando ficou só.

## CAPÍTULO DEZ

---

Quando olhou para o relógio em sua mesinha de cabeceira, ficou nervoso quando pôde enfocar seus olhos e pôde ler algo. Então se sentiu chateado quando viu a hora que era. Onde diabos Tohr estava? Ele havia se comprometido a chamá-lo logo que tivesse terminado com a fêmea humana, mas isso tinha sido há mais de seis horas.

Rhage tratou de agarrar o telefone e discar o número do celular de Tohr. Quando lhe respondeu a voz da caixa de correio, amaldiçoou e desligou o telefone.

Quando saiu da cama, espreguiçou-se cuidadosamente. Estava dolorido e mal do estômago, mas era capaz de se mover muito melhor. Uma ducha rápida e um conjunto limpo de couros fizeram que se sentisse como se fosse ele mesmo, e se dirigiu para o escritório de Wrath. O amanhecer chegaria logo, e se Tohr não atendia ao seu telefone, então devia estar fazendo alguma transmissão para o rei antes de voltar para casa.

As portas duplas da residência estavam abertas, pelas quais viu Tohrment que caminhava pelo tapete Aubusson, passeando enquanto falava com Wrath.

— Estava te procurando. — Rhage falou arrastado as palavras.

Tohr o olhou por alto.

— Eu ia à sua residência depois.

— Com certeza que ia. O que está fazendo, Wrath?

O Rei Cego sorriu.

— Estou contente de ver que voltaste para sua forma de combate, Hollywood.

— Oh, estou preparado, tudo certo. — Rhage cravou os olhos em Tohr.

— Tem algo para me dizer?

— Na verdade não.

— Está me dizendo que não sabe onde a humana vive?

— Não sei por que precisa vê-la, o que acontece?

Wrath se apoiou para trás em sua cadeira, colocando seus pés sobre a mesa. Suas enormes botas militares faziam que o delicado objeto parecesse uma banqueta.

Ele sorriu.

— Algum de vocês quer mencionar algo?

— Discutimos sobre algo particular. — Murmurou Rhage. — Nada em especial.

— Um inferno que é. — Tohr virou-se para Wrath. — Nosso moço aqui presente parece querer chegar a conhecer melhor à tradutora do rapaz.

Wrath sacudiu sua cabeça.

— Oh, não, não o faça, Hollywood. Deite-se com outra mulher. Deus sabe que, há suficientes delas para você lá fora. — Ele inclinou a cabeça para Tohr. — Como dizia, não tenho nenhuma objeção a que o rapaz se una à primeira classe de aprendizes, a condição de que verifique seus antecedentes. E a humana deve ser investigada, também. Se o rapaz desaparecer de repente, então não quero ser a causa do problema.

— Me encarregarei dela. — Disse Rhage. Quando ambos o olharam, ele se encolheu de ombros. — Ou me deixam ou seguirei a quem o fizer. De um jeito ou de outro, encontrarei a essa mulher.

A testa de Tohr ficou igual a um campo arado, cheia de sulcos.

— Voltará atrás, meu irmão? Se acaso o rapaz ficar aqui, há uma conexão muito próxima com essa humana. Deixe disso.

— Sinto muito. Eu a quero.

— Cristo. Pode ser uma verdadeira dor no traseiro, sabe? Não controla seus impulsos, mas mantém um só propósito. Grande combinação.

— Olhe, em qualquer caso vou tê-la. Agora, quer que a investigue enquanto o faço ou não?

Quando Tohr esfregou seus olhos, e Wrath praguejou, Rhage soube que havia ganhado.

— Bom. — Tohr resmungou. — Descubra seus antecedentes e sua conexão com o rapaz e depois faz o que quiser com ela. Mas quando acabar apaga sua memória e não a veja outra vez. Está me ouvindo? Limpe a memória dela quando acabar e não a veja outra vez.

— Certo.

Tohr abriu seu telefone celular e apertou algumas teclas.

— Vou enviar uma mensagem de texto com o número da humana para você.

— E o de sua amiga.

— Vai usá-la também?

— Só me dê isso, Tohr.

Bela estava na cama durante o dia quando soou o telefone. Ela o pegou, esperando que não fosse seu irmão. Ela odiava quando ele comprovava que estava em casa ao anoitecer. Ela gostaria de ser um homem que o detestasse ou algo do tipo.

— Olá? — Disse ela.

— Ligará para Mary e lhe diga que se encontre comigo para jantar.

Bela se ergueu de repente. O guerreiro loiro.

— Você ouviu o que te disse?

— Sim... mas o que quer dela? — Como se já não soubesse.

— Ligue para ela agora. Diga-lhe que sou teu amigo e que passará uma boa noite. Será melhor dessa maneira.

— Melhor que o que?

— Irromperei em sua casa e a recolherei. É o que farei se tiver que fazê-lo.

Bela fechou seus olhos e viu Mary contra a parede, o macho dominando-a enquanto a mantinha no lugar. Ele em primeiro lugar ia atrás dela e só havia uma razão: liberar todo o sexo em seu corpo. Liberá-lo em seu interior.

— Oh, meu Deus... por favor, não a machuque. Ela não é uma de nós. E ela está doente.

— Eu sei. Não vou feri-la.

Bela colocou sua cabeça sobre sua mão, perguntando-se como um macho tão duro saberia o que fazia mal e que não o fazia.

— Guerreiro... ela não sabe sobre nossa raça. Ela é.... suplico-te, que não o faça...

— Não se lembrará de mim depois de fazê-lo.

Como supunha que isto a faria se sentir menos horrível? Fosse como fosse, sentia que servia Mary em uma bandeja.

— Não pode me deter, mulher. Mas pode fazer mais fácil para sua amiga. Pensa nisso. Ela se sentirá mais segura se nos encontrarmos em um lugar público. Não saberá o que sou. Será tão normal como pode ser para ela.

Bela odiava que a empurrassem, odiava sentir que traía a amizade de Mary.

— Sinto tê-la levado. — Resmungou ela.

— Não o faça. — Houve uma pausa. — Ela tem feito um... caminho incomum.

— O que acontece se ela se negar?

— Não o fará.

— Mas se o fizer?

— Ela escolherá. Não será forçada. Eu lhe juro.

Bela colocou sua mão sobre sua garganta, enredando um dedo na corrente com diamantes da Tiffany que sempre usava.

— Onde? — Disse ela abatida. — Onde ela deve se encontrar com você?

— Onde os humanos se encontram normalmente?

Como diabos ela saberia? Então se recordou de Mary lhe dizendo algo a respeito de sua colega se reunindo com um homem... Qual era o nome do lugar?

— TGI Friday's, — Disse ela. — Há um no Lucas Square.

— Bem. Diga-lhe que vá oito horas em ponto.

— Que nome lhe dou?

— Diga-lhe que.... Hal. Hal E. Wood.

— Guerreiro?

— Sim?

— Por favor.

Sua voz realmente atenuada.

— Não se preocupe Bela. A tratarei muito bem.

O telefone ficou mudo.

\*\*\*

Na cabana do Senhor X. Na profundidade do bosque, Senhor O lentamente se sentou na cama, aliviando-se ao ficar na vertical, acariciou suas úmidas bochechas.

Ômega o havia deixado somente há uma hora, e o corpo do Senhor O vazava ainda por vários lugares, feridas e outras maneiras. Não se sentia muito seguro enquanto se movia, mas tinha que sair daquele infernal dormitório.

Quando tentou ficar de pé sua visão deu voltas grosseiramente, então se sentou. Através da pequena janela do quarto, viu quebrar a alvorada, o estilhaçado brilho quente por entre os ramos de pinheiros. Não tinha esperado que o castigo durasse um dia inteiro. E tinha certeza de que não faria muitas perguntas.

Ômega o havia tomado por lugares que ele mesmo não sabia que os tinha. Lugares de medo e autoaborrecimento. De absoluta humilhação e degradação. E agora, como seqüela, sentia-se como se não tivesse pele, como se ele estivesse totalmente aberto e exposto, uma crua laceração que somente respirava.

A porta se abriu. Os ombros do Senhor X encheram a soleira.

— Como estamos passando?

O Senhor O cobriu a si mesmo com uma manta e em seguida abriu sua boca. Nada saiu dela. Tossiu algumas vezes.

— Eu..... o fiz

— Esperava que o fizesse.

Para o Senhor O, era difícil ver o homem vestido de forma normal, segurando uma a prancheta, vendo-se como se estivesse pronto para um dia de trabalho produtivo. Comparado como o Senhor O tinha passado nas últimas vinte e quatro horas, a normalidade parecia falsa e vagamente ameaçadora.

O Senhor X sorriu um pouco.

— Então, você e eu vamos fazer um acordo. Chegue até o limite e fique ali, e isto não ocorrerá de novo.

O Senhor O estava muito exausto para discutir. A briga com ele chegaria depois, soube que o faria, mas agora mesmo tudo o que queria era sabão e água quente. E algum tempo para ficar sozinho.

— O que me diz? — Perguntou o Senhor X.

— Sim, sansei. – O Senhor O não se importava com o que tivesse que fazer com o que tivesse que dizer. Só queria escapar da cama... do quarto... da cabana.

— Há algumas roupas no armário. Você está bem para dirigir?

— Sim. Sim... estou bem.

O Senhor O imaginou a ducha de sua casa, o azulejo creme e os rejuntas brancos. Limpo. Muito limpo. E ele estaria, também, quando saísse de lá.

— Quero que me faça um favor, Senhor O. Quando voltar para seu trabalho, se recorde de tudo o que passou. Mantenha-o, conserve-o fresco em sua mente, e tire suas lições. Posso estar irritado por sua iniciativa, mas lhe desprezaria se ficasse suave comigo. Entendemo-nos?

— Sim, sansei.

O Senhor X se virou, mas depois olhou por cima de seu ombro.

— Acredito saber por que Omega lhe deixou sobreviver. Quando saiu, ele estava absolutamente cheio de elogios. Sei que gostaria de vê-lo outra vez. Direi-lhe que você se alegrará com suas visitas?

O Senhor O fez um som estrangulado. Não poderia evitar.

O Senhor X riu suavemente.

— Provavelmente não.

## CAPÍTULO ONZE

---

Mary estacionou no TGI Friday. Olhando ao redor para os carros e caminhonetes, perguntou-se como diabos tinha concordado em se encontrar com um homem para jantar. Pelo que ela podia se recordar, Bela havia ligado para ele e havia lhe falado disso naquela manhã, mas, que droga, se podia se recordar de algum detalhe.

Não entanto, ela não conseguia se lembrar de muita coisa. Amanhã pela manhã iria ao médico para o exame, e com isso pairando sobre ela, sentia-se aturdida. Como ontem à noite, por exemplo. Poderia ter jurado que tinha ido a algum lugar com John e Bela, mas com exceção da tarde o restante era um total buraco negro. No trabalho aconteceu o mesmo. Hoje, no escritório de advocacia parecia inexperiente, cometendo erros simples e tendo o olhar perdido.

Quando saiu do Civic, reforçou-se mentalmente o melhor que pôde. Tinha uma dívida com o pobre homem, visto que precisava esforçar-se para estar alerta, mas, além disso, não sentia nenhuma pressão. O havia esclarecido com Bela, eram só amigos. O havia comprovado. Prazer em conhecê-lo; nos vemos mais tarde.

Qual teria sido sua atitude se não tivesse sido distraída com a loteria médica — roleta russa que pairada sobre sua cabeça. Além do fato de que poderia estar doente outra vez, estava muito longe de ter prática com encontros e não procurava voltar a tê-la. Quem necessitava de drama? Muitos caras solteiros perto dos trinta anos andavam procurando diversão ou já estavam casados, e ela era a antiversão, do tipo sem-graça. Seria por natureza, ou por alguma experiência dura.

E ela não estava uma festa, tampouco. Seus poucos cabelos penteada para trás, estava esticada e presa com um elástico. O suéter de tecido irlandês de cor creme que usava era folgado e quente. Suas calças cor cáqui eram muito cômodas, seus sapatos baixos, marrons e ralados nos dedos dos pés. Provavelmente parecia a mãe que nunca seria.

Quando entrou andando no restaurante, dirigiu-se à encarregada e foi dirigida para um reservado no canto dos fundos. Quando deixou sua bolsa, sentiu o cheiro de pimentas verdes e cebolas e olhou para cima. Uma garçonete com uma bandeja de aço se movia rapidamente.

O restaurante estava cheio, uma grande cacofonia levantando-se por todo

o lugar. Enquanto os garçons dançavam por todos os lados com bandejas de comida fumegante ou com pratos usados, as famílias e os casais e os grupos de amigos riam, falavam, discutiam. O amalucado caos a impressionou mais que normalmente, e sentada ali sozinha se sentiu completamente à parte, um estigma entre as pessoas.

Todos eles tinham futuros felizes. Ela tinha... mais uma consulta com sua médica.

Com uma maldição, devolveu suas emoções a seu lugar, diminuindo o catastrófico pânico, esquecendo a determinação de não pensar obsessivamente na Dra. Delia Croce esta noite.

Mary pensou nos jardins e sorriu um pouco, então uma garçonete chegou até a mesa. A mulher colocou um copo de água de plástico, derrubando um pouco.

— Você está esperando alguém?

— Sim, estou.

— Quer beber algo?

— Isto está bem. Obrigado.

Quando a garçonete se foi, Mary sorveu a água, com sabor de metal, e afastou o copo. Pelo canto do olho percebeu uma rajada de movimento na porta principal.

Deus... Uau.

Um homem havia entrado no restaurante. Um muito, um muito... um muito excelente homem.

Era loiro. Uma formosa estrela de cinema. E monumental em um casaco preto de couro. Seus ombros eram tão largos como a soleira da porta pela qual ele havia passado suas pernas tão longas que era mais alto que qualquer um no local. E enquanto caminhava a grandes passadas através das pessoas da entrada, os outros homens olhavam para baixo ou para fora ou para seus relógios de pulso, como se soubessem que não podiam competir até que ele tivesse passado.

Mary franziu o cenho, sentindo como se já o tivesse visto antes em algum lugar.

Sim, era um artista de cinema, disse-se a si mesmo. Talvez tivesse começado algum filme aqui na cidade.

O homem se aproximou da encarregada e passeou seu olhar pela mulher como se a submetesse a julgamento por seu tamanho. A ruiva piscava com incredulidade ficando estupefata, mas então claramente seus receptores de estrogênio fugiram do controle. Ela afastou o cabelo, como se quisesse se assegurar de que entendia as coisas, e depois inclinou para fora seu quadril como se tivesse se desencaixado.

Não se preocupe, Mary pensou. Ele te vê querida.

Quando os dois se moveram através do restaurante, o homem examinou cada mesa, e Mary se perguntou com quem comeria.

Ah. Dois reservados mais à frente havia uma loira sozinha. Seu suave suéter azul era muito justo, o casaco de angorá mostrava seus deslumbrantes atributos. E a mulher irradiava antecipação quando o viu caminhar direto pelo restaurante.

Bingo. Ken e Barbie.

Bom, não realmente Ken. Enquanto o cara caminhava, havia algo nele que não era WASP (anglo-saxão, branco e protestante) de aparência agradável apesar de seu assombroso aspecto geral. Algo... animal. Ele não se comportava como faziam as outras pessoas.

De fato, movia-se como um predador, ombros grossos se giravam com seu modo de andar, trocando de direção, esquadrinhando. Ela tinha a incômoda sensação de que se ele quisesse, poderia arrasar com todo mundo no lugar somente com suas mãos.

Requerendo toda sua força de vontade, Mary forçou a si mesma a ficar olhando fixamente seu copo de água. Ela não queria ser como todos os outros tolos olhando-o estupidamente.

Oh, caramba, ela teve que olhar para cima outra vez.

Ele tinha passado da loira e estava de pé diante de uma morena do outro lados do corredor. A mulher lhe sorria amplamente. O que também lhe pareceu razoável.

— Oi. — Disse ele.

Pois bem, as coisas acontecem. A voz era espetacular, também. Uma profunda voz arrastada, ressonante.

— Olá, a você também.

O tom do homem se aguçou.

— Você não é Mary.

Mary se retesou. Oh, não.

— Serei quem você quer que eu seja.

— Estou procurando Mary Luce.

Oh... Merda.

Mary limpou sua garganta, desejando não estar ali se não em qualquer outro lugar.

— Eu sou... ah, eu sou Mary.

O homem se virou. Quando os olhos de um azul esverdeado se fixaram nela, seu grande corpo ficou rígido.

Mary olhou para baixo rapidamente, recolhendo a gota que transbordava de seu copo de água.

Não sou o que estava esperando, não é mesmo? — Pensou ela.

Enquanto o silêncio se prolongava, claramente ele procurava uma desculpa o suficientemente boa para sair correndo.

Meu Deus, como Bela tinha podido humilhá-la dessa maneira?

Rhage deixou de respirar e só observou a humana. Oh, era linda. Nada do que havia esperado, mas encantada, entretanto.

Sua pele era pálida e suave, como o fino papel de marfim. Os ossos de seu rosto eram igualmente delicados, seu queixo um arco cheio de graça percorria desde suas orelhas até seu queixo, suas bochechas altas tinham um rubor natural. Seu pescoço era longo e delgado, como suas mãos e provavelmente suas pernas. Seu cabelo castanho escuro estava recolhido para trás em um rabo-de-cavalo.

Ela não usava maquiagem, ele não podia detectar nenhum perfume, e a única jóia que usava era um par de brincos de pérolas diminutos. Seu suéter esbranquiçado era grande e solto, e estava disposto a apostar que suas calças também eram folgadas.

Não havia absolutamente nada que o avisasse sobre seu desejo de ser cortejada. Ela não era como as mulheres com as quais ele saía. E ela prendia sua atenção como uma banda de marcha.

— Olá, Mary. — Disse ele suavemente.

Ele esperava que ela olhasse para cima, porque ele não tinha podido ver seus olhos. E não podia esperar para ouvir sua voz outra vez. As duas palavras que lhe havia dito tinham sido tranquilas e não eram suficientes.

Esticou sua mão, sentindo um comichão por tocá-la.

— Sou Hal.

Ela deixou a mão dele balançar entre eles quando tentou alcançar sua bolsa e começou a procurar a saída do reservado.

Ele se plantou em seu caminho.

— Aonde você vai?

— Olhe tudo bem. Não direi a Bela. Vamos só fingir que jantamos.

Rhage fechou seus olhos e excluindo o ruído de fundo de modo que pôde absorver o som de sua voz. Seu corpo revoltado e calmo retesou-se um pouco.

E em seguida ele se deu conta do que ela havia dito.

— Por que vamos mentir? Vamos jantar juntos.

Seus lábios se apertaram, mas ao menos agora ela deixou de fugir.

Quando ele teve certeza de que ela não ia escapar, ele se sentou e tratou de colocar suas pernas sob a mesa. Quando ela o olhou, colocou os joelhos a seu redor.

Querido Deus. Seus olhos não combinavam com o jeito terno de sua voz. Pertenciam a um guerreiro.

De um cinza metalizado, rodeados por pestanas da cor de seu cabelo, eram graves, sérios, recordavam os homens que haviam lutado e tinham sobrevivido à batalha. Eram assombrosamente formosos em sua força.

Sua voz tremia.

— Sou 50 (gíria policial) e agora vou jantar com você.

Os olhos flamejaram e depois se estreitaram.

— Sempre trabalhaste para a caridade?

—Desculpe?

Uma garçonete chegou e lentamente baixou um copo de água diante dele. Ele podia cheirar a resposta luxuriosa da mulher em seu rosto e seu corpo e isso o incomodava.

— Olá, eu sou Amber. — Disse ela. — O que posso lhe trazer para beber?

— A água está bem. Mary quer alguma outra coisa?

— Não, obrigado.

A garçonete deu um passo aproximando-se mais a ele.

—Posso lhes dizer nossas especialidades?

— Certo.

Como a lista seguiu sem parar, Rhage não afastou o olhar de Mary. Ela ocultava os olhos, que inferno.

A garçonete pigarreou. Algumas vezes.

— Tem certeza de que não quer uma cerveja? Ou talvez algo um pouco mais forte? Que tal um gole....?

— Estamos bem, e pode voltar mais tarde para fazermos o pedido. Obrigado.

Amber entendeu a indireta.

Quando ficaram sós, Mary disse.

— Realmente, me permita só acabar...

— Dei-te algum indício de que não quero jantar com você?

Ela colocou uma mão sobre o cardápio que havia diante dela, traçando a imagem de um prato de costelas. Abruptamente ela se afastou o objeto com força.

—Você continua me olhando fixamente.

— Os homens o fazem.... Quando encontram uma mulher que querem, acrescentou para si mesmo.

—Claro, pois bem, comigo não fazem isso. Posso imaginar seriamente quão desconcertado você está, mas não necessito que concentre sua atenção nos detalhes. Sabe o que significa? E realmente não tenho interesse em resistir uma hora pelo bem do time.

Deus, essa voz. Ela estava fazendo isso com ele novamente, sua pele queimava com calafrios e em seguida se acalmava, afrouxando-se. Respirou profundamente, tentando pegar uma parte de seu perfume natural, cítrico.

Quando o silêncio se introduziu entre eles, ele empurrou o cardápio de volta para ela.

— Decide o que você vai pedir, a menos que queira somente se sentar aí enquanto eu como.

— Posso partir a qualquer momento, se quiser.

— É verdade. Mas você não quer.

— Oh! E por que isso? — Seus olhos brilhavam intermitentemente, e seu corpo se iluminou como um estádio de futebol.

— Não vai fazer isso porque você gosta muito de Bela para fazê-la passar pela vergonha de você me abandonar. E ao contrário de você, eu direi a ela que você fugiu de mim.

Mary franziu o cenho.

— Chantagem?

— Persuasão.

Ela lentamente abriu o cardápio e o percorreu com o olhar.

— Ainda está me olhando.

— Eu sei.

— Você poderia olhar para alguma outra parte? Para o cardápio, para aquela morena do outro lado do corredor. Há alguns reservados com duas loiras mais atrás, acaso você não tenha se dado conta.

— Alguma vez você usa perfume?

Seus olhos se elevaram até os dele.

— Não, não uso.

— Posso? — Ele inclinou a cabeça para suas mãos.

— Desculpe?

Não poderia dizer que queria cheirar sua pele mais de perto.

— Considerando que vamos jantar e tudo mais, seria mais civilizado nos saudar com as mãos, não é mesmo? Mesmo que você tenha retirado minha chance quando tentei ser educado, estou disposto a te dar outra oportunidade.

Quando ela não respondeu, ele a alcançou através da mesa e tomou sua mão entre as suas. Antes que ela pudesse reagir, atraiu seu braço para frente, inclinou-se, e pressionou seus lábios sobre seus nódulos. Ele aspirou profundamente.

A resposta de seu corpo à seu perfume foi imediata. Sua ereção atingiu a braguilha de seus couros, esticando, empurrando. Mudou de posição para conseguir mais espaço em suas calças.

Meu Deus, ele não poderia esperar para tê-la em casa a sós.

## CAPÍTULO DOZE

---

Mary deixou de respirar quando Hal lhe soltou a mão. Talvez estivesse sonhando. Sim, tinha que ser isso. Ele era magnífico. Muito sexy. E se concentrava demais nela para ser real.

A garçonete voltou, aproximando-se tanto de Hal que na realidade poderia estar em seu colo. E como não podia ser, a mulher havia retocado o batom. Aquela boca parecia que havia trocado azeite com algo chamado Fresh Pink Ou Curious Coral. Ou algo igualmente ridículo.

Mary moveu a cabeça, surpreendida de ter sido tão maliciosa.

— O que vai ser? — A garçonete perguntou para Hal.

Ele a olhou através da mesa e levantou uma sobrancelha. Mary sacudiu sua cabeça e começou a folhear o cardápio.

— Bem, vejamos o que temos aqui. — Disse ele, abrindo o seu. — Vou querer o Frango Alfredo. A carne NY, mal passada. E um hambúrguer com queijo, também mal passado. Duplo de batatas fritas. E alguns nachos. Sim, quero nachos com tudo isso. Duplo disso também. Pode ser?

Mary só podia olhá-lo fixamente quando ele fechou o cardápio e esperou.

A garçonete o olhou com um pouco desajeitada.

— É tudo o que quer para você e sua irmã?

Como se a obrigação familiar fosse a única razão que um homem como ele estivesse com uma mulher como ela. Oh, homem.....

— Não, isto é para mim. E ela é meu encontro, não minha irmã. Mary?

— Eu...vou querer somente uma salada César, quando sua ...—  
alimentação — sua comida cegar.

A garçonete pegou os menus e se foi.

— Então, Mary, me diga algo sobre você.

— Por que não o fazemos sobre você?

— Por que então não poderei te ouvir falar.

Mary ficou rígida, algo borbulhava sob a superfície de sua consciência.

Fale. Quero ouvir seu voz.

Diga algo. Uma e outra vez. Faça-o.

Poderia jurar que este homem havia lhe dito essas coisas, mas ela não o havia visto antes. Deus sabia, teria se lembrado dele.

— O que faz para ganhar a vida? — Ele a incentivou.

— Eu...sou ajudante executiva.

— Onde?

— Em um escritório de advogados aqui na cidade.

— Mas faz algo mais, não é verdade?

Ela se perguntou quanto Bela havia lhe dito. Deus, esperava que a mulher não tivesse explicado a ele sobre sua doença. Talvez fosse por isso que ele havia ficado.

— Mary?

— Costumado trabalhar com crianças.

— Professora?

— Terapeuta.

— Cabeça ou corpo?

— Ambos. Era especialista na reabilitação de crianças autistas.

— O que te fez fazê-lo?

— Temos que fazer isto?

— O que?

— Tudo isso sobre vamos, fingir que quero te conhecer.

Ele franziu o cenho, inclinando-se para trás quando a garçonete colocou o enorme prato de nachos sobre a mesa.

A mulher se inclinou sobre seu ouvido.

— Sh!, não o diga a ninguém. Roubei estes de outro pedido. Eles podem esperar e você parece muito faminto.

Hal inclinou a cabeça, sorriu, mas parecia desinteressado.

Tinha que lhe conceder o crédito de ser cortês, pensou Mary. Agora que ele estava sentado em frente dela na mesa, não parecia notar nenhuma outra mulher absolutamente.

Ele ofereceu o prato. Quando ela negou com a cabeça, colocou um nacho na boca.

— Não me surpreende que te incomode o bate-papo. — Disse ele.

— Por quê?

— Você já sofreu muito.

Ela franziu o cenho.

— O que exatamente Bela te falou sobre mim?

— Não muito.

— Então como sabe o que passei por algo?

— Está em seus olhos.

Oh, infernos. Também era inteligente. Falando de pacote completo.

— Mas lamento quebrar isso — Disse ele, rapidamente limpando as mãos dos nachos.

— Não me importo se por acaso você se incomodou. Quero saber o que foi que te interessou nessa linha de trabalho e você vai me dizer isso.

— Você é arrogante.

— Surpresa, surpresa. — Riu ele fortemente. — E você está evitando minha pergunta. O que te fez trabalhar isso?

A resposta era a luta de sua mãe contra a distrofia muscular. Depois de ver o que sua mãe havia passado, ajudar outras pessoas com suas limitações tinha sido uma chamada. Talvez fosse um caminho para pagar a culpa por estar tão saudável quando sua mãe havia estado tão comprometida.

E depois Mary tinha sido atingida com alguns outros compromissos sérios nela mesma.

Engraçado, a primeira coisa que pensou quando foi diagnosticada foi que não era justo. Tinha visto sua mãe enfrentar a enfermidade, tinha sofrido a seu lado. Então por que o universo queria que ela conhecesse diretamente o tipo de dor que havia testemunhado? Logo após havia compreendido que não havia nenhuma cota de sofrimento das pessoas, nenhum valor quantificado que uma vez alcançado o topo, milagrosamente te tirava do fundo do poço.

— Nunca quis fazer nada mais. — Ela se esquivou.

— Então por que se afastou?

— Minha vida mudou.

Graças a Deus, ele não prosseguiu com o assunto.

— Você gosta de trabalhar com crianças deficientes?

— Eles não são....eles não são deficientes.

— Sinto muito. — Disse ele claramente sentindo isso.

A sinceridade em sua voz fez que abrisse a tampa de sua reserva de uma maneira que os elogios ou as risadas nunca fariam.

— Eles só são diferentes. Experimentam o mundo de uma maneira diferente. Normal é só o que é comum, essa não é a única maneira de ser ou viver. — Ela parou, notando que ele tinha fechado os olhos.

— Estou te aborrecendo?

Ele levantou suas pálpebras devagar.

— Amo ouvir você falar.

Mary ofegou. Seus olhos eram da cor do néon, acesos e iridescentes.

Tinham que ser lentes de contato, pensou ela. Os olhos das pessoas não tinham essa cor.

— A diferença não te incomoda, não é mesmo? — Murmurou ele.

— Não.

— Isso é bom.

Por alguma razão, ela se encontrou sorrindo para ele.

— Eu tinha razão. — Sussurrou ele.

— Sobre o que?

— Você é encantadora quando sorri.

Mary afastou o olhar.

— O que acontece?

— Por favor não fique encantador. Preferiria continuar com o bate-papo.

— Sou honesto, não encantador. Pergunte a meus irmãos. Constantemente meto os pés pelas mãos.

Havia mais como ele? Rapaz, devia ser um inferno o cartão de Natal da família.

— Quantos irmãos você tem?

— Cinco. Agora. Perdemos um. — Ele bebeu água, como se quisesse que ela não visse seus olhos.

— Sinto muito. — Disse ela baixinho.

— Obrigado. Ainda é recente. E sinto a falta dele como o inferno.

A garçonete chegou com uma pesada bandeja. Quando os pratos estiveram alinhados diante dele e a salada de Mary estava sobre a mesa, a mulher esperou até que Hal a agradecesse de forma significativa.

Ele começou pelo Alfredo. Afundou seu garfo na mistura de *fettuccine*, retorcendo-o até que fez um nó de massa e a levou até sua boca. Mastigou pensativo e colocou um pouco de sal. Provou o filé depois. Colocou-lhe um pouco

de pimenta. Depois recolheu o hambúrguer com queijo. Estava na metade do caminho para sua boca quando franziu o cenho e abaixou-o novamente. Ele usou seu garfo e faca para tomar um bocado.

Ele comeu como um cavalheiro. Com ar quase fino.

Bruscamente, ele a olhou.

— O que foi?

— Sinto muito, eu, ah.... — Ela picou de sua salada. E em seguida voltou a olhá-lo comer.

— Se seguir me olhando tão fixamente, vou me ruborizar. — Ele falou arrastando as palavras.

— Sinto muito.

— Eu não. Eu gosto de seus olhos sobre mim.

Pelo corpo de Mary fluía a vida. E respondeu com uma graça total lançando uma casquinha de pão sobre o colo.

— O que está olhando? — Perguntou ele.

Ela utilizou seu guardanapo para evitar as manchas sobre suas calças.

— Suas maneiras na mesa. São muito boas.

— A comida deve ser saboreada.

Ela se perguntava como ele gozava tão lentamente. Concentrado. Deus, ela só podia imaginar o tipo de vida amorosa que ele tinha. Seria assombroso na cama. Esse corpo grande, de pele dourada, os delgados estreitos e longos dedos...

A garganta de Mary secou e ela pegou seu copo.

— Mas você sempre.....come tanto?

— Na realidade, tenho trancado no estômago. Estou comendo pouco. — Colocou um pouco mais de sal sobre o *fettuccine*.

— Então estava acostumada a trabalhar com crianças autistas, mas agora está em um escritório de advogados. Que mais faz com seu tempo? Lazer? Interesses?

— Eu gosto de cozinhar.

— De verdade? Eu gosto de comer.

Ela franziu o cenho, tentando não imaginá-lo sentando-se em sua mesa.

— Você ficou irritada outra vez.

Ela agitou sua mão.

— Não estou.

— Sim, está. Você não gosta da idéia de cozinhar para mim, não é?

Sua honestidade sem travas a fez pensar que podia lhe dizer nada e ele lhe responderia com exatamente o que pensava e sentia. Bom ou ruim.

— Hal, tem algum tipo de filtro entre seu cabeça e sua boca?

— Na realidade não. — Terminou o Alfredo e retirou o prato. O filé foi depois.

— E sobre seus pais?

Ela suspirou.

— Minha mãe morreu há aproximadamente quatro anos. Meu pai foi assassinado quando tinha dois anos, estava no lugar errado no momento errado.

Ele fez uma passada.

— Isto é duro. Perdeu os dois.

— Sim, assim foi.

— Eu também perdi ambos. Mas ao menos foi de velhice. Tem irmãs? Irmãos?

— Não. Éramos somente minha mãe e eu. E agora somente eu.

Houve um longo silêncio.

— Então como conheceu John?

— John...Oh, John Matthew? Bela te falou sobre ele?

— Algo do tipo.

— Não o conheço muito bem. Ele entrou em minha vida recentemente. Acredito que é um criança especial, amável e acredito que as coisas não foram fáceis para ele.

— Conhece os pais dele?

— Ele me disse que não tem nenhum.

— Sabe onde ele vive?

— Conheço a área da cidade. Não é muito boa.

— Você quer salvá-lo, Mary?

Que pergunta mais estranha, pensou ela.

— Não acredito que necessite que o salvem, mas eu gostaria de ser sua amiga. Sinceramente, mal o conheço. Ele só apareceu uma noite em minha casa.

Hal assentiu, como se ela tivesse lhe dado a resposta que ele queria.

— Quando conheceu Bella? — perguntou ela.

— Você gostou de sua salada?

Ela olhou seu prato.

— Não estou com fome.

— Você tem certeza?

— Sim.

Assim que terminou seu hambúrguer e a comida frita, ele passou sobre o cardápio para pegar o sal e a pimenta.

— Você gostaria de uma sobremesa? — Perguntou ele.

— Não esta noite.

— Deveria comer mais.

— Almocei muito.

— Não, não o fez.

Mary cruzou os braços sobre seu peito.

— Como você sabe?

— Posso sentir sua fome.

Ela deixou de respirar. Deus, aqueles olhos brilhavam outra vez. Tão azuis, uma cor infinita, como o mar. Um oceano onde nadar. Afogar-se. Morrer.

— Como sabe que estou...faminta? — Disse, sentindo como se o mundo lhe escapasse.

Sua voz caiu até que foi quase um ronronar.

— Tenho razão, não é mesmo? Então por que te importa isto agora?

Felizmente, a garçonete voltou para recolher os pratos e quebrou o momento. Quando Hal pediu uma maçã crisp, uma espécie de brownie e uma xícara de café, Mary sentiu como se retornasse ao planeta.

— Qual é sua profissão? — Perguntou ela.

— Isto e aquilo.

— Ator? Modelo?

Ele riu.

— Não. Posso ser decorativo, mas prefiro ser útil.

— E como você é útil?

— Acredito que poderia dizer que sou um soldado.

— Está no exército?

— Algo assim.

Bem, isso explicaria o ar mortal. A confiança física. Sua acuidade visual.

— De que ramo? — Marinha, pensou ela. Ou talvez um SEAL. Ele era força.

A face de Hal se apertou.

— Só outro soldado.

De algum lugar, uma nuvem de perfume invadiu o nariz de Mary. Era a garçonete que estava limpando a mesa.

— Está tudo bem? — Enquanto olhava para Hal, virtualmente podia ouvir o crepitar da mulher.

— Bem, obrigado. — Disse ele.

— Bom. — Ela escorregou algo sobre a mesa. Um guardanapo. Com um número e um nome.

Quando a mulher o olhou e passou o olhar, Mary olhou para baixo, para suas mãos. Pelo canto do olho, observou seu moedeiro.

Tempo de partir, pensou ela. Por alguma razão não queria olhar Hal colocar aquele guardanapo em seu bolso. Embora ele tivesse o direito de fazê-lo.

— Bem, isto foi...interessante. — Disse ela. Recolheu sua bolsa e arrastou os pés para sair do reservado.

— Por que você vai? — Seu cenho franzido o fez parecer um verdadeiro militar e afastando-o do atrativo material masculino.

A ansiedade titilou em seu peito.

— Estou cansada. Mas, obrigado, Hal. Isto foi...Bem, obrigado.

Quando tentou passar por seu lado, ele pegou sua mão, acariciando o interior de seu punho com o polegar.

— Fique enquanto como a sobremesa.

Ela olhou seu rosto perfeito e seus amplos ombros. A morena do outro lado do corredor ficou de pé e o olhou, levava um cartão de visita na mão.

Mary, inclinou-se para ele.

— Tenho certeza de que encontrará muitas outras te esperando para te

fazer companhia. De fato, há alguém encabeçando o caminho agora mesmo. Diria-te boa sorte com ela, mas parece muito seguro.

Mary saiu disparada para a saída. O ar frio e o silêncio relativo foram um alívio depois do aperto das pessoas, mas quando se aproximou de seu carro, sentiu misteriosamente que não estava só. Deu uma olhada sobre seu ombro.

Hal estava atrás dela, mesmo que o tivesse deixado no restaurante. Ela se virou, o coração atingia suas costelas.

— Jesus! O que está fazendo?

— Caminho contigo até seu carro.

— Eu..ah. Não se incomode.

— Muito tarde. Este Civic é teu, não é mesmo?

— Como o tem feito....

— As luzes brilharam intermitentemente quando o abriu.

Ela se afastou dele, mas quando retrocedeu, Hal avançou. Quando se chocou contra seu carro, levantou suas mãos.

— Para.

— Não fique assustada.

— Então não me aperte.

Ela se deu a volta afastando-se dele e foi até a maçaneta da porta. Sua mão saiu disparada, segurando a junta entre a janela e o teto.

Sim, ela ia ficar atrás do volante. Quando ele a deixasse.

— Mary? — Sua voz profunda apareceu ao lado de sua cabeça e ela saltou.

Ela sentiu sua crua sedução e imaginou seu corpo como uma jaula fechada a seu redor. Com um movimento traiçoeiro, seu medo mudou para algo licencioso e de necessidade.

— Me deixe partir. — Sussurrou ela.

— Ainda não.

Ela o ouviu suspirar, como se a cheirasse e logo seus ouvidos se encheram com o som rítmico de bombeamento, como se ronronasse. Ela afrouxou o corpo, acalorado, aberto entre suas pernas como se estivesse preparada para aceitá-lo em seu interior.

Bom Deus, ela tinha que se afastar dele.

Ela agarrou o antebraço e o empurrou. Mas não conseguiu ir a nenhuma parte.

— Mary?

— O que? — Ela estalou, ressentida por que estava conectada quando deveria ter ficado petrificada. Por Deus, ele era um estranho, um estranho grande, insistente e ela era uma mulher só sem ninguém que a reclamasse se não voltasse para casa.

— Obrigado por não me abandonar.

— Por nada. Agora se me permite?

— Assim que me deixe que lhe de um beijo de boa noite.

Mary teve que abrir a boca para conseguir suficiente ar para seus pulmões.

— Por quê? — perguntou com voz rouca. — Por que quer fazê-lo?

Suas mãos se pousaram sobre seus ombros e a viraram. Ele estava inclinado sobre ela, obstruindo o brilho do restaurante, as luzes no estacionamento, as estrelas por cima.

— Só me deixe te beijar, Mary. — Suas mãos se deslizaram por sua garganta e sobre os lados de seu rosto. — Só uma vez. Certo?

— Não, isto não está bem. — Sussurrou ela quando inclinou sua cabeça para trás.

Seus lábios desceram e sua boca tremeu. Fazia muito tempo que a haviam beijado. E nunca um homem como ele.

O contato foi suave, apazível. Inesperado, dado o tamanho dele.

E como uma rajada de calor lambeu sobre seus seios e entre suas pernas, ela escutou um assobio.

Ele tropeçou para trás e a olhou de uma forma estranha. Com movimentos desiguais, seus pesados braços cruzados no peito, como se a protegesse.

— Hal?

Ele não disse nada, só esteve ali, olhando-a fixamente. Se não o conhecesse melhor, pensaria que o haviam sacudido.

— Hal, você está bem?

Ele negou com a cabeça uma vez.

Então se afastou, desaparecendo na escuridão mais à frente do estacionamento.

### Capítulo 13

Rhage se materializou no pátio entre o Pit e a mansão.

## CAPÍTULO TREZE

---

Rhage se materializou no pátio entre o Pit e a mansão. Não podia explicar exatamente a sensação que tinha sob a pele, mas era uma espécie de zumbido de baixo nível em seus músculos e ossos, como a vibração de um garfo que se modela. Ele tinha certeza que nunca havia sentido este zumbido antes. E isto tinha começado no momento em que sua boca havia tocado a de Mary.

Desde que cada coisa nova e diferente em seu corpo era má, ele imediatamente se distanciou dela, e não estar perto da mulher parecia ajudar. O problema era que agora que o sentimento se apagava, a necessidade de liberação de seu corpo lhe puxava. Não era justo! Depois que a besta saísse geralmente ele conseguia ao menos alguns dias livres.

Olhou seu relógio.

Mas que inferno, queria sair para caçar alguns lessers, encaixar um ou dois, mas desde que Tohr havia assumido o comando da Irmandade, novas regras haviam sido apresentadas.

Depois da mudança, Rhage, como se supunha, refrescava seus motores durante alguns dias até que estava de retorno a todo vapor. Com a morte de Darius no verão passado, os irmãos se reduziram a seis, e logo Wrath havia subido ao trono, então haviam restado somente cinco. A raça não podia permitir-se perder outro guerreiro.

O forçado descanso e o relaxamento tinham sentido, mas ele odiava que lhe dissessem o que tinha que fazer. E ele não podia suportar não estar lá fora no campo, especialmente quando precisava tirar proveito de alguns.

Pegando um molho de chaves de seu casaco, aproximou-se de seu GTO superalimentado. O carro despertou com um rugido e um minuto e meio mais tarde estava em campo aberto. Não sabia que direção havia tomado. Não se preocupava.

Mary. Aquele beijo.

Deus, sua boca tinha sido incrivelmente doce quando tremeu sob a sua, tão doce que tinha querido separar seus lábios com a língua e colocá-la dentro. Deslizando-a e retraindo-a e voltar outra vez a degustá-la. E depois fazer o mesmo com seu corpo, entre suas pernas.

Exceto que tinha tido que parar. O que fora aquele zumbido, foi como um aviso, o que era perigoso. A maldita reação não tinha sentido, pensou. Mary o acalmava, trazia-lhe tranqüilidade. Certo, ele a queria, e isso lhe enviava um aviso, mas não deveria ser suficiente para colocá-lo em perigo.

Ah, infernos. Talvez tivesse interpretado mal a resposta. Talvez aquela corrente tivesse sido a atração sexual de um tipo mais profundo à que ele estava acostumado a ter..., o que era nada mais que o impulso de gozar para que a probabilidade de que a maldição de seu corpo aparecesse fosse menor.

Pensou nas mulheres que havia tido. Havia um número incontável delas, todos os corpos anônimos nos quais havia gozado, nenhuma outra fonte de prazer verdadeiro para ele. As havia tocado e beijado só porque a menos que se satisfizessem também, sentia-se como se as tivesse usado.

Merda, sentia-se como um usuário em qualquer caso. Era um usuário.

Embora tivesse sido golpeado pelo zumbido ao beijar Mary, ele ainda a teria deixado abandonada naquele estacionamento. Com sua voz encantadora, seus olhos de guerreiro e sua boca trêmula, Mary não podia ser somente outra trepada. Tomá-la, mesmo que estivesse disposta, parecia a violação de algo puro. Algo melhor do que ele era.

Seu telefone celular soou e o pegou de seu bolso. Quando verificou o identificador de chamadas, amaldiçoou, mas atendeu de qualquer maneira.

— Oi, Tohr! Ia ligar para você.

— Só vi seu carro ali fora. Encontrei a mulher humana?

— Já o tenho feito.

— Isto foi rápido. Ela deve ter te tratado bem.

Rhage apertou os dentes. Por uma vez não tinha nenhuma resposta rápida.

— Falei com ela sobre o rapaz. Não temos nenhum problema. Ela gosta dele, sente-se mal por ele, mas se ele desaparecesse, ela não causaria nenhum problema. O conheceu recentemente.

— Bom trabalho, Hollywood. Para onde você está se dirigindo agora?

— Só dirijo.

O tom de voz de Tohr se abrandou.

— Você odeia não poder lutar, não é verdade?

— E você não se sentiria assim?

— Certamente, mas não se preocupe, amanhã de noite virá logo e você poderá voltar para a ação. Enquanto isso, poderia trabalhar um pouco seus casos no One Eye. — Tohr riu em silêncio. — A propósito, inteirei-me sobre o que fez à duas irmãs algumas noites, uma depois da outra. Homem, é assombroso, sabe?

— Sim, Tohr. Posso te pedir um favor?

— Qualquer coisa, meu Irmão.

— Poderia não...me falar sobre as mulheres? — Rhage suspirou. — A verdade é que odeio, de verdade, o que faço.

Ele pensou em parar ali, mas de repente as palavras saíam e não podia calar-se.

— Odeio o anonimato disso, odeio a forma em que o peito dói depois. Odeio os aromas sobre meu corpo e em meu cabelo quando chego em casa. Mas sobre tudo, odeio o fato de que vou ter que voltar a fazê-lo outra vez por que se não o fizer, poderia chegar a fazer mal a algum de vocês ou a algum inocente. — Ele exalou o ar pela boca. — E aquelas duas irmãs lhe impressionam tanto? Olhe, esse é o caso. Só recolho às que não se importam nem um pouco com os quem estão, por que o contrário não é justo. Essas duas garotas do bar comprovaram meu relógio, meu cilindro e calcularam que era um maldito troféu. Transar foi algo tão íntimo como o é um acidente de trânsito E esta noite? Você chegará na casa com Wellsie. Eu irei para casa sozinho. Assim como ontem. Assim como eu fiz antes de ontem. Sair com vadias não é diversão para mim e isto está me matando durante anos, por isso por favor o deixa descansar, ok?

Houve um longo silêncio.

— Jesus...eu sinto muito. Eu não sabia. Não tinha nem idéia...

— Sim, ah... — Ele realmente tinha que parar essa conversa.

— Olhe, tenho que ir. Tenho que...ir. Mais tarde.

— Não, espere, Rhage.

Rhage desligou seu telefone e o jogou ao longo da estrada. Quando olhou ao seu redor, compreendeu que estava no meio de nenhuma parte, com nada mais que o bosque como companhia. Deixou sua cabeça sobre o volante.

As imagens de Mary voltaram. E compreendeu que havia se esquecido de se apagar da memória dela.

Descuidado? Sim, bem. Não a tinha limpado por que no fundo queria vê-la outra vez. E queria que se lembrasse dele.

Oh, homem...Isto não era bom. Tudo a seu redor.

## CAPÍTULO QUATORZE

---

Mary desabou na cama e empurrou os lençóis e mantas com os pés. Meio adormecida, estendeu suas pernas tentando se esfriar.

Maldição, tinha o termostato muito alto...Uma horrível suspeita a trouxe bruscamente à consciência, sua mente voltando para a atenção em uma onda de temor. Febre baixa. Ela tinha febre baixa.

Oh, infernos...Ela conhecia a sensação muito bem, o rubor, o calor seco, as dores generalizadas. E o relógio marcava 4:18 da madrugada. Horário no qual, quando havia estado doente, era o momento em que a sua temperatura gostava de subir.

Erguendo-se, abriu a janela que havia atrás de sua cama. O ar frio aceitou o convite e se precipitou para dentro, refrescando-a, acalmando-a. A febre baixou pouco depois, um brilho de suor anunciou sua retirada. Talvez só fosse um resfriado. As pessoas com seu histórico médico tinham enfermidades comuns como o resto do mundo. De verdade.

Exceto que, de qualquer maneira, rhinovirus ou recaída, não ia voltar a dormir. Colocou um robe sobre sua camiseta e seus boxers e desceu. Caminhou para a cozinha, acendeu cada interruptor por onde passava até que todas as cantos escuros na casa ficaram iluminados. Destino: sua cafeteira. Não havia nenhuma dúvida, responder algum *email* do escritório e preparar-se para o longo fim de semana pelo Dia Hispânico (12 de outubro), era melhor que estar na cama e contar o tempo antes de ir a seu encontro com a doutora.

Que a propósito era em cinco horas e meia. Deus, odiava a espera.

Encheu a máquina Krups de água e foi à despensa para procurar o café. Estava quase vazio, então tirou o que tinha de reserva e o abridor de latas manual e...Ela não estava só.

Mary se inclinou para frente, olhou pela janela que havia sobre a pia. Sem luzes externas não podia ver nada, então se virou e acendeu o interruptor que havia ao lado da porta.

Por Deus! Uma grande forma negra estava no outro lado da janela. Mary se voltou para o telefone, mas parou quando viu o brilho de um cabelo loiro. Hal levantou sua mão a modo de saudação.

— Oi! — sua voz ficou amortecida pelo vidro.

Mary se protegeu colocando seus braços ao redor de seu estômago

— O que está fazendo aqui?

Seus amplos ombros de encolheram.

— Queria te ver.

— Por quê? E por que agora?

Ele encolheu-se outra vez.

— Pareceu-me uma boa idéia.

— Está transtornado?

— Sim.

Ela quase riu. E depois recordou que não tinha vizinhos por perto e ele era virtualmente do tamanho de sua casa.

— Como me encontraste? — Talvez Bela tivesse lhe dito onde ela vivia.

— Posso entrar? Ou talvez você possa sair, se assim se sentir mais cômoda?

— Hal, são quatro e trinta da manhã.

— Eu sei. Mas você está acordada e eu também.

Deus, ele era muito grande em todo esse couro negro e com seu rosto quase todo na sombra era mais ameaçador que belo. E ela pensava em abrir a porta? Claramente ele também estava transtornado.

— Olhe, Hal, não acredito que seja uma boa idéia.

Ele a olhou através do vidro.

— Então talvez possamos falar tal e como estamos?

Mary o olhou, ficando sem fala. O cara estava disposto a perder tempo, observando de fora de sua casa como um criminoso, só para que pudessem falar?

— Hal, não se ofenda, mas lá fora há centenas de milhares de mulheres nesta área que não só lhe deixariam entrar em suas casas, mas sim lhe levariam para suas camas. Por que você não vai procurar alguma e me deixa só?

— Elas não são você.

A escuridão que lhe caía sobre o rosto fez que fosse impossível ler seus olhos. Mas seu tom de voz, era malditamente sincero.

Na longa pausa que se seguiu, ela tentou se convencer para não deixá-lo entrar.

— Mary, se quisesse te fazer mal, poderia fazê-lo em um instante. Poderia fechar cada porta e cada janela e eu ainda poderia entrar aí dentro. O que quero é...falar contigo um pouco mais.

Ela olhou seus largos ombros. Tinha um bom ponto de vista sobre a invasão de moradia. E tinha o pressentimento de que se ela mantivesse a porta fechada entre ambos, ele pegaria uma de suas cadeiras de jardim e se sentaria no terraço.

Destravou a porta corrediça, abriu-a e se afastou.

— Só me explique algo.

Ele riu forte quando entrou.

— Dispara.

— Por que não está com uma mulher que te queira? Hal estremeceu. — Penso que, aquelas mulheres esta noite no restaurante, estavam loucas por você. Por que não tem um *sexo-louco-e-quente* e diversão com uma delas?

— Prefiro falar contigo aqui que estar dentro de alguma daquelas mulheres.

Ela retrocedeu um pouco ante sua ingenuidade e logo compreendeu que ele não estava sendo ordinário, só honestamente sem rodeios.

Bem, ao menos tinha razão em uma coisa: quando havia partido depois daquele suave beijo, ela tinha presumido que era por que não havia sentido nenhum calor. Claramente ela sentiu que havia cegado ao ponto. Ele não estava aqui para ter sexo e se disse que era bom que não sentisse luxúria por ela. Quase acreditou nisso, também.

— Estava a ponto de fazer um café, você vai querer?

Ele assentiu e começou a vagar pela sala de estar, observando suas coisas. O contraste de seus móveis brancos e paredes cor creme com sua roupa preta e pesada constituição era sinistro, mas então contemplou seu rosto. Tinha um tolo sorriso zombador, como se fosse feliz somente pelo fato de estar dentro da casa. O cara era como um bichinho que estava preso no pátio e que finalmente haviam lhe permitido entrar na casa.

— Quer tirar o casaco? — Perguntou ela.

Deslizou o couro de seus ombros e o colocou sobre o sofá. A coisa aterrissou com um golpe, esmagando as almofadas.

O que ele levava nos bolsos? Ela se perguntou.

Mas então olhou seu corpo e se esqueceu de seu estúpido casaco. Usava uma camiseta preta que mostrava um poderoso jogo de braços. Seu peito era amplo e bem definido, seu estômago bastante apertado, e pelo que pôde ver seus músculos abdominais marcados inclusive através da camiseta. Suas pernas eram longas, suas coxas grossas...

— Você gosta do que vê? — Perguntou-lhe ele em voz baixa, tranqüila.

Sim, claro. Ela não ia lhe responder isso.

Ela se dirigiu para a cozinha.

— Como de forte quer o café?

Recolhendo o abridor de latas, abriu a tampa do Hills Bros e começou a fazê-la girar como se não houvesse amanhã. A tampa caiu para dentro e ela conseguiu tirá-la.

— Te fiz uma pergunta. — Disse ele, diretamente ao lado de seu ouvido.

Ela pulou e se cortou o polegar com o metal aberto. Com um gemido, subiu a mão e olhou o corte. Era profundo, e sangrava.

Hal amaldiçoou.

— Não queria te assustar.

— Sobreviverei.

Ela abriu a torneira, mas antes que pudesse colocar a mão debaixo da água ele lhe pegou o pulso.

— Me permita vê-lo. — Sem lhe dar a opção de protestar contra, ele se inclinou sobre seu dedo.

— Isto é mau.

Ele colocou o polegar em sua boca e o chupou com cuidado.

Mary ofegou. Quente, molhado, o atrito das sensações a paralisaram. E depois sentiu o contato de sua língua. Quando a liberou, ela só pôde olhá-lo.

— Oh...Mary. — Disse ele tristemente.

Ela se sobressaltou perguntando-se sobre sua mudança de humor.

—Você não deveria ter feito isso.

— Por quê?

Por que ela se sentia bem.

— Como sabe que não tenho o HIV ou algo parecido?

Levantou seus ombros.

— Não me importaria se você o tivesse.

Ela empalideceu, pensou que ele era soro positivo e ela acabava de lhe deixar colocar uma ferida aberta em sua boca.

— E não, Mary, não tenho a enfermidade.

— Então por que não o...

— Só queria melhorá-lo. Veja? Não está sangrando mais.

Ela olhou seu polegar. O corte estava fechado. Parcialmente curado. Como demônios...

— Agora vais me responder? — Disse Hal, como se deliberadamente cortasse as perguntas que ela estava a ponto de lhe fazer.

Quando o olhou, notou que seus olhos faziam aquela coisa brilhante, o azul

cobrava um brilho fora deste mundo, um brilho hipnótico.

— Qual era a questão?

— Gosta do meu corpo?

Ela apertou os lábios. Homem, se estava esperando ouvir mulheres dizendo que era lindo, iria para casa decepcionado.

— E o que você faria se eu não gostasse? — Disparou-lhe ela.

— Eu me cobriria.

— Sim, claro.

Ele inclinou a cabeça, como se o que tivesse pensado fosse incorreto. Então se dirigiu à sala de estar onde estava seu casaco.

Por Deus! Ele falava à sério.

— Hal, volta. Não tem que...eu, ah, eu gosto de seu excelente corpo.

Ele ria quando retornou.

— Me alegre. Quero te agradar.

Excelente dândi, pensou ela. Então tira a camisa, abaixe as calças de couro e te jogue sobre meus ladrilhos. Alternaremos para estar por baixo.

Amaldiçoando, ela se voltou para fazer o café. Enquanto colocava as colheradas para moer na máquina, pôde sentir que Hal estava observando-a. Ouvia-o tomar profundas inspirações, como se a cheirasse. E ele ia...se aproximando pouco a pouco.

Os sinais de pânico penetraram por todo seu corpo. Muito grande. Também...lindo. E o calor e a luxúria que a chamavam eram muito poderosos.

Quando a cafeteira estava ligada, ela se afastou.

— Por que não quer que eu te queira? — Disse ele.

— Deixa de usar essa palavra. — Quando ele dizia querer, em tudo o que podia pensar era em sexo.

— Mary. — Sua voz era profunda, ressonante. Penetrante. — Eu quero...

Ela cobriu os ouvidos. De repente havia muito dele na casa. Em sua cabeça.

— Isto foi uma idéia ruim. Acredito que você deveria partir.

Ela sentiu uma grande mão sobre seus ombros.

Mary se afastou um passo, engasgando—se. Ele tinha saúde, vitalidade, sexo cru e outras cem coisas mais que ela não podia ter. Ele estava totalmente vivo e ela estava...provavelmente muito doente outra vez.

Mary se aproximou da porta corrediça e a abriu.

— Saia, ok? Por favor só vá.

— Não quero.

— Parta, por favor. — Mas ele só a olhou durante um instante. — Cristo, parece um cão vagabundo do qual não posso me desfazer. Por que não vais chatear a alguém mais?

O poderoso corpo de Hal ficou rígido. Por um momento pareceu que ia dizer algo áspero, mas então recolheu seu casaco. Quando colocou o couro ao redor dos ombros e foi até a porta, ele não a olhou.

Oh, bom. Agora ela se sentia mal.

— Hal. Hal, espera. — lhe pegou a mão. — Sinto muito, Hal.

— Não me chame assim. — Ele explodiu.

Quando ele se desfez de seu apertão, ela ficou em seu caminho. E de verdade desejou não tê—lo feito. Seus olhos eram completamente frios. Gotinhas de cristal transparente.

Suas palavras foram afiadas.

— Sinto ter lhe ofendido. Imagino que é uma maldito fardo que alguém queira chegar a te conhecer.

— Hal...

Afastou-a facilmente.

— Se voltar a dizê-lo outra vez, vou atravessar a parede com o punho.

Caminhou com grandes passadas para fora, entrando no bosque que havia no lado esquerdo da propriedade.

Em um impulso, Mary colocou os tênis, pegou uma jaqueta e passou como um relâmpago através da porta corrediça. Ela chegou até a grama, chamando-o. Quando chegou até a entrada do bosque, parou.

Não havia galhos se balançando, nenhuma arbusto quebrado, nenhum som de passos de um homem grande. Mas ele tinha ido nesta direção. Ou não?

— Hal? chamou-o.

Um longo momento depois se virou e retornou para dentro de casa.

## CAPÍTULO Q UINZE

---

Tem-no feito bem esta noite, Senhor O.

O Senhor O deu um passo pelo abrigo atrás da cabana, a aprovação do Senhor X era uma mentira. Manteve sua irritação para si, quase não tinha passado um dia desde os problemas com Omega e a verdade é que não estava de humor para que o trabalho.

— Mas o homem não disse nada. — Resmungou ele.

— É por que não sabia de nada. O Sr. O fez uma pausa. Na frágil alvorada, o rosto do Sr. X brilhava como uma lamparina.

— Perdão, sansei?

—Eu trabalhei com ele antes que você o trouxesse aqui. Tinha que ter certeza de que podia depender de você, mas não queria esbanjar a oportunidade, caso não fosse mais sólido.

O que explicava a condição do homem. O Senhor O tinha presumido que o vampiro tinha lutado quando o haviam seqüestrado.

Tempo desperdiçado, esforço desperdiçado, pensou o Senhor O, retirando-se com as chaves de seu carro.

— Tem alguma prova mais para mim? – Idiota.

— Não neste momento. — O Senhor X olhou seu relógio. – Seu novo esquadron logo chegará aqui, guarde essas chaves. Vamos para dentro.

A repulsa do Senhor O de estar em qualquer parte perto do abrigo lhe fez perder a sensação de seus pés. As malditas pernas estavam totalmente paralisadas.

Mas ele sorriu.

— Vá na frente, sansei.

Quando entraram, ele foi diretamente ao dormitório e se apoiou contra a soleira da porta. Embora seus pulmões tivessem se convertido em bolas de algodão, ele se manteve calmo. Se tivesse evitado o espaço, o Senhor X teria pensado que havia alguma razão para evitá-lo. O bastardo sabia que tocar as

feridas frescas era o único modo de determinar o grau de cura ou de infecção.

Enquanto os assassinos entravam no abrigo, o Senhor O os examinava. Não conhecia nenhum, mas quanto mais tempo um membro estava na Sociedade, mais anônimo se tornava. Com o cabelo, pele e cor dos olhos se descolorindo até empalidecer, eventualmente um lesser via-se como um lesser.

Quando os outros homens o observaram, olharam com ódio seu cabelo negro. Na Sociedade os novos recrutas estavam na parte inferior da escada e era insólito para um ser incluído em um grupo de homens com muita experiência. Sim, bem, que se ferrassem. O Senhor O cruzou o olhar com cada um deles, esclarecendo que se queriam agarrá-lo ele seria mais que feliz de lhes devolver o maldito favor.

Confrontando a possibilidade de uma confrontação física, ele reviveu. Parecia como despertar logo depois de uma boa noite de sonho, e gostava das feias ondas agressivas, a velha boa necessidade de dominar-se. Isto lhe assegurava que era como sempre havia sido. Omega não havia lhe subtraído sua essência, depois de tudo.

A reunião não durou muito tempo e isso era o padrão. Apresentações. Um aviso de que a cada manhã, cada um deles devia registrar-se via e-mail. Também se refrescavam as técnicas da estratégia de persuasão e algumas quotas para a captura e matança.

Quando acabou, o Senhor O foi o primeiro em se dirigir à porta. O Senhor X se colocou diante dele.

— Você ficará.

Aqueles olhos pálidos lhe prenderam o olhar à espera de ver um brilho de medo.

O Senhor O assentiu uma vez e dobrou sua postura.

— Claro, sansei. Como quiser.

Sobre o ombro do Senhor X, viu como os outros partiam como se fossem estranhos. Sem conversa, sem mover os olhos, corpos que não se tocavam acidentalmente. Claramente nenhum deles se conhecia, então deviam ter sido chamados de diferentes distritos. O que significava que o Senhor X tinha descido nas filas.

Quando a porta foi fechada pelo último homem, a pele do Senhor O tremeu pelo pânico, mas se manteve ainda como uma rocha.

O Senhor X o olhou de cima a baixo. Então colocou o computador portátil sobre a mesa da cozinha e o ligou. Quase no último momento, ele disse.

— Coloco-o a cargo de ambas os esquadrões. Quero-os treinados nas técnicas de persuasão que utilizamos. Trabalhando como unidades — Elevou o olhar da tela acesa. — E quero que permaneçam respirando, me entendeu?

O Senhor O franziu o cenho.

— Por que não o disse enquanto eles estavam aqui?

— Não me diga que você necessita desse tipo de ajuda?

O tom zombador fez que o Senhor O estreitasse o olhar.

— Posso dirigi-los excelentemente.

— Você tem os melhores.

— Terminamos?

— Nunca. Mas você pode partir.

O Senhor O se dirigia para a porta, mas soube no momento que conseguia chegar que haveria algo mais. Quando colocou a mão sobre o maçaneta, encontrou-se fazendo uma pausa.

— Há algo que queira me dizer? — Murmurou o Senhor X. — Pensava que você partia.

O Senhor O deu uma olhada através do quarto e puxou um tema para justificar sua vacilação.

— Não podemos utilizar a casa central mais para a persuasão, não desde que o vampiro escapou. Precisamos outra de fácil acesso além dessa daqui.

— Tenho consciência disso ou pensou que o enviei para olhar a terra por nenhuma razão?

Então esse era o plano.

— A área cultivada que verifiquei ontem não servia: muito pantanosa e

muitas estradas se cruzam a seu redor. Tem em mente alguma outro lugar?

— Enviei-lhe por e-mail os listados. E até que diga onde vamos construir, trará os cativos aqui.

— Não há bastante espaço no abrigo para uma audiência.

— Falo do dormitório. É bastante grande. Como você sabe.

O Senhor O tragou e manteve sua voz tranqüila.

— Se quiser que de aulas, necessitarei de mais espaço para isso.

— Você virá aqui até que o construamos. Está bastante claro para você ou quer um diagrama?

Bom. Negociaria-o.

O Senhor O abriu a porta.

— Senhor O acredito que se esqueceu de algo.

Jesus. Agora sabia o que significava para as pessoas quando se dizia, que sua pele avançava lentamente.

— Sim, sansei?

— Quero que me agradeça a promoção.

— Obrigado, sansei. — Disse o Senhor O com o queixo apertado.

— Não me decepcione, filho.

Sim, foda-se, papai.

O Senhor O se dobrou um pouco e partiu rapidamente. Foi bom chegar a seu caminhão e partir. Melhor que bom. Isto parecia um maldito gozo.

De caminho para sua casa, o Senhor O parou em uma farmácia. Não lhe custou muito tempo encontrar o que necessitava e dez minutos mais fechou com chave a porta da rua e desativou o alarme de segurança. Seu lugar era um diminuto apartamento em uma área da cidade não tão residencial, e a posição lhe proporcionava uma boa cobertura. A maior parte de seus vizinhos eram idosos e os que não, eram imigrantes que trabalhava em dois ou três empregos. Ninguém lhe incomodava.

Quando foi ao dormitório, o som de seus passos ressonando nos pisos nus e ricocheteando nas paredes vazias, era estranhamente consolador. De todas as maneiras a casa não era um lar e nunca o havia sido. Um colchão e uma poltrona era tudo o que tinha de móveis. As persianas fechadas diante de cada janela, bloqueavam qualquer vista. Os armários estavam abastecidos de armas e uniformes. A cozinha estava completamente vazia, os eletrodomésticos estavam sem usar desde que ele havia chegado.

Despiu-se e levou uma arma ao banheiro com a bolsa de plástico branca da farmácia. Inclinando-se para o espelho, separou seu cabelo. Suas raízes se mostravam alguns milímetros descoloridas.

A mudança tinha começado aproximadamente por volta de um ano. Primeiro alguns poucos cabelos, diretamente sobre a parte mais alta, depois uma parte inteira que se estendia da frente para trás, embora agora até esses se descoloriam.

Clairol Hydrience nº48 solucionava o problema, o tornava marrom. Tinha começado com o Hair Cor For Man, mas tinha descoberto que a merda para mulheres funcionava melhor e durava mais.

Abriu a caixa e não se incomodou com as luvas de plástico. Esvaziou o tubo na garrafa apertando-o, mesclou o material e o estendeu por todo seu couro cabeludo em seções. Odiava o aroma da química. A manutenção. Mas a idéia de empalidecer era-lhe repulsiva.

Por que os lessers perdiam sua pigmentação com o tempo lhe era desconhecido. O Senhor O ao menos, nunca o tinha perguntado. Os por que não lhe importavam. O Senhor O só não queria se perder no anonimato com os outros.

Deixou a garrafa apertada e olhou por um instante o espelho. Via-se como um idiota total, gordura marrom estendida por toda sua cabeça. Jesus Cristo, no que estava se convertendo?

Bem, não era uma pergunta tão estúpida. Fazia muito tempo que o fazia e era muito tarde para as desculpas.

Homem, a noite de sua iniciação, quando havia negociado uma parte de si mesmo pela possibilidade de matar durante anos, anos e anos, tinha pensado que sabia o que deixava e o que conseguiria de volta. O trato havia lhe parecido mais que justo.

E durante três anos, isto tinha estado muito bom. A impotência não lhe havia incomodado muito, por que a mulher que ele queria estava morta. Com a comida e a bebida, tinha demorado um pouco em se acostumar, mas nunca tinha sido um grande perseguidor da comida ou um bêbado. Tinha estado impaciente por perder sua velha identidade, porque a polícia o procurava.

O lado positivo havia lhe parecido enorme. A força tinha sido mais do que tinha esperado. Tinha sido um infernal quebra-crânios quando trabalhou como leão-de-chácara no Sioux City. Mas depois Omega fez o seu, o Senhor O tinha um poder desumano extensível a seus braços, pernas e peito e tinha gostado de usá-lo.

Outra vantagem era a liberdade financeira. A Lessening Society lhe dava tudo o que necessitava para fazer seu trabalho, cobrindo os gastos de sua casa, caminhão, armas, roupa e seus brinquedos eletrônicos. Era completamente livre para caçar a sua presa.

O Senhor O havia completado seus primeiros dois anos. Quando o Senhor X tinha tomado o comando, aquela autonomia tinha chegado a seu fim. Agora havia registros. Esquadrões. Cotas.

Visitas do Omega.

O Senhor O foi ao chuveiro e lavou a merda de seu cabelo. Quando se secou, foi até o espelho e olhou atentamente seu rosto. Sua íris, uma vez marrom como seu cabelo, tornaram-se cinza.

Em outro ano ou assim, tudo o que ele havia sido teria desaparecido.

Esclareceu-se garganta.

— Meu nome é David Ormond. Irmão de Bob e Lilly Ormond.

Deus, o nome parecia estranho quando saiu de sua boca. E em sua cabeça, escutou a voz do Senhor X referindo-se a ele como Senhor O.

Uma enorme emoção cresceu nele, o pânico e a dor combinadas. Queria voltar. Queria...voltar, desfazer tudo, apagá-lo. O trato por sua alma só havia parecido bom. Na realidade, este era um tipo especial de inferno. Ele era um vivo, ele respirava, assassino fantasma. Não mais um homem, mas uma coisa.

O Senhor O se vestiu com mãos trêmulas e saltou ao caminhão. Quando estava no centro, ele não tinha mais pensamentos lógicos. Estacionou no Trade

Street e começou a caminhar pelas ruas. Custou algum tempo para encontrar o que procurava.

Uma puta com longo cabelo negro. Que, enquanto não mostrasse seus dentes, se parecia com sua pequena Jennifer.

Ele escorregou cinqüenta dólares e a levou para trás de um beco.

— Quero que me chame de David. — Disse ele.

— qualquer coisa. — Ela sorriu quando se desfez do casaco e lhe exibiu seu peito nu. — Como quiser se chamar...?

Ele segurou uma mão sobre sua boca e começou a apertar. Não se deteria até que seus olhos arrebentassem.

— Diga meu nome. — Lhe ordenou.

O Senhor O a liberou de seu apertão e esperou. Quando ela começou a hiperventilar, ele tirou sua faca e a pressionou sobre sua garganta.

— Diga meu nome.

— David. — Sussurrou ela.

— Me diga que me ama. — Quando ela hesitou, ele cravou a pele de seu pescoço com a ponta da lâmina. Seu sangue brotou e se deslizou pelo brilhante metal. — Diga-o. — Seu descuidados seios, tão diferentes aos de Jennifer, moviam-se de cima para baixo.

— Eu...eu te amo.

Ele fechou seus olhos. A voz era totalmente equivocada.

Isto não lhe dava o que necessitava.

A cólera do Senhor O se elevou a um nível incontrolável.

## CAPÍTULO DEZESEIS

---

Rhage levantou o peso sobre seu peito, mostrando seus dentes, movendo seu corpo, o suor escorrendo.

— São dez. — disse-lhe Butch.

Rhage colocou a carga sobre o suporte, escutando o gemido da coisa quando os pesos rangeram e caíram.

— Coloque outros cinqüenta.

Butch se inclinou sobre a barra.

— Você já colocou cinco de vinte e cinco aí, homem.

— E necessito de outros cinqüenta.

Os olhos cor de avelã se estreitaram.

— Calma, Hollywood. Se você quer esmigalhar seus peitorais, é assunto seu. Mas não em minha cabeça.

— Sinto muito. — Ele se levantou e sacudiu seus ardentes braços. Eram nove horas da manhã e estava na sala de musculação desde às sete. Não havia nenhuma parte de seu corpo que não ardesse, mas deixá-lo estava bastante longe. Aspirava ao tipo de esgotamento físico que fosse ao interior do osso.

— Ainda estão todos ali? — Resmungou ele.

— Me deixe que te aperte as amaras. Certo, bom pode começar.

Rhage se deitou, levantou os pesos do suporte e o deixou descansar sobre seu peito. Ordenou sua respiração antes de levantar o peso.

*Inspirar. Expirar Inspirar. Expirar Inspirar. Expirar*

Controlou a carga até as duas últimas, quando Butch teve que intervir e o ajudou.

— Terminou? — Butch lhe perguntou quando o ajudou a colocar a barra sobre o suporte.

Rhage se sentou ofegando, descansando seus antebraços sobre seus

joelhos.

— Uma repetição mais depois deste descanso.

Butch ficou de frente, retorcendo a camisa que havia encontrado em uma corda. Graças a todos os levantamentos que tinham estado fazendo, o peito e os músculos dos braços aumentaram e ele não era muito pequeno para começar. Não podia levantar o tipo de ferro que levantava Rhage, mas para ser um humano, o cara era como um buldogue.

— Está ficando em forma, Tira.

— Ah, vamos, agora. — Sorriu-lhe Butch. — Não permita que o banho que tomamos juntos te suba à cabeça.

Rhage atirou uma toalha ao macho.

— Só se esforce para que desapareça sua barriga cervejeira.

— Isto é um recipiente escocês. E não o evito. — Butch colocou uma mão sobre seus abdominais. — Agora, me diga. Por que está empurrando esta merda sobre você desde esta manhã?

— Tem muito interesse que falemos sobre Marissa?

A face do humano se retesou.

— Não particularmente.

— Então entenderá se não tenho muito a dizer.

As escuras sobrancelhas de Butch se elevaram.

— Tem uma mulher? Algo como uma mulher em concreto?

— Pensava que não íamos falar de mulheres.

O tira cruzou os braços e franziu o cenho. Era como se avaliasse uma mão de blackjack e tentasse decidir se tinha que dar outra mão. Falou rápido e forte.

— Estou mal com Marissa. Ela não quer me ver. Eis aqui, toda a história. Agora me fale sobre seu pesadelo.

Rhage teve que rir.

— A idéia de que não sou o único que patina no assunto me traz alívio.

— Isto não me diz nada. Quero detalhes.

— A mulher me jogou de sua casa esta manhã cedo depois de trabalhar meu ego.

— Que tipo de machado usou?

— Uma comparação pouco grata entre um canino e eu.

— Ouch. — Butch retorceu a camisa em outra direção. — E naturalmente, você morre por vê-la outra vez.

— Bastante.

— É patético.

— Eu sei.

— Mas quase posso vencê-lo. — O policial sacudiu a cabeça. — Na noite passada, eu...ah...dirigi até a casa do irmão de Marissa. Não sei como o Escalade chegou até lá. Eu acredito, que a última coisa que preciso é correr para ela, entende-me?

— Me deixe adivinhar. Esperou pelos arredores com a esperança de pegar um ...

— Nos arbustos, Rhage. Sentei-me nos arbustos, debaixo da janela de sua residência.

— Wow. Isso...

— Sim. Em minha antiga vida eu poderia ter me detido por espreitar. Olhe, talvez devêssemos mudar de tema.

— Grande idéia. Termina de me colocar à par do homem civil que escapou dos lessers.

Butch se apoiou contra a parede, cruzando os braços sobre seu peito e esticando-os para espreguiçar-se.

— Então Phury falou com a enfermeira que o cuidou. O cara parecia muito ruim, mas consegui lhe dizer que eles lhe perguntavam sobre os Irmãos.

Onde vivem. Como se movem. A vítima não deu um endereço concreto onde o haviam torturado, mas tem que ser algum lugar no centro, por que é onde o encontraram e Deus sabe que não podia ter ido muito longe. Ah e resmungava as letras. X. O. E.

— Assim é como os lessers se denominam a si mesmos.

— Cativante. Muito 007. — Butch trabalhou seu outro braço, seu ombro rangeu.

— De todos os modos, tirei a carteira de um lesser que havia sido pendurado naquela árvore e Tohr se aproximou da casa do cara. Havia sido limpa a fundo, como se soubessem que ele se foi.

— O pote estava lá?

— Tohr disse que não.

— Então eles definitivamente tinham ido.

— O que há dentro dessas coisas de todos os modos?

— O coração.

— Repugnante. Mas melhor que outras partes da anatomia, considerando que alguém me disse que eles não podem despertá-lo. — Butch deixou cair seus braços e aspirou entre dentes, um pouco de ruído liberado de sua boca.

— Já sabe, isto começa a ter sentido. Lembra-se daquelas prostitutas mortas que estive investigando nos becos traseiros este verão? Essas com sinais de mordidas em seus pescoços e heroína em seu sangue?

— As noivas de Zsadist, homem. Esta é a maneira que ele se alimenta. Só humanos, embora como ele sobreviva com o sangue tão frágil, é um mistério.

— Ele disse que não o havia feito.

Rhage fez rolar seus olhos.

— E você acredita nele?

— Mas se ele nos deu sua palavra. Ei, só siga o meu raciocínio, Hollywood. Se acreditarem nele, então tenho outra explicação.

— Qual é?

— Uma isca. Se você quer seqüestrar um vampiro, como o faria? Dê-lhe comida, homem. Coloque, espera até que venha um, droga-o e o leve para onde quiser. Encontrei dardos nos locais, do tipo com que se tranquilizaria um animal.

— Jesus.

— Escute isso. Esta manhã escutei o rádio da polícia. Outra prostituta foi encontrada morta em um beco, perto de onde morreram as demais. Eu entrei sem autorização de Vishous no servidor da polícia, e o relatório colocava que sua garganta tinha sido cortada.

— Disse tudo isso a Wrath e Thor?

— Não.

— Deveria.

O humano trocou de lugar.

— Não sei quão comprometido posso estar, sabe? Pensei, que não quero colocar meu nariz onde não deveria estar. Não sou um de vocês.

— Mas está conosco. Ou ao menos é o que Vishous disse.

Butch franziu o cenho.

— Ele disse?

— Sim. É por isso que lhe trouxemos aqui conosco em vez de...bem, você sabe.

— Me colocar clandestinamente? — O humano fez meio sorriso.

Rhage limpou a garganta.

— Nenhum de nós teria gostado de fazer isso. Bom, exceto Zsadist. Na realidade, não, ele não teria gostado nada...A verdade é, Tira, que ele cresceu em uma espécie...

A voz de Tohrment o cortou.

— Jesus Cristo, Holly wood!

O homem entrou no sala de pesos como um touro. E de toda a Irmandade, ele os encabeçava. Então alguma coisa estava pegando fogo.

— O que acontece, meu irmão? — Perguntou Rhage.

— Tenho uma pequena mensagem para você em minha caixa de mensagem geral. Daquela humana, Mary. — Thor plantou suas mãos sobre seus quadris, jogando o tórax para frente.

— Por que demônios ela se lembra de você? E como é que tem nosso número?

— Não lhe disse como nos chamar.

— E tampouco apagou a memória dela. Em que droga você estava pensando?

— Ela não será um problema.

— Já é. Liga para o nosso telefone.

— Relaxe, homem...

Tohr o cravou com um dedo.

— Arrume-o antes que eu tenha que fazê-lo. Entendeu?

Rhage se levantou do banco e seu irmão piscou.

— Ninguém se aproximará dela, a não ser que queiram tratar comigo. Isto te inclui.

Os escuros olhos azuis de Thor se estreitaram. Ambos sabiam quem ganharia se chegavam ao fundo da questão. Ninguém podia lutar contra Rhage corpo a corpo; este era um fato provado. E ele estava preparado para atingir Thor se tivesse que fazê-lo. Aqui mesmo. Agora mesmo.

Thor lhe falou em tom severo.

— Quero que respire profundamente e te afaste de mim, Hollywood.

Quando Rhage não se moveu, escutaram-se passos através dos tapetes e o braço de Butch se colocou ao redor de sua cintura.

— Por que não se acalma um pouco, grandão. — Butch falou arrastando

as palavras. — Vamos terminar a festa, ok?

Rhage permitiu que o retirasse, mas manteve os olhos sobre Thor. A tensão rangia no ar.

— O que está acontecendo? — Exigiu Thor.

Rhage deu um passo libertando-se de Butch e caminhou inquieto ao redor da sala de pesos, serpenteando entre bancos e pesos no chão.

— Nada. Não está acontecendo nada. Ela não sabe o que sou e não sei como conseguiu o telefone. Talvez aquela mulher civil o tenha dado.

— Me olhe, meu irmão. Rhage se detenha e me olhe.

Rhage se deteve e moveu seus olhos.

— Por que não apagou a memória dela? Você sabe que uma vez que a memória é de longo prazo, não poderá limpá-la o suficiente. Por que não o fez quando teve a oportunidade? — Quando o silêncio se estendeu entre eles, Thor sacudiu a cabeça.

— Não me diga que você se envolveu com ela.

— Algo assim, homem.

— Tomarei isso como um sim. Cristo, meu irmão...no que está pensando? Sabe que não deveria se envolver com uma humana, e sobretudo, não com ela devido a sua relação com o rapaz — O olhar de Thor era agudo. — Vou te dar uma ordem. Outra vez. Eu quero que apague a memória dessa mulher e não quero que volte a vê-la.

— Já lhe disse isso, ela não sabe o que sou...

— Está tentando negociar isto comigo? Não pode ser tão estúpido.

Rhage deu a seu irmão um olhar desagradável.

— E você não me quer em cima de você outra vez. Desta vez não permitirei que o tira me segure.

— Já a beijaste na boca? O que lhe disse suas presas, Hollywood? — Quando Rhage fechou os olhos e amaldiçoou, o tom de Thor se aliviou. — Seja realista. Ela é uma complicação que não necessitamos, ela é um problema para

você porque a escolheu por cima de minha ordem. Não faço isto para te quebrar as bolas, Rhage. É mais seguro para todos. Para ela. O fará, meu irmão.

Mais seguro para ela.

Rhage se sentou e pegou os tornozelos. Esticou seus tendões com força, quase colocou suas costas em suas pernas.

Mais seguro para Mary.

— Me encarregarei disso. — Disse ele finalmente.

— Sra. Luce? Por favor, venha comigo.

Mary olhou para cima e não reconheceu à enfermeira. A mulher parecia realmente jovem com seu uniforme rosado, provavelmente acabava de sair da escola. E ainda pareceu mais jovem quando sorriu devido a suas covinhas.

— Sra. Luce? — Ela mudou de lugar o volumoso arquivo em seus braços.

Mary colocou a alça de sua bolsa sobre seu ombro, levantou-se e seguiu à mulher pela sala de espera. Desceram a metade de um longo corredor, pintado de bege e fizeram uma pausa ante o balcão de registro.

— Só vou pesar e tomar a temperatura. — A enfermeira sorriu outra vez e conseguiu mais pontos sendo boa com o peso e o termômetro. Ela era rápida. Amistosa.

— Perdeu algum peso, Sra. Luce. — Disse ela, anotando-o no arquivo. — Como está seu apetite?

— O mesmo.

— Desceremos aqui para a esquerda.

As salas de exames eram todas parecidas. Um pôster de um Monet emoldurado e uma pequena janela com persianas pintadas. Uma mesa com folhetos e um computador. Uma mesa de exames com um pedaço de papel branco estirado sobre ela. Uma pia com vários suprimentos. Um contêiner vermelho para lixo biológico no canto.

Mary tinha vontade de levantar-se.

— A Dra. Delia Croce disse que queria que tomasse os sinais vitais. — A

enfermeira entregou um quadrado de tecido perfeitamente dobrado.

— Se colocar isto, ela virá em seguida.

As batas eram todas iguais, também. Fino algodão, suave, azul com um pequeno estampado rosado. Havia dois jogos de laços. Ela nunca tinha certeza se aquelas malditas coisas ficavam à direita, se a abertura devia ficar na frente ou atrás. Hoje escolheu para frente.

Quando já havia se trocado, Mary se sentou em cima da maca e deixou seus pés balançando. Tinha frio sem sua roupa e as olhou, todas muito bem dobradas sobre a cadeira ao lado da mesa. Pagaria um bom dinheiro para voltar a usá-las.

Com uma vibração e um assobio, seu telefone celular soou em sua bolsa. Ela caiu sobre o chão calçada por suas meias três-quartos.

Ela não reconheceu o número quando verificou a identificação e respondeu esperançosa.

— Olá?

— Mary.

O rico som da masculina voz fez que sentisse alívio. Tinha estado quase segura de que Hal não ia lhe devolver a chamada.

— Olá. Olá, Hal. Obrigado por ligar. — Ela olhou a seu redor procurando um lugar para se sentar que não fosse a mesa de revisão. Colocando a roupa sobre seu colo, ela limpou a mesa.

— Olhe, sinto muito sobre ontem à noite. Eu só...

Houve um golpe e depois a enfermeira espiou pela porta.

— Me desculpe, você nos entregou seu exame ósseo de julho passado?

— Sim. Deveriam estar em meu arquivo. — Quando a enfermeira fechou a porta, Mary, disse.

— Sinto muito.

— Onde você está?

— Eu, ah... — Ela pigarreou. — Não é importante. Só queria que soubesse o mal que me senti sobre o que te disse.

Houve um longo silêncio.

— Eu fiquei aterrorizada. — Disse ela.

— Por quê?

— Você me faz...não sei, você só... — Mary tocou a barra de seu vestido. As palavras se desvaneceram. — Tenho câncer, Hal. Quero dizer, eu tive e pode voltar.

— Eu sei.

— Então Bela lhe contou. — Mary esperou que ele confirmasse, quando ele não o fez, ela suspirou. — Não utilizo a leucemia como desculpa pelo comportamento que tive. É só...Estou em um lugar estranho agora mesmo. Minhas emoções ricocheteiam por toda parte e te ter em minha casa me sentindo totalmente atraída por você provocou algo e distribuí golpes a torto e a direito.

— Entendo.

De algum modo, ela sentiu que ele entendia.

Mas Deus, seus silêncios a assassinavam. Ela começava a parecer uma idiota por mantê-lo na linha.

— Em qualquer caso, isto é tudo o que eu queria te dizer.

— Recolherei-te esta noite às oito horas. Em sua casa.

Ela apertou o telefone. Deus, queria vê-lo.

— Eu te esperarei.

Do outro lado da porta da sala de exames, elevou-se a voz da Dra. Delia Croce e diminuiu de comum acordo com a enfermeira.

— E Mary?

— Sim?

— Solte o cabelo para mim.

Houve uma batida e a doutora entrou.

— Certo. Farei-o. — Disse Mary antes de desligar. — Oi, doutora.

— Olá, Mary. — Quando a Doutora Delia Croce cruzou a sala, sorriu e seus negros olhos se enrugaram nos cantos. Tinha aproximadamente uns cinquenta anos, com o cabelo grisalho batia em seu queixo.

A doutora se sentou atrás da escrivaninha e cruzou as pernas. Quando ela tomou um momento para se situar, Mary moveu a cabeça.

— Odeio quando tenho razão. — Resmungou ela.

— Sobre o que?

— Voltou, não é?

Houve uma leve pausa.

— Sinto muito, Mary.

## CAPÍTULO DEZESETE

---

Mary não foi trabalhar. Em lugar disso dirigiu até sua casa, despiu-se, e se meteu na cama. Uma rápida ligação para o escritório e teve o resto do dia assim como também a seguinte semana de folga. Ia necessitar de tempo. Depois do longo fim de semana do Dia Hispânico iam lhe fazer vários exames e segundo pareceres, e depois ela e a Dra. Delia Croce se encontrariam e discutiriam as diferentes opções.

O mais estranho era que, Mary não se surpreendeu. Em seu coração sempre tinha sabido, eles haviam obrigado a enfermidade a se retirar, não a se render.

Ou talvez ela só estivesse em choque e começava sentir a familiar enfermidade.

Quando pensava no que ia confrontar, o que a assustou não era a dor; era a perda de tempo. Quanto tempo até que voltasse a estar sob controle? Quanto tempo duraria a seguinte pausa? Quando poderia retornar a sua vida?

Ela recusava pensar que havia uma alternativa à remissão. Não ia por ali.

Virando-se sobre seu lado, cravou os olhos na parede do quarto e pensou em sua mãe. Viu sua mãe virando um rosário com as pontas de seus dedos, murmurando palavras de devoção enquanto jazia na cama. A combinação de fricção e sussurros a haviam ajudado a encontrar um alívio além do que a morfina podia lhe proporcionar. Porque de certa maneira, presa em meio de sua maldição, até no apogeu da dor e do medo, sua mãe tinha acreditado nos milagres.

Mary queria ter perguntado a sua mãe se realmente pensava que se salvaria, e não no sentido metafórico, mas de maneira prática. Cissy verdadeiramente tinha acreditado em que se dissesse as palavras certas e tivesse os objetos corretos a seu redor, se curaria, caminharia outra vez, viveria outra vez?

As perguntas nunca foram feitas. Esse interrogatório teria sido cruel, e Mary tinha sabido a resposta de qualquer maneira. Havia sentido que sua mãe tinha esperado uma redenção temporária antes do verdadeiro final.

Mas então, talvez Mary só havia projetado o que tinha esperado com ilusão. Para ela, salvar-se significava ter uma vida como a de uma pessoa

normal: você estará saudável e forte, e o prospecto da morte, apenas um hipotético conhecimento longínquo. Uma dívida paga completamente em um futuro que não poderia imaginar.

Talvez sua mãe o tivesse visto de outro modo, mas uma coisa era certa: o resultado não havia se alterado. As orações não a haviam salvado.

Mary fechou os olhos, e o excessivo cansaço a venceu. Como tragou de todo, agradeceu o vácuo temporário.

Dormiu durante horas, entrando e saindo da consciência, desabada na cama.

Despertou às sete em ponto e tratou de alcançar o telefone, discando o número que Bela lhe havia dado para comunicar-se com Hal. Desligou o telefone sem deixar nenhuma mensagem. Deveria ter cancelado o encontro, porque não ia ser uma grande companhia, mas que droga, sentia-se egoísta. Queria lhe ver. Hal a fazia sentir-se viva, e agora mesmo estava desesperada por essa excitação.

Depois de uma rápida ducha, colocou rapidamente uma saia e um pulôver de gola alta. No espelho de corpo inteiro que havia na banheiro as duas peças estavam mais folgadas do que tinham que estar, e pensou no peso dessa manhã na consulta da doutora. Provavelmente deveria comer como Hal esta noite, porque Deus sabia que não havia razão para fazer dieta nesse momento. Se ela fosse enviada para outra ronda de quimioterapia, então deveria fazer uma bagagem em quilos.

O pensamento a congelou no lugar.

Passou as mãos por seu cabelo, retirando-o de seu pescoço, passando-o através de seus dedos e deixando-o cair sobre seus ombros. Tão comum, todo marrom, pensou ela. E tão pouco importante no esquema maior das coisas.

A idéia de perdê-lo a fez querer chorar.

Com uma expressão sombria, ela juntou as pontas, as retorcendo em um nó e as atando em seu lugar.

Estava na porta da rua esperando no caminho de entrada alguns minutos mais tarde. O frio a atingiu e compreendeu que tinha esquecido de colocar um casaco. Voltou para dentro, pegou um casaco de lã preta e perdeu suas chaves no processo.

Onde estavam suas chaves? Se tivesse deixado suas chaves no...

Yup, as chaves estavam na porta.

Fechou a casa, trancando a porta e lançou a chave no bolso de seu casaco.

Esperando, ela pensou em Hal.

Solte seu cabelo para mim.

Tudo bem.

Ela abriu o prendedor e penteou com os dedos o melhor que pôde. E então se sentiu tranqüila.

A noite era tranqüila, pensou ela. E isto era por que gostava de viver em uma granja; não tinha nenhum vizinho exceto Bella.

Então se lembrou dela: tinha pensado em ligar para ela e lhe explicar sobre o dia, mas não tinha conseguido até então. Amanhã. Iria ver Bella amanhã. E a informaria dos dois encontros.

Um sedan virou na estrada a 800 metros de distância, acelerando com um grunhido baixo que ela escutou claramente. Se não tivesse sido pelos dois faróis, teria pensado que uma Harley subia pelo caminho.

Quando o grande carro violeta parou diante dela, pensou que parecia um GTO de algum tipo. Reluzente, ruidoso, ostentoso...encaixava perfeitamente com um homem que gostasse da velocidade e se encontrasse cômodo com a atenção.

Hal saiu pelo lado do condutor e caminhou ao redor do capô. Usava um terno, um terno todo preto com uma camisa preta aberta no pescoço. Seu cabelo penteado para trás, caindo em sua nuca, com mechas loiras. Parecia uma fantasia, sexy, poderoso e misterioso.

Excetuando sua expressão que não era material de sonho. Seus olhos se estreitaram, seus lábios e o queixo apertados.

De todas as formas ele sorriu um pouco quando chegou até ela.

— Deixou o cabelo solto.

— Eu disse que o faria.

Ele levantou sua mão como se quisesse tocá-la, mas hesitou.

— Está preparada para ir?

— Aonde vamos?

— Fiz uma reserva no Excel. — Ele deixou cair seu braço e a olhou a distância, silencioso, imóvel.

Oh...infernos.

— Hal, tem certeza de que quer fazer isto? Você está claramente mantendo certa distância esta noite. Sinceramente, eu também.

Ele se afastou andando e olhou fixamente o chão, apertando o queixo.

— Poderíamos deixá-lo para outra hora. — Disse ela, calculando que ele era um cara agradável para partir sem algum tipo de convite proposto para outra ocasião. — Não é uma grande...

Ele moveu-se tão rapidamente que ela não pôde vê-lo. Em um momento estava à alguns passos de distância; aproximou-se e a levantou contra seu corpo. Tomou seu rosto entre suas mãos e colocou seus lábios sobre os dela. Quando suas bocas se juntaram, olhou-a diretamente aos olhos.

Não havia nenhuma paixão nele, só uma intenção sombria que converteu o gesto em uma espécie de voto.

Quando a soltou, ela tropeçou para trás. E caiu diretamente sobre seu traseiro.

— Ah, maldição, Mary, sinto muito. — Ele se ajoelhou. — Você está bem?

Ela assentiu mesmo que não o estivesse. Sentiu—se tola e ridícula caída sobre a grama.

— Tem certeza de que você está bem?

— Sim. — Ignorando a mão que ele lhe oferecia, levantou-se e retirou os restos de grama que tinha sobre ela. Agradeceu a Deus que sua saia fosse marrom e a terra estivesse seca.

— Vamos simplesmente jantar, Mary. Vamos.

Uma grande mão se deslizou ao redor de sua nuca, e a conduziu para o carro, não lhe deixando nenhuma outra opção, somente continuar.

Embora o conceito de lutar com ele não lhe ocorresse, sentia-se aflita por muitas coisas, ele estava entre elas e ela estava muito cansada para apresentar alguma resistência. Além disso, algo tinha acontecido entre eles no instante em que suas bocas se encontraram. Não tinha nem idéia do que significava, mas um laço afetivo estava ali.

Hal abriu a porta do passageiro e a ajudou entrar em seu interior. Quando ele se deslizou no assento do condutor, ela olhou o interior ao redor para evitar ser presa por seu perfil.

O GTO grunhiu quando ele engatou a primeira e conduziu pelo pequeno caminho parando no sinal da Rota 22. Ele olhou para ambos os lados da estrada e em seguida acelerou para a direita, o crescente som do motor e a sua caída eram como uma respiração quando engatou as mudanças uma e outra vez enquanto viajavam.

— É um carro espetacular. — Disse ela.

— Obrigado. Meu irmão o arrumou para mim. Tohr gosta de carros.

— Quantos anos tem seu irmão?

Hal riu forte.

— Muito velho.

— Mais velho que você?

— Aha.

— É o mais novo?

— Não, não é assim. Não somos irmãos porque não nascemos da mesma mulher.

Deus, ele as vezes tinha um estranho modo de reunir as palavras.

— Foram adotados pela mesma família?

Ele assentiu com a cabeça.

— Está com frio?

— Ah, não. — Ela se olhou as mãos.

Estavam profundamente cravadas em seu colo, seus ombros encurvados para frente. O que explicava por que ele pensava que ela estivesse com frio. Tentou relaxar.

— Estou bem.

Ela olhou o pára-brisa. A linha amarela dupla na estrada brilhava por causa dos faróis. E o bosque chegava até a margem do asfalto. Na escuridão, a ilusão de túnel era hipnótica, sentindo como se a Rota 22 continuasse para sempre.

— Este carro é muito rápido? — Murmurou ela.

— Muito rápido.

— Mostra-me.

Ela sentiu seu olhar como um dardo atravessando-a no assento. Então ele mudou a marcha, acelerou e os colocou em órbita.

O motor rugiu como um ser vivo, o carro vibrava enquanto as árvores pareciam uma parede negra. Iam mais e mais rápido, mas Hal permaneceu com absoluto controle quando fizeram as curvas apertadamente, serpenteando pela estrada.

Quando ele começou a reduzir a velocidade, ela colocou sua mão sobre sua dura coxa.

— Não pare.

Ele hesitou durante um momento. Então continuou e ligou o som. —Dream Weaver, aquele hino dos anos setenta, inundou o interior do carro até níveis estridentes. Pisou forte no acelerador e o carro explodiu, levando-os a grande velocidade pela vazia e interminável estrada.

Mary abaixou o vidro de sua janela, deixando que o ar entrasse. A rajada enredou seu cabelo e refrescou suas bochechas e a libertou do torpor no qual a doutora a havia deixado. Começou a rir e mesmo que pudesse ouvir que havia uma ponta de histerismo em sua voz, ela não se preocupou. Tirou sua cabeça para o frio, gritando ao vento.

E permitiu ao homem e ao carro que a levassem.

\*\*\*\*\*

O Senhor X observou a seus dois novos esquadrões quando entraram na cabana para outra reunião. Os corpos dos lessers absorveram o espaço livre encolhendo o tamanho do quarto e satisfazendo-o pela a quantidade de muitos músculos para cobrir a linha de frente do combate. Havia pedido a eles que voltassem pelos motivos habituais, mas também queria ver em pessoa como eles haviam reagido ante as notícias de que o Senhor O era agora seu superior.

O Senhor O entrou por último no interior, e foi diretamente à entrada do dormitório, apoiando-se contra a soleira casualmente, seus braços cruzados sobre seu peito. Seus olhos eram agudos, mas agora eram reservados, uma reticência que era muito mais útil do que teria sido sua cólera. Parecia como se um cachorro perigoso tivesse entrado na sala, e se a tendência continuava, eles tinham sorte. O Senhor X necessitava de um segundo no comando.

Com as últimas perdas que haviam sofrido, tinha que se concentrar em recrutar e esse era um trabalho de tempo inteiro. Escolhendo os candidatos corretos, trazendo-os até o limite, quebrando-os em cada etapa do processo requeria dedicada concentração e recursos. Mas enquanto ele preenchia as filas da sociedade, não podia permitir o rapto e a estratégia de persuasão que havia apresentado perdesse o ímpeto. E a anarquia entre os assassinos não era algo que ele tolerasse.

Em muitos níveis, o Senhor O tinha boas qualificações para ser o homem certo. Era comedido, desumano, eficiente, de mente limpa: um agente de poder que motivava os outros com o medo. Se Omega tivesse conseguido tirar sua rebelião, estaria perto da perfeição.

Era tempo de que começasse a reunião.

— Senhor O, fale com os outros sobre as propriedades.

O lesser começou seu relatório sobre as duas extensões de terreno que tinha visitado durante o dia. O Senhor X já tinha decidido comprar ambas com dinheiro vivo. E enquanto aquelas transações eram fechavam, ele ia ordenar às equipes que erigissem um centro de persuasão sobre trinta hectares rurais que a Sociedade já possuía. O Senhor O em última instância seria o responsável pelo lugar, mas como o Senhor O tinha fiscalizado os projetos do edifício em Connecticut, ele faria um resumo informativo sobre as fases de construção do centro.

Os objetivos da atribuição incluíam a velocidade e a conveniência. A Sociedade necessitava de outros lugares para trabalhar, lugares isolados, seguros e calibrados para seu trabalho. E eles os necessitavam agora.

Quando o Senhor O se calou, o Senhor X delegou à ela a construção do novo centro e ordenou aos homens que saíssem às ruas durante as tardes.

O Senhor O ficou para trás.

— Temos algum assunto? — Perguntou o Senhor X — Algo mais fracassou?

Aqueles olhos marrons flamejaram, mas o Senhor O não se quebrou. Mais provas das melhorias.

— Quero construir algumas unidades de armazenagem na nova instalação.

— Para que? Nosso objetivo não é manter os vampiros como animais domésticos.

— Espero ter mais de um sujeito ao mesmo tempo e quero mantê-los pelo tempo que puder. Mas necessito de um lugar onde eles não possam desmaterializar-se e tem que estar protegido da luz solar.

— O que você tem em mente?

A solução que o Senhor O detalhou não só era viável, como também eficiente.

— Faça-o. — Disse o Senhor X, sorrindo.

## CAPÍTULO DEZOITO

---

Quando Rhage entrou no estacionamento do Excel, se dirigiu diretamente para perto da entrada do restaurante. Embora o GTO não tivesse uma embreagem delicada, não ia deixar as chaves para ninguém mais. Não com o tipo de armas e munições que levava no porta-malas.

Ele escolheu um lugar na área traseira, um que estava justo ao lado da porta lateral. Quando girou a chave de contato, tirou o cinto de segurança e ...

E não fez nada. Só ficou ali sentado, sua mão na porta.

— Hal?

Ele fechou os olhos. Deus, daria qualquer coisa só para ouvir-lhe dizer seu verdadeiro nome. E ele queria...mas que droga, a queria nua em sua cama, sua cabeça sobre seu travesseiro, seu corpo entre seus lençóis. Queria tomá-la em privado, somente eles dois. Nenhuma testemunha, sem o escudo de seu casaco. Nada de público, nenhuma ação rápida no corredor ou no banheiro.

Queria suas unhas em seu traseiro e sua língua em sua boca e seus quadris balançando-se debaixo dele até que o fizesse com tal força que visse as estrelas. Então queria dormir com ela entre seus braços. E despertar, comer e fazer amor outra vez. Conversar sobre a escuridão sobre coisas estúpidas e sérias...

Oh, Deus. Estava vinculando-a a ele. A união estava acontecendo.

Tinha ouvido os homens dizerem que podia ser assim. Rápido. Intenso. Sem lógica. Só poderosos instintos primitivos consumindo-os, um dos mais fortes era o desejo de possuí-la e marcá-la no processo para que outros homens soubessem que já tinha um companheiro. E queria que ficassem decididamente longe dela.

Olhou o corpo dela. E compreendeu que mataria a qualquer membro de seu sexo que tentasse tocá-la, estar com ela ou amá-la.

Rhage se esfregou os olhos. Sim, aquele impulso de marcá-la estava definitivamente dando trabalho.

E esse não era seu único problema. O zumbido estranho havia voltado a seu corpo, animado pelas explícitas imagens em sua cabeça, seu aroma e o suave som de sua respiração.

E o seu sangue correndo.

Ele queria prová-la...beber dela.

Mary se virou para ele.

— Hal, você está...

Sua voz parecia uma lixa.

— Tenho que te dizer algo.

Sou um vampiro. Sou um guerreiro. Sou uma besta perigosa. Ao final desta noite, não se lembrará que alguma vez me encontrou. E a idéia de não estar em sua memória me faz sentir como se me apunhalassem sobre o peito.

— Hal, o que está acontecendo?

As palavras de Thor se repetiam em sua cabeça.

É mais seguro. Para ela.

— Nada. — Disse ele soltando o cinto de segurança e saindo do carro. — Não é nada.

Ele rodeou o carro e abriu a porta dela, lhe oferecendo a mão para ajudá-la a sair. Quando ela colocou sua palma nas suas, ele fechou as pálpebras. A vista de seus braços e suas pernas fizeram que seus músculos se retensassem e um suave grunhido lhe subiu pela garganta.

E, droga, em vez de se afastar de seu caminho, fechou o espaço até que seus corpos quase se tocassem. As vibrações sob sua pele se retesaram ainda mais e mais forte com sua luxúria rugindo por ela. Sabia que deveria olhá-la de mais distância porque certamente sua íris brilhavam um pouco. Mas ele não podia.

— Hal? - Disse ela roucamente. — Seus olhos...

Ele fechou suas pálpebras.

— Sinto muito. Vamos entrar..

Ela puxou sua mão.

— Não acredito que eu queira jantar.

Seu primeiro impulso foi discutir, mas ele não queria intimidá-la. Além disso, menos tempo que passassem juntos, menos teria que apagar.

Infernos, deveria acabar de lhe apagar desde o momento em que a pegou em sua casa.

— Levar-te-ei para casa.

— Não, digo, quer caminhar um pouco comigo? Por aquele parque? É só que não tenho vontade de me sentar em uma mesa. Também estou...inquieta.

Rhage colocou as chaves do carro em seu bolso.

— Eu gostaria.

Enquanto eles serpentearam pela grama e andaram sob um dossel de folhas coloridas, ele explorou os arredores. Não havia nada de perigoso ao redor, nenhuma ameaça que pudesse sentir. Olhou para cima. Uma meia lua estava pendurada no céu.

Ela riu um pouco.

— Eu nunca faria isto normalmente. Sabe, sair para o parque à noite! Mas contigo! Não me preocupo que nos ataquem.

— Bom. Não deveria. — Por que ele despedaçaria a quem tentasse machucá-la, humano, vampiro ou não morto.

— Parece que está errado. — Murmurou ela. — Estar ao ar livre na escuridão, quero dizer. Parece algo ilícito e um pouco assustador. Minha mãe sempre me advertia sobre ir aos lugares de noite.

Ela parou, inclinou sua cabeça para trás, e olhou fixamente para cima. Devagar estendeu seu braço para o céu com sua mão aberta. Fechou um olho.

— O que você está fazendo? — Perguntou ele.

— Segurando a lua na palma de minha mão.

Ele se inclinou e seguiu a longitude de seu braço olhando fixamente.

— Sim, você a tem.

Quando se endireitou, deslizou suas mãos ao redor de sua cintura e a apertou contra seu corpo. Após da rigidez inicial do momento, ela se relaxou e deixou cair a mão.

Deus, adorava seu aroma. Tão limpo e fresco, com aquele leve toque cítrico.

— Estava no médico quando liguei para você hoje. — Disse ele.

— Sim, estava.

— O que vão fazer por você? — Ela se afastou e começou a andar outra vez. Ele seguiu seu passo, lhe permitindo que escolhesse o ritmo. — O que lhe disseram, Mary?

— Não temos que falar sobre tudo isso.

— Por que não?

— Vai contra seu tipo. — Disse ela ligeiramente. — Os playboys. Supõe-se que não lidam adequadamente com as partes pouco atraentes da vida.

Ele pensou em sua besta.

— Estou acostumado ao pouco atraente, acredita em mim.

Mary parou outra vez, sacudindo a cabeça

— Sabe, algo não está bem em tudo isto.

— Bom ponto. Eu deveria estar segurando sua mão enquanto caminhamos.

Ele estendeu a mão, só para que ela se afastasse.

— Sério, Hal por que está fazendo isto? Estar comigo?

— Você vai me deixar complexado. O que acontece é que desejo passar um pouco de meu tempo contigo?

— Necessita que eu lhe explique isso detalhadamente? Sou uma mulher

comum, com um trabalho comum. E você é muito atraente. Saudável. Forte...

Dizendo-se que era dez vezes estúpido, ele se colocou frente a ela e colocou suas mãos sobre a base de seu pescoço. Ia beijá-la outra vez, mesmo que não devesse. E este não ia ser do tipo de beijo que havia lhe dado diante de sua casa.

Quando ergueu sua cabeça, a estranha sensação em seu corpo se intensificou, mas não parou. Ao inferno se ia deixar seu corpo se impor sobre ele esta noite. Combatendo o zumbido, apertou a sensação por pura força de vontade. Quando conseguiu suprimi-la, sentiu-se aliviado.

E determinado a entrar nela, embora fosse somente com a língua em sua boca.

Mary olhou os elétricos olhos azuis de Rhage. Poderia ter jurado que ardiam na escuridão, aquela luz verde azulada na realidade saía deles. Ela havia sentido uma coisa parecida no estacionamento.

O pêlo de sua nuca se arrepiou.

— Não se preocupe pelo brilho. — Disse ele suavemente, como se tivesse lido sua mente. — Não é nada.

— Não o entendo. — Sussurrou ela.

— Nem tente.

Ele diminuiu a distância entre eles, abaixando a cabeça. Seus lábios eram suaves contra os seus, prolongando-o, rodeando-a. Sua língua saiu e lhe acariciou a boca.

— Te abra para mim, Mary. Deixe-me entrar.

Lambeu-a até que ela separasse os lábios para ele. Quando sua língua se deslizou para dentro dela, o impulso aveludado a atingiu entre as coxas e aliviou seu corpo, o calor a atravessou quando seu seios encontraram seu peito. Ela o agarrou pelos ombros, tentando se aproximar mais de todos aqueles músculos e do calor.

Ela só teve êxito durante um momento. Bruscamente, ele separou seus corpos, embora mantivesse o contato com seus lábios. Ela se perguntou se ainda estava beijando-a para ocultar o fato de que ele havia se retirado. Ou talvez só tentasse refrescá-la um pouco, já que ela havia estado muito agressiva ou algo

assim?

Ela virou sua cabeça para um lado.

— O que está errado? — Perguntou ele. — Você está nisso.

— Sim, bem, não é o bastante para os dois.

Ele se deteve antes que se distanciasse um passo, relutando em deixar seu pescoço.

— Não quero parar, Mary. — Seus polegares acariciaram a pele de sua garganta e depois pressionaram sobre seu queixo e inclinou sua cabeça para trás. — Quero que esteja quente. Muito quente para não sentir nada, exceto a mim. Não pensará em nada mais que não seja o que te faço. Quero-te molhada.

Ele se dobrou e tomou sua boca, entrando profundamente, comendo-a. Procurou em todos os cantos até que não houve nenhum lugar em seu interior que não tivesse explorado. Então mudou o beijo, retirando e avançando, uma penetração rítmica que fez que ficasse mais molhada e ainda mais preparada para ele.

— É isso aí, Mary. — Disse ele contra seus lábios. — Deixe ir. Deus, posso cheirar sua paixão...é deliciosa.

Suas mãos iam de cima a baixo, passando sob a gola de seu casaco, sobre sua clavícula. Por Deus! Estava perdida por ele. Se ele tivesse lhe pedido que tirasse a roupa, já teria se despido. Se ele houvesse lhe dito que se estendesse sobre o chão e que abrisse as pernas, ela teria preparado a grama para ele. Qualquer coisa. Tudo que ele quisesse, o que fosse desde que nunca deixasse de beijá-la.

— Vou tocar-te. — Disse ele. — Não o bastante, não realmente o bastante. Mas um pouco...

Seus dedos se moveram sobre seu pulôver de gola alta de caxemira, indo mais e mais para baixo e...

Seu corpo se sacudia com força quando ele encontrou seus mamilos rígidos.

— Tão preparada para mim. — Murmurou ele, agarrando-os. — Gostaria tomá-los em minha boca. Quero chupar você, Mary. Vai me deixar fazê-lo?

Sua palmas abertas tomaram o peso de seu seios.

— Queria, Mary que estivéssemos a sós? Se estivéssemos em uma agradável cama quente? E você estivesse nua para mim? Deixar-me-ia prová-los? — Quando ela assentiu, ele riu com ferocidade. — Sim, onde mais, além disso, você iria querer a minha boca? — Ele a beijou duramente quando ela não respondeu. — Diga-me.

Sua respiração saiu em uma muda pressa. Ela não podia pensar, não podia falar.

Ele tomou sua mão e a colocou ao redor da sua mão.

— Então me mostre, Mary. — Disse ele a seu ouvido. — Me mostre onde quer que eu vá. Conduza-me. Vamos. Faça-o.

Incapaz de parar, ela tomou sua palma e a colocou sobre seu pescoço. Deslizando lentamente, devolveu-a a seu seio. Ele ronronou com aprovação e a beijou de um lado do queixo.

— Sim, ali. Sabemos que quer que vá ali. Onde mais?

Tonta, fora de controle, ela conduziu sua mão para seu estômago. Então a desceu até seu quadril.

— Bom. Isto é bom. — Quando ela hesitou, ele sussurrou. — Não pare, Mary. Continue. Mostre-me onde quer que eu vá.

Antes que ela perdesse o ânimo, colocou sua mão entre as pernas. Sua saia folgada lhe deu passagem, deixando-o entrar e um gemido escapou dela quando percebeu a palma dele sobre seu centro.

— Oh, sim, Mary. Assim é. — Ele a acariciou e ela se agarrou a seus grossos bíceps, inclinando-se para frente. — Deus, está me queimando vivo. Está tão molhada para mim, Mary? Acredito que sim. Penso que está coberta de mel...

Precisando tocá-lo, ela colocou suas mãos sob seu casaco, em sua cintura, sentindo o cru e atemorizante poder de seu corpo. Mas antes que pudesse afastar-se, ele afastou seus braços segurando os pulsos com uma mão. Claramente ele não ia parar. Pressionou-a para trás com seu peito, até que ela sentiu uma sólida árvore contra suas costas.

— Mary, me permita te fazer sentir bem. — Através de sua saia, seus

dedos sondaram e encontraram o ponto de prazer. — Quero fazer você gozar. Aqui e agora.

Quando ela gritou, ela compreendeu que estava à beira do orgasmo e ele estava completamente longe, um engenheiro de sua luxúria que não sentia, nada mesmo: sua respiração era serena, sua voz estável, seu corpo sem nenhuma afetação.

— Não. — Gemeu ela.

A mão de Hal cessou com as carícias.

— O que?

— Não.

— Você te certeza?

— Sim.

Imediatamente, ele se voltou para trás. E enquanto ele esteve de pé calmo diante dela, ela tentou recuperar o fôlego.

Seu fácil consentimento lhe doeu, mas ela se perguntou por que ele o havia feito. Talvez se satisfizesse estando em controle. Infernos, fazer que uma mulher ofegasse devia ser uma viagem de poder fabuloso. E isso explicaria por que ele queria estar com ela e não com aquelas garotas sexys. Uma mulher não-tão-atraente poderia ser mais fácil para permanecer distante.

A vergonha apertou seu peito.

— Quero voltar. — Disse ela, a ponto de começar a chorar. — Quero ir para casa.

Ele suspirou.

— Mary...

— Se pensa em me pedir desculpas, vou adoecer...

De repente, Hal franziu o cenho e ela começou a espirrar.

Deus, por alguma razão, seu nariz sentia um comichão como se quisesse escapar. Havia algo no ar. Doce. Como o sabão de lavanderia. Ou era talvez talco

de bebês?

A mão de Hal atingiu seu braço.

— Te jogue no chão. Agora mesmo.

— Por quê? O que...

— Te jogue ao chão. — Ele a empurrou até seus joelhos. — Mantenha sua cabeça coberta.

Girando a seu redor, plantou-se diante dela, seus pés afastados, a mãos diante de seu peito. Pela pernas separação ela viu dois homens saírem de cima das árvores. Estavam vestidos com macacão preto, sua pele pálida e seus cabelos brilhavam à luz da lua. A ameaça do parque fez com que ela compreendesse o longe que ela e Hal tinham estado vagando.

Ela procurou em sua bolsa seu telefone celular e tentou se convencer que estava reagindo de uma forma exagerada.

Sim, certo.

Os homens se dividiram e atacaram Hal por ambos os lados, chegaram rapidamente e desceram ao chão. Ela gritou alarmada, mas Hal...Santo Moisés, Hal sabia o que fazia. Equilibrou-se para a direita e agarrou um deles por um braço, atirando o cara no chão. Antes que o homem pudesse se levantar, Hal pisou com força sobre seu peito, prendendo-o. O outro atacante foi pego por Hal pelo pescoço e terminou por sufocando, dando socos e pontapés, ofegando por conseguir ar, indo a lugar nenhum.

Sombrio, mortífero, Hal estava muito controlado, a vontade com a violência. E sua fria expressão, tranqüila incomodava infernal mente a ela, até mesmo quando estava agradecida por ele tê-los salvado.

Ela encontrou seu telefone e começou a marcar o 911, pensando que ele claramente poderia segura-los enquanto a polícia chegava.

Ela ouviu um repugnante estalo.

Mary elevou a vista. O homem que havia sido agarrado caiu ao chão, sua cabeça pendurada de seu pescoço em um ângulo totalmente incorreto. Não se movia.

Ela se levantou.

— O que você fez!

Hal tirou uma larga adaga negra de algum lugar e se sobressaiu sobre o homem que tinha estado sob sua bota. O cara se arrastava pela terra para escapar.

— Não. — Ela se colocou diante de Hal.

— Vá para o lado. — Sua voz era misteriosa. Afastada. Totalmente indiferente.

Ela o agarrou pelo braço.

— Pare.

— Tenho que terminar...

— Não vou deixar que mate outro...

Alguém a agarrou pelo cabelo e a atirou a seus pés. Então o outro homem de preto atacou Hal.

A dor atravessou sua cabeça e seu pescoço como um relâmpago e depois caiu sobre seu traseiro com força. O impacto do golpe fez que abandonasse a respiração e as estrelas irrompessem sua visão como foguetes. Ela lutava para conseguir ar em seus pulmões quando seus braços foram retorcidos para cima e a levaram arrastando-a. Rapidamente.

Seu corpo batia contra o chão, seus dentes rangendo. Ela levantou a cabeça mesmo quando isto lhe enviava agulhas de cima e a baixo de sua espinha dorsal. O que viu foi um horrível alívio. Hal lançava outro corpo sem vida sobre a grama e vinha atrás dela em uma corrida mortal. Suas coxas cobriam por completo a distância, o casaco flamejava atrás dele, a adaga estava em sua mão. Seus olhos eram de um azul gritante na noite, como lanternas de néon sobre um carro, e seu grande corpo era nada mais que a morte que espera um lugar para passar.

Graças a Deus

Mas então outro homem se lançou sobre Hal.

Quando Hal rechaçou ao cara, Mary recorreu a seu treinamento de autodefesa, retorcendo-se até que seu atacante tivesse que se ajeitar para apertá-la. Quando ela sentiu que seus dedos se afrouxavam, deu um puxão com tanta

força como pôde. Ele se virou e a recapturou rapidamente, mas com um apertão menos seguro. Ela se arremessou outra vez, obrigando-o a parar e a girar-se.

Ela se debateu, preparada para ser atingida, mas ao menos esperava ter conseguido dar algum tempo para Hal.

Não houve nenhum golpe. Em troca um uivo de dor saiu do homem e seu raptor caiu sobre ela, um pesado e sufocante peso. O pânico e o terror lhe deram forças para afastá-lo.

Seu corpo se girou fracamente. A adaga de Hal atravessava o olho esquerdo do homem.

Muito horrorizada para gritar, Mary ficou de pé e correu tão rápido como pôde. Estava segura de que voltariam a agarrá-la, convencida de que ia morrer.

Mas então o brilho das luzes do restaurante finalmente entraram em seu campo de visão. Quando sentiu o asfalto do estacionamento, quis chorar de gratidão.

Até que viu Hal diante dela. Como se tivesse aparecido do nada.

Deu um freada ao parar, ofegando, tonta, incapaz de compreender como tinha podido ir atrás dela. Quando seus joelhos se esgotaram, ela foi até um carro qualquer.

— Venha, vamos. — Disse ele apenas.

Em uma fria precipitação, ela recordou o estalo do pescoço do homem. E a adaga negra no olho do homem. E o controle tranqüilo, cruel de Hal.

Hal era a morte...A morte em um formoso pacote.

— Te afaste de mim. — Ela caiu sobre seus pés e ele estendeu a mão para ela. — Não! Não me toque.

— Mary...

— Se mantenha longe de mim. — Ela foi até o restaurante, as mãos levantadas para rechaçá-lo. Pouco lhe serviria contra ele.

Hal a seguiu, movendo seus poderosos braços e pernas.

— Me escute...

— Necessito... — Ela clareou a garganta. — Tenho que chamar à polícia.

— Não, você não o fará.

— Fomos atacados! E você...matou aquelas pessoas. Matou às pessoas. Quero chamar a...

— Isto é algo privado. A polícia não pode te proteger. Eu posso.

Ela parou, um desagradável disparo da verdade em que ele estava no centro. Tudo tinha sentido. A ameaça que ele ocultava atrás de seu encanto. A falta absoluta de medo quando foram atacados. Sua determinação de não implicar a polícia. Deus, o fato de que tivesse rachado a cabeça de um homem com facilidade, como se o tivesse feito antes.

Hal não queria que ela chamasse o 911 porque ele estava do outro lado da lei. Nada menos que bandidos tinham ido atrás dele.

Ela abaixou seu braço para segurar a bolsa, a ponto de começar a correr. E se deu conta de que sua bolsa tinha desaparecido.

Hal amaldiçoou, rápido e forte.

— Perdeste a bolsa, não é mesmo? — Ele olhou a seu redor. — Escuta, Mary, você tem que vir comigo.

— Um inferno que o farei.

Ela fugiu para o restaurante, mas Hal saltou diante dela, lhe bloqueando o caminho, agarrando-a pelos braços.

— Gritarei. — Ela olhou para os manobristas. Eles estavam provavelmente a 25 metros de distância. — Gritarei muito forte.

— Sua vida está em perigo, mas posso te proteger. Confie em mim.

— Não te conheço.

— Sim, conhece.

— Ah, tem razão. É lindo, então talvez não possa ser mau.

Ele apontou com um dedo para o parque.

— Salvei-te ali. Sem mim, agora mesmo você não estaria viva.

— Bem. Muito obrigado. Agora me deixe só!

— Não quero fazer isso. — Resmungou ele. — Realmente não quero!

— Fazer o que?

Ele passou sua mão na frente de seus rosto.

E de repente, ela não podia se lembrar de por que estava tão zangada.

## CAPÍTULO DEZENOVE

---

Estando de pé diante de Mary, a memória dela a sua mercê, Rhage disse que tinha que terminar o trabalho. Só apagar a sim mesmo como se fosse uma mancha.

— Sim, e como ela ia trabalhar para eles?

Tinha abandonado ao menos a um, talvez a dois lessers vivos no parque quando tinha tido que ir atrás dela. Se aqueles sujeitos pegassem a bolsa dela e ele só podia imaginar que o haviam feito, ela estava na mira deles. A Sociedade já estava seqüestrando civis que não sabiam nada sobre a Irmandade: ela na realidade tinha sido vista com ele.

Mas que diabos ia fazer agora? Não podia abandoná-la sozinha em sua casa porque seu endereço estaria em sua carteira de motorista e este seria o primeiro lugar ao qual os lessers iriam. Levá-la a um hotel não era uma opção, porque não podia ter certeza de que ela ficaria lá. Ela não entenderia por que teria que se manter afastada de sua casa porque não se lembraria do ataque.

O que ele queria fazer era levá-la à mansão, ao menos até que pudesse calcular como dirigir esta merda de tempestade. O problema era que cedo ou tarde alguém averiguaria que ela estava em seu quarto e estas não seriam boas notícias para ninguém. Inclusive se a ordem de Tohr de lhe apagar a memória não se mantivesse de pé, os humanos estavam proibidos em seu mundo. Muito perigoso. A última coisa que a Irmandade necessitava para a existência da raça e a secreta guerra com os lessers era tornarem-se público entre os Hom Sapiens.

Sim, mas ele era o responsável pela vida de Mary. E as regras existiam para serem desobedecidas...

Talvez pudesse conseguir que Wrath lhe permitisse levá-la. A Shellan de Wrath era meio humana e depois que os dois se uniram, o Rei Cego se abrandou com respeito ao tema das mulheres. E Thor não podia anular o rei. Ninguém podia.

Exceto que enquanto Rhage tentasse apresentar seu caso, Mary tinha que ser mantida a salvo.

Ele pensou em sua casa. Estava afastada da estrada, então se um maldito viesse para atingi-la, ele poderia defendê-la sem ter que se preocupar muito com a interferência da polícia humana. Tinha muitas armas em seu carro. Poderia

levá-la até lá e protegê-la se fosse necessário e chamar Wrath.

Rhage libertou sua mente, cortando de sua memória só a parte após deles terem saído do carro. Ela não se recordaria de seus beijos.

O que, considerando todas as opções, era uma coisa boa. Maldição.

Ele a havia pressionado demais, demasiado rápido e ele quase havia se dividido. Enquanto sua boca e seu corpo estiveram nela, o zumbido havia se elevado a um grito. Especialmente quando ela havia tomado sua mão e a tinha colocado entre suas coxas.

— Hal? — Mary o olhou com confusão. — O que está acontecendo?

Ele se sentiu horrível enquanto examinava seus grandes olhos e terminou de enterrar as imagens em sua mente. Tinha apagado a memória de incontáveis mulheres humanas antes e nunca o tinha pensado duas vezes. Mas com Mary, parecia que levava algo dela. Invadindo sua intimidade. Traíndo-a.

Passou-lhe uma mão pelo cabelo, pegando uma mecha e desejando tirar as coisas diretamente de sua cabeça.

— Então prefere que nos pulemos o jantar e voltemos para sua casa? Eu poderia comer alguma coisa fria.

— Bom, mas... sinto como se houvesse alguma coisa que nós tínhamos que fazer. — Ela olhou a si mesma e começou a retirar a grama. — Considerando como tinha deixado esta saia quando deixamos minha casa, provavelmente não deveria aparecer em público de qualquer maneira. Sabe, pensava que eu havia limpado a grama de...Espera um minuto, onde está minha bolsa?

— Talvez você a tenha deixado no carro.

— Não, eu... Oh, meu Deus. — Ela começou a tremer de modo incontrolável, respirando rapidamente, levemente. Seus olhos frenéticos.

— Hal sente muito, eu... necessito... Ah, infernos.

A adrenalina corria por todo seu sistema. Sua mente podia estar calma, mas seu corpo ainda estava cheio de medo.

— Vem aqui. — Disse ele, atraindo-a contra seu corpo. — Me deixe te abraçar até que isto passe.

Enquanto murmurava-lhe palavras, mantinha suas mãos à frente de maneira que não encontrassem a adaga sob seu braço ou sua Baretta nove milímetros em seu bolso traseiro. Seus olhos precipitando-se ao seu redor, procurando entre as sombras do parque à direita e o restaurante à esquerda. Estava desesperado para levá-la até o carro.

— Sinto-me tão envergonhada. — Disse ela contra seu peito. — Eu não havia tido um ataque de pânico há muito tempo.

— Não se preocupe por isso. — Quando ela deixou de tremer, ele se afastou. — Vamos.

Colocou-a rapidamente no GTO e se sentiu melhor quando o colocou em funcionamento e saiu do estacionamento.

Mary olhou tudo ao redor de dentro do carro.

— Merda. Minha bolsa não está aqui. Devo ter deixado ela em casa. Hoje estou esquecida. — Ela se recostou contra o assento e procurou entre seus bolsos. — Dane-se! Ao menos tenho minhas chaves.

A viagem para fora da cidade foi rápida, tranqüila. Quando estacionou o GTO diante de sua casa, Mary escondeu um bocejo e tentou abrir a porta. Ele colocou sua mão em seu braço.

— Me deixe ser um cavalheiro e fazer isto por você.

Ela sorriu e deixou cair o olhar como se não estivesse acostumada que os homens a tratassem com excessivos mimos.

Rhage saiu. Enquanto, cheirou o ar e usou seus olhos e ouvidos para penetrar na escuridão. Nada. Um monte de nada.

Enquanto caminhava ao redor da parte traseira do carro, abriu o porta-malas, tirou uma grande bolsa, e fez uma nova pausa. Tudo estava tranqüilo, incluindo seus impulsivos sentidos.

Quando abriu a porta para Mary, ela olhou com o cenho franzido o que estava pendurado em seu ombro.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não acredito que passe a noite ou algo assim. Só notei que a fechadura de meu porta-malas está quebrada e não quero deixá-lo tão vulnerável. Ou

simplesmente a vista.

Maldição, odiava mentir para ela. Literalmente lhe revolveu o estômago.

Mary se encolheu e andou até a porta dianteira.

— Deve haver algo importante dentro dessa coisa.

Sim, somente suficiente potência de fogo para destruir um edifício de dez andares. E isto ainda não era suficiente para protegê-la.

Ela parecia um pouco envergonhada quando abriu a porta dianteira e deu um passo para dentro. Deixou-a vagar pela residência ligando as luzes e lidando com seu nervosismo, mas ele estava bem atrás dela. Quando a seguiu, visualmente verificou as portas e as janelas. Todas estavam fechadas. O lugar era seguro, ao menos no andar de baixo.

— Quer comer algo? — Perguntou-lhe ela.

— Não, estou bem.

— Eu tampouco tenho fome.

— O que há lá em cima?

— Um ...meu quarto.

— Quer me mostrar? — Ele tinha que examinar o segundo andar.

— Talvez mais tarde. De verdade quer vê-lo? E...ah...infernos. — Ela parou com inquietação e o olhou fixamente, com as mãos nos quadris. — Vou ser clara contigo. Nunca tive um homem nesta casa. E estou com a hospitalidade enferrujada.

Ele deixou cair sua bolsa. Embora ele estivesse pronto para a batalha e tenso como um gato, tinha bastante energia mental armazenada para ser atraído por ela. O fato de que outro homem não tivesse estado em seu espaço íntimo o alegrava tanto que seu peito cantou.

— Acredito que você o está fazendo bem. — Murmurou ele. Ele estendeu a mão e lhe acariciou a bochecha com o polegar, pensando no que queria fazer com ela naquele dormitório.

Imediatamente seu corpo começou a dar voltas, uma estranha queimação

condensando-se ao longo de sua coluna vertebral. Ele obrigou a sua mão a cair a um lado.

— Tenho que fazer uma rápida ligação. Importa-te se uso a parte de cima para falar com privacidade?

— Certamente. Vou te esperar aqui.

— Não demorei muito.

Quando correu para seu quarto, ele tirou seu telefone celular do bolso. A maldita coisa estava quebrada, provavelmente por um dos pontapés dos lessers, mas ainda discava. Quando saiu a mensagem de voz de Wrath, deixou-lhe uma curta mensagem e rezou como o inferno para que o chamassem logo.

Depois de fazer uma avaliação rápida da parte de cima, ele voltou para baixo. Mary estava sobre um divã, as pernas recolhidas debaixo dela.

— Então, o que vamos ver? — Perguntou ele, procurando faces pálidas em portas e janelas.

— Por que você olha ao redor como se isso fosse um beco?

— Sinto muito. Um velho hábito.

— Deve ter estado em uma unidade militar infernal.

— O que quer ver? — Ele se aproximou de onde estavam arrumados todos os DVDs.

— Você escolhe. Eu irei trocar de roupa... — Ela se ruborizou. — Bem, para ser honesta, vou colocar algo mais cômodo. E que não tenha grama sobre ela.

Para assegurar-se que ela estava a salvo, esperou-a na parte inferior da escada enquanto ela se encaminhava para seu quarto. Quando começou a descer para o primeiro andar, ele caminhou novamente até a estante.

Olhando a coleção de filmes soube que estava com problemas. Havia muitos títulos estrangeiros, alguns sinceramente americanos. Alguns sucessos antigos como Algo Para Recordar. Casablanca.

Absolutamente nada de Sam Raimi ou Roger Corman. Ela não havia ouvido nada sobre a série Evil Dead? Espera, havia uma esperança. Ele tirou

uma capa. Nosferatu, Eine Symphonie de Grauens. O clássico filme alemão de vampiros de 1922.

— Encontre algo que você gosta? — Disse ela.

— Sim. — Olhou-a sobre seu ombro

Oh... homem. Ela havia se vestido para o amor, por isso ele se preocupou: O pijama de flanela com estrelas e luas estampadas. Uma camiseta branca. Mocassins brancos de couro.

Ela puxou a barra da camiseta, tentando baixá-la mais.

— Pensei em colocar jeans, mas estou cansada e uso isto na cama... E, para relaxar. Já sabe nada de imaginação.

— Eu gosto de você dentro de tudo isso. — Disse ele em voz baixa. — Parece estar confortável.

Sim, ao diabo com isso. Ela estava comestível.

Uma vez que havia escolhido o filme e o fez rodar, ele pegou a bolsa, levou-o até o sofá e no final se sentou em frente a ela. Esticou-se, tentando fingir para seu benefício que cada músculo de seu corpo não estava tenso. A verdade era que estava no limite. Entre a espera de que um lesser entrasse a força, e rezar para que Wrath ligasse a qualquer momento e o desejo de beijar a trilha para a parte interior de suas coxas, era um intenso e folgado cabo de aço.

— Pode colocar os pés sobre a mesa, se quiser. — Disse ela.

— Estou bem. — Ele se esticou e apagou o abajur à sua esquerda, esperando que ela dormisse. Ao menos poderia se mover e vigiar o exterior sem conseguir irritá-la.

Aos quinze minutos de filme, ela disse.

— Sinto muito, mas estou apagando aqui.

Ele a olhou. Seu cabelo aberto como um leque sobre os ombros e enroscada sobre si mesma. Sua luminosa pele um pouco avermelhada pela luz da TV, suas pálpebras fechadas.

Assim se veria ela quando despertava pelas manhãs, pensou ele.

— Pode dormir, Mary. Vou ficar um pouco mais, OK?

Ela colocou uma suave manta de cor creme sobre ela.

— Sim, certamente. Mas, hum, Hal...

— Espere. Por favor poderia me chamar por meu...outro nome?

— Ok Qual é?

— Rhage.

Ela franziu o cenho.

— Rhage?

— Sim.

— Ah, certo. É como um apelido ou algo assim?

Ele fechou os olhos.

— Sim.

— Bem. Rhage...obrigado por esta noite. Por ser tão flexível, acredito.

Ele amaldiçoou silenciosamente, pensando que ela deveria esbofeteá-lo em vez de sentir-se agradecida. Ele quase a tinha matado. Agora ela era um objetivo dos lessers. E se ela soubesse a metade das coisas que ele queria fazer a seu corpo, ela provavelmente se trancaria no banheiro.

— Está bem, já sabe. — Murmurou ela.

— O que?

— Sei que só quer que sejamos amigos.

Amigos?

Ela riu com força.

— Quero dizer, que não quero que pense que interpretei mal aquele beijo quando me pegou esta noite. Sei que não era...já sabe. De todas as formas, não tem que se preocupar de eu ter uma idéia equivocada.

— Por que pensa que eu poderia estar preocupado?

— Está sentando tão rígido como uma tábua no outro lado do sofá. Como se tivesse medo de que eu fosse saltar sobre você.

Ele ouviu um ruído lá fora e seus olhos se dirigiram para a janela da direita. Mas era somente uma folha que havia batido sobre o vidro da janela.

— Não queria te deixar embaraçado. — Soltou ela. — Só queria ...já sabe, te tranquilizar.

— Mary, não sei o que dizer. — Por que a verdade a aterrorizaria. E já havia lhe mentido o bastante.

— Não diga nada. Provavelmente não deveria tê-lo dito. Tudo o que queria dizer era, que estou contente de que você esteja aqui. Como um amigo. De verdade que eu gostei do passeio de carro. E eu gosto de caminhar. Não necessito mais de você, francamente. Você é um amigo.

Rhage deu um suspiro. Em toda sua vida adulta, nunca uma mulher o havia chamado de amigo. Ou valorizara sua companhia para outra coisa que não fosse o sexo.

Na Velha Língua, lhe sussurrou.

— Não tenho palavras, minha mulher. Nenhum som de minha boca é digno de seu ouvido.

— Que língua é esta?

— Minha língua materna.

Ela assentiu com a cabeça, avaliando-o.

— É parecido com o francês, mas não exatamente. Havia algo de eslavo. Talvez húngaro ou algo assim?

Ele cabeceou.

— Basicamente.

— O que você disse?

— Eu gosto de estar aqui contigo, também.

Ela sorriu e deixou cair sua cabeça.

Assim que ele soube que ela estava apagada, abriu o zíper de sua bolsa e verificou duas vezes que as armas estivessem carregadas. Então andou pela casa, apagando as luzes. Quando estava totalmente escuro, seus ajustados olhos e sentidos se intensificaram ainda mais.

Explorou os bosques posteriores à casa. E o prado da direita. E a grande granja à distância. E a estrada em frente.

Ele escutou, rastreando os passos dos animais através da grama e notando como o vento acariciava as tábuas de madeira do celeiro. Quando a temperatura de fora baixou, controlou os rangidos da casa, examinando-os, sondando se por acaso se irrompiam. Caminhou ao redor, voltando para a sala, até que pensou que ia explodir.

Verificou seu telefone celular. Estava conectado, com o timbre ativado. E a coisa recebia o sinal.

Ele amaldiçoou. Caminhando ao redor um pouco mais.

O filme terminou. Ele o recomeçou para o caso de ela despertar e quisesse saber por que ele ainda estava ali. Então deu outra volta ao redor do primeiro andar.

Quando esteve na parte detrás da sala de estar, esfregou-se a testa e sentiu o suor. A casa dela estava mais aquecida do que estava acostumado ou talvez ele só estivesse nervoso. Por outro lado, ele tinha calor, então tirou o casaco e colocou suas armas e o telefone celular dentro da bolsa.

Quando se enrolou as mangas, ficou de pé ante ela e a mediu lentamente, inclusive as respirações. Ela era muito pequena sobre aquele sofá, menor ainda para aqueles fortes olhos cinza de guerreiro, ocultos atrás das pálpebras e sobranceiras. Sentou-se a seu lado e com cuidado mudou seu corpo, para que ela se recostasse contra a dobra de seu braço.

Ao lado de seu músculo, ela era diminuta.

Ela se remexeu, levantando sua cabeça.

— Rhage?

— Volte a dormir. — Sussurrou-lhe ele, impulsionando-a contra seu peito.  
— Só deixa que te segure. É tudo o que vou fazer.

Ele absorveu seu suspiro através de sua pele e fechou os olhos quando seu braço se colocou ao redor de sua cintura, sua mão metida a seu lado.

Tranquilo.

Tudo estava tranquilo. Tranquila na casa. Tranquilo lá fora.

Teve o estúpido impulso de despertá-la e aconchegá-la de novo, então poderia senti-la mais facilmente contra ele uma vez mais.

Em troca, concentrou-se em sua respiração, combinando e empurrando seus próprios pulmões como os dela.

Tão...pacífico.

E silencioso.

## CAPÍTULO VINTE

---

Quando John Mathew deixou o Moe's Diner, onde trabalhava como ajudante de garçom, preocupou-se com Mary. Ela tinha feito uma mudança na quinta-feira no Telefone Direto, o que era algo insólito, e esperava que estivesse lá esta noite. Como eram doze e trinta agora, ainda tinha meia hora antes que ela saísse, então com certeza que a encontraria. Supondo que ele se deixasse ver.

Caminhou tão rápido como pôde, cobriu os seis sujos blocos de apartamentos em aproximadamente dez minutos. E embora a viagem para casa não fosse nada especial, seu edifício estava cheio de diversão e jogos. Quando passou pela porta principal, ouviu alguns homens bêbados discutindo, suas palavras altas imprecisas, coloridas e inconsistentes. Uma mulher gritou algo sobre o volume da música. A irreverente resposta masculina que ela obteve foi do tipo que ele associava com gente armada.

John passou como um relâmpago pelo vestibulo e subiu as descascadas escadas, trancando-se em seu estúdio com rapidez.

Seu espaço era pequeno e provavelmente dentro de uns cinco anos o declarariam em ruínas. O piso era metade de linóleo e a outra metade de carpete, e os dois estavam destruídos. O linóleo estava desgastado de maneira que parecia que fosse se converter-se em fios de cabelo e o carpete havia se tornado tão duro que mais parecia madeira dura.

As janelas estavam opacas pela imundície, o que na realidade era algo bom, já que assim não necessitava de persianas. A ducha e o banheiro funcionavam, mas a pia estava entupida desde o dia que havia chegado. Tinha tentado desentupi-la, mas quando isto não funcionou, decidiu não mexer nos encanamentos. Não tinha nenhum interesse em saber o que tinham empurrado por aquela garganta.

Como ele sempre fazia quando chegava em casa nas sextas-feiras, abriu uma janela e olhou a rua através dela. Os escritórios do Telefone Direto Para a Prevenção do Suicídio estavam abertos, mas Mary não estava no escritório que normalmente usava.

John franziu o cenho. Talvez ela não se estivesse bem. Parecia bastante esgotada quando ele havia ido a sua casa.

Amanhã, decidiu ele, iria de bicicleta até onde ela vivia e comprovaria como estava.

Deus, estava tão contente por que finalmente teve a coragem de aproximar-se dela. Tinha sido tão agradável, ainda mais em pessoa que pelo telefone. E ela conhecia o ASL? Teria sido o destino?

Fechando a janela, aproximou-se da geladeira liberando a borracha que mantinha a porta fechada. Dentro havia quatro pacotes de baunilha Ensure. Tirou duas latas, depois estirou a borracha até seu lugar. Calculou que seu apartamento era o único do edifício que não estava infestado de insetos, e era só por que não tinha nenhum alimento de verdade a seu redor. Seu estômago não podia com essa matéria.

Sentado sobre seu colchão, apoiou-se contra a parede. O restaurante tinha estado cheio e lhe doíam horrivelmente os ombros.

Bebendo com cautela primeiramente, esperando que seu ventre o deixasse tranqüilo esta noite, recolheu de novo a revista Músculos e Saúde que já havia lido duas vezes.

Olhou fixamente a capa. O cara na capa tinha a pele bronzada, um tórax aumentado, cheio de bíceps, tricípites, peito e abdominais. Para amplificar a aparência do macho, tinha uma formosa moça com um biquíni amarelo ao redor dele como uma fita.

John tinha estado lendo sobre os levantadores de peso durante anos e tinha economizado durante meses para comprar um pequeno jogo de pesos. Trabalhava com o metal seis dias à semana. E não tinha nada que o demonstrasse. Não importava com a força que trabalhasse ou como desesperadamente queria ser maior, não tinha aumentado nenhum músculo.

Parte do problema era sua dieta. Those Ensures era tudo o que podia tomar sem adoecer e eles não tinham toneladas de calorias. O problema estava relacionado com o alimento. Sua genética era uma porcária. Aos vinte e três anos, tinha cinco pés e seis polegadas, 102 libras. Não precisava se barbear. Não havia nenhum cabelo sobre seu corpo. Nunca tinha tido uma ereção.

Pouco viril. Frágil. O pior de tudo, não mudava. Tinha tido este tamanho e tinha sido assim nos últimos dez anos.

A identidade repetitiva de sua existência o cansava, esgotava-o, esvaziava-o. Tinha perdido a esperança de se converter em um homem e a aceitação da realidade o havia envelhecido. Sentia seu pequeno corpo velho, como se sua cabeça não pertencesse ao resto dele.

Mas tinha algum descanso. Gostava de dormir. Em seus sonhos se via lutando, era forte, sentia-se seguro, ele era...um homem. De noite, enquanto seus olhos estavam fechados, tinha uma temível adaga em sua mão, um assassino que fazia o que fosse por uma nobre razão, E não estava só em seu trabalho. Tinha a companhia de outros homens como ele, lutadores e irmãos, leais até a morte.

E em suas visões, fazia amor com mulheres, lindas mulheres que faziam estranhos sons quando ele entrava em seus corpos. Às vezes havia mais de uma com ele, e as tomava com força por que elas o queriam assim e ele também o queria. Suas amantes lhe agarravam as costas, arranhando sua pele quando se estremeciam e se moviam debaixo de seus quadris que se chocavam. Com rugidos de triunfo, ele gozava, seu corpo contraindo-se e escorregando-se no calor úmido que elas lhe ofereciam. E depois de que tivesse prazer, em emocionantes atos de depravação, beberia seu sangue e o frenesi selvagem deixaria os lençóis brancos, vermelhos. Finalmente quando as necessidades passassem e a fúria e as ânsias terminassem, a seguraria amavelmente e a contemplariam com satisfação, adorando seus olhos. A paz e a harmonia viriam e seriam bem-vindas como bençãos.

Infelizmente, seguia despertando a cada manhã.

Na vida real, não podia esperar derrotar ou defender alguém, não do modo que o havia sonhado. E ainda não tinha beijado uma mulher. Nunca tinha tido a oportunidade. O sexo oposto tinha duas reações: as mais velhas o tratavam como a uma criança e as mais jovens olhavam através dele. Ambas as respostas lhe doíam, as mais velhas por que apontavam sua fraqueza, as últimas por que lhe roubavam qualquer esperança de que encontraria alguém de quem cuidar.

Era por isso queria uma mulher. Tinha a grande necessidade de proteger, abrigar, guardar. Uma chamada inconcebível e sem saída.

Além disso, que mulher ia lhe querer? Era condenadamente fracote. Seu jeans penduravam de suas pernas. Sua camisa colada ao peito côncavo que corria entre suas costelas e seus quadris. Seus pés eram do tamanho de um criança de dez anos.

John podia sentir crescer sua frustração, mas não sabia o que era que lhe desgostava. Certo, gostava das mulheres. E queria tocá-las por que sua pele parecia tão delicada e cheirava tão bem. Mas não era como se tivesse despertado, inclusive quando despertava em meio de um de seus sonhos. Era um monstro. Preso em algum lugar entre um homem e uma mulher, nem um nem outro. Um hermafrodita sem a equipe normal.

Uma coisa era certa. Definitivamente não gostava dos homens. Muitos deles haviam ido atrás dele durante anos, empurrando o dinheiro ou as drogas ou ameaçando-o, tentando atraí-lo para banheiros ou para os carros. De algum modo, sempre conseguia escapar.

Bem, sempre até o inverno passado. Lá por janeiro o haviam preso na ponta de uma pistola no vão da escada do edifício anterior onde tinha vivido.

Depois disto, mudou-se e tinha começado a levar uma pistola.

Também tinha chamado ao Linha Direta de Prevenção ao Suicídio.

Isso fora há dez meses e ele ainda não podia suportar sentir o contato dos jeans contra sua pele. Teria jogado fora os quatro pares se tivesse podido. Em troca, tinha queimado os que usava naquela noite e havia se acostumada a usar cueca largas sob as calças, inclusive no verão.

Pois não, não gostava dos homens.

Talvez essa fosse outra das razões pelas quais respondia assim ante as mulheres. Sabia como se sentiam, sendo um alvo, por que tinham algo que alguém mais poderoso queria tirar delas.

Não é que estivesse a ponto de contar para alguém sobre sua experiência ou alguma coisa. Não tinha nenhuma intenção de compartilhar com ninguém o que lhe havia passado naquele vão daquela escada. Não podia imaginar contando-o.

Mas Deus, o que, se uma mulher lhe perguntasse se já havia estado alguma vez com alguém? Não saberia como responder a isso.

Uma pesada mão bateu em sua porta.

John ficou de pé depressa, pegando a arma que estava debaixo de seu travesseiro. Liberou a tranca com um movimento rápido de seu dedo.

A batida se repetiu.

Nivelando a arma contra a porta, esperou que um ombro atingisse a madeira e a estilhaçasse.

— John? — Era uma voz masculina, grave e poderosa. — John, sei que está dentro. Meu nome é Tohr. Conheceu-me há duas noites.

John franziu o cenho e depois estremeceu quando suas têmporas lhe doeram. Bruscamente, como se alguém tivesse aberto uma comporta, recordou que tinha ido a algum lugar clandestinamente. E havia se reunido com um homem alto vestido de couro. Com Mary e Bella.

Enquanto a memória o atingia, algo se moveu no mais profundo de seu interior. No nível de seus sonhos. Algo antigo...

— Vim para falar contigo. Me deixará entrar?

Com a arma em sua mão, John foi até a porta e a abriu, mantendo a corrente em seu lugar. Esticou o pescoço para cima, para encontrar-se com os olhos azul escuro do homem. Uma palavra lhe veio   memória, uma que não entendia.

Irmão.

— Quer travar novamente essa arma, filho?

John negou com a cabeça, preso entre o eco de uma estranha lembrança em sua cabeça e que estava diante dele: um homem mortal de couro.

— Bem. S  cuide par onde você aponta. Não te v  muito cômodo com essa coisa e não quero o incomodo de ter um buraco em mim. — O homem olhou a corrente. — Vai me deixar entrar?

Duas portas mais abaixo, uma onda de elevados gritos foram crescendo e terminaram com o som de um vidro quebrado.

— Vamos, filho. Um pouco de privacidade será bom.

John inspirou profundamente e soltou seus instintos procurando qualquer sensa o real de perigo real. Não encontrou nada, apesar do homem ser grande e duro e indubitavelmente armado. Alguém como ele só tinha embalagem.

John retirou a corrente e se distanciou, abaixando a arma.

O homem fechou a porta atrás dele.

— Se recorda que nos encontramos, não é mesmo?

John assentiu, perguntando-se por que suas lembranças haviam retornado tão depressa. E por que a terrível dor de cabeça tinha chegado com eles.

— Se recorda sobre o que estivemos falando. Sobre o treinamento que lhe oferecemos?

John colocou a trava da arma em seu lugar. Recordou tudo e a curiosidade que o havia atingido, voltou. Assim como um feroz desejo.

— Então você gostaria de se unir e trabalhar conosco? E antes que me diga que não é demasiado grande, conheço muitos caras de seu tamanho. De fato, temos uma classe de homens que são justo como você.

Mantendo seus olhos sobre o forasteiro, John colocou a arma sobre seu bolso traseiro e se aproximou da cama. Agarrou um bloco de papel de papel e uma caneta Bic e escreveu: Não tenho dinheiro.

Quando lhe mostrou o bloco de papel, o homem leu suas palavras.

— Não tem que se preocupar com isso.

John rabiscou: Sim, faço-o e girou o papel.

— Controlo o lugar e necessito de alguma ajuda em matéria administrativa. Poderia trabalhar para cobrir o custo. Sabe algo sobre computadores?

John negou com a cabeça, parecendo um idiota. Tudo o que sabia fazer era recolher pratos, copos e lavá-los. E este cara não necessitava de um ajudante de garçom.

— Bem, conseguiremos que um Irmão que entenda dessas malditas coisas te dê uma mão. Ele te ensinará. — O homem sorriu um pouco. — Trabalhará. Treinará. Estará bem. E falará com minha shellan. Ela se sentiria muito feliz se ficasse conosco enquanto estiver na escola.

John entrecerrou suas pálpebras, sua cautela crescendo. Isto soava de todas as formas como um bote salva-vidas. Mas porque este cara queria salvá-lo?

— Quer saber por que eu faço isso?

Quando John assentiu com a cabeça, o homem tirou o casaco e desabotoou a metade superior de sua camisa. Deixou a coisa aberta, expondo seu peitoral esquerdo.

Os olhos se fixaram na cicatriz circular que lhe era mostrada.

Quando ele ficou a mão sobre seu próprio peito, o suor escorreu sobre sua testa. Tinha uma rara sensação de que algo transcendental se encaixava no lugar.

— Você é um de nós, filho. É tempo de que volte para a casa .

Família.

John deixou de respirar, um estranho pensamento passou por sua cabeça: Por fim, encontraram-me.

Mas então a realidade apareceu a sua frente, chupando a alegria de seu peito.

Não lhe aconteciam milagres. Sua boa sorte lhe tinha secado antes que tivesse tido a consciência de que havia tido alguma. Ou talvez fosse a sorte que o havia evitado. Em qualquer caso, este homem vestido de couro negro, que vinha de alguma parte, lhe oferecendo uma saída de emergência do horrível lugar no qual vivia, era muito bom para ser verdade.

— Quer mais tempo para pensar nisso.

John negou com a cabeça e se distanciou, escrevendo: Quero ficar aqui.

O homem franziu o cenho quando leu as palavras.

— Escuta, filho, está em um momento perigoso de sua vida.

Vá à merda. Tinha convidado o cara a entrar, sabendo que ninguém viria em sua ajuda se gritasse. Sentiu sua arma.

— Bem, te acalme. Já me dirá. Pode assobiar?

John assentiu com a cabeça.

— Aqui está o número onde pode me localizar. Assobia no telefone e saberei que é você. — O cara lhe deu um pequeno cartão. — Dar-te-ei alguns dias. Ligue se mudar de idéia. Se não o fizer, não se preocupe com isso. Não se recordará de nada.

John não tinha nem idéia do que fazer com esse comentário, então ele ficou olhando fixamente os números negros gravados, perdendo-se em todas as possibilidades e improbabilidades. Quando olhou para cima, o homem tinha ido.

Deus, não tinha ouvido abrir e fechar a porta.



## CAPÍTULO VINTE E UM

---

Mary saiu do sonho com um violento espasmo. Um profundo grito retumbou em sua sala de estar, quebrando a tranqüila manhã. Ergueu-se de repente, mas foi empurrada para um lado outra vez. Então o sofá inteiro estava inclinado afastado da parede.

Na cinza luz do alvorecer, viu a bolsa de Rhage. Seu casaco. E compreendeu que ele havia saltado para trás do sofá.

— As persianas! — Gritou ele. — Abaixem as persianas!

A dor em sua cortante voz a perturbou fazendo-a correr pela residência. Ela cobriu cada janela até que a única luz que entrava de fora fosse pela cozinha.

— E aquela porta, também... — Sua voz se fragmentou. — A da outra sala.

Ela a fechou rapidamente. Agora estava completamente escuro exceto pelo brilho da TV.

— O banheiro tem janela? — perguntou ele bruscamente.

— Não, não tem. Rhage, que aconteceu? — Ela começou a inclinar-se para a beira do sofá.

— Não se aproxime de mim. — As palavras soaram estranguladas. E seguida de uma maldição picante.

— Você está bem?

— Só deixe...que recupere o fôlego. Necessito que me deixe só agora.

Ela deu a volta ao sofá de qualquer maneira. Na escuridão, vagamente só podia distinguir a grande silhueta dele.

— O que aconteceu Rhage?

— Nada.

— Sim, claro. — Droga, ela odiava a tenaz rotina do cara. — É por causa da luz solar, não é mesmo? Você é alérgico a ela.

Ele riu asperamente.

— Poder-se-ia dizer isso. Mary, para. Não venha aqui.

— Por que não?

— Não quero que me veja.

Ela o alcançou e acendeu o abajur mais próximo. O som de um assobio ressonou na residência.

Quando seu olhar se adaptou, viu Rhage deitado de barriga para cima, um braço atravessando seu peito, o outro sobre seus olhos. Havia uma repugnante queimadura sobre a pele exposta pelas mangas enroladas. Ele fazia caretas pela dor, seus lábios puxados para trás...

O sangue dela gelou.

Presas.

Dois longos caninos estavam alojados entre seus dentes superiores.

Ele tinha presas.

Ela devia ter ofegado por que ele resmungou.

— Disse-te que não me olhasse.

— Jesus Cristo. — Sussurrou ela. — Me diga que são falsos.

— Não são.

Ela caminhou para trás até que tropeçou contra a parede. Santo...Bom Deus.

— O que...você é? — A garganta dela se fechava.

— Nada de luz solar. Presas. — Ele respirava desigualmente. — Faça uma conjectura.

— Não...não é...

Ele gemeu e depois ela escutou um movimento, como se ele se mexesse.

— Pode me fazer o favor de apagar aquele abajur? Minhas retinas

torraram e necessitam de algum tempo para se recuperarem.

Ela se inclinou para frente e apertou o interruptor. Abrigando-se com seus braços a seu redor, escutou os sons roucos que ele fazia quando respirava.

O tempo passou. Não disse nada. Não se sentou, riu ou tirou a falsa dentadura. Não disse que era o melhor amigo de Napoleão ou João Batista ou Elvis, como um cara louco .

Tampouco voou pelo ar e tentou mordê-la ou matá-la. Tampouco se converteu em morcego.

Oh, vamos. Pensou ela. Não podia levá-lo a sério, não é verdade?

Mas ele era diferente. Fundamentalmente diferente a qualquer homem que ela tivesse conhecido. Que se...

Ele gemeu suavemente. Pelo brilho da TV, viu como sua bota se sobressaía do sofá.

Não havia sentido que pensasse no que ele era, mas sabia que agora estava sofrendo. E não ia abandoná-lo sobre o chão em sua agonia se havia algo que ela pudesse fazer por ele.

— Como posso te ajudar? — Disse ela.

Houve uma pausa. Como se o tivesse surpreendido.

— Pode me trazer sorvete? Não de frutas secas ou de chips se tiver. E uma toalha.

Quando retornou com o sorvete, ela pôde escutar como lutava para se sentar.

— Deixe que eu lhe ajude? — Disse ela.

Ele estava quieto.

— Não está com medo de mim agora?

Considerando que ele era uma ilusão ou um vampiro, ela deveria estar aterrorizada.

— Uma vela seria muita luz? — Perguntou ela, não fazendo caso de sua

pergunta. — Porque não serei capaz de ver aí atrás.

— Provavelmente não. Mary, não te farei mal. Prometo-lhe isso.

Ela largou o sorvete, acendeu uma de suas longas velas e a deixou sobre a mesa ao lado do sofá. Com a brilhante piscada ela pôde ver seu grande corpo. E o braço ainda sobre seus olhos. Inúteis. Não estava fazendo caretas, mas sua boca estava ligeiramente aberta.

Então pôde observar as pontas de suas presas.

— Sei que não me fará mal. — Murmurou ela, enquanto recolhia o sorvete. — Você já tiveste muitas possibilidades.

Tapando-se com a parte traseira do sofá, tirou um pouco de sorvete e o estendeu.

— Aqui. Abre a boca grande. Haagen-Daz de baunilha.

— Não é para comer. A proteína do leite e o frio ajudam às queimaduras a sarar.

Não havia nenhum modo para que pudesse alcançar a parte onde ele havia se queimado, então retirou o sofá para trás e se sentou a seu lado. Trabalhando o sorvete para que se convertesse em uma sopa espessa, ela usou os dedos para colocar um pouco sobre a inflamação, sobre as bolhas de sua pele. Ele estremeceu, mostrando suas presas, então ela fez uma pausa.

Ele não era um vampiro. Não podia sê-lo.

— Sim, de verdade que o sou. — Murmurou ele.

Ela deixou de respirar.

— Pode ler as mentes?

— Não, mas sei que está me olhando fixamente e posso imaginar como me sentiria se estivesse nesta situação. Olhe, somos uma espécie diferente, isso é tudo. Nada estranho, só...diferentes.

Bem, pensou ela, colocando mais sorvete sobre as queimaduras. Vamos tentar colocar as coisas nos eixos.

Aqui estava ela com um vampiro. Um ícone do horror de 2,10 m. de

altura e 125 kg de peso, com uma dentadura como a de um Dobermann.

Poderia ser verdade? E por que acreditava nele quando lhe dizia que não lhe faria mal? Deveria estar fora de si.

Rhage gemeu de alívio.

— Isto funciona. Graças a Deus.

Bem, em primeiro lugar, ele estava muito ocupado com suas feridas para agora mesmo ser uma verdadeira ameaça. Iriam passar semanas até que se recuperasse dessas queimaduras.

Ela banhou seus dedos na tigela e colocou mais Haagen-Daz em seu braço. Depois da terceira rodada, ela teve que inclinar-se para baixo para assegurar-se que estava bem. Sua pele absorvia o sorvete como se fosse um bálsamo. Diretamente ante seus olhos.

— Isto está muito melhor. — Disse ele suavemente. — Obrigado.

Ele retirou o braço de sua testa. A metade de sua face e de seu pescoço estavam avermelhados.

— Quer que faça essa parte também? — Disse ela indicando a área queimada.

Seus misteriosos olhos azuis se abriram. Olhava-a cautelosamente quando levantou o olhar.

— Por favor. Se não se importar.

Enquanto ele a olhava, ela colocou seus dedos na tigela e em seguida estendeu a mão. Suas mãos tremiam um pouco enquanto estendia a primeiro parte sobre sua bochecha.

Deus, seus cílios eram espessos. Grossos e morenos. E sua pele era suave, embora sua barba tivesse crescido da noite para o dia. Tinha um grande nariz. Reto como uma flecha. E seus lábios eram perfeitos. Demasiados grandes para combinar com o tamanho de seu rosto. Rosa escuro. O inferior era maior.

Retirou-se para pegar mais e lhe cobriu o queixo. Então se moveu para seu pescoço, passando por cima dos grossos cordões de seus músculos desde seus ombros até a base do crânio.

Quando ela sentiu algo que lhe acariciava o ombro, deu uma olhada. Seus dedos estavam lhe acariciando as pontas de seu cabelo.

Suscetível pela inquietação. Ela se afastou para trás.

Rhage deixou cair sua mão, sem se surpreender por seu rechaço.

— Sinto muito. — Resmungou ele, fechando os olhos.

Sem olhá-la, ele ficou extremamente consciente de seus apazíveis dedos quando moviam por sua pele. Ela estava muito perto dele, o bastante perto para que pudesse cheirá-la. Quando a dor de sua exposição ao sol diminuiu, seu corpo começou a queimar-se de um modo diferente.

Ele abriu os olhos, mantendo as pálpebras abaixadas. Olhando-a. Desejando-a.

Quando ela terminou, deixou a tigela de um lado e o observou diretamente.

— Vamos supor que acredito que é um...que é diferente. Por que não me mordeu quando teve a ocasião? Acredito que estas presas não são somente decorativos, não é verdade?

Seu corpo estava tenso, como se estivesse preparada para fugir a qualquer momento, mas não cedia ante seu medo. Ela o havia ajudado quando ele havia necessitado dela, embora estivesse assustada.

Deus, sua coragem era excitante.

— Alimento-me das mulheres de minha própria espécie. Não dos humanos.

Seus olhos flamejaram.

— Existem muitos como você?

— Muitos. Não tantos como costumava haver. Caçam-nos para nos extinguir.

O que lhe recordou que estava separado de suas armas por 5 metros e um sofá. Tentou se levantar, mas a debilidade de seu corpo fez que seus movimentos fossem lentos e descordenados.

Maldito sol, pensou ele. Suga-te diretamente a vida.

— O que você necessita? — Perguntou-lhe ela.

Ele se levantou e desapareceu atrás do sofá. Escutou um ruído surdo e depois o som de uma bolsa sendo arrastada pelo chão.

— Por Deus, o que tem aqui dentro? — Ela se voltou para olhá-lo.

Quando ele deixou cair as alças, elas caíram aos lados. Ele esperava como o inferno que ela não olhasse para dentro da bolsa.

— Escuta, Mary...temos um problema. — Ele forçou seu torso a se levantar do chão, forçando seus braços.

A probabilidade de um ataque dos lessers à casa era baixa. Embora os assassinos pudessem sair à luz do sol, eles trabalhavam de noite e precisavam entrar em transe para repor sua força. A maior parte do tempo estavam tranqüilos durante o dia.

Mas ele não tinha tido notícias de Wrath. E a noite chegaria eventualmente.

Mary afastou o olhar dele, sua expressão era uma grava.

— Precisa ficar escondido? Por que posso te conseguir um porão no velho celeiro. A porta para lá é pela cozinha, mas eu posso pendurar edredons sobre as persianas..., há clarabóias. Talvez poderíamos cobrir-las com alguma coisa. Provavelmente estaria mais a salvo ali.

Rhage deixou cair sua cabeça para trás de maneira que via todo o teto.

Aqui estava esta mulher humana, que tinha nem a metade de seu peso, que estava doente, que acabava de saber que havia um vampiro em sua casa e estava preocupada em protegê-lo.

— Rhage? — Ela se aproximou e se ajoelhou a seu lado. — Posso te ajudar a descer...

Ante que ele pudesse pensar, tomou sua mão, pressionando seus lábios sobre sua palma e em seguida a colocou sobre seu coração.

Seu medo se transformou em redemoinhos no ar, um aroma agudo, defumado que se mesclava com seu delicioso aroma natural. Mas ela não

arrancou a mão desta vez, e a mistura de luta-a-luta não durou muito tempo.

— Não tem por que se preocupar. — Disse ela suavemente. — Não deixarei que ninguém chegue até você hoje. Está a salvo.

Ah, infernos. Ela o derretia. Realmente o fazia. Ele clareou a garganta.

— Obrigado. Mas é por você que estou preocupado. Mary, ontem à noite nos atacaram no parque. Você perdeu sua bolsa e tenho que supor que meus inimigos a pegaram.

A tensão se disparou por seu braço, viajando por sua mão e atingiu seu peito. Como estava suscetível pela inquietação, desejou tirar de algum modo o medo dela, tomando-o em si mesmo.

Ela negou com a cabeça.

— Não me recorde de nenhum ataque.

— Apaguei seu memória.

— O que significa que —apagou!?

Ele entrou em sua mente e libertou os acontecimentos da noite anterior.

Mary ofegou e colocou suas mãos sobre seus quadris, piscando rapidamente. Ele sabia que tinha que se explicar rapidamente. Ela não ia processar tudo e a assaltariam conclusões de que ele era um assassino.

— Mary, tive que te trazer para casa para poder te proteger enquanto espero notícias de meus Irmãos. — As que ainda não haviam chegado, droga. — Aqueles homens que nos atacaram, não são humanos e são muito bons no que fazem.

Ela caiu sobre o chão, sem graça, como se seus joelhos não a sustentassem. Seus olhos estavam arregalados e cegos enquanto negava com a cabeça.

— Matou dois deles. — Disse ela com uma voz morta. — Quebrou o pescoço de um deles. E o outro...

Rhage amaldiçoou.

— Sinto ter te enredado em tudo isso. Sinto ter colocado você em perigo

agora. E sinto ter apagado sua memória...

Ela o olhou com dureza.

— Não o faça outra vez.

Ele sentia que não podia lhe fazer essa promessa.

— Não. A não ser que tenha que te salvar. Sabe muito de mim agora, e isto te coloca em perigo.

— Apagaste-me a memória alguma outra vez?

— Encontramo-nos no centro de treinamento. Você veio com John e Bela.

— Quanto tempo faz isso?

— Alguns dias. Posso lhe devolver isso também.

— Espera um minuto. — Ela franziu o cenho. — Por que não me tem feito esquecer tudo sobre você até o momento atual? Já sabe, apagar tudo.

Como se ela tivesse preferido isso.

— Ia fazer. Ontem à noite. Depois do jantar.

Ela o olhou à distância.

— E não o fez devido ao que aconteceu o parque?

— E por que... — Deus, até onde ele queria chegar? Realmente queria que ela soubesse o que sentia? Não, pensou ele. Ela o olhava totalmente sobressaltada. Agora praticamente não era o momento para que chegassem as felizes notícias, que um vampiro macho havia se fixado nela. — Por que é uma invasão a sua intimidade.

No silêncio que seguiu, podia vê-la refletir sobre os acontecimentos, as implicações, a realidade da situação. E logo seu corpo deixou seu doce aroma de sua excitação. Ela recordava como ele a havia beijado.

Bruscamente, ela se estremeceu e franziu o cenho. E a fragrância foi caminho.

— Ah, Mary, no parque, quando eu mantinha a distância de você enquanto nós...

Ela segurou sua mão, parando-o.

— Tudo sobre o que quero falar é sobre o que vamos fazer agora.

Seus olhos cinza se encontraram com os seus e não hesitaram. Ela estava, ele compreendeu, preparada para qualquer coisa.

— Deus...é assombrosa, Mary.

Suas sobrancelhas se levantaram.

— Por quê?

— Você administra toda esta merda realmente bem. Sobre tudo a parte do que sou.

Ela passou uma mecha de seu cabelo para trás de sua orelha e estudou seu rosto.

— Sabe de uma coisa? Não é uma grande surpresa. Bem, é... Mas,...eu sabia que era diferente desde o primeiro momento em que te vi. Eu não sabia que era um... O chamam de vampiro?

Ele assentiu.

— Vampiro. — Disse ela, como se fizesse um teste com a palavra. — Você não me fez mal ou me assustado. Bem, não realmente. E...sabe, estive clinicamente morta ao menos duas vezes. Uma quando me deu uma parada cardíaca enquanto me faziam o transplante de medula óssea. Outra vez quando tive uma pneumonia e meus pulmões estavam cheios de líquido. Eu, ah, não tenho certeza de onde fui ou por que voltei, mas havia algo do outro lado. Nem céu com nuvens e anjos e tudo aquilo jazz. Só uma luz branca. Eu não sabia o que era a primeira vez. A segunda, só fui diretamente a ela. Não sei por que voltei...

Ela se ruborizou e deixou de falar, como se estivesse envergonhada pelo que havia lhe revelado.

— Viu o Fade. — Murmurou ele, intimidado.

— O Fade?

Ele assentiu.

— Ao menos, é assim como o chamamos.

Ela negou com a cabeça, claramente indisposta de ir mais longe com o assunto.

— De todas as formas, há muito que não entendemos sobre este mundo. Os vampiros existem? Isto é só uma coisa mais.

Quando ele não disse nada durante um momento, ela lhe deu uma olhada.

— Por que me olha assim?

— Você é um wahlker. — Disse ele, sentindo como se devesse se levantar e se inclinar ante ela, como era o costume.

— Um wahlker?

— Alguém que foi ao outro lado e retornou. De onde eu venho, esse é um título de distinção.

O telefone celular soou e ambos viraram suas cabeças. O som vinha de dentro da bolsa.

— Poderia me trazer aquela bolsa? — perguntou ele.

Ela se inclinou e tentou levantá-la. Não conseguiu.

— Por que não te dou só o telefone?

— Não. — Ele lutou para ficar de joelhos. — Só me deixe...

— Rhage, conseguirei...

— Mary, para. — Ordenou-lhe ele. — Não quero que abra a bolsa.

Ela retrocedeu ante a coisa, como se estivesse cheia de serpentes. Com uma sacudida ele colocou sua mão dentro. Assim que encontrou o telefone, levantou-o e o colocou ao ouvido.

— Sim? — Ele ladrou, fechando parcialmente o zíper da bolsa.

— Você está bem? — Perguntou Tohr. — E onde infernos está?

— Estou bem. Só que não estou em casa.

— Não me digas! Quando Butch não te encontrou na academia e tampouco na casa, preocupou-se e me ligou. Precisa que nós te buscamos?

— Não. Estou bem onde estou.

— E onde é isso?

— Liguei para Wrath na noite passada e ele não me respondeu. Está nos arredores?

— Ele e Beth foram a um lugar íntimo na cidade. Agora, onde você está?  
— Quando não houve uma rápida resposta, a voz de seu Irmão baixou um pouco mais a voz.

— Rhage, que infernos está fazendo?

— Só diga a Wrath que o estou procurando.

Tohr amaldiçoou.

— Tem certeza de que não necessita que o busquemos? Posso enviar alguns doggen com uma bolsa preta.

— Não, estou bem. — Ele não ia a nenhuma parte sem Mary.

— Mais tarde, homem.

— Rhage...

Desligou e o telefone soou novamente. Depois de verificar, ele deixou a Tohr uma mensagem na caixa de voz. E deixou o telefone a seu lado no chão quando seu estômago se queixou.

— Quer que te consiga alguma comida? — Perguntou-lhe Mary.

Ele a olhou por um momento, atordoado. E depois teve que se recordar que intimamente ela não sabia o que lhe oferecia. De todas as formas a idéia de que lhe honrasse com o alimento que lhe prepararia com suas próprias mãos o deixava sem fôlego.

— Fecha seus olhos para mim. — Disse-lhe ele.

Ela ficou rígida. Mas fechou as pálpebras.

Inclinou-se para frente e pressionou seus lábios suavemente sobre os seus.

Aqueles olhos cinza reabriram arregalados, mas ele se afastou antes que ela o fizesse.

— Eu gostaria que você me alimentasse. Obrigado.

## CAPÍTULO VINTE E DOIS

---

Quando o sol se foi, o Senhor O olhava os esboços do edifício que cobriam a mesa da cozinha do Senhor U. Ele marcou um.

— Isto é o que quero. Quão rápido podemos levantá-lo?

— Rápido. O lugar está no meio de parte nenhuma, e a instalação não estará sujeita a qualquer dificuldade municipal, assim não há nenhuma necessidade de ter a permissão de construção. Reunindo os apoios da parede e lançando algumas tábuas exteriores sobre um espaço de 140 metros quadrados não nos levará muito tempo. A instalação das áreas de armazenagem dos cativos não deverá ser um problema. Quanto à ducha, podemos desviar facilmente a corrente próxima e instalar uma bomba para proporcionar a água corrente. As provisões de hardware e ferramentas são todas genéricas e segui o tamanho padrão de longitudes aconselhadas reduzindo a quantidade de recorte. O gerador impulsionado por gás local proverá a eletricidade para as serras e as pistolas de pregos. Também nos proverá de luz se quisermos nos manter aqui a longo prazo.

— Me dê um número de dias.

— Com uma equipe de cinco caras, posso ter um teto sobre sua cabeça em quarenta e oito horas. A condição de que possa trabalhar no chão e as provisões cheguem a tempo.

— Então, te darei dois dias.

— Começarei a conseguir o que necessitamos no Home Depot e Lowe esta manhã. Vou dividir o fornecimento das encomendas entre dois. E vamos necessitar de uma pequena escavadeira, uma dessas Touro Dingos com baldes intercambiáveis e sistema de enxada. Sei onde podemos alugar uma.

— Bem. Tudo está bem.

O Senhor O se inclinou para trás para esticar os braços e ociosamente os separou cobrindo-se. A casa do Senhor U era um buraco anônimo na área de classe média. Esta parte de Cadwell com ruas chamadas Elmwood, Spruce Knoll e Pene Notch, onde as crianças andavam com suas bicicletas sobre as calçadas e o jantar estava sobre a mesa às seis da tarde.

Toda essa feliz alegria fazia que a pele do Senhor O se arrepiasse. Queria atear fogo à casa. Jogar sal à grama. Destruir as árvores. O impulso foi tão

profundo que o surpreendeu. Não tinha nenhum problema com a destruição da propriedade, mas ele era um assassino, não um vândalo. Não podia acreditar por que lhe importava essa merda.

— Quero utilizar seu caminhão. — Disse-lhe o Senhor U. — Alugarei um reboque com gancho. Entre os dois, vou ser capaz de me encarregar das entregas na passarela e as provisões de materiais utilizados para cobrir seus lotes. Não há nenhuma razão para a gente da Home Depot saiba onde estamos.

— E o material para as unidades de armazenamento?

— Sei exatamente o que está procurando e onde encontrá-lo.

Ouviu-se um som eletrônico.

— Que infernos é isso? — Perguntou o Senhor O.

— Um aviso sobre o registro das 9 da manhã. — O Senhor U tirou um BlackBerry, seus embotados dedos voaram sobre o pequeno teclado.

— Quer que envie seu status por correio eletrônico?

— Sim. O Senhor O se concentrou no Senhor U. O lesser havia estado na sociedade durante 175 anos. Era tão pálido como o papel. Tranquilo e afiado como um percevejo. Não tão agressivo como outros, mas estável.

— Você é um membro valioso, Senhor U.

O Senhor U deu um sorriso e levantou o olhar do BlackBerry.

— Eu sei. E gosto que me utilizem. Falando nisso, quem vai me dar para a equipe?

— Vamos utilizar os dois esquadrões principais.

— Os terá duas noites fora da linha?

— E dias. Dormiremos por turnos no lugar.

— Bom. — O Senhor U olhou para baixo para a coisa que havia em sua mão, tocando uma pequena roda sobre o lado direito. — Ah,...merda. O Senhor X não vai gostar disto.

O Senhor O estreitou os olhos.

— Ah, e o que é?

— É um e-mail do esquadrão Beta. Adivinho que estou bem arrumado.

— E?

— Um grupo do Beta caçava ontem à noite e correu contra um da Irmandade no parque. De cinco deles, três estão faltando. Ouça-o bem, o guerreiro estava com uma mulher humana.

— Às vezes têm sexo com elas.

— Sim. Bastardos com sorte.

\*\*\*\*\*

Mary estava de pé na cozinha pensando na maneira que Rhage a olhava. Não podia entender por que oferecer-se para lhe fazer o café da manhã era tão grande coisa, mas ele havia agido como se lhe dado um grande presente.

Colocou a omelete e se dirigiu à geladeira. Tirando um pote de plástico com fruta picadas, tirou a mistura com uma colher. Isto não lhe pareceu o bastante, então ela pegou uma banana e a cortou jogando-a por cima.

Quando deixou a faca, tocou-se os lábios. Não houve nada sexual no beijo que ele havia lhe dado no sofá; tinha sido de gratidão. E a ação da boca a boca no parque tinha sido mais profunda, mas a distância dele havia sido a mesma. A paixão havia sido unilateral. A sua.

Será que os vampiros dormiam com humanos? Talvez fosse por isso que ele se continha, em vez de ser uma espécie de jogo de poder.

Mas e o que havia acontecido com a garçonete do TGI Friday? Definitivamente ele tinha avaliado aquela mulher, e não porque tivesse querido comprar um vestido. Então claramente sua raça não tinha nenhum problema para ficar com outra espécie. O que acontecia era que ele não tinha nenhum interesse nela.

Amigos. Só amigos.

Quando terminou a omelete e passou manteiga na torrada, enrolou um garfo em um guardanapo, colocando-o sob seu cotovelo e pegou o prato e a tigela e levou tudo para a sala de estar. Rapidamente fechou a porta atrás dela e se dirigiu para o sofá.

Uau!

Rhage tinha tirado a camisa e se inclinava contra a parede, inspecionando suas queimaduras. Ao brilho da luz da vela, ela conseguiu um olhar para seus pesados ombros, seus poderosos braços, seu peito. Seu estomago. A pele sobre todos esses músculos era dourada, sem pelo.

Tentando mantê-lo junto a ela, colocou o que levava sobre o chão ao lado dele e sentou-se a poucos centímetros.

Para evitar olhar fixamente para seu corpo, deu uma olhar para seu rosto. Ele não olhava a comida, nenhum movimento, nenhuma conversa.

— Não tinha certeza do que você gostava. — Disse-lhe ela.

Seus olhos se moveram rapidamente sobre os seus e mudou de posição para ficar em frente a ela. Sua vista frontal era ainda mais espetacular que seu perfil. Seus ombros eram demasiados amplos para encher o espaço entre o sofá e a parede. E a cicatriz em forma de estrela sobre seu peitoral esquerdo era infernalmente atraente, como uma espécie de marca sobre sua pele.

Depois de um batimento ou dois ele em que ele somente a olhava fixamente, ela pegou o prato.

— Conseguir-te-ei algo mais...

Ele estendeu sua mão e lhe pegou o pulso, lhe acariciando a pele com o polegar.

— Adoro isso.

— Não provaste a...

— Foi você quem o fez. Isso é suficiente. — Ele pegou o garfo do guardanapo, os músculos e tendões de seu antebraço trabalharam. — Mary?

— Hum?

— Eu gostaria de te alimentar. — Quando ele falou, seu estômago soltou um uivo.

— Não se preocupe. Conseguirei algo para mim...Ah, por que você franze o cenho assim?

Ele acariciou suas sobrancelhas, como se quisesse desenrugar sua expressão.

— Sinto muito. Você não poderia saber.

— Saber o que?

— De onde eu venho, quando um homem se oferece para alimentar uma mulher de sua mão, é uma maneira de mostrar respeito e...afeto.

— Mas você tem fome.

Ele atraiu o prato um pouco mais perto e arrancou um ponta da torrada. Então cortou um quadrado perfeito da omelete e o colocou em cima.

— Mary, come de minha mão. Tome de mim.

Ele se inclinou mais perto, estendendo seu longo braço. Seus olhos eram hipnóticos, chamando-a, inclinando-a, abrindo sua boca. Quando ela colocou seus lábios ao redor do alimento que havia cozinhado para ele, ele grunhiu com aprovação. E depois que ela havia engolido, ele voltou para ela outra vez, outra parte de pão torrado suspenso entre as pontas de seus dedos.

— Você não deveria comer alguma coisa? — Disse-lhe ela.

— Não antes que você esteja saciada.

— E se eu comer tudo?

— Nada me daria mais prazer que saber que você está bem alimentada.

Amigos, ela se disse. Somente amigos.

— Mary, coma para mim. — Sua insistência conseguiu que abrisse a boca outra vez. Seus olhos ficaram sobre seus lábios depois que ela os fechasse.

Jesus. Isto não parecia amigos.

Quando ela mastigou, Rhage escolheu uma parte da tigela de fruta com as pontas dos dedos. Ele finalmente escolheu uma fatia de melão e a ofereceu a ela. Ela tomou o pedaço todo e um pouco de suco escorregou pela canto de sua boca. Ela foi se limpar com o dorso da mão, mas ele a parou, levantando o guardanapo, acariciando sua pele.

— Terminei.

— Não, não terminou. Posso sentir sua fome. — Desta vez meio morango foi para ela. — Abra a boca para mim.

Ele a alimentou com bocados escolhidos, olhando-a com primitiva satisfação que era diferente do que ela havia visto antes.

Quando ela não pôde comer outro bocado, ele comeu rapidamente o que ela havia deixado e quando terminou, ela recolheu o prato e se dirigiu à cozinha. Fez-lhe outra omelete, encheu a tigela com cereais, e lhe deu a última de suas bananas.

Seu sorriso foi brilhante quando ela colocou tudo diante dele.

— Como você me honra com tudo isto.

Quando ele comeu daquele modo metódico, tão ordenado, ela fechou os olhos e deixou que sua cabeça se recostasse contra a parede. Ela cada vez se cansava mais facilmente e sentiu uma punhalada de frio terror agora que sabia o porquê. Deus, temia descobrir que os médicos iam fazer depois de todo os exames.

Quando ela abriu os olhos, o rosto de Rhage estava na frente dela.

Ela se jogou para trás, se encostando contra a parede.

— Eu, ah, não ouvi você se mover.

Abaixado nas quatro patas como um animal preparado para saltar, ele colocou um braço de cada lado de suas pernas, seus maciços ombros agüentando o peso de seu torso. Afinal, era enorme. Mostrava muita pele. E cheirava realmente bem, como às escuras especiarias.

— Mary, agradeceria-te, se você me permitisse.

— Como? — Ela sussurrou.

Ele inclinou sua cabeça para um lado e colocou seus lábios sobre os dela. Quando ela ofegou, sua língua penetrou em sua boca e a acariciou. Quando ele se retirou para avaliar sua reação, seus olhos brilhavam com a promessa do êxtase, do tipo que fervia a medula óssea.

Ela clareou a garganta.

— Você é bem vindo.

— Voltaria a fazê-lo outra vez, Mary. Vai deixar?

— Um simples agradecimento estaria bem. Realmente eu...

Seus lábios a cortaram e depois sua língua assumiu outra vez, invadindo-a, tomando-a, acariciando-a. Quando o calor rugiu em seu corpo, Mary deixou de lutar e saboreou a louca luxúria, a palpitação de seu peito, a dor nos seu seios e entre suas pernas.

Oh, Deus. Isto tinha sido tão bom. E nunca havia sido assim.

Rhage soltou um ronronar baixo, como se ele tivesse sentido sua excitação. Ela sentiu como sua língua se retraía e em seguida tomava seu lábio inferior entre as suas...

Presas. Aquelas presas beliscavam sua carne.

O medo penetrou por entre sua paixão e a deixou mais espessa, adicionando uma pontada de perigo que a abriu mais. Colocou suas mãos sobre seus braços. Deus, era tão duro, tão forte. Ele ia ser tão pesado em cima dela.

— Deixará que eu me deite contigo? — Perguntou-lhe ele.

Mary fechou os olhos, imaginando eles indo além dos beijos para um lugar onde estariam nus juntos. Não havia estado com um homem desde muito antes de sua enfermidade. E seu corpo havia mudado muito depois.

Ela tampouco sabia de onde vinha seu desejo de estar com ela. Os amigos não tinham sexo. Não em seu livro, de qualquer maneira.

Ela negou com sua cabeça.

— Não tenho certeza.

A boca de Rhage caiu sobre a sua outra vez, brevemente.

— Só quero me deitar a seu lado, ok?

Tradução literal...certo. Exceto como o olhava fixamente, ela não podia ignorar as diferenças entre eles. Ela estava sem fôlego. Ele estava tranquilo. Ela tonta. Ele estava lúcido. Ela tinha calor. Ele ...não.

Bruscamente ele se sentou contra a parede e jogou a manta que pendurava do sofá até seu colo. Ela se perguntou durante uma fração de segundo se ele estava ocultando uma ereção.

Sim, certo. Provavelmente ele tinha frio por que estava meio nu.

— De repente se recordou de quem eu sou? — Perguntou-lhe ele.

— Desculpe?

— O que te tirou a vontade?

Ela se recordou daquelas presas sobre seus lábios. A idéia de que ele era um vampiro voltou.

— Nada.

— Então por que se fechou? Mary? — Seus olhos mantinham-se presos aos seus. — Mary, me diga o que acontece?

Sua confusão quando ele a olhou era espantosa. Ele pensava que não se importaria em fazer amor por pena?

— Rhage, aprecio até onde está disposto a chegar em nome da amizade, mas não me faça nenhum favor, certo?

— Você gosta do que te faço. Posso senti-lo. Posso cheirá-lo.

— Por todos os Santos, excita-te fazer que eu me envergonhe? Porque te direi, que ter um homem que me inquiete e me acenda enquanto ele bem poderia estar lendo um jornal não faz com que eu me sinta bem no final. Deus... está realmente doente, sabe?

Aquele olhar fixo de néon se estreitou ofendido.

— Pensa que não te quero.

— Oh, sinto muito. Imagino que me perdi toda em sua luxúria. Sim, realmente está quente por mim.

Ela não podia acreditar quão rápido ele se moveu. Em um minuto ele estava recostado contra a parede, olhando-a. No seguinte ele a tinha sobre o chão, debaixo dele. Sua coxa lhe abrindo as pernas e depois seus quadris se conduziram ao seu centro. O que chegou contra ela foi a dura e grossa ereção.

Sua mão enredada em seu cabelo e o puxou, arqueando-a sobre ele. Ele deixou cair sua boca sobre seu ouvido.

— Sente-o Mary? — Ele esfregou sua excitação em apertados círculos, acariciando-a, fazendo-a florescer para ele. — Sente-me? Sabe o que significa?

Ela ofegava por ar. Agora estava muito molhada, seu corpo pronto para conduzi-lo profundamente a seu interior.

— Me diga o que significa, Mary. — Quando ela não respondeu, ele chupou seu pescoço até que começou a lhe doer e em seguida tomou o lóbulo de seu ouvido entre seus dentes. Pequenos castigos.

— Quero que o diga. Então saberei que fica claro sobre como eu me sinto.

Sua mão livre baixou até seu traseiro, aproximando-a mais e em seguida a empurrou contra sua ereção, atingindo o lugar correto. Ela podia sentir a cabeça dele sondando através de suas calças de seu pijama.

— Diga-o, Mary.

Ele se inclinou para frente outra vez e ela gemeu.

— Deseja-me...

— E vamos assegurar-nos de que se lembre disso, certo?

Ele soltou seu cabelo e tomou seus lábios com um toque cru. Ele estava por toda parte, dentro de sua boca, sobre seu corpo, seu calor, seu masculino aroma e sua enorme ereção que lhe prometia um infernal passeio selvagem, erótico.

Mas então ele se separou dela e voltou para o lugar onde havia estado contra a parede. De qualquer jeito, ele voltava a estar controlado outra vez. Inclusive sua respiração. Seu corpo também.

Ela lutou por voltar para se sentar, tentando se recordar de como utilizar seus braços e pernas.

— Não sou um homem, Mary, embora minhas partes se pareçam. O que tiveste não é nada comparado com o que quero te fazer. Quero minha cabeça entre suas pernas te lambendo até que grite meu nome. Também quero te montar como um animal e olhar seus olhos quando estiver dentro de você. E depois disto?

Quero te tomar de todas as formas. Quero fazer isso por trás. Quero te jogar contra a parede. Quero que se sente sobre meus quadris e me monte até que já não possa respirar. — Olhava-a a seu nível, brutal em sua honestidade. — Mas nada disto vai acontecer. Se eu sentisse menos, seria diferente, mais fácil. Mas você faz algo estranho a meu corpo por isso me controlar totalmente é a única maneira que posso estar contigo. Não posso relaxar e quão último quero é te dar um susto infernal. Ou pior, te fazer mal.

As visões vagaram em sua cabeça, visões de tudo o que ele havia lhe descrito e seu corpo se umedeceu de novo para ele. Ele suspirou e grunhiu suavemente, ele tinha pegado o aroma de seu sexo e havia lhe agradado.

— Oh, Mary. Permitirá que eu lhe dê prazer? Deixará tomar sua suave excitação onde quer que vá?

Ela queria lhe dizer que sim, mas a lógica do que lhe sugeria era difícil: ficando nua, diante dele, à luz de uma vela. Ninguém exceto os doutores e as enfermeiras sabiam como tinha ficado seu corpo depois que a enfermidade havia se retirado. E ela não podia deixar de pensar nas formosas mulheres que havia visto irem atrás dele.

— Não sou o que está acostumado. — Disse ela suavemente. — Não sou...linda — Ele franziu o cenho, mas ela negou com a cabeça. Confie em mim sobre isso.

Rhage a rondou, aqueles ombros se moveram como um leão.

— Me permita lhe mostrar quão linda você é. Amavelmente. Devagar. Nada violento. Serei um perfeito cavalheiro, prometo-lhe.

Seus lábios se separaram e teve uma visão das pontas de suas presas. Então sua boca se pousou sobre a sua e Deus, ele era fantástico, como uma droga varrendo seus lábios e sua língua. Com um gemido, ela enrolou seus braços ao redor de seu pescoço, cravando seus dedos em seu couro cabeludo.

Quando ele a deitou sobre o chão, ela se preparou para receber seu peso. Em troca ele se esticou a seu lado e alisou seu cabelo para trás.

— Devagar. — Murmurou ele. — Com cuidado.

Ele a beijou outra vez e isto foi um momento antes que seus longos dedos fossem ao interior de sua camiseta. Quando subiu a camiseta, ela tentou concentrar-se sobre o que ele fazia com a boca, obrigando-se a não pensar no

que revelava. Mas quando ele retirou o tecido sobre sua cabeça, o ar fresco atingiu seu seios. Ela os cobriu com as mãos e fechou os olhos, rezando para que estivesse o suficientemente escuro para ele não poder ver a maior parte dela.

Uma ponta do dedo acariciou a base do pescoço, onde estava a cicatriz de sua traqueotomia. Depois permaneceu sobre a pele franzida de seu peito onde os cateteres tinham sido conectados. Ele lhe baixou o cós de seu pijama até onde estavam as perfurações dos buracos de seu estômago dos tubos de alimentação. Então ele encontrou o lugar de inserção de seu transplante de medula óssea, sobre seu quadril.

Ela não podia suportar. Sentou-se e pegou a camiseta para se proteger.

— Oh, não, Mary. Não pare. — Ele capturou suas mãos e as beijou. Então ele tocou da camiseta. — Não vai deixar que eu te olhe?

Ela virou sua cabeça quando ele tomou sua cobertura. Seu seios nus ficaram rígidos e se elevaram quando seus olhos a tocaram.

Então Rhage beijou todas e cada uma das cicatrizes.

Ela tremeu, não importava o quanto tentasse ficar quieta. Seu corpo havia sido bombeado de veneno. Deixara os buracos e cicatrizes à intempérie. Infértil. E aqui estava este lindo homem lhe rendendo culto como se tudo o que tinha fosse digno de reverência.

Quando ele a olhou e lhe sorriu, ela começou a chorar. Os soluços lhe saíram como duros socos, lhe rasgando o peito e a garganta, espremendo suas costelas. Ela se cobriu o rosto com as mãos, desejando ter a força para fugir para outro corpo.

Enquanto ela chorava, Rhage a segurou contra seu peito, balançando-a para frente e para trás. Ela não tinha nenhuma idéia de quanto tempo ia durar antes que se fizesse pedaços, mas eventualmente o pranto reduziu e ela se deu conta de que ele se dirigia a ela. As sílabas e a cadência lhe eram completamente desconhecidas e as palavras indecifráveis. Mas o tom...o tom era encantador.

E sua bondade era uma tentação para o que ela não tinha coragem.

Ela não podia confiar nele para seu conforto, não até este momento. Sua vida dependia de manter-se inteira e ali havia uma gota escorregadia de lágrimas. Se ela comesse a chorar agora, não pararia nos seguintes dias e

semanas. Deus sabia, o duro interior de seu centro tinha sido a única coisa que havia lhe ajudado todo o tempo que tinha estado doente. Se ela perdia aquela resolução, não teria nenhum poder absolutamente contra a enfermidade.

Mary se limpou os olhos.

Não outra vez, pensou ela. Não perderia a compostura diante dele outra vez.

Clareou a garganta e tentou sorrir.

— Então. Como é que se para um acesso assim?

Ele disse algo na outra língua e depois negou com a cabeça e mudou para o inglês.

— Chora tudo o que quiser.

— Não quero chorar. — Ela olhou seu peito nu.

Não, o que ela queria agora mesmo era ter sexo com ele. Quando o mar de lágrimas finalizou, seu corpo começou a responder outra vez. E considerando que ele já tinha visto o pior de suas cicatrizes e parecia ter-se apagado, sentiu-se mais cômoda.

— Há alguma possibilidade de que queira me beijar depois de tudo isto?  
— Perguntou ela.

— Sim.

Sem lhe permitir pensar, ela agarrou seus ombros e o conduziu para sua boca. Ele se conteve durante um momento, como se estivesse surpreso por sua força, mas então ele a beijou profunda e longamente, como se entendesse o que ela necessitava dele. Em um momento ele a deixou totalmente nua, o pijama desapareceu, as meias três - quartos desapareceram, as calcinhas a abandonaram.

Ele a acariciou com as mãos da cabeça até as coxas e se moveu com ele, levantava-se, arqueava-se, sentindo a pele nua de seu peito contra seu seios e seu estômago enquanto o liso tecido de suas calças caras se esfregavam como azeite corporal sobre suas pernas. Ela estava dolorida e aturda quando ele mordiscou seu pescoço, mordiscou sua clavícula, abrindo caminho até seus seios. Ela levantou a cabeça e olhou como a língua saía e fazia um círculo ao redor de seu mamilo antes que ele o tomasse em sua boca. Enquanto se amamentava dela,

sua mão se deslizou pelo interior de suas coxas.

E logo lhe tocava seu centro. Ela se elevava para ele, sua respiração saía rapidamente de seus pulmões.

Ele gemeu, seu peito vibrava contra o seu quando ele emitiu o som.

— Doce Mary, é tal como imaginei. Suave...molhada. — Sua áspera voz, com força, dava-lhe uma idéia de quanto controle utilizava para manter a si mesmo sob controle. — Abra suas pernas para mim. Um pouco mais. Assim, Mary. Isto é tão...Oh, sim.

Ele escorregou um dedo e depois dois em seu interior.

Tinha passado muito tempo, mas seu corpo sabia onde se dirigia. Ofegando, agarrando-se a seus ombros com as unhas, Mary o olhou lamber seu seio quando ele moveu sua mão sobre seu corpo, seu polegar roçando o lugar correto na carreira ascendente. Em um brilho de um relâmpago ela explodiu, a força do prazer a lançou precipitadamente a um vazio onde só luz e calor branco existiam.

Quando ela se jogou para trás, olhos de Rhage eram graves, seu rosto tenso e sombrio. Parecia um completo estranho, completamente fora dela.

Ela tentou agarrar a manta para cobrir-se, calculando que com a camisa não faria nem a metade do trabalho. O movimento a fez consciente de que seus dedos ainda a penetravam.

— É muito linda. — Disse-lhe ele bruscamente.

A palavra linda a fez se sentir incômoda.

— Permita que eu me levante.

— Mary...

— Isto é muito constrangedor. — Ela lutou e seu corpo só fez que o sentisse mais.

— Mary, olhe para mim.

Ela o fulminou com o olhar, frustrada.

No lento movimento, ele retirou sua mão do meio de suas pernas e se

levou seus dois dedos brilhantes à boca. Seus lábios se separaram, saboreando-a enquanto ele os chupava com simples paixão. Quando ele tragou, fechou seus acesos olhos.

— É incrivelmente linda.

Sua respiração se congelou. E logo se redobrou quando ele se deslizou para baixo por seu corpo, colocando suas mãos no interior de suas coxas. Ela se retesou quando ele tentou lhe separar as pernas.

— Não me detenha, Mary. — Ele beijou seu umbigo e depois seu quadril, espalhando-se amplamente. — Necessito mais de você em minha boca, através de minha garganta.

— Rhage, eu...Oh, Deus.

Sua língua lhe deu um golpe quente sobre seu centro, produzindo estragos sobre seu sistema nervoso. Ele levantou sua cabeça e a olhou. E depois abaixou e a lambeu outra vez.

— Você me mata. — Disse ele, acariciando-a com seu fôlego onde lhe doía. Ele esfregou seu rosto sobre ela, sua barba lhe produziu uma suave raspadura quando ele se banhou em seu centro.

Ela fechou os olhos, parecendo que ia voar.

Rhage mordiscou e depois capturou sua quente carne com seus lábios, chupando, então soltando, inclusive movendo rapidamente sua língua. Quando ela se arqueou sobre o chão, uma de suas mãos foi ao pequeno traseiro dela, já outra se colocou sobre seu ventre inferior. Ele a sustentou enquanto a trabalhava, impedindo a seu corpo que se separasse de sua boca quando ela se movia.

— Olhe para mim, Mary. Olhe o que te faço.

Quando ela o fez, ela teve uma visão momentaneamente de sua rosada língua lambendo-a por cima de sua fenda e isso foi tudo. O prazer a quebrou, mas ele só continuou. Parecia que não havia nenhum final em sua concentração ou sua técnica.

Finalmente ela estendeu a mão, necessitando da grossa ereção preenchendo-a. Ele resistiu e depois fez algo pecaminoso com suas presas. Quando ela se soltou outra vez, ele olhou seu orgasmo, seus brilhantes olhos azuis que a olhavam do meio de suas pernas, escurecidos, muito brilhantes. Depois que

tudo tivesse terminado, ela disse seu nome como uma rouca pergunta.

Em um fluido movimento ele ficou de pé e se afastou dela. Quando se virou, seu fôlego saiu em um assobio.

Uma magnífica tatuagem, multicolorido cobria todas suas costas. O desenho era o de um dragão, uma temível criatura com cinco garras e um corpo, um poderoso corpo. Do seu lugar de descanso, a besta a olhava fixamente, como se na realidade a visse através de seus olhos brancos. E enquanto Rhage caminhava, a coisa se movia com as ondulações de seus músculos e pele, mudando de posição, fervendo.

Como se quisesse sair, pensou ela.

Sentindo uma obrigação, Mary jogou a manta por cima de seu corpo. Quando ela levantou o olhar, Rhage caminhava pela residência.

E ainda, aquela tatuagem a olhava fixamente.

## CAPÍTULO VINTE E TRÊS

---

Rhage caminhava ao redor da sala de estar, tentando apagar a queimação. Tinha sido bastante difícil manter seu corpo sob controle antes de colocar sua boca sobre ela. Agora que sua língua conhecia seu sabor, sua coluna vertebral ardia, a extensão da queimadura ia até cada músculo que tinha. Sua pele tremia por toda parte, causando tal comichão que queria passar uma lixa nela.

Quando se esfregou os braços, suas mãos tremiam de modo incontrolável.

Deus, tinha que se afastar do cheiro de seu sexo. Do olhar dela. Do saber de que poderia tomá-la agora mesmo porque ela teria deixado.

— Mary, tenho que estar só um momento. — Ele deu uma olhada para a porta do banheiro. — Vou entrar ali. Se alguém vier à casa ou se você escutar algo estranho, quero que me avise imediatamente. Mas não demorei.

Ele não a olhou quando fechou a porta.

No espelho sobre o lavabo, suas pupilas brancas brilharam na escuridão.

Oh, Jesus, não podia se transformar. Se a besta sáisse agora...

O medo pela segurança de Mary enviou a seu coração um sprint fazendo a situação piorar.

Foda. Que ele ia fazer? E por que lhe acontecia isto? Por que...

Pare. Pare este pensamento. Sem pânico. Acalme seu organismo. Então poderá preocupar-se com tudo o que queira.

Ele abaixou a tampa do vaso e se sentou sobre ela, descansando suas mãos sobre os joelhos. Obrigou seus músculos a relaxarem, concentrando-se em seus pulmões. Tirando o ar por seu nariz e inalando pela boca, concentrou-se em manter sua respiração boa e lenta.

Inspire, expire. Inspire, expire.

O mundo retrocedeu até que todos os sons, visões e aromas foram excluídos e só existisse sua respiração.

Somente sua respiração.

Somente sua respiração.

Somente sua...

Quando se acalmou, abriu os olhos e levantou as mãos. O tremor havia desaparecido. E um olhar rápido ao espelho mostrou que suas pupilas eram negras outra vez. Apoiou os braços sobre a pia e se aprofundou sobre eles.

Desde que foi amaldiçoado, o sexo tinha sido um instrumento viável que o ajudava a controlar a besta. Quando tomava uma mulher, ele ficava suficientemente estimulado para gozar quando o necessitasse, mas sua excitação nunca chegava ao nível onde a besta era provocada. Nem perto.

Com Mary, nunca podia ter certeza. Não pensou que teria que se controlar tanto para entrar nela, muito menos para fazê-la gozar. Aquela maldita vibração que ela lhe provocava impeliu seu sexo na direção a uma área perigosa.

Ele suspirou. A única graça parecia ser que podia se recuperar rapidamente. Se ele se afastasse dela, se fosse capaz de controlar seus nervos, então podia dirigir os sentimentos de tal intensidade. Graças a Deus.

Rhage utilizou o banheiro, depois lavou o rosto na pia e se secou com uma toalha de mãos. Quando abriu a porta, preparou-se psicologicamente. Tinha o pressentimento de que quando voltasse a ver Mary, o sentimento voltaria um pouco.

Ele entrou na sala.

Ela estava sentada sobre o sofá vestindo calças cáqui e um blusão de lã. A luz da vela ampliou a ansiedade em seu rosto.

— Oi. — Disse ele.

— Você está bem?

— Sim. — Ele esfregou o queixo. — Sinto muito por tudo isto. Às vezes necessito de um minuto.

Os olhos dela se arregalaram.

— O que foi? — Perguntou ele.

— São quase seis horas. Você ficou lá dentro durante quase oito horas.

Rhage amaldiçoou. Muito tarde para corrigir rapidamente.

— Eu não sabia que havia passado tanto tempo.

— Eu, ah, verifiquei algumas vezes. Estava preocupada...De qualquer maneira, alguém ligou para você. Roth?

— Wrath?

— Esse é o nome. Seu telefone continuou tocando e tocando. Então atendi.  
— Ela se olhou as mãos. — Tem certeza de que está bem?

— Agora estou.

Ela inspirou profundamente e soltou lentamente. A expiração não aliviou a tensão de seus ombros.

— Mary, eu... — Droga, que ia dizer para não tornar as coisas mais difíceis para ela?

— Está tudo bem. Independentemente do que aconteceu, está tudo bem?

Ele foi até o sofá e se sentou a seu lado.

— Escuta. Mary, quero que venha comigo esta noite. Quero te levar a algum lugar onde você esteja a salvo. Os lessers, aquelas coisas do parque, provavelmente virão te pegar e eles procurarão aqui primeiro. Agora você é um alvo porque está aqui comigo.

— Para onde vamos?

— Quero que fique comigo. — Supondo que Wrath permitirá que eles entrem pela porta. — Isto é muito perigoso para você, e se os assassinos vêm pegar você, será logo. Conversaremos esta noite. Vem comigo durante alguns dias até que saibamos o que fazer.

Soluções a longo prazo lhe escapavam neste momento, mas ele as encontraria. Ela havia se convertido em sua responsabilidade quando ele a tinha misturado em seu mundo e não ia deixá-la indefesa.

— Confia em mim sobre isto. Só por alguns dias.

Mary preparou a bolsa, pensando que estava louca. Indo Deus sabia onde. Com um vampiro.

Mas a coisa sobre Rhage era que, ela tinha fé nele. Era muito honesto para mentir e muito inteligente para subestimar a ameaça. Além disso, suas consultas com os especialistas não começavam até na quarta-feira pela tarde. E ela havia tirado uma semana de férias do trabalho, assim como tinha pedido dispensa do Telefone Direto. Não havia nada a perder.

Quando ela retornou à sala de estar, ele se virou para ela, balançando a bolsa sobre seu ombro. Ela olhou seu casaco preto, vendo protuberâncias que antes não tinha pensado que fossem significativas.

— Está armado? — Perguntou ela.

Ele assentiu.

— Com o quê? — Quando ele só a olhou, Mary moveu a cabeça. — Tem razão. Provavelmente é melhor que eu não saiba. Vamos...

Dirigiram em silêncio pela Rota 22 entre a área morta entre os limites rurais de Cadwell e o início da próxima cidade grande. Era uma área montanhosa, com florestas e nada mais que extensas áreas entre podridão em ambos os lados da estrada. Não havia faróis, poucos carros e muitos cervos.

Aproximadamente vinte minutos depois que eles tivessem abandonado a casa, ele se dirigiu para uma estrada mais estreita que os levou a uma elevação gradual. Ela examinou o que os faróis dianteiros iluminavam, mas não pôde distinguir onde estavam. De uma maneira estranha, não parecia haver nenhum traço de identificação na floresta ou na estrada. De fato, a paisagem tinha algo de confuso, uma proteção que ela não podia explicar e não podia passar por cima não importando o quanto ela piscava.

Do nada apareceram um conjunto de portões de ferro preto.

Quando Mary saltou em seu assento, Rhage chegou até a porta de uma garagem, as pesadas portas abertas pela metade, lhes permitindo somente o espaço para poderem passar. Imediatamente eles encontraram outro conjunto de portões. Ele abaixou sua janela e teclou um código em um intercomunicador. Uma agradável voz lhe dava as boas vindas e ele olhou para cima e à esquerda, assentindo para uma câmara de segurança.

O segundo conjunto de portas se abriram e Rhage acelerou por um longa estrada, subindo por um caminho. Quando viraram por uma esquina, 6 metros de uma parede alta de alvenaria se materializou da mesma maneira que a primeira entrada. Depois passaram sob uma arcada e por outro conjunto de barricadas,

entrando em um pátio com uma fonte no meio.

À direita, havia uma mansão de quatro andares feita de pedra cinza, o tipo de lugar que vê nas divulgações de filmes de terror: gótico, sombrio, opressivo com mais sombras para que uma pessoa se sentisse a salvo nos arredores. Mais à frente do caminho, havia uma pequena casa, uma casa de um andar no estilo que Wes Craven utilizava em seus filmes.

Seis carros, quase todos do gênero europeu caro, estavam estacionados em ordem. Rhage estacionou o GTO entre um Escalade e uma Mercedes.

Mary saiu e levantou o pescoço na direção da mansão. Sentia como se estivessem a observando e assim era. Do terraço, as gárgulas a olhavam e as câmeras de segurança também.

Rhage chegou até ela, sua bolsa de fim de semana em sua mão. Sua boca estava apertada, seus olhos profundos.

— Vou cuidar de você. Ok? — Quando ela assentiu, ele sorriu um pouco. — Vai dar certo, mas quero que esteja junto a mim. Não quero que se afaste. Está claro? Ficaré comigo aconteça o que acontecer.

Tranquilidade combinada com uma ordem, pensou ela. Isto não estava bom.

Aproximaram-se de uma porta dupla de bronze envelhecida e ele abriu um lado. Depois que passaram para um corredor sem janelas, o grande painel se fechou com uma reverberação que subiu através de seus sapatos. Diretamente na frente havia outro conjunto de portas maciças, estas feitas de madeira e esculpidas com símbolos. Rhage introduziu um código em um teclado numérico e houve um som de mudança na fechadura que se abria livremente. Ele a pegou pelo braço firmemente e abriu a segunda porta que dava a um vestibulo enorme.

Mary ofegou.

Uou...era mágico!

O vestibulo era um arco íris de cor, tão inesperado como um jardim que floresce em uma caverna. Verdes colunas de mala quita alternadas com outras de mármore claro, elevando-se para cima sobre um chão multicolorido. As paredes eram de uma cor amarela brilhante e tinha espelhos emoldurados em dourado e cantos em cristal pendurados. O teto, três andares mais acima, era uma obra-prima da arte e folhado à ouro, as cenas representavam heróis,

cavalos e anjos. E mais adiante, e no centro de todo este esplendor, uma ampla escada que levava a segundo andar com mezanino.

Era um formoso salão tipo russo dos tempos do czar...mas os sons do lugar não eram exatamente formais e elegantes. Da sala da esquerda, música rap soava e profundas vozes masculinas se ouviam. Bolas de bilhar americano atingiam umas às outras. Alguém gritou.

- Vamos, Tira.

Uma bola de futebol americano deslizou até o vestibulo e um musculoso homem saiu disparado atrás dela. Ele saltou para cima da bola e justamente quando a teve entre as mãos, um cara ainda maior com uma juba leonina caiu sobre ele. Os dois caíram sobre o chão em um emaranhado de braços e pernas, deslizando com dificuldade sobre a parede.

— Eu te peguei bem, Tira.

— Mas ainda não tem a bola, vampiro.

Grunhidos, risadas e suculentas maldições foram feitas debaixo daquele teto adornado enquanto os homens lutaram pela bola, atirando um sobre o outro, sentando-se sobre o peito do outro. Dois enormes caras vestidos de couro preto correram para verificar a ação. E logo um pequeno homem idoso vestido com casaco de mordomo surgiu a seu lado, levando um buquê de flores frescas em um vaso de cristal. O mordomo deu um passo rodeando os lutadores com uma risada indulgente.

Então tudo ficou em silêncio quando todos eles a notaram de repente.

Rhage a colocou atrás de seu corpo.

— Filho da puta. — Disse alguém.

Um dos homens foi na direção de Rhage como um tanque. Seu cabelo negro estava cortado ao estilo militar e Mary sentiu um estranha sensação tê-lo visto antes.

— Que diabos você está fazendo?

Rhage alongou sua postura, deixando cair a bolsa e levou seus braços ao nível de seu peito.

— Onde está Wrath?

— Eu te fiz uma pergunta. — Replicou-lhe o outro cara. — O que você está fazendo trazendo-a aqui?

— Preciso falar com Wrath

— Eu disse para você se livrar dela. Ou espera que algum de nós faça o trabalho?

Rhage se encontrou queixo a queixo com o homem.

— Cuidado, Tohr. Não me faça te fazer mal.

Mary lançou um olhar para atrás dela. A porta do vestibulo ainda estava aberta. E agora mesmo esperar no carro de Rhage, enquanto as coisas eram esclarecidas, lhe pareceu uma idéia realmente boa. Manter-se junto, não entando, era a ordem.

Quando ela se afastou, manteve os olhos sobre ele. Até que se chocou com alguma coisa dura.

Ela se virou sobre si mesma. Procurando. E perdeu a voz.

O que obstruía sua fuga tinha uma face cheia de cicatrizes, escuros olhos e uma auréola de fria cólera.

Antes que ela pudesse fugir apavorada, ele a agarrou pelo braço e a fez girar para longe da porta.

— Não pense em correr. — Fazendo cintilar suas largas presas, medindo seu corpo. — Engraçado, você não é tipo habitual dele. Mas está viva e urinando nas calças de pavor. Então me servirá.

Mary gritou.

Cada cabeça do vestibulo se virou. Rhage investiu na direção dela, atraindo-a apertadamente para seu corpo. Ele falou severamente, na língua que ela não entendia.

O homem das cicatrizes estreitou os olhos.

— Fique calmo, Hollywood. Somente cuidarei para que sua pequena não fuja da casa. Você vai compartilhá-la ou vai ser tão egoísta como costuma geralmente ser?

Rhage o olhou como se estivesse disposto a distribuir golpes à torto e a direito quando a voz de uma mulher o cortou.

— Oh! Por Deus, meninos! Estão assustando-a.

Mary deu uma olhada em torno do peito de Rhage e viu uma mulher descer a escada. Ela parecia completamente normal: longo cabelo preto, jeans azuis, pulôver de gola alta branco. Um gato ronronava como uma máquina de costurar sobre seus braços. Quando ela se aproximou do conjunto de homens, todos eles se afastaram de seu caminho.

— Rhage, estamos felizes porque você está seguro em casa. Wrath descerá em um minuto. — Ela indicou a sala da qual os homens tinham saído.

— O resto de vocês pode voltar para lá. Vamos, agora. Se alguém for rachar algumas bolas, que o faça sobre a mesa de bilhar. O jantar ficará pronto em meia hora. Butch, leve a bola contigo, ok?

Ela os afastou do vestibulo como se não fossem caras durões. O único cara que ficou era do cabelo de corte militar.

Ele estava mais tranqüilo agora enquanto olhava para Rhage.

— Isto terá repercussões, meu Irmão.

A face de Rhage se endureceu e começaram a falar em sua língua secreta.

A mulher do cabelo preto chegou até Mary, todo o tempo acariciando a garganta do gato.

— Não se preocupe. Tudo ficará bem. A propósito, sou Beth. E este é Boo.

Mary suspirou, instintivamente confiando neste solitário e feminino posto avançado no que era uma selva de testosterona.

— Mary. Mary Luce.

Beth lhe ofereceu a mão e sorriu.

Mais presas.

Mary sentiu que o chão se movia debaixo dela.

— Acho que ela vai cair. — Grito Beth movendo-se para frente. — Rhage!

Fortes braços lhe rodearam a cintura quando seus joelhos se dobravam.

A última coisa que ela escutou antes de perder os sentidos foi Rhage dizendo.

— A levarei para o meu quarto.

Quando Rhage colocou Mary sobre sua cama, o fez suavemente.

Oh, Deus, que havia feito, trazendo-a a seu recinto?

Quando ela se moveu e abriu os olhos, ele disse.

— Aqui você estará a salvo.

— Sim, claro.

— Farei que aqui seja seguro para você, certo?

— Agora acredito em você. — Ela sorriu um pouco. — Lamento o que passou. Geralmente não sou tão frágil.

— É perfeitamente compreensível. Olhe, tenho que ir ver meus Irmãos. Está vendo a fechadura de aço que há sobre a porta? Sou o único que tem a chave, por isso estará segura aqui.

— Aqueles caras não ficaram muito felizes em me verem.

— Esse é problema deles. — Ele acariciou seu cabelo empurrando-o para trás, colocando-o para trás dos ouvidos. Quis beijá-la, mas em vez disso se levantou.

Ela parecia tão bem em uma cama grande, recostada sobre uma montanha de travesseiros com as quais ele insistia em dormir. Ele a queria ali amanhã e depois da amanhã e depois e...

Isto não era um erro, pensou ele. Ela estava bem, estava no lugar ao qual pertencia.

— Rhage, por que está fazendo isto por mim? Quero dizer, você não me deve nada e mal me conhece.

Por que você é minha, pensou ele.

Atendo-se um pouco a esse pensamento, inclinou-se e acariciou sua face com o dedo indicador.

— Isto não levará muito tempo.

— Rhage...

— Somente deixe que eu cuide de você . E não se preocupe com nada.

Ele fechou a porta quando saiu e virou a fechadura antes de partir pelo corredor. Os Irmãos lhe esperavam ao pé da escada, Wrath diante do grupo. O rei o olhou severamente, suas sobrancelhas negras enterradas atrás de seus óculos de sol.

— Onde quer que discutamos sobre isto? — Perguntou Rhage.

— Em meu estúdio.

Depois que se encaminhassem em fila para o estúdio, Wrath foi para trás da sua mesa e se sentou. Tohr o seguiu, colocando-se atrás dele e à sua direita. Phury e Zsadist se apoiaram contra a parede recoberta de seda. Vishous se sentou em uma das poltronas com apoio ao lado da lareira que foi acesa com um movimento de sua mão.

Wrath sacudiu a cabeça.

— Rhage, homem, estamos com sérios problemas. Desobedeceu uma ordem direta. Duas vezes. Então arrasta uma humana para esta casa, sabendo que é proibido...

— Ela está em perigo...

Wrath bateu com o punho na mesa, fazendo que tudo fosse para o chão.

— Você realmente não quer me interromper agora.

Rhage mexeu seus molares, apertando-os, mordendo. Ele forçou as palavras de respeito que normalmente oferecia livremente.

— Não pensei em lhe ofender, meu senhor.

— Como estava dizendo, desobedeceu a Tohr e agravou a ofensa te

apresentando com uma humana. Em que diabos está pensando? Digo, merda, você não é um idiota, apesar de como se comporta. Ela é de outro mundo, e automaticamente nos expõe. E deve saber que passou tanto tempo que não se pode apagar sua memória e os traumas. Ela está permanentemente comprometida.

Rhage sentiu que se condensava um grunhido em seu peito e só pôde tragá-lo de volta. O som impregnou a residência como um aroma.

— Ela não morrerá por isso.

— Sim, veja, ela não é sua responsabilidade. Fez com que fosse minha responsabilidade quando a trouxe para nosso terreno.

Rhage exibiu suas presas.

— Então partirei. Partirei com ela.

As sobrancelhas de Wrath apareceram sobre seus óculos.

— Não é o momento de ameaças, meu Irmão.

— Ameaças? Estou falando muito a sério. — Ele se acalmou esfregando o rosto e tentando respirar. — Olhe, ontem à noite nós dois fomos atacados por vários lessers. Ela foi presa e eu deixei ao menos a um daqueles assassinos vivo enquanto tentava salvá-la. Ela perdeu sua bolsa no processo e se qualquer um daqueles lessers sobreviveu, vocês sabem que terá recolhido a maldita bolsa. Inclusive se lhe apago a memória, sua casa não é segura e não vou deixar que a Sociedade a leve. Se ela e eu não pudermos ficar aqui e o único modo que tenho de protegê-la é desaparecendo com ela, então isso é que vou fazer.

Wrath franziu o cenho.

— Compreende que escolhe uma mulher em vez da Irmandade.

Rhage se exaltou. Jesus! Ele não tinha pensado que a situação chegaria até isto. Mas percebeu que o fazia.

Incapaz de ficar quieto, aproximou-se de uma das janelas. Olhando para fora, viu os jardins escalonados, a piscina, o vasto gramado que os rodeava. Mas ele não se concentrou na paisagem. Mas viu a proteção que a área oferecia.

As luzes de segurança iluminaram a panorâmica. As câmeras montadas sobre as árvores registravam cada movimento. Os sensores de movimento

fiscalizavam cada vistosa folha que caía ao chão. E se alguém tentasse superar a parede, iriam encontrar e saudar 240 volts de boa noite.

Este ambiente era o mais seguro para Mary. Sem dúvida.

— Ela não só é uma fêmea para mim. — Murmurou ele. — Eu a teria como minha shellan, se pudesse.

Alguém amaldiçoou enquanto os outros ofegaram bruscamente.

— Você não a conhece. — Indicou Tohr. — E ela é uma humana.

— Então...

A voz de Wrath era baixa, insistente.

— Rhage, homem, não saia da irmandade por isso. Precisamos de você. A raça te necessita.

— Então parece que ela vai ficar aqui, não é mesmo. — Quando Wrath murmurou algo vil, Rhage se voltou para ele. — Se Beth estivesse em perigo, permitiria que algo ficasse em seu caminho para protegê-la? Inclusive a Irmandade?

Wrath se levantou da cadeira e deu a volta na mesa. Parou quando estiveram peito contra peito.

— Minha Beth não tem nada a ver com as opções que você tomou ou a situação em que nos colocou. Ficar em contato com os humanos tem que ser limitado e só sobre seu território, já sabe isto. E ninguém vive nesta casa exceto os Irmãos e suas shellans, se as tiverem.

— O que acontece com Butch?

— Ele é uma exceção. E só é permitido porque Vishous sonhou com ele.

— Mas Mary não estará aqui para sempre.

— Como você sabe isso? Pensa que a Sociedade vai se render? Acredita que os humanos de repente vão tolerar a raça? Seja realista.

Rhage deixou cair a voz, mas não seus olhos.

— Ela está doente, Wrath. Tem câncer. Quero cuidar dela e não só por

causa do pesadelo dos lessers.

Houve um longo silêncio.

— Merda, se vinculaste a ela. — Wrath passou a mão por seu longo cabelo. — Por Deus...você acaba de encontrá-la, meu Irmão.

— E quanto tempo você levou para marcar Beth como sua? Vinte e quatro horas? Ah, claro, esperou dois dias. Sim, bom tempo você deu a ela.

Wrath soltou uma risada curta.

— Tem que continuar a trazer minha shellan a isso, não é mesmo?

— Olhe, meu senhor, Mary é ...diferente de mim. Não pretendo que o entenda. Tudo o que sei, é que ela faz palpitar meu peito de uma maneira que não posso ignorar...infernos, que não quero ignorar. Então a idéia de abandoná-la à mercê da Sociedade não é simplesmente uma opção. No que se refere a ela, cada instinto protetor que tenho me aflige e não posso afastar dessa merda. Nem sequer pela Irmandade.

Rhage se calou e passaram vários minutos. Horas. Ou talvez só alguns batimentos do coração.

— Se permitir que fique aqui, — disse Wrath — é só por que você a vê como sua companheira e só se ela pode conservar sua boca fechada. E ainda temos que tratar o fato de que você violou as ordens de Tohr. Não posso permitir isso. Terei que reportá-lo a Virgem Escriba.

Rhage fraquejou de alívio.

— Aceitarei as repercussões.

— Que assim seja. — Wrath foi para trás da mesa e se sentou.

— Temos que falar de algumas outras coisas, meus Irmãos. Tohr, fale.

Tohrment se encaminhou para frente.

— Más notícias. Tivemos notícias de uma família civil. Um homem, dez anos após sua transição, desapareceu ontem à noite da cidade. Enviei um e-mail à comunidade que informa a cada um deles que deverão ter cuidado redobrado quando saírem e que se alguém desaparecer é necessário que seja comunicado imediatamente. Também, Butch e eu estivemos conversando. O Tira tem uma

boa cabeça sobre os ombros. Alguém tem algum problema se ele falar um pouco sobre nosso negócio? — Quando as cabeças negaram, Tohr se concentrou em Rhage. — Agora nos explique o que aconteceu ontem à noite no parque.

Depois que Rhage partiu e quando se sentiu o suficientemente estável para ficar de pé, Mary saiu da cama e verificou a porta. Estava trancada e era sólida, então se sentiu completamente a salvo. Quando viu um interruptor na parede, apertou-o, iluminando o quarto.

Santa...casa de Windsor.

Cortinas de seda estavam penduradas nas janelas em camadas de dourado e vermelho. O cetim e o veludo adornavam uma enorme e antiga cama Jacobina, as pilastras da mesma deviam ter sido feitos de troncos inteiros de carvalho. Havia um tapete Aubusson no chão, telas a óleos em todas as paredes...

Bom senhor, aquela Madonna e criança eram realmente um Rubens?

Mas todas as coisas não eram do Sotherby. Havia uma TV de plasma, muito equipamento estéreo para fazer a transmissão do Super Bowl, um computador digno da Nasa. E um Xbox no chão.

Ela vagou pelas estantes, onde volumes encadernados em couro em idiomas estrangeiros estavam de pé e orgulhosos. Estudou os títulos com apreciação até que entrou na coleção de DVDs...

Oh, a humanidade.

O box de Austin Powers. Aliens e Alien. Tubarão. Os três —Corram que a Polícia Vem Ai”. Godzilla. Godzilla. Godzilla...espera, o resto daquela prateleira inteira era de Godzilla. Foi um pouco mais abaixo. Sexta-feira 13, Halloween, Pesadelo em Elm Street. Bem, ao menos ele não havia se incomodado com a seqüência desses. Caddyshack, A Noite dos Mortos Vivos ainda embalado em plástico.

Era uma maravilha que Rhage não havia ficado totalmente se cego com toda aquela cultura pop.

Mary entrou no banheiro e acendeu as luzes. Uma Jacuzzi de mármore do tamanho de sua sala de estar estava no chão. Esta é uma verdadeira beleza, pensou ela.

Ouviu que a porta se abria e se sentiu aliviada quando Rhage a chamou por seu nome.

— Estou aqui olhando sua banheira. — Ela caminhou para o dormitório.  
— O que aconteceu?

— Tudo está bem.

Você tem certeza disso? Ela queria lhe perguntar. Porque ele estava tenso e preocupado quando entrou caminhando para o closet.

— Não se preocupe, poderá ficar aqui.

— Mas...?

— Nada de mais.

— Rhage, o que vai acontecer?

— Tenho que sair com meus Irmãos esta noite. — Voltou sem seu casaco e a conduziu para a cama colocando-a ao seu lado quando ele se sentou.

— Os doggen, nossos criados, sabem que você está aqui. São incrivelmente leais e amistosos, nada que te assuste. Fritz, é quem controla a casa, trará alguma comida. Se necessitar de algo, é só perguntar. Voltarei ao amanhecer.

— Estarei presa aqui até então?

Ele negou com a cabeça e se levantou.

— É livre de te mover pelos arredores da casa. Ninguém te tocará. — Ele pegou uma folha de papel de uma caixa de couro e escreveu sobre ela.

— Aqui está o número do meu celular. Me ligue se me necessitar e eu estarei aqui em um momento.

— Tem uma sala de tele transporte em algum lugar?

Rhage a olhou e desapareceu.

Não foi como se ele tivesse saído muito rápido. Ele simplesmente, poof, desapareceu.

Mary saltou da cama, segurando um grito de alarme com a mão.

Os braços de Rhage a abraçaram por trás.

— Em um momento.

Ela agarrou-lhe os pulsos, lhe apertando os ossos para se assegurar de que não estava com alucinações.

— Este é um truque infernal. — Sua voz era fina. — Que mais você tem sob o chapéu?

— Posso apagar e acender coisas. — A residência se inundou na escuridão. — Posso acender velas. — Duas delas flamejaram sobre sua cômoda. — E sou habilidoso com fechaduras e outras coisas.

Ela escutou o barulho do trinco da porta para frente e para trás, e em seguida o armário se abriu e fechou.

— Oh, e posso fazer algo realmente grande com minha língua e o caule de uma cereja.

Deu-lhe um beijo na base do pescoço e se dirigiu para banheiro. A porta se fechou e ouviu o som da ducha.

Mary ficou congelada onde estava, sua mente saltava como uma agulha em um LP. Olhando a coleção de DVDs, decidiu que havia algo para ser dito sobre a evasão. Especialmente quando uma pessoa tinha muitas raridades, muitas reorientações da realidade, muito... tudo.

Quando Rhage saiu um momento mais tarde, barbeado, cheirando a sabonete, com uma toalha ao redor de seus quadris, ela se apoiou sobre a cama, Austin Powers e o Homem do Membro de Ouro estava passando na TV.

— Ei, esse é um clássico. — Ele riu e olhou para a tela.

Ela se esqueceu do filme quando olhou aqueles amplos ombros, os músculos de seus braços, a toalha seguindo a forma de seu traseiro. E a tatuagem. Aquela retorcida, feroz criatura de olhos brancos.

— Gêmeos, Basil, gêmeos. — Rhage disse com uma cronometragem e uma entonação perfeitas.

Piscou um olho para ela e entrou no closet...

Contra seus melhores instintos, ela o seguiu, e se inclinou sobre a soleira, tentando parecer casual. Rhage estava de costas quando colocou as calças de couro preto, combate. A tatuagem se moveu com ele quando ele fechou a braguilha.

Um suave suspiro lhe escapou da boca. Que homem. Vampiro. Qualquer coisa.

Ele a olhou sobre o ombro.

— Você está bem?

Na realidade, ela se sentia quente por toda parte.

— Mary?

— Estou bem e excelente. — Baixando o olhar, interessou-se pela coleção de sapatos alinhados no chão. — A verdade é que vou tentar me automedicar com sua coleção de filmes até que esteja em um coma cultural.

Quando ele se inclinou para colocar as meias, seus olhos prenderam-se em sua pele. Toda ela nua, lisa, dourada...

- Sobre os acertos para dormir. — Disse ele. — Ficarei no chão.

Mas ela queria estar naquela enorme cama com ele, pensou.

— Não seja tolo, Rhage. Ambos somos adultos. E aquela coisa é o bastante grande para que durmam seis.

Ele vacilou.

— Bem. Prometo não roncar.

E tampouco colocar a mãos sobre você?

Ele colocou uma camisa preta de manga curta e colocou seus pés dentro de um par de Timberlands. Então fez uma pausa, olhando para uma cabine metálica que ia do chão ao teto que havia na parede do armário.

— Mary, por que não vai lá fora? Necessito de um minuto, ok?

Ela se ruborizou e se virou, afastando-se.

— Sinto muito, não queria invadir seu intimidade...

Ele lhe pegou a mão.

— Não é por nada. É que você poderia não gostar do que pode ver.

Como se algo do que houvesse ali pudesse sobressaltá-la depois de hoje?

— Vá em frente. — Murmurou ela. — Faça ...qualquer coisa.

Rhage acariciou seu pulso com o polegar e em seguida abriu o gabinete metálico. Ele tirou um coldre peitoral preto de couro e o colocou através dos ombros, prendendo-o sob seus peitorais. Um largo cinturão apareceu depois, igual ao que era usado pelos policiais, mas como com o coldre, não havia nada como isso.

Ele a olhou. E depois trouxe as armas.

Duas largas adagas negras, que embainhou sobre seu peito, com as lâminas para baixo. Uma brilhante pistola que verificou que estivesse carregada com rápidos e seguros movimentos antes de ancorá-la sobre seu quadril. Estrelas de artes marciais e cartuchos de munição pretos que meteu em seu cinturão. E mais, outra pequena faca que ele o ocultou em algum lugar.

Ele pegou seu casaco de couro preto de um cabide e o balançou para frente, apalpando os bolsos. Tirou outra pistola do gabinete de armas e a avaliou rapidamente antes de enterrá-la entre os pregas do couro. Colocou mais estrelas de lançamento nos bolsos do casaco. Adicionou outra adaga.

Quando ficou em frente a ela, ela retrocedeu.

— Mary, não me olhe como se eu fosse um estranho. Sou eu mesmo, debaixo de tudo isto.

Ela não parou até que esteve na cama.

— Você é um estranho. — Sussurrou ela.

Seu rosto se endureceu e sua voz ficou murcha.

— Voltarei antes da alvorada.

Ele partiu sem nenhuma hesitação.

Mary não soube quanto tempo esteve sentada e olhando fixamente para o

tapete. Mas quando levantou o olhar, se levantou e pegou o telefone.

## CAPÍTULO VINTE E QUATRO

---

Bella abriu seu forno, lançou uma olhadinha ao jantar, e se rendeu. Que confusão. Pegou um par de luvas e tirou a carne assada. O coitado havia murchado nos cantos da panela, tinha enegrecido no meio e tinha desenvolvido fendas por estar seco. Não era comestível, mais adequado para ser usado na construção que para um simples prato. Uma dúzia mais destes e alguma argamassa e ela teria aquela parede que queria ao redor de seu terraço.

— Alo.

Houve uma pausa.

— Bella?

— Mary! Liguei para você hoje. Espera um segundo, tenho que alimentar os texugos. — Ela colocou o telefone sobre a mesa, saiu disparada para o pátio, desfez-se da carga e retornou. Quando a panela estava na pia, ela recolheu o receptor.

— Como você está?

— Bella, tenho que saber algo. — A voz da humana era tensa.

— Algo, Mary. O que aconteceu?

— Você é ... uma deles?

Bella se afundou em uma cadeira ao lado da mesa da cozinha.

— Pensa que sou diferente a você?

— Uh — huh.

Bella olhou o seu aquário. Tudo se via muito tranqüilo ali, ela pensou.

— Sim, Mary. Sim, eu sou diferente.

Houve uma rápida respiração na linha.

— Oh, graças a Deus.

— De algum modo, não pensei que você saber seria um alívio.

— Isto é...eu tenho que falar com alguém. Estou muito confusa.

— Confusa sobre... — Espera um minuto. Por que elas estavam tendo essa conversa? — Mary, como sabe sobre nós?

— Rhage me disse. Bem, mostrou-me, também.

— Isso significa que ele não a apagou... Você se lembra dele?

— Estou com ele.

— Você o que?

— Aqui. Na casa. Com um punhado de homens, vampiros...Deus, essa palavra... — A mulher clareou sua garganta.

— Estou aqui com aproximadamente outros cinco caras como ele.

Bella colocou a mão sobre a boca. Ninguém ficava na Irmandade. Ninguém sabia onde eles moravam. E esta mulher era uma humana.

— Mary, como fez...como isso aconteceu?

Quando ela contou toda sua história, Bela estava desconcertada.

— Olá? Bella?

— Sinto muito, eu... Você está bem?

— Eu acho que sim. Estou, agora pelo menos. Escuta, tenho que saber. Por que você reuniu nós dois? Rhage e eu?

— Ele te viu e gostou de você. E me prometeu que não te faria mal, essa foi a única razão pela qual concordei em arrumar esse encontro.

— Quando ele me viu?

— Na noite que levamos John ao centro de treinamento. Ou não se lembra disso?

— Não, não me lembro, mas Rhage me disse que eu havia estado lá. John...é um vampiro?

— Sim, é. Sua mudança está próxima, foi por isso que eu me envolvi. Ele morrerá a não ser que uma fêmea da nossa raça esteja com ele quando chegar a

transição. Ele necessitará de uma mulher para tomar seu sangue.

— Então naquela noite, quando o conheceu, você soube.

— Soube. — Bela escolheu as palavras com cuidado. — Mary, o guerreiro te trata bem? É ele...amável contigo?

— Ele cuida de mim. Me protege. Embora eu não tenha nem idéia do por que.

Bela suspirou, pensando que ela sabia. Considerando a fixação do guerreiro com a humana, ele provavelmente havia se vinculado a ela.

— Mas voltarei para casa logo. — Disse a humana. — Somente alguns dias.

Bela não tinha tanta certeza sobre isso. Mary estava entrando em seu mundo mais do que ela imaginava.

\*\*\*\*\*

O aroma dos vapores de gás eram repugnantes, pensou o Senhor O enquanto manobrava o Toro Dingo no meio da escuridão.

— Está bem. Estamos prontos para ir. — Chamou o Senhor U.

O Senhor O apagou o equipamento e inspecionou a área do bosque que havia destruído. Profissionalmente, de 12 por 12 metros, esta era a disposição do edifício de persuasão mais o espaço para que eles pudessem trabalhar.

O Senhor U. deu um passo para a área nivelada e comandou a reunião dos lessers.

— Vamos começar a levantar as paredes. Quero três lados levantados. Deixem um aberto. — O Senhor U fez gestos impaciente com a mão.

— Vamos. Movam-se.

Os homens recolheram as estruturas feitas de 2,5 metros de comprimento e dois por quatro e levaram-nas para o meio.

O som de um veículo se aproximando parou cada um deles, embora a carência de faróis sugerisse que era outro lesser. Com sua superior visão noturna, os membros da Sociedade eram capazes de dançar ao redor da escuridão como

se fosse pleno meio—dia; quem quer que estivesse atrás daquelas rodas esquivando árvores tinha a mesma acuidade.

Quando o Senhor X saiu do mini—caminhão, o Senhor O se aproximou.

— Sansei. — Disse o Senhor O, inclinando—se. Sabia que o bastardo apreciaria o gesto e de algum modo encheria o saco do cara só para não ser tão divertido como estava acostumado a ser.

— Senhor O, vejo como estão fazendo progressos.

— Me deixe lhe mostrar o que estamos fazendo.

Tiveram que gritar sobre os golpes dos martelos, mas não havia nenhuma razão para se preocuparem com qualquer ruído. Eles estavam trabalhando no meio de um terreno de trinta hectares aproximadamente a trinta minutos da cidade de Caldwell. Ao oeste da propriedade havia um pântano que servia como uma das zonas de inundação do Rio Hudson. Ao norte era a Big Notch Mountain, um montão de rocha que pertencia ao Estado e que os escaladores não apreciavam, devido as tocas de cascavéis e os turistas consideravam o lugar pouco atraente. O único ponto de exposição era o sul, mas os coitados que viviam no descampado, com suas granjas desmoronando não tinham tempo para perambular por aí.

— Isto está bom. — Disse o Senhor X. — Agora, onde serão colocadas as instalações de armazenagem?

— Aqui. — O Senhor O se manteve de pé sobre uma parte de terreno. — Teremos os suplementos pela manhã. Devemos estar prontos para receber visitantes em um dia.

— Tem—no feito muito bem, filho.

Maldito fosse, o Senhor O odiava a merda de filho. De verdade que odiava.

— Obrigado, sansei. — Disse ele.

— Agora caminhe comigo até o meu carro. — Quando eles estiveram a certa distância do trabalho, o Senhor X lhe disse.

— Me diga uma coisa, você tem muito contato com os Betas?

O Senhor O se assegurou de que seu contato ocular não hesitasse.

— Realmente não.

— Viu algum deles ultimamente?

Cristo, onde queria chegar o Fore—lessen com isto?

— Em nenhum momento desde a noite passada?

— Não, como lhe disse, não me misturo com os Betas. — O Senhor O franziu o cenho. Sabia que se lhe exigisse uma explicação, só o olharia defensivamente, mas que se lixasse.

— O que aconteceu?

— Aqueles Betas que perdemos no parque ontem à noite tinham mostrado alguma competência. Eu lamentaria pensar que mataram a sua competência.

— Um Irmão...

— Sim, um membro da Irmandade os atacou. Direto. Engraçado, embora os Irmãos sempre se assegurem de apunhalar sua caça para que os corpos se desintegram. Mas ontem à noite, aqueles Betas foram abandonados para que morressem. E foi bastante ruim por que então não puderam responder às perguntas quando foram encontrados pelo esquadrão de reserva. Por isso ninguém sabe o que aconteceu.

— Eu não estava no parque e você sabe.

— Eu sabia?

— Por todos os Santos ...

— Cuide da sua boca. E você cuide-se. — Os pálidos olhos do Senhor X se estreitaram como fendas. — Sabe a quem chamarei se tiver que colocar a corrente em seu pescoço outra vez. Agora volte a trabalhar. Verei você e os outros iniciantes nas primeiras luzes para seu check-in.

— Pensava que tínhamos o email. — Disse o Senhor O com os dentes apertados.

— Será em pessoa a partir de agora em diante para você e sua equipe.

Quando o mini—caminhão se foi, o Senhor O olhou fixamente para a noite, escutando os sons da construção. Deveria estar fervendo de ódio. Em troca

ele estava só...cansado.

Deus, não tinha nenhum entusiasmo por seu trabalho. E ele não podia estar trabalhando sobre as *panaquices* do Senhor X. A emoção se foi.

\*\*\*\*\*

Mary deu uma olhada ao relógio digital: 1:56. Ainda faltavam horas e horas para o alvorecer e o sono era inadmissível. Tudo o que ela imaginava quando fechava os olhos eram aquelas armas penduradas no corpo de Rhage.

Ela rolou sobre si mesma. A idéia de não voltar a vê-lo era perturbadora, se recusou a examinar seus sentimentos muito estreitamente. Só os aceitava, as suportava muito mal e esperava algum alívio.

Deus, desejava poder voltar para momento antes que ele tivesse partido. O teria abraçado com força. E teria lhe dado uma advertência sobre a necessidade de segurança mesmo que ela não soubesse nada sobre a luta e ele era, assim esperava, um mestre nisso. Ela só queria sua segurança...

De repente a porta se abriu. E de repente o cabelo loiro de Rhage brilhou com a luz do corredor.

Mary saiu disparada da cama, cruzando o cômodo em uma corrida mortal e se lançou sobre ele.

— Uau, o que...

— Seus braços a abraçaram e a recolheram, mantendo-a com ele quando foi em direção à porta e a fechou. Quando a libertou, ela se deslizou por seu corpo.

—Você está bem?

Quando seus pés se pousaram sobre o chão, ela voltou para a realidade.

— Mary?

— Ah, sim...sim, estou bem. — Deu um passo para um lado. Olhando a seu redor. Ruborizada como um inferno. — Só...sim, só vou voltar para a cama agora.

— Pare, mulher. — Rhage tirou o casaco, o coldre do peito e o cinturão.

— Volta aqui. Eu gosto do modo que me dá as boas vindas à casa.

Ele abriu seus amplos braços e ela entrou neles, abraçando-o com força, sentindo como respirava. Seu corpo estava muito quente e cheirava maravilhosamente, como ao ar e o suor limpo.

— Não esperava que estivesse acordada. — Murmurou ele, acariciando suas costas de cima a baixo.

— Não conseguia dormir.

— Eu lhe disse, aqui você está a salvo, Mary. — Seus dedos encontraram a base de seu pescoço e o massagearam com força. — Droga, está tensa. Tem certeza de que está bem?

— Estou bem. De verdade.

Ele cessou a massagem.

— Alguma vez responde a estas perguntas sinceramente?

— Acabei de fazer. — Mais ou menos.

Sua mão voltou a acariciá-la.

— Me prometerá uma coisa?

— O quê?

— Me avisará quando não se encontrar bem? — Sua voz foi provocadora.

— Quero dizer, sei que você é forte, por isso não esbanjarei meu fôlego por isso ou qualquer outra coisa. Não terá que se preocupar de me matar por isso.

Ela riu.

— Eu prometo.

Ele levantou o queixo com um dedo, olhando-a severo.

— Vou te obrigar a cumprir essa promessa. — Então ele a beijou na bochecha.

— Escuta, eu ia até a cozinha para pegar algo de comer. Quer vir comigo? A casa está tranqüila. Os outros Irmãos ainda estão fora.

— Sim. Deixa que eu me troque.

— Só coloque um de meus casacos de lã. — Ele se aproximou da cômoda e tirou algo suave, preto e do tamanho de uma lona.

— Eu gosto da idéia de que use a minha roupa.

Quando ele a ajudou a vestir-la, sua risada foi uma expressão muito masculina de satisfação. E possessividade.

E, maldita fosse, se não manifestava satisfação em seu rosto.

Quando terminaram de comer e haviam voltado para seu quarto, Rhage tinha problemas de concentração. O zumbido rugia com toda sua força, pior que da última vez. E ele estava totalmente acordado, seu corpo tão quente que parecia que seu sangue ia secar em suas veias.

Quando Mary se aproximou da cama e se instalou, ele tomou uma rápida ducha e se perguntou se não deveria lhe dar um prazer à sua ereção antes de se deitar. A maldita coisa estava dura, rígida e doía como uma cadela e a água que caía sobre seu corpo o fazia pensar nas mãos de Mary sobre sua pele. Agarrou o seu membro e recordou como havia sentido os movimentos dela contra a sua boca e o prazer de seus suaves segredos. Ele gozou em menos de um minuto.

Quando terminou, o vazio orgasmo só o enervou mais. Parecia que seu corpo sabia que o verdadeiro assunto estava no dormitório e não tinha nenhuma intenção de se desviar.

Amaldiçoando, saiu e secando-se com a toalha se dirigiu até o closet. Agradecendo por quão detalhista era Fritz, ele procurou até que encontrou — obrigado Deus — um pijama que nunca antes ele havia usado. Encolheu os ombros e em seguida, inclusive colocou o robe que combinava.

Rhage fez caretas, parecia que estava usando a metade do maldito closet. Mas este era o ponto.

— O quarto está muito quente para você? — Perguntou-lhe enquanto acendia uma vela e apagou o abajur.

— Está perfeito.

Pessoalmente, pensava que se encontrava no trópico. E a temperatura aumentou quando se aproximou da cama e se sentou sobre o lado oposto ao dela.

— Escute, Mary, em aproximadamente uma hora e quarenta e cinco minutos, escutará que as persianas se fecharão para o dia. Deslizam para baixo das janelas. Não é que faça muito ruído, mas não quero que se assuste.

— Obrigado.

Rhage se deixou cair sobre o edredom e cruzou os pés sobre seus tornozelos. Tudo isto o irritava, o quarto quente, a roupa. Agora sabia como os presentes se sentiam, totalmente rígido como em papéis e fitas: irritado.

— Normalmente você usa tudo isso quando vai dormir? — Perguntou-lhe ela.

— Ah, normalmente.

— Então por que ainda tem a etiqueta na roupa?

— É que em caso de que queira outra, saberei qual é.

Ele se virou sobre seu lado, distanciando-se dela. Rolando sobre si mesmo até que ficou olhando fixamente para o teto. Um minuto mais tarde, deitou-se de bruços.

— Rhage. — Sua voz era adorável na escura quietude.

— O que?

— Você dorme nu, não é mesmo?

— Ah, normalmente.

— Olhe, pode tirar a roupa. Não vai me incomodar.

— Não queria que se sentisse...incômoda.

— Eu fico mais incômoda que você se vire tanto sobre seu lado da cama. Parece uma salada arremessada neste lado.

Ele teria rido em silêncio por seu razoável tom, mas a bomba quente que tinha entre as pernas aspirou diretamente todo seu humor.

Ah, infernos, se tirasse o pijama teria que guardá-lo e ela comprovaria que, estava fora de si. Queria-a tão duramente que, exceto uma cota de malha, o que usasse ou deixasse de usar não ia fazer a diferença.

Mantendo-se de costas para ela, levantou-se e se despiu. Com algumas artimanhas, conseguiu meter-se sob o edredom sem que ela conseguisse nenhum vislumbre do que ele tinha na frente, no ventre dele. Ela não tinha necessidade de saber daquela monstruosa excitação.

Ele se manteve distante dela, virando-se sobre seu lado.

— Posso tocar isso? — Perguntou-lhe ela.

Sua ereção endureceu, como se ela se oferecesse como voluntária para ser isso.

— Tocar o que?

— A tatuagem. Eu gostaria de...tocá-la.

Deus, ela estava muito perto dele e aquela voz, doce, formosa — era mágica. Mas o zumbido em seu corpo fazia que parecesse que tinha um misturador de tinta no estômago.

Como ele ficou quieto, ela murmurou.

— Não importa. Não faço...

— Não. É só... — Merda. Ele odiou a frieza em seu tom. — Mary, tudo bem. Faça que você quer.

Ouviu o roçar dos lençóis. Sentiu como o colchão se moveu um pouco. E em seguida as pontas de seus dedos roçaram seu ombro. Ele tentou se controlar o melhor que pode.

— Onde lhe fizeram isso? — Sussurrou ela, traçando o contorno da maldição. — O desenho é extraordinário.

Todo seu corpo se retesou quando sentiu com precisão onde ela estava sobre a besta. Ela agora traçava no seu antebraço esquerda e sabia disso por que sentiu o arpejo correspondente em seu próprio membro.

Rhage fechou o olhos, preso entre o prazer de ter sua mão sobre ele e a realidade de que brincavam com o desastre. A vibração, a queimação — ela elevava tudo, chamava a escuridão de seu coração, o mais destrutivo dele.

Ele respirou através de seus dentes quando ela lhe acariciou o lado da besta.

— Sua pele é tão suave. — Disse ela, passando sua mão pela parte inferior de suas costas.

Congelado no lugar, incapaz de respirar, rezou para ter autocontrole.

— E...bem, de qualquer jeito. — Ela se retirou. — Eu acho lindo.

Ele já estava em cima dela antes que soubesse que se movera. E não era um cavalheiro. Empurrou sua coxa entre suas pernas, prendeu seus braços sobre sua cabeça e procurando a boca dela com a sua. Quando ela se arqueou contra ele, ele agarrou a barra de sua camisola e a puxou com força. Ia tomá-la. Neste momento e em sua cama, tal como tinha querido.

E ela ia ser perfeita.

Suas coxas se deixaram vencer por ele, abrindo-se amplamente e ela o incentivou, seu nome um gemido rouco que abandonou seus lábios. O som aceso deu uma violenta sacudida nele, que obscureceu sua visão e enviou vibrações a seus braços e pernas. Tomá-la o consumia, despojava-o de qualquer camada civilizada que havia sobre seus instintos. Ele era bruto, selvagem e ...

À beira da implosão abrasadora que era o cartão de visita da maldição.

O terror lhe deu a força para saltar para trás e se separar dela, tropeçando pelo quarto. Bateu em algo. A parede.

— Rhage!

Afundando-se no chão, ele colocou suas mãos trêmulas sobre sua rosto, sabendo que seus olhos estavam branco. Seu corpo tremia tanto que suas palavras saíram como ondas.

— Estou fora de mim...isso é ...merda, não posso...tenho que me afastar de você.

— Por que? Não quero que pare...

Ele falou diretamente.

— Estou morro de fome por você, Mary. Estou, droga, ...faminto, mas não posso ter você. Não tomarei... você.

— Rhage. — Ela se interrompeu, como se tentasse comunicar-se com ele.

— Por que não?

— Não me quer. Confia em mim, realmente não me quer assim.

— Um inferno que não quero.

Ele não estava preparado para lhe dizer que era uma besta que esperava a transição. Então decidiu repugná-la em vez de assustá-la.

— Tive a oito mulheres diferentes esta semana.

Houve uma longa pausa.

— Bom Deus...

— Não quero mentir para você. Nunca. Mas me deixe ser muito claro. Tive muito sexo anônimo. Tive muitas mulheres, nenhuma pela qual eu tenha me preocupado. E não quero que pense que alguma vez te utilizaria assim.

Agora que suas pupilas voltavam a ser negras, ele a olhou.

— Me diga que pratica o sexo seguro. — Resmungou ela.

— Quando as mulheres pedem isso, eu faço.

Seus olhos flamejaram.

— E quando elas não o fazem?

— Eu não pegaria nem sequer um resfriado comum, da mesma maneira não posso me contagiar o HIV ou Hepatite C ou qualquer enfermidade de transmissão sexual. Os vírus dos humanos não nos afetam.

Ela colocou os lençóis sobre os ombros.

— Como sabe que não as deixa grávidas? Ou os humanos e os vampiros não podem...

— Os híbridos são raros, mas ocorre. E é óbvio para mim quando as mulheres estão férteis. Posso cheirar. Se estiverem ou estão perto, não tenho sexo com elas, até uso preservativo. Minhas crianças, quando as tiver, nascerão na segurança de meu mundo. E amarei a sua mãe.

Os olhos de Mary ficaram distantes, fixos, atormentados. Ele olhou para o que ela olhava fixamente. Era a Virgem e a Criança que tinha pintado sobre a

cômoda.

— Alegra-me que tenha me dito isso. — Disse ela finalmente. — Mas por que tem que ser com estranhas? Por que não pode ser com alguém como você... Na realidade, não me responda. Isso não é meu assunto.

— Eu preferiria estar contigo, Mary. Não estar dentro de ti é uma tortura...te quero tanto que não posso suportar. — Ele bufou. — Mas pode me dizer francamente que você me quer agora? Embora... infernos, inclusive se eu quisesse, há ainda algo mais. A forma que você está em minha cabeça, é como te disse antes. Assusta-me perder o controle. Você me afeta de uma maneira diferente que as outras mulheres.

Houve outro longo silêncio. Ela o quebrou.

— Me diga outra vez que é um miserável e que não dormiremos juntos. — Disse ela secamente.

— Sou um completo miserável. Dolorido. Duro todo o tempo. Transtornado e zangado.

— Bom — Ela sorriu um pouco. — Rapaz, sou uma vagabunda, não é mesmo?

— Não.

O quarto ficou tranqüila. Por fim, ele se deitou sobre o chão e se acomodou, descansando sua cabeça sobre seu braço.

Ela suspirou.

— Não espero que durma no chão agora.

— É o melhor.

— Por todos os Santos. Rhage, se levante daí.

Sua voz era baixa como um grunhido.

— Se voltar para essa cama, não há nenhum modo de que não vá até esse doce lugar entre suas pernas. E desta vez não seria só com minhas mãos e minha língua. Voltaríamos para onde estávamos. Meu corpo em cima de você, cada polegada de meu corpo se desesperando por entrar no teu.

Quando ele sentiu o delicioso aroma de sua excitação, no ar entre eles se levantou com o sexo. E dentro de seu corpo, ele voltou a reviver.

— Mary, é melhor eu partir. Voltarei quando você estiver dormindo.

Ele partiu antes que ela pudesse pronunciar outra palavra. A porta se fechou atrás dele, e ele se apoiou contra a parede do corredor. Estar fora do quarto ajudava. Era mais difícil sentir seu cheiro.

Ele ouviu uma risada e viu Phury caminhando pelo corredor.

— Você está enroscado, Hollywood. Assim como condenadamente nu.

Rhage se cobriu com as mãos.

— Não sei como pode aceitar isso.

O Irmão parou, agitando a taça de cidra quente que levava.

— Aceitar o que?

— O celibato.

— Não me diga que sua mulher não te quer?

— Esse não é o problema.

— Então, por que você está no corredor agora?

— Eu, ah, não quero fazer mal a ela.

Phury o olhou com surpresa.

— Você é grande, mas nunca feriste nenhuma mulher. Ao menos que eu saiba.

— Não, é só...a quero tão brutalmente. Eu estou...estou duro, homem.

Os olhos amarelos de Phury se estreitaram.

— Está falando da besta.

Rhage o olhou.

— Sim.

O assobio que saiu do Irmão foi sombrio.

— Bom...infernos, melhor se cuidar. Quer ganhar seu respeito, isso é bom. Mas você se mantém no nível ou realmente vai fazer lhe mal, me entende? Procure uma briga, encontre outras mulheres, mas te assegure de estar calmo. E se necessitar de uma red-smoke, vem me procurar. Darei-te algumas de meus O-Zs, sem problema.

Rhage suspirou.

— Por hora vou passar as red-smoke. Mas, posso pegar emprestado algum pulôver e um par de Nike? Vou tentar me controlar com esgotamento.

Phury deu um tapa em seu traseiro.

— Vamos, meu Irmão. Serei mais que feliz de cobrir seu traseiro.

## CAPÍTULO VINTE E CINCO

---

Quando a luz da tarde diminuiu na floresta, o Senhor O deu marcha ré no Toro, evitando o montão de terra que tinha feito.

— Está pronto para os canos? — Gritou-lhe o Senhor U.

— Sim. Largue-os lá embaixo. Vamos ver como se encaixa.

O cano da boca-de-lobo composto de metal acanalado de aproximadamente 3 metro de diâmetro e 7 metros de comprimento foi abaixado até o buraco onde estava sua extremidade. A coisa se adaptava perfeitamente.

— Vamos colocar outros dois ali. — Disse o Senhor O.

Vinte minutos mais tarde as três seções de canos estavam alinhados. Usando o Dingo, o Senhor O empurrou a terra enquanto outros dois lessers mantinham os canos em seu lugar.

— Está bom. — Disse o Senhor U, andando em volta. — Está condenadamente bom. Mas como conseguiremos que os civis entrem e saiam?

— Sistemas de [arnês](#). — o Senhor O apagou o Dingo e se aproximou para olhar atentamente dentro de um dos canos. — Pode comprar os artigos para escalada no Dick's Sporting Goods. Somos bastante fortes para levantar os civis inclusive se forem um peso morto e eles estarão drogados, doloridos ou esgotados, então não lutarão muito.

— Esta é uma grande idéia. — Murmurou o Senhor U. — Mas como o fecharemos?

— As tampas serão redes metálicas com pesos no centro.

O Senhor O deu uma olhada para cima, vendo o céu azul.

— Quanto tempo pensa que demorará para que tenhamos o teto pronto?

— Bom nós colocaremos a última parede agora mesmo. Então tudo o que temos que fazer é levantar as vigas e colocar as clarabóias. As telhas não levará muito tempo e as tábuas já estão sobre as três paredes que temos agora. Moverei as ferramentas para cá, conseguirei uma mesa e começaremos amanhã de noite.

— Teremos as persianas para as clarabóias logo?

— Sim. E serão automáticas então você poderá levantá-las e abaixá-las.

Homem, aquelas coisas eram práticas. Uma pequena luz de sol era a melhor babá que um lesser podia ter. Ela entraria, flashes no espaço e pronto, não haveria mais restos de vampiro.

O Senhor O assinalou com a cabeça ao seu caminhão.

— Devolverei o Toro à locadora. Necessita de alguma coisa da cidade?

— Não. Estamos bem.

A caminho de Caldwell, com o pedaço de maquinaria fixa da F150, o Senhor O deveria estar de bom humor. O edifício ia bem. Seu esquadrão aceitava seu comando. O Senhor X não havia trazido Betas outra vez. Mas em troca ele se sentia...morto E isto não era irônico como o inferno para alguém que não havia estado vivo há mais de três anos?

Já havia se sentido assim antes.

Lá em Sioux City, antes de ter se convertido em um lesser, ele tinha odiado sua vida. Tinha passado no colégio e eles não tinham dinheiro para enviá-lo à uma universidade pública, então as opções de carreira tinham sido limitadas. Trabalhando como leão de chácara tinha sido chamado para o serviço pelo seu tamanho e seu mau temperamento, mas isto tinha sido só moderadamente divertido: os bêbados não conseguiam lutar e os arrebutá-los inconscientes não era mais divertido que espancar uma vaca.

A única coisa boa que havia encontrado era Jennifer. Ela o tinha salvado do estúpido aborrecimento e a tinha amado por isso. Ela era o drama, o entusiasmo e a imprevisibilidade na paisagem plana de sua vida. E sempre que ele tinha um de seus ataques de raiva, ela o havia golpeado diretamente, ainda que fosse pequena e sangrava mais facilmente que ele. Ele nunca tinha sabido se ela o batia porque era muito tola para saber que ele sempre ganharia no final ou porque ela já estava habituada a ser espancada por seu pai. Em qualquer caso, a estupidez ou o hábito, ele havia tomado tudo o que ela podia lhe dar e depois ele a jogava no chão. Cuidando-a depois, quando o fogo já havia se apagado, tinha-lhe entregue os momentos mais sensíveis de sua vida.

Mas como todas as coisas boas, ela havia chegado ao fim. Deus, ele sentia falta dela. Tinha sido a única que entendia como o amor e o ódio batiam lada a

lado em seu coração, a única que podia administrar ambos os sentimentos ao mesmo tempo. Pensando nela longamente, sua negra cabeleira e seu corpo magro, sentia tanto a sua falta que quase podia senti-la a seu lado.

Quando entrou em Caldwell, pensou na prostituta que havia comprado na outra manhã. Tinha terminado por lhe dar o que ele necessitava, embora tivesse tido que negociar sua vida para fazê-lo. E agora enquanto dirigia, explorou as calçadas, procurando outra libertação. Infelizmente, as morenas eram mais difíceis de adquirir que as loiras que comercializavam o corpo. Talvez pudesse comprar uma peruca e dizer às putas que a colocassem.

O Senhor O pensou no número de pessoas que havia matado. A primeira pessoa que tinha matado tinha sido em defesa própria. O segundo tinha sido um erro. O terceiro tinha sido a sangue frio. Então, quando chegou na Costa Leste, procurado pela lei, sabia um pouco sobre a morte.

Naquele tempo, quando Jennifer recentemente tinha ido, a dor em seu peito era muito viva, um cão louco que tinha que esticar as pernas antes que isto o destruísse. Cair na Sociedade tinha sido um milagre. Isto o tinha salvado de uma tortura desarraigada, lhe dando uma concentração, um objetivo e uma saída para a angústia.

Mas agora, de algum modo, todas aquelas vantagens se foram e se sentia vazio. Tal e como estava há cinco anos em Sioux City justamente antes que se encontrasse com Jennifer.

Bom, quase o mesmo, pensou ele, conduzindo até o lugar de aluguel.

Naquele tempo, ele ainda tinha estado vivo.

\*\*\*\*\*

— Saíste da banheira?

Mary riu, colocando o telefone no outro ouvido, desabando no mais profundo dos travesseiros. Era um pouco depois das cinco horas.

— Sim, Rhage.

Ela não podia se recordar quando havia tido um dia com tanto luxo. Dormindo. Comida entregue com livros e revistas. A Jacuzzi.

Era como estar em um SPA. Bem, um SPA onde o telefone tocava constantemente. Não sabia quantas vezes ela a havia lhe ligado.

— Fritz lhe trouxe o que lhe pedi?

— Como encontrou morangos frescos em outubro?

— Temos os nossos jeitos.

— E as flores são muito lindas. — Ela olhou o ramo de rosas, dedaleras, esporas de cavalheiro e tulipas. Primavera e verão em um vaso de cristal.

— Obrigado.

— Alegra-me que você goste. Sinto não ter podido sair e as escolher eu mesmo. Teria gostado de encontrar só as mais perfeitas. Queria que fossem brilhantes e cheirassem muito bem.

— Missão cumprida.

Vozes masculinas ressonavam no fundo. Rhage baixou a voz.

— Hei!, Tira, se importa que use seu dormitório? Preciso de alguma intimidade.

A resposta foi amortecida e depois ela escutou como se fechava uma porta.

— Olá. — Disse Rhage com voz levemente rouca.

— Você está na cama?

Seu corpo se sacudi, esquentando-se.

— Sim.

— Sinto sua falta.

Ela abriu a boca. Não saiu nada.

— Ainda está aí, Mary? — Quando ela suspirou, ele disse. — Isso não parece bem. Estou ficando muito real para você?

Tive oito mulheres diferentes só esta semana.

Oh, Deus. Ela não queria se apaixonar por ele. Só não podia deixá-lo.

— Mary?

— Só não...me diga coisas como essa.

— É como eu me sinto.

Ela não respondeu. O que podia dizer? Que se sentia da mesma maneira? Que sentia a falta dele, mesmo quando tinha ligado para ela a cada hora durante o dia? Isto era de verdade, mas não algo que a fizesse feliz. Ele também era condenadamente lindo...e inferno, podia colocar Wilt Chamberlain nas sombras quando se tratava de um monte de amantes. Embora ela estivesse perfeitamente saudável, ele era uma receita para o desastre. Acrescentada à situação que ela se confrontava?

Atar-se emocionalmente a ele era verdadeiramente absurdo.

Quando o silêncio se alargou entre eles, ele amaldiçoou.

— Temos muitos negócios que atender esta noite. Não sei quando voltarei, mas se me necessitar já sabe onde me encontrar.

Quando a conexão telefônica foi cortada ela se sentiu horrível. E sabia que os discursos sobre manter a distância realmente não funcionavam.

## CAPÍTULO VINTE E SEIS

---

Rhage pisou com força com suas botas de combate sobre o chão e olhou ao seu redor no bosque. Nenhum ruído ou aroma de lessers. Nenhuma evidência de que alguém tivesse estado neste ponto do bosque durante anos. Tinha sido assim nos outros terrenos que tinham visitado.

— Que diabos estamos fazendo aqui? — Resmungou ele.

Sabia a maldita resposta. Tohr tinha encontrado um lesser na noite anterior em uma área isolada da Rota 22. O assassino tinha saído do bosque sobre uma moto para todo terreno, mas o havia perdido um pequeno pedaço de papel no processo: uma propaganda de grandes pedaços de terra à venda sobre as margens de Caldwell.

Hoje, Butch e Vishous tinham feito uma busca sobre todas as propriedades vendidas nos doze meses anteriores na cidade e as populações circundantes. Aproximadamente haviam sido vendidas uns cinquenta pedaços rurais. Rhage e Vishous tinham visitado cinco delas e os gêmeos faziam o mesmo, cobrindo outros tantos. Enquanto isso, Butch tinha ido ao Pit, reunindo os relatórios de campo, fazendo mapas e procurando padrões. Ia lhes tomar algumas noites passar por todas os pedaços, por que as patrulhas ainda tinham que ser realizadas. E a casa de Mary tinha que ser monitorada.

Rhage passeou pelos arredores do bosque, esperando que alguma das sombras revelasse ser um lesser. Começava a odiar os ramos das árvores. Malditas brincadeiras quando soprava o vento.

— Onde estão esses bastardos?

— Fique calmo, Hollywood. — Vishous se alisou a cavanhaque e tirou sua boina Sox. — Homem, você está excitado esta noite.

Excitação não o descrevia. Quase saltava de sua pele. Tinha esperado que estar longe de Mary durante o dia o ajudaria e tinha contado em encontrar alguma luta nessa noite. Também tinha contado com o esgotamento da privação do sono baixasse sobre ele.

Sim, bem, não tinha tido sorte em nenhum das fontes. Queria Mary com um crescente desespero, que parecia não estar ligado à proximidade. Não tinham encontrado nenhum lesser. E estar acordado por quarenta e oito horas e não fechar o olho só o havia deixado mais agressivo.

Pior, eram três horas da madrugada. Estava ficando sem tempo para libertar-se em uma luta, a qual necessitava desesperadamente. Maldição...

— Rhage. — Vishous agitou a enluvada mão pelo ar.

— Está comigo aqui, meu Irmão?

— Sinto muito, o que? — Ele se esfregou os olhos. Seu rosto. Seus bíceps. A pele lhe ardia tanto que parecia que usava um traje de formigas.

— Está seriamente fora disso.

— Não, estou bem...

— Então por que está movendo seus braços dessa maneira?

Rhage deixou cair suas mãos. Só para começar a massagear as coxas.

— Temos que te levar ao One Eye. — Disse Vishous suavemente. — Está se perdendo. Precisa de sexo.

— Vá se ferrar.

— Phury me explicou sobre o que ocorreu no corredor.

— São um bando de velhas criadas, sério.

— Se não o fizer com sua mulher e não encontrar uma briga. Qual será sua alternativa?

— Não precisa ser assim. — Ele virou a cabeça ao seu redor, tentando relaxar seus ombros e seu pescoço. — Não funciona assim. Faz pouco que me transformei. Supõe que não saia outra vez..

— Suposição em uma mão, merda na outra, olhe o que tem que fazer. Está em um momento ruim, meu Irmão. E você sabe o que tem que fazer para sair disto, não é mesmo?

Quando Mary ouviu que a porta se abria, despertou desorientada e tonta.

Droga, voltara a ter febre esta noite.

— Rhage? — Resmungou ela.

— Sim, sou eu.

Sua voz se parecia com o inferno, pensou ela. E ele tinha deixado a porta aberta, por isso não ficaria muito tempo. Talvez estivesse ainda zangado com ela por aquela última chamada telefônica.

De dentro do closet, ela escutou o ruído de metal e tecido se batendo, como se ele estivesse colocando uma camisa limpa. Quando saiu ele foi direto para o corredor, seu casaco ondeava atrás dele. A idéia de que de algum jeito ele partisse sem dizer adeus foi de algum jeito espantosa.

Quando ele pegou a maçaneta da porta, fez uma pausa. A luz do corredor se refletiu sobre sua brilhante cabeleira e seus amplos ombros. Seu rosto estava de perfil, na escuridão.

— Aonde você vai? — Perguntou ela sentando-se.

Houve um longo silêncio.

— Sair.

Por que parecia tão arrependido? — Perguntou-se ela. Ela não necessitava de uma babá. Se ele tinha negócios para tratar..

Oh...certo. Mulheres. Ele saía para ir atrás de mulheres.

Seu tórax se converteu em uma fria cavidade, uma fossa úmida, sobretudo quando olhou o buquê de flores que ele havia lhe enviado. Deus, a idéia dele tocando em alguém mais quando ela sabia o que ele podia fazer sentir, a deixava tonta.

— Mary ... sinto muito.

Ela pigarreou.

— Não sinta. Não há nada entre nós, por isso não espero que mude seus hábitos por mim.

— Isto não é um hábito.

— Oh, certo. Sinto muito. Vício.

Houve outro longo silêncio.

— Mary, eu...se houvesse outra maneira...

— Para fazer o que? — Ela balançou a mão para frente e para trás. — Não responda a isso.

— Mary...

— Não o faça, Rhage. Não é assunto meu. Só vá.

— Meu telefone celular estará ligado se você...

— Sim. Se precisar eu te chamarei.

Ele a olhou durante um batimento de seu coração. E depois sua negra sombra desapareceu pela porta.

## CAPÍTULO VINTE E SETE

---

John Matthew caminhava para casa vinda do Moe's, às três e quarenta da madrugada, atrás da patrulha policial. Temia as horas até a alvorada. Sentar-se em seu apartamento lhe parecia como estar em uma jaula, mas era muito tarde para ele estar lá fora, na rua. Ainda... Deus, estava tão inquieto que podia sentir a agitação em sua boca. E o fato de que não houvesse ninguém com quem falar lhe doía ainda mais.

De verdade que necessitava de algum conselho. Depois que Tohrment havia saído, tinha estado dando voltas à cabeça, se debatendo se realmente havia feito a coisa certa. Seguiu dizendo a si mesmo que sim, mas segundas estimativas não paravam.

Desejaria ter podido encontrar-se com Mary. Tinha ido à sua casa na noite anterior, mas a havia encontrado escura e fechada. E ela não tinha ido até o Linha Direta. Era como se tivesse desaparecido e sua preocupação por ela era uma razão mais para estar nervoso.

Quando se aproximou de seu edifício, viu um caminhão estacionado em frente. A carroceria estava cheio de caixas, como se alguém as estivesse movendo.

Que estranho fazer isto durante a noite, pensou ele, olhando a carga.

Quando viu que não havia ninguém montando guarda, esperava que seu dono voltasse logo. Do contrário, o material ia desaparecer.

John entrou no edifício e subiu as escadas, não fazendo caso às bitucas, latas de cerveja vazias e sacos de batatas fritas vazios. Quando já quase estava no segundo andar, olhou com os olhos entreabertos. Havia algo derramado por todo o chão do corredor. Vermelho profundo...

Sangue.

Dando marcha ré para o vão da escada, olhou fixamente para a porta. Havia um respingo no centro, como se alguém tivesse batido a cabeça...mas então viu a garrafa verde escura. Vinho tinto. Era somente vinho tinto. A turma de

bêbados que viviam ao lado haviam voltado a discutir no corredor.

Seus ombros se afrouxaram.

—Me desculpe. — Disse alguém de cima.

Ele se moveu e levantou o olhar.

O corpo de John se retesou.

O homem grande que estava sobre ele estava vestido com calças de camuflagem negras e uma jaqueta de couro. Seu cabelo e sua pele eram completamente brancos e seus pálidos olhos tinham um brilho misterioso.

Maligno. Não, morto.

Inimigo.

Este era um inimigo.

— Alguma confusão se formou neste piso. — Disse o cara antes de estreitar seu olhar sobre John.

— Tem algo de errado?

John com ferocidade sacudiu a cabeça e abaixou o olhar. Seu primeiro instinto foi correr para seu apartamento, mas não queria que o cara soubesse onde ele vivia.

Deu um sorrisinho profundo.

— Parece um pouco pálido, colega.

John saiu disparado pelas escadas em direção à rua. Correu até a esquina, dobrou à esquerda e seguiu correndo. Correu e correu, até que não pôde mais porque ficou sem fôlego. Apoiou-se sobre a junta entre o edifício de tijolos e uma lixeira, ofegando.

Em seus sonhos, lutava contra homens pálidos. Homens pálidos com roupa negra cujos olhos não tinham alma.

Meus inimigos.

Tremia tanto que não conseguia colocar a mão em seu bolso. Tirando vinte e cinco centavos, colheu-os com tanta força que os cravou na palma de sua

mão. Quando recuperou o fôlego, olhou atentamente de cima a baixo do beco. Não havia ninguém nos arredores, nenhum som de pés atingindo o asfalto.

Seu inimigo não o haviam reconhecido.

John abandonou o refúgio da lixeira e caminhou rapidamente para a longínqua esquina.

A cabine telefônica estava recoberta de pichações, mas sabia que funcionava por que não fazia muito que tinha ligado para Mary. Colocou os centavos na abertura e discou os números do telefone que Tohrment havia lhe dado.

Depois do primeiro toque, a secretaria de voz começou a recitar roboticamente os números que tinha discado.

John esperou o bip. E assobiou.

## CAPÍTULO VINTE E OITO

---

Foi um pouco antes da alvorada que Mary escutou finalmente vozes masculinas no corredor. Quando a porta se abriu, seu coração saltou de seu peito. Rhage enchia a soleira da porta quando o outro cara falou.

— Homem, foi uma luta infernal quando deixamos o bar. Converteu-te em um demônio lá fora.

— Eu sei. — Resmungou Rhage.

— É incrível, Hollywood e não só com o corpo a corpo. Aquela mulher que você...

— Mais tarde, Phury.

A porta se fechou e a luz do closet se acendeu. Pelo som de estalos e movimentos metálicos, ele estava se desarmando. Quando saiu, deu um suspiro trêmulo.

Mary fingiu que estava adormecida quando seus vacilantes passos chegaram até o pé da cama e logo se dirigiu ao banheiro. Quando escutou que estava tomando banho, ela se imaginou o que ele estava lavando: Sexo. Luta.

Especialmente o sexo.

Ela se cobriu seu rosto com as mãos. Hoje ela partiria para sua casa. Empacotaria suas coisas e sairia pela porta. Ele não podia fazer que ficasse; ela não era responsabilidade dele só por que ele o dissesse.

A água foi fechada.

O silêncio aspirou todo o ar da residência e ela soltou o fôlego mantendo-se no lugar. Ofegando, asfixiando-se... levantou os lençóis e foi até a porta. Suas mãos sobre a tranca, lutando por abrir a fechadura, sacudindo-a, jogando inclusive seu cabelo que se agitava a redor.

— Mary. — Disse Rhage diretamente atrás dela.

Ela saltou e lutou mais contra a porta.

— Me solte. Tenho que escapar... não posso ficar neste quarto contigo. Não posso estar aqui... contigo. — Ela sentiu quando ele colocou suas mãos sobre seus ombros. — Não me toque.

Ela se moveu loucamente pelo quarto até que saltou para o canto mais afastado, compreendendo que não podia ir e que não havia modo de escapar. Ele estava diante da porta e ela tinha o pressentimento de que manteria as trancas em seu lugar.

Preso, cruzou os braços sobre seu peito e se apoiou de pé contra a parede. Não sabia o que faria se ele voltasse a tocá-la.

Rhage não voltou a tentar.

Ele se sentou sobre a cama, usava uma toalha ao redor de seus quadris, o cabelo úmido. Arrastou sua mão pelo rosto, através do queixo. Parecia o inferno, mas seu corpo era a coisa mais formosa que ela já havia visto. Imaginou as mãos de outras mulheres sobre aqueles poderosos ombros, tal como ela tinha feito. Viu como dava prazer a outros corpos como Havia dado ao seu.

Rasgava-se entre o desejo de agradecer a Deus por não ter dormido com ele e estar chateada que depois de ter estado com todas aquelas mulheres, ele não queria ter sexo com ela.

— Quantas? — Exigiu-lhe ela, as palavras tão roucas que quase não lhe saíram. — E me diga, foi bom para você? Não tenho que perguntar se elas gostaram. Sei o talento que tem.

— Doce... Mary. — Sussurrou ele. — Se me deixasse te abraçar. Deus, mataria só por te abraçar agora mesmo.

— Você nunca voltará a estar perto de minha outra vez. Quantas havia ali? Duas? Quatro? Um pacote de seis?

— De verdade que você quer os detalhes? — Sua voz era suave, triste até o ponto de rachar-se. Bruscameente sua cabeça caiu para baixo e balançou frouxamente de seu pescoço. Segundo todas as aparências, parecia um homem destroçado. — Não posso... Não sairei dessa maneira outra vez. Encontrarei outro caminho.

— Outro caminho para que? — Ela explodiu. — Esteja tão certo como o

inferno que não dormirá comigo, então talvez pense em usar a mão?

Ele suspirou.

— Aquele desenho. Em minhas costas. É parte de mim.

— De qualquer modo. Hoje eu vou embora daqui.

Sua cabeça se virou para ela.

— Não, não o fará.

— Sim, o farei.

— Dar-te-ei outro quarto. Não terá que me ver. Mas não vai a nenhuma parte.

— Como você vai impedir que eu parta? Trancando-me aqui?

— Se for preciso, sim.

Ela retrocedeu.

— Não pode falar a sério.

— Quando você tem a próxima consulta com o médico?

— Esse não é teu assunto.

— Quando?

A bruta cólera em sua voz refrescou um pouco seu humor.

— Ah...na quarta-feira.

— Assegurar-me-ei de que você vá.

Ela o olhou fixamente

— Por que me faz isto?

Seus ombros se elevaram e caíram.

— Por que te amo.

— Desculpe?

— Eu te amo.

O controle de Mary se evaporou sob uma rajada de fúria tão grande que ficou muda. Ele a amava? Ele não a conhecia. E ele tinha estado com outras...a indignação apareceu quando o imaginou tendo sexo com alguém mais.

De repente Rhage saltou da cama e chegou até ela, como se sentisse suas emoções e fosse estimulado por elas.

— Sei que está zangada, assustada, ferida. Jogue isso para mim, Mary. — Ele a agarrou pela cintura para impedir que ela corresse, mas não para que tentasse separar-se dele. — Me utilize para suportar a dor. Deixe-me sentir na pele. Me bata se tiver que fazê-lo, Mary.

Que o inferno a condenasse, ela estava tentada. Golpeá-lo parecia o único recurso para o tipo de força que surgia por todo seu corpo.

Mas ela não era um animal.

— Ua! Agora deixa que eu vá!

Ele a agarrou pelo pulso e ela lutou contra o aperto, lançando todo seu corpo para a luta até que seus ombros se sentiram como se fossem estalar. Rhage pediu novamente.

— Me use, Mary. Permita-me suportar isto por você. — Com um rápido movimento, ele arranhou seu peito com as unhas dela e depois segurou os dois lados de seu rosto com suas mãos. — Me faça sangrar para ti... — Sua boca acariciava a dela. — Permite que sua raiva saia.

Deus a ajudasse, ela o mordeu. Diretamente no lábio inferior. Ela tão só afundou seus dentes em sua carne.

Como com um golpe deliciosamente pecaminoso com sua língua, Rhage gemeu com aprovação e pressionou seu corpo contra o dela. Um zumbido, como se tivesse tomado muito chocolate, cantarolava para ela.

Mary gritou.

Horrorizada pelo que tinha feito, assustou-se do que ele poderia lhe fazer depois, ela lutou para escapar, mas ele a manteve no lugar, beijando-a, lhe dizendo muitas vezes que a amava. A dura ereção, quente que tinha despertado sobre seu ventre através da toalha e se esfregava contra ela, seu corpo uma

promessa sinuosa, de sexo latente que ela não queria, mas o necessitava até que as entranhas tivessem câibras.

Ela o queria...mesmo que soubesse que tinha transado com outras mulheres. Nesta noite.

— Oh, Deus...não... — Ela afastou sua cabeça para um lado, mas ele a pegou pelo queixo, voltando-a para centro.

— Sim, Mary... — Ele a beijou desesperadamente, a língua em sua boca. — Amo-te.

Algo dentro dela se quebrou e o afastou, evitando seu aperto.

Mas em vez de correr para a porta, ela o olhou sem piedade.

Quatro arranhões atravessavam seu peito. Seu lábio inferior estava cortado. Ela ofegava, ruborizada.

Ela estendeu a mão e lhe tirou a toalha do corpo.

Rhage despertou sexualmente, sua ereção tensa, enorme.

E no momento ofegante entre eles, ela odiou sua pele lisa, perfeita sem pêlo, seus tensos músculos, seu belo rosto de anjo. Sobretudo, ela odiou sua orgulhosa ereção, o instrumento sexual que tanto usava.

E de todos os modos, ela o queria.

Se tivesse estado em seu juízo perfeito, se afastaria de Rhage. Teria se trancado no banheiro. Infernos, teria que se sentir intimidada por seu tamanho. Mas estava muito zangada e fora de controle. Agarrou sua dura carne com uma mão e com a outra lhe agarrou as bolas, ambas transbordavam em suas mãos. Sua cabeça se arremessou para trás, os tendões de seu pescoço tensos, o fôlego explodindo em sua boca.

Sua voz vibrou, enchendo o quarto.

— Faz o que for preciso para tomá-lo. Oh, Deus, te amo.

Ela o aproximou da cama, empurrando-o de maneira que retrocedesse para o colchão. Ele caiu sobre os lençóis revoltos, seus braços e pernas estendidas como se não tivesse nenhuma reserva, nenhuma restrição.

—Por que agora? — Perguntou ela amargamente. — Por que está disposto a fazê-lo agora? Ou isto não é absolutamente sobre o sexo e é só por que quer que eu te faça sangrar mais?

— Morro por fazer amor contigo. E posso estar contigo neste momento por que estou no nível. Estou...esgotado.

Oh, agora esse era um pensamento encantador.

Ela negou com a cabeça, mas ele a cortou.

— Você me quer. Tome o prazer. Não pense, só tome o prazer de mim.

Enluquecida pela luxúria, pela cólera e pela frustração, Mary levantou sua camisola ao redor de seus quadris e se sentou escancarada sobre suas coxas. Mas uma vez que ela esteve sobre ele, olhando-o ao rosto, hesitou. Ela realmente ia fazer isso? Tomá-lo? Usando-o como saída e vingando-se por algo que ele tinha direito a fazer?

Ela começou a se afastar.

Em um rápido movimento, as pernas de Rhage a levantaram, derrubando-a sobre seu peito. Quando ela caiu sobre ele, seus braços a prenderam.

— Sabe o que quer fazer, Mary. — Disse-lhe ele ao ouvido. — Não pare. Toma tudo o que necessita de mim. Use-me.

Mary fechou os olhos, apagou seu cérebro e deixou seu corpo ir.

Colocando-se entre suas coxas, ela o segurou e se sentou com força sobre ele.

Ambos gritaram quando ela o tomou inteiro, direto até o osso pubiano.

Ele era uma enorme presença em seu corpo. Esticando-a até que pensou que poderia rasgá-la. Ela respirou profundamente e não se moveu, suas coxas esticando-se quando seu interior estava lutando para se adaptar a ele.

— Está tão apertada. — Gemeu Rhage. Seus lábios libertando seus dentes, mostrando suas presas. — Oh,...Deus, sinto-te por todas as partes de meu corpo, Mary.

Seu peito subiu e desceu e os músculos de seu abdômen se retesaram nas

sombras com força. Quando suas mãos espremeram seus joelhos, seus olhos se dilataram até que quase não restou azul neles. E depois suas pupilas brilharam em branco.

O rosto de Rhage se retorceu com um pouco de pânico. Mas então sacudiu a cabeça como se quisesse limpá-la e assumiu uma expressão de concentração. Devagar o centro de seus olhos voltaram a enegrecer-se, como se desejasse que estivessem assim.

Mary deixou de se concentrar nele e começou a pensar nela.

Não se preocupando sobre como seus corpos se encontravam, ela plantou suas mãos sobre seus ombros e o puxou para cima. A fricção era elétrica e a explosão de prazer fez que a ajudasse a aceitá-lo mais facilmente. Deslizou-se para baixo sobre sua ereção e subiu e depois repetiu o movimento muitas vezes. Seu ritmo era um lento deslizar-se, cada descida colocando-se em posição horizontal, cada elevação cobrindo-o com a sedosa resposta de seu corpo.

Com crescente domínio ela o montou, tomando-o como queria, a grossura, o calor e a ereção dele criando uma selvagem, retorcendo um nó de profunda energia em seu coração. Ela abriu os olhos e o olhou.

Rhage era uma imagem do êxtase masculino. Um fino brilho de suor cobria seu amplo peito e seus ombros. Sua cabeça se arremessou para trás, seu queixo alto, seu cabelo loiro que caía sobre o travesseiro, seus lábios afastados. Ele a olhava com as pálpebras caídas, seus olhos detendo-se em seu rosto, em seu seios e onde estavam unidos.

Como se estivesse completamente cativado por ela.

Ela apertou seus olhos fechados e empurrou a adoração dele para fora de sua mente. Era isso ou perdia o toque com o orgasmo que estava tão perto por que a visão dele a fazia querer chorar.

Não custou muito tempo para explodir. Com uma rajada explosiva, a liberação varrendo-a, privando o olhar, o ouvido e o batimento do coração, até que tudo o que pôde fazer foi cair sobre ele.

Quando sua respiração se fez mais lenta, ela se deu conta de que ele estava lhe acariciando o traseiro com cuidado e lhe sussurrava suaves palavras.

Em seguida ela se sentiu envergonhada e as lágrimas lhe ardiavam nos olhos.

Não importava com quem mais ele havia estado nesta noite, não merecia ser usado e isto era exatamente o que ele havia feito. Tinha estado muito zangada quando tudo isto tinha começado e depois o tinha deixado fora antes de recusar olhá-lo. Tinha-o tratado como um brinquedo sexual.

— Sinto muito, Rhage. Eu... Sinto muito...

Ela se moveu para descer de seus quadris e compreendeu que ainda estava muito grosso dentro dela. Ele não tinha gozado.

Oh, Deus, isso era ruim. Tudo isso era ruim.

As mãos de Rhage a seguravam como braçadeiras sobre seus músculos.

— Nunca lamente quando estivermos juntos.

Ela o olhou fixamente aos olhos.

— Parece que te violentei.

— Eu estava mais que disposto. Mary, tudo bem. Venha aqui, deixe eu te beijar.

— Como pode me ter perto de você?

— Quão único não posso permitir é que você parta.

Ele a segurou pelos pulsos e a impulsionou para sua boca. Quando seus lábios se encontraram, ele deslizou seus braços a seu redor, sustentando-a. A mudança de posição a fez extremamente consciente que ele estava preparado para explodir, tão forte que ela podia sentir as contrações involuntárias de sua excitação.

Ele balançou seus quadris com cuidado contra ela, colocando seu cabelo para trás com sua grandes mãos.

— Não poderei agüentar este fogo muito mais tempo. Você me leva tão alto, que estou chegando ao limite agora mesmo. Mas enquanto for capaz, enquanto puder me controlar, quero degustar seu corpo no meu. Como começa. Como acaba.

Ele moveu seus quadris para cima e para baixo, saindo, entrando. Ela se derreteu a seu redor. O prazer era profundo, infinito. Aterrorador.

— Beijou-as esta noite? — Perguntou-lhe ela. — As mulheres?

— Não, não beijei as mulheres, nunca o faço. E odiei. Não voltarei a fazer isso outra vez, Mary. Encontrarei outro modo de impedir que me descontrole enquanto você estiver em minha vida. Não quero a ninguém mais a não ser você.

Permitiu que ele rolasse sobre ele. Quando ele ficou em cima dela, seu peso quente, pressionando a forquilha de seu corpo onde ele estava agasalhado. Beijou-a meigamente, lambendo-a com a língua, querendo-a com seus lábios. Era tão apazível embora estivesse em seu interior e seu corpo armazenasse o tipo de força que poderia parti-la pelo meio.

— Não terminarei isto se você não me quiser. — Sussurrou-lhe ele em seu pescoço. — Retirar-me-ei agora mesmo.

Ela o atraiu colocando suas mãos em suas costas, sentindo os músculos mudarem e a expansão e compressão de suas costelas enquanto respirava. Ela inalou profundamente e sentiu um aroma encantador, erótico. Escuro, picante, temperado com especiarias. Entre suas pernas ela sentiu uma rápida resposta úmida, como se a fragrância fosse um toque ou um beijo.

— O que é esse aroma maravilhoso?

— Eu. — Murmurou ele contra sua boca. — É o que acontece quando um homem se vincula. Não posso evitar. Se me deixa continuar, estará por toda a sua pele, em seu cabelo. Também dentro de você.

Com isto, ele empurrou profundamente. Ela se arqueou até o prazer, deixando o fluxo de calor por todas as partes de seu corpo.

— Não posso fazê-lo outra vez esta noite. — Gemeu ela, mais para si mesma que para ele.

Caindo completamente, ele tomou sua mão e a colocou sobre seu coração.

— Nunca mais, Mary. Juro-o por minha honra.

Seus olhos eram severos, um bom voto como poderia fazer qualquer ser vivo. Mas o alívio que sentiu em sua promessa era um problema.

— Não me apaixonarei por você. — Disse ela. — Não posso me permitir isso. Não quero.

— Está bem. Amar-te-ei o suficiente para os dois. — Ele se inundou nela, enchendo suas profundidades.

— Você não me conhece. — Beliscou-lhe o ombro e depois lhe lambeu a clavícula. O sabor de sua pele fez que sua língua cantasse, que aquele aroma especial se condensasse em sua boca.

— Sim, eu te conheço. — Ele se retirou, seus olhos considerando-a com a convicção e a claridade de um animal. — Sei que me manteve a salvo quando o sol esteve alto e eu me encontrava indefeso contra isso. Sei que se preocupou por mim mesmo quando teve medo. Alimentou-me de sua cozinha. Sei que é uma guerreira, uma sobrevivente, uma wahlker. E sei que o som de seu voz é o mais precioso que já escutei. — Ele a beijou suavemente. — Sei tudo sobre você e tudo o que vejo é lindo. Tudo o que vejo é meu.

— Não sou tua. — Sussurrou ela.

O rechaço não o desconcertou.

— Bom. Se não posso tê-la, então tome. Pegue tudo de mim, uma pequena parte, tudo o que quiser. Mas por favor, tome algo.

Ela chegou até seu rosto, acariciando os planos e ângulos perfeitos de suas bochechas e seu queixo.

— Não teme a dor? — Perguntou ela.

— Não, mas te direi o que me assusta como o inferno. Te perder. — Ele olhou seus lábios. — Agora quer que me afaste? Por que o farei.

— Não. Fique. — Mary manteve os olhos abertos e atraiu sua boca para a sua, deslizando sua língua em seu interior.

Ele tremeu e começou a mover-se em um ritmo estável, penetrando e retirando-se, o eixo cada vez mais grosso, vacilando na ruptura de sua conexão.

— Sinto-a...tão perfeita. — Disse ele, particularizando as palavras com seus golpes. — Fui feito para...estar em seu interior.

O delicioso aroma que provinha de seu corpo se intensificou quando ele fez o bombeamento, até que toda ela o poderia sentir, toda ela cheiraria a ele, toda ela pertencia a ele.

Ela chamou seu nome quando chegou ao clímax e o sentiu aproximar-se da beira com ela, seu corpo estremeando-se com o seu, seu gozo tão poderoso como haviam sido suas investidas, seu orgasmo vertido nela.

Quando ele ficou quieto, virou-os para ficarem de lado. Ele a apertou contra ele, tão perto que ela podia ouvir os batimentos do grande coração em seu peito.

Ela fechou os olhos e dormiu com um esgotamento que rivalizava com a morte.

## CAPÍTULO VINTE E NOVE

---

Naquela noite, quando caiu o sol e as persianas se elevaram sobre as janelas, Mary decidiu que poderia se acostumar a ser mimada por Rhage. O que não podia tolerar era mais comida. Colocou seus dedos sobre seu pulso, detendo a quantidade de purê que vinha em sua direção.

— Não, estou cheia. — Disse ela enquanto se reclinava sobre os travesseiros. — Meu estômago vai arrebentar.

Com um sorriso, ele recolheu a bandeja de pratos, depois se sentou ao lado dela outra vez. Ele tinha desaparecido durante a maior parte do dia, trabalhando, pensou e lhe agradeceu o sono que obteve. Seu esgotamento piorava a cada dia e podia sentir como se deslizava na enfermidade. Seu corpo sentia como se lutasse para manter seus processos regulares, pequenas dores que lhe apareciam por toda parte. E os hematomas em suas costas: sinais arroxeados que a floravam sob sua pele em uma rapidez alarmante. Rhage havia se horrorizado quando os havia visto, estava convencido que havia lhe feito mal enquanto haviam mantido sexo. Havia-lhe levado muito tempo de conversas para fazê-lo compreender que não tinha sido culpa dele.

Mary se concentrou em Rhage, não querendo pensar na enfermidade ou no encontro com o doutor que logo aconteceria. Deus, ele não parecia se sentir melhor do que ela se sentia, embora não aparentasse, não podia deter o ardor. Quando ele se sentou ao seu lado na cama, se esfregava as coxas com as mãos, parecia que tinha um caso de hera venenosa ou de varicela. Ela estava a ponto de lhe perguntar que lhe acontecia quando falou.

— Mary, deixará que eu faça algo por você?

Embora sexo fosse o último que lhe passava pela mente, ela olhou os bíceps que se retesavam sob sua camisa negra.

— Posso saber o que é?

Um suave grunhido saiu dele.

— Não deveria me olhar assim.

— Por que não?

— Por que quero te montar quando você o faz.

— Não lute contra o que sente.

Como o ataque de duplo combate, suas pupilas brancas brilharam. Era algo estranho. Um momento antes eram negros. Próxima, a pálida luz brilhava sobre eles.

— Por que acontece isso? — Perguntou ela.

Seus ombros se retesaram quando ele se dirigiu ameaçadoramente sobre suas pernas e se apoiou sobre si mesmo. Ela podia sentir sua energia chegando até ela, saindo dele.

— Rhage?

— Não tem que se preocupar com isso.

— Esse tom bruto em sua voz me diz que talvez eu devesse. Ele riu dela e sacudiu a cabeça.

— Não. Melhor que não. Sobre o favor. Nossa raça tem um médico, Havers. Deixará que eu dê acesso a seus arquivos médicos? Talvez nossa ciência possa te ajudar.

Mary franziu o cenho. Um doutor vampiro. Falar sobre explorar suas terapias alternativas.

Ora, exatamente o que ela podia perder?

— Bom. Mas não sei como conseguir as cópias...

— Meu Irmão, Vishous, é um Deus dos computadores. Pode entrar em qualquer lugar e a maior parte do material deveria estar on-line. Tudo o que preciso são os nomes e lugares. Datas também se as souber.

Quando pegou um papel e uma caneta, ela lhe disse onde havia se tratado assim como também os nomes de seus doutores. Depois que ele tivesse escrito tudo, olhou fixamente a folha de papel.

— O que foi? — Perguntou ela.

— Há tantos. — Seus olhos se levantaram até os seus. — Quanto de mal é, Mary?

Seu primeiro impulso foi dizer-lhe a verdade: que ela teve duas rodadas de quimioterapia, um transplante de medula óssea e tudo tinha passado muito duramente. Mas então pensou na noite passada, quando suas emoções estiveram tão fora de controle. Era uma caixa de dinamite e sua enfermidade era o melhor recheio. Quão último precisava era desmoronar outra vez, por que Cristo sabia que nada de bom tinha acontecido nas duas últimas vezes que o havia perdido o controle. Primeiro ela tinha gritado tudo sobre ele. No segundo ela... bom, cortar seu lábio tinha sido o mínimo que havia acontecido.

Encolhendo-se, mentindo, odiando-se, ela murmurou.

— Tudo bem. Alegrei-me quando isto acabou.

Seus olhos se estreitaram. Então alguém bateu na porta. Rhage a olhou sem hesitar, apesar do som urgente.

— Alguém dia aprenderá a confiar em mim.

— De verdade que confio em você.

— Que mentira! E aqui vai um rápido conselho. Odeio que mintam para mim.

A pesada batida soou outra vez.

Rhage se aproximou e abriu a porta, pronto para dizer a quem quer que fosse que desaparecesse. Tinha o pressentimento de que Mary e ele estavam a ponto de entrar em um acordo e queria acabar com o assunto.

Tohr estava do outro lado. Parecia que o haviam atingido com uma arma assombrosa.

— O que te aconteceu? — Perguntou-lhe Rhage saindo para o corredor. Fechou a porta parcialmente.

Tohr cheirou o ar que saía do dormitório.

— Jesus, você a marcou, não é mesmo?

— Você tem algum problema com isso?

— Não, isto faz o caminho mais difícil. A Virgem Escriba falou.

— Diga-me.

— Deverá te reunir com o resto dos Irmãos para escutá-lo...

— Foda-se. Quero saber agora, Tohr.

Quando o Irmão terminou de falar na velha língua, Rhage suspirou.

— Me dê dez minutos.

Tohr assentiu.

— Estaremos no escritório de Wrath.

Rhage retornou ao quarto e fechou a porta.

— Escute, Mary, tenho um negócio com meus Irmãos. Talvez não retorne esta noite.

Ela ficou rígida e seus olhos se afastaram de seu rosto.

— Mary, não é por causa das mulheres, juro-lhe isso. Só me prometa que estará aqui quando eu retornar. — Como ela hesitou, ele se aproximou e lhe acariciou a bochecha.

— Você me disse que não tem consulta com o médico até na quarta-feira. O que significa outra noite? Poderá passar mais tempo na banheira. Disse-me o muito que você gosta de estar assim.

Ela deu um pequeno sorriso.

— Você é um manipulador.

— Eu gosto mais de pensar em mim mesmo como um engenheiro de resultados.

— Se ficar um dia mais, você vai tentar me falar de uma coisa e de outra...

Ele se inclinou e a beijou brutalmente, desejando ter mais tempo, querendo estar com ela, dentro dela, antes de ter que ir. Mas infernos, inclusive se tivesse tido horas de sobra, não teria podido fazê-lo. O ardor e o zumbido em seu interior estavam a ponto de vibrar em seu corpo em contato com o ar.

— Amo-te. — Disse ele. Então se afastou, tirou o relógio e colocou o Rolex em sua mão. — Guarde-o para mim.

Ele se aproximou do armário e tirou a roupa. Na parte traseira, atrás de um pijama que ele nunca usava, encontrou seu traje cerimonioso negro. Colocou a pesada seda negra sobre sua pele nua e o fechou com uma grossa tira de couro trançado.

Quando ele saiu, Mary lhe disse.

— Parece que vai a um monastério.

— Me diga que estará aqui quando eu voltar.

Depois de um momento, ela assentiu. Ele colocou o capuz de seu traje em seu lugar.

— Bom. Isso é bom.

— Rhage, o que está acontecendo?

— Tão só me espere. Por favor, me espere. — Quando ele chegou à porta, lhe deu um último olhar em sua cama.

Este era seu primeiro adeus que tinha entre dentes, sua primeira separação desde que eles haviam se reunido, sentiria a horrível experiência da separação no tempo. Sabia que esta noite seria uma dura para passar. Só esperava que quando saísse do outro lado, as conseqüências de seu castigo não demorassem muito tempo. E que ela estivesse ainda com ele.

— Vemo-nos depois, Mary. — Disse ele quando a encerrou em seu quarto.

\*\*\*\*\*

Quando ele entrou no escritório de Wrath, fechou atrás de si as portas duplas. Todos os Irmãos estavam ali e ninguém falava. O aroma de inquietação impregnou o cômodo, cheirava como a álcool seco.

Wrath chegou até a frente de sua mesa, parecendo tão tenso como estava Tohr. Atrás de seus óculos de sol, o rei olhava fixamente, sentia algo, embora não o visse.

— Irmão.

Rhage inclinou sua cabeça.

— Meu senhor.

— Usa esse traje como se quisesse ficar conosco.

— Certamente que quero.

Wrath assentiu uma vez.

— Aqui está a declaração então. A Virgem Escriba determinou que você ofendeu à Irmandade, tanto quando não acatou as ordens de Tohr e quando trouxe uma humana à nossa casa. Serei honesto contigo, Rhage, ela quer anular minha decisão sobre Mary. Ela quer que a humana parta.

— Você sabe onde leva isso.

— Disse-lhe que estava preparado para partir.

— Isto provavelmente a animou. — Rhage sorriu com satisfação. — Tentou desfazer-se de mim durante anos.

— Bom, esta é sua opção agora, Irmão. Se quiser permanecer conosco e se a humana tiver que ficar protegida entre estas paredes, a Virgem Escriba exigiu que ofereça um rythe.

O modo ritualista de aliviar a ofensa era um castigo lógico. Quando um rythe era oferecido e aceito, o ofensor permitia ao objeto de seu insulto o uso livre de uma arma contra ele sem apresentar defesa. O ofendido poderia escolher qualquer coisa, desde uma faca a um conjunto de armas de aço, com a condição de que a ferida infringida não fosse mortal.

— Assim ofereço o rythe. — Disse Rhage.

— Deve ser executado por cada um de nós.

Houve um gemido coletivo no cômodo. Alguém murmurou, —Foda-se.

— Igualmente o ofereço.

— Que seja o que desejas, Irmão.

— Mas... — Rhage endureceu sua voz —ofereço-o só por que se entende

que se o ritual é observado, Mary ficará todo o tempo que quiser.

— Esse foi meu acordo com a Virgem Escriba. E deve saber que ela aceitou só depois que lhe disse que queria tomar à humana como seu shellan. Penso que Sua Santidade se sobressaltou ante esse tipo de compromisso. — Wrath o olhou sobre seu ombro. — Tohrment deve escolher a arma que usaremos.

— O triplo-chicote. — Disse Tohr em voz baixa.

Oh, merda. Isto ia doer. Houve mais murmúrios.

— Assim seja. — Disse Wrath.

— Mas que acontecerá com a besta? — Perguntou Rhage. — Pode aparecer quando tenho dor.

— A Virgem Escriba estará lá. Disse que tinha um modo de mantê-lo na linha.

Mas certamente que ela podia. Tinha cozinhado a maldita coisa sobre ele em primeiro lugar.

— Faremos isto esta noite, certo? — Rhage deu uma olhada ao redor do escritório. — Penso que não há nenhuma razão para esperar.

— Iremos à Tumba agora.

— Bom. Terminemos com isso.

Zsadist foi o primeiro a partir quando o grupo se levantou e resolveu a logística em tons quietos. Tohr necessitava de um traje, alguém teria algum de sobras? Phury anunciou que ele traria a arma. Vishous ofereceu seu Escalade para levar a todos juntos.

O último pensamento era bom. Eles iam necessitar de algo para trazê-lo de volta para a casa quando o rythe tivesse terminado.

— Meus Irmãos? — Disse ele.

Todos eles deixaram de falar, deixaram de se mover. Ele olhou a cada um deles, notando a severidade nas feições de seus rostos. Eles estavam odiando isso, e ele o compreendia perfeitamente. Ferir qualquer um deles teria sido insuportável parra ele. Era muito melhor ser o receptor.

— Tenho um pedido, meus Irmãos. Não me tragam para cá, ok? Quando tudo tiver terminado, me levem para outra parte. Não quero que Mary me veja assim.

Vishous falou.

— Pode ficar no Pit. Butch e eu cuidaremos de você.

Rhage sorriu.

— Duas vezes em menos de uma semana. Poderiam lhes alugar como babás depois disto.

Vishous lhe deu uma batidinha no ombro e depois partiu. Tohr o seguiu, fazendo o mesmo. Phury lhe deu um abraço quando passou diante dele.

Wrath fez uma pausa antes de sair.

Como o rei permanecia em silêncio, Rhage lhe apertou o antebraço.

— Eu sei, meu senhor. Eu sentiria o mesmo se estivesse em sua situação. Mas sou resistente. Posso fazê-lo.

Wrath colocou as mãos no capuz e emoldurou o rosto de Rhage entre suas mãos, inclinando-se. Beijou a testa de Rhage e manteve o contato entre eles, uma promessa de respeito do rei para o guerreiro, uma reafirmação de seu vínculo.

— Alegra-me que fique conosco. — Disse Wrath suavemente. — Teria lamentado te perder.

Aproximadamente quinze minutos depois, eles recomeçaram a sessão no pátio junto a Escalade. Estavam descalços e se vestiam de preto. Com os capuzes postos, era difícil saber quem era quem, exceto Phury. A prótese de seu pé podia ser vista e lançou um saco com uma protuberância sobre o ombro. Sem dúvida tinha metido dentro ataduras e fitas, assim como a arma.

Mantiveram-se em silêncio enquanto Vishous os conduzia à parte posterior da casa e à espessa montanha de pinheiros e cicutas. O caminho era somente um sulco sujo, lotado pelas árvores de folha perene.

Enquanto iam rapidamente, Rhage não pôde suportar o tenso silêncio um minuto mais.

— Oh, por Deus, meus Irmãos. Vocês não vão me matar. Não

poderíamos aliviar o assunto um pouco? — Ninguém o olhou. — Vishous, coloque algo de *Ludacris ou Fify*, ok? Tudo está tão tranqüilo que é muito aborrecido.

A risada de Phury saiu do traje da direita.

— Só você podia tentar converter isto em uma festa.

— Bem, infernos, todos já quiseram me acertar em cheio por alguma merda que lhes preguei, não é mesmo? Este é seu dia de sorte. — Ele apalpou a coxa de Phury. — Quero dizer, vamos, meu Irmão, fiz muitas brincadeiras contigo durante anos sobre as mulheres. Wrath, faz alguns meses que fiz que apunhalasse uma parede. Vishous, foi no outro dia que você me ameaçou em colocar a mão em cima de mim. Recordar-se? Quando te disse aquela monstruosidade sobre seu cavanhaque?

Vishous riu em silêncio.

— Tinha que fazer algo para que você se calasse. Cada maldito momento que me encontrei contigo desde que nos conhecemos, me perguntaste se dei um beijo francês um cano de escapamento.

— E ainda não me convenceste sobre o que faz a meu GTO, bastardo.

A bola continuou rolando. As histórias de Rhage continuaram voando a seu redor até que as vozes ficaram tão ruidosas, que ninguém podia escutar a ninguém mais.

Enquanto seus Irmãos se dissipavam no vapor, Rhage se recostou contra o assento, olhando para a noite. Esperava por todos os infernos que a Virgem Escriba soubesse o que fazia, por que se sua besta se soltasse na Tumba, seus Irmãos estariam na merda. E eles teriam que matá-lo depois de tudo.

Franziu o cenho e olhou a seu redor. Localizou Wrath atrás dele. Sabia que era ele pelo anel de diamantes negro que usava no dedo do meio.

Rhage se arqueou para trás e lhe sussurrou.

— Meu senhor, peço-lhe um favor.

Wrath se inclinou para frente, sua voz era profunda.

— O que necessita?

— Se eu não sair...disto, por qualquer razão, peço-lhe que cuide de Mary.

O capuz assentiu. Na Velha Língua, o rei lhe disse:

—Como deseja, eu juro-lhe que a considerarei como minha própria *Irmã de Sangue* e a cuidarei como a qualquer mulher de minha própria família”.

Rhage suspirou.

— Isso é bom. Isso é muito...bom.

Minutos após, Vishous estacionou o Escalade em uma pequena clareira. Eles saíram e ficaram de pé, escutando, olhando, sentindo.

Considerando tudo, era uma tarde agradável e era um lugar sereno para estar. A brisa serpenteava os incontáveis ramos e troncos do bosque levando um agradável aroma de terra e de pinheiro. No alto, uma grande lua brilhava entre as leitosas nuvens.

Quando Wrath fez o sinal, andaram cem metros para um conjunto de cavernas na montanha. O lugar parecia não ter nada de especial, inclusive quando se encontrava lá dentro. Tinha que saber o que se procurava para encontrar a pequena fenda na parede na parte traseira. Se fosse acionada corretamente, uma laje de pedra se deslizava e se abrindo.

Quando entraram no interior da caverna, a rocha se fechou atrás deles com um sussurro. As tochas montadas nas paredes piscaram douradamente enquanto suas chamas respiravam o ar, soprando e assobiando.

O caminho na terra era uma descida lento e fácil, sobre o chão de rocha que era frio sob seus pés. Quando entraram se despiram e portas de ferro fundido se abriram. O corredor que se abria era de aproximadamente cinquenta pés de comprimento e vinte pés de altura.

Sobre as prateleiras, milhares de potes de cerâmica de vários tamanhos refletiam a luz de diferentes formas. Cada pote continha o coração de um lesser, órgão que Omega lhes tirava durante a cerimônia de entrada na Sociedade. Durante a existência de um lesser como assassino, o pote era a única verdadeira posse pessoal, e se era possível a Irmandade o recolhia depois de uma matança.

No final do corredor, havia outro conjunto de portas duplas. Estas já estavam abertas.

O *Santo Sanctorum* da Irmandade havia sido esculpido no leito da rocha e folhado em mármore preto no princípio de 1700 quando a primeira migração da

Europa havia cruzado por acaso o oceano. O aposento era de bom tamanho e tinha um teto de estalactites brancas que pendiam como adagas. Velas maciças, tão grossas como o braço de um homem e longas como uma perna, estavam em bainhadas estações de ferro preto, suas chamas quase tão luminosas como as das tochas.

Abaixo do frontal havia uma plataforma levantada, tinha acesso por uma série de escadas baixas. O altar sobre o topo tinha sido feito sobre uma laje de calcária que havia sido trazida do Velho Continente, seu grande peso apoiado horizontalmente sobre dois dentes de pedra de corte áspero. No centro da coisa havia uma caveira.

Atrás do altar, uma parede reta tinha esculpida os nomes de cada um dos Irmãos que alguma vez tivesse existido, atrás do primeiro havia uma caveira sobre o altar. As inscrições se encontravam nos painéis que cobriam cada polegada da superfície, salvo uma extensão não marcada na área central. Essa parte lisa era de aproximadamente seis pés de largura e controlava a área vertical da extensão do mármore. Em meio de tudo isso, aproximadamente cinco pés sobre o chão, duas grossas estacas se elevavam, onde um homem poderia agarrar-se e manter-se nesse lugar.

O ar que se respirava era muito familiar: terra úmida e cera de velas.

— Saudações, Irmandade.

Todos se viraram para a voz feminina.

A Virgem Escriba era uma diminuta figura no longínquo canto, seu traje negro flutuava sobre o chão. Nada dela era visível, nem sequer seu rosto, mas debaixo daquelas negras pregas que a cobriam, a luz saía em turba como o água caindo.

Ela flutuou até ele, detendo-se diante de Wrath.

— Guerreiro.

Ele se inclinou.

— Virgem Escriba.

Ela saudou cada um por vez, deixando Rhage por último.

— Rhage, filho do Tohrture.

— Virgem Escriba. — Ele inclinou a cabeça.

— Como vai?

— Estou bem. — Ou estaria, assim que tudo isto tivesse terminado.

— Você esteve ocupado, não é mesmo? Continuando a abrir novos precedentes, como é de seu feitio. É um pena que não está em louváveis direções.

— Ela riu. — De algum modo, não é nenhuma surpresa que acabemos com você aqui. É consciente, ou não o é, que este é o primeiro ry the que acontece dentro da Irmandade?

Não exatamente, pensou ele. Tohr havia rechaçado o que Wrath lhe ofereceu em julho passado. Mas ele não podia falar isso.

— Guerreiro, está preparado para aceitar o que ofereceste?

— Estou. — Ele escolheu as seguintes palavras com muito cuidado. Por que você não podia fazer nenhuma pergunta à Virgem Escriba. A não ser que queria te comer seu próprio traseiro. — Eu lhe imploro que não machuque meus Irmãos.

Sua voz se endureceu.

— Está perigosamente perto de perguntar.

— Não acredito que seja nenhuma ofensa.

Aquela risada baixa, suave voltou outra vez.

Homem, ele apostaria que ela estava desfrutando como o inferno com isto. Nunca havia gostado dele, embora tampouco podia culpá-la. Ele havia dado-lhe muitos motivos para aumentar sua antipatia.

— Pensa que não ofende, guerreiro? — A roupa se moveu enquanto ela sacudia sua cabeça. — Ao contrário, nunca hesita em ofender para conseguir o que desejás e sempre são problemas. É também por isso que estamos todos juntos aqui esta noite. — Ela partiu dando a volta. — Tem a arma?

Phury deixou a bolsa, abriu-a e tirou o triplo-chicote. A cabo de 60cm de comprimento era feito de madeira e recoberto de couro marrom que estava escurecido pelo suor de muitas mãos. Da ponta da barra, três longas correntes

enegrecida de aço se balançavam no ar. No final de cada um deles havia pontas agudas pendurando, como uma abacaxi com lingüetas.

O triplo-chicote era uma arma antiga, cruel, mas Tohr tinha escolhido sabiamente. Para que o ritual se considerasse acertado, o irmãos não podiam poupar Rhage de nada, nem do tipo de arma que utilizassem e do modo em que a colocariam sobre sua pele. Ser indulgentes seria rebaixar a integridade da tradição, o pesar que ele oferecia e a possibilidade de uma verdadeira purificação.

— Assim seja. — disse ela. — Avança para a parede, Rhage, filho de Tohrture.

Ele se adiantou, subindo as dois degraus de vez. Quando chegou ao altar, olhou fixamente a caveira sagrada, olhando a chama da luz nas órbitas e as longas presas. Colocando-se contra o negro mármore, agarrou as cavilhas e sentiu o frio suave sobre suas costas.

A Virgem Escriba foi até ele e levantou seu braço. Sua manga subiu e um brilho candente como o arco de um soldador foi revelado, a flamejante luz vagava formando uma mão. Um zumbido elétrico de baixo nível o atravessou e ele sentiu que algo mudava em seu torso, como se seus órgãos internos tivessem sido reorganizados.

— Pode começar o ritual.

Os irmãos se alinharam, seus corpos nus brilhavam com força, seus rostos marcavam profundos sulcos. Wrath pegou o triplo-chicote de Phury e foi o primeiro a avançar. Quando se moveu, os elos da arma soaram com a doçura da chamada de um pássaro.

— Irmão. — Disse o rei suavemente.

— Meu senhor.

Rhage olhou fixamente aqueles óculos de sol enquanto Wrath começava a balançar o açoite em um amplo círculo para pegar ímpeto. O som de um zumbido começou baixo e cresceu até que a arma avançou, cortando o ar. As correntes atingiram o peito de Rhage e em seguida as lingüetas se agarraram a ele, cravando o ar em seus pulmões. Enquanto se mantinha sobre os plugues, manteve sua cabeça alta enquanto sua visão que se obscurecia e logo retornava.

Tohr era o seguinte, seu golpe extraiu de repente o ar de Rhage de

maneira que seus joelhos se dobraram aceitando seu peso outra vez. Vishous e Phury o seguiram.

Cada vez, ele procurava os afligidos olhos de seus Irmãos com a esperança de aliviar sua angústia, mas como Phury se virou dando meia volta, Rhage só pôde apoiar a cabeça. Deixou que caísse sobre seu ombro e dessa maneira viu como o sangue lhe percorria o peito, as coxas e os pés. Uma poça se formava no chão, refletindo a luz das velas e olhou fixamente a confusão vermelha que o deixava tonto. Decidido a ficar de pé, apoiou-se sobre seus cotovelos de maneira que foram suas articulações e seus ossos, não seus músculos, os que o mantiveram no lugar.

Quando houve uma pequena calma, fez-se fracamente consciente de uma espécie de discussão. Piscou várias vezes antes que seus olhos se desembaciassem o suficiente para enxergar.

Phury oferecia o açoite e Zsadist tomava distância da coisa no que se parecia muito com terror. As mãos de Zsadist estavam levantadas e as argolas de seus mamilos emitindo a luz do fogo como se respirasse com dificuldade. O Irmão estava da cor da névoa, sua pele era de cor cinza e era brilhante pouco natural.

Phury falou suavemente e tentou pegar o braço de Zsadist. Zsadist se movia desordenadamente, mas Phury se manteve com ele. Quando se moveram em uma dança sombrio, o chicote cobriu as costas de Zsadist trocando a posição de seus músculos.

Esta aproximação não ia a nenhuma parte, pensou Rhage. Zsadist estava muito perto do pânico, como um animal encurralado. Tinha que haver outra maneira de chegar a ele.

Rhage suspirou e abriu a boca. Nada saiu. Voltou a tentar.

— Zsadist... — sua voz atraiu os olhos de todos para o altar.

— Termine, Zsadist... não posso... não poderei me sustentar de pé durante muito mais tempo.

— Não...

Phury cortou Zsadist.

— Tem que...

— Não! Se afaste de mim, droga.

Zsadist se virou para a porta, mas a Virgem Escriba chegou ali primeiro, lhe obrigando a se deter para não atropelá-la. Preso diante da diminuta figura, suas pernas começaram a tremer e seus ombros se sacudiram. Ela se dirigiu a ele silenciosamente, as palavras não chegaram o suficientemente longe para que Rhage pudesse as decifrar em sua névoa de dor.

Finalmente a Virgem Escriba fez gestos para Phury, que lhe trouxe a arma. Quando ela a teve, estendeu a mão e tomou a mão de Zsadist e colocou o apertado couro sobre sua mão. Indicou-lhe o altar e Zsadist deixou cair sua cabeça. Pouco depois foi para a parte dianteira com um passo vacilante.

Quando Rhage olhou ao Irmão, esteve a ponto de sugerir que alguém tomasse o lugar de Zsadist. Aqueles olhos escuros estavam muito arregalados, totalmente brancos ao redor das íris. E Zsadist tragava, sua garganta trabalha enquanto mantinha um grito em seu peito.

— Tudo bem, meu Irmão. — Murmurou Rhage. — Mas tem que terminá-lo agora. Agora.

Zsadist ofegou e tremeu, o suor lhe caía pelos olhos e pela cicatriz de sua face.

— Faça-o.

— Irmão. — Sussurrou-lhe Zsadist, levantando o açoite sobre seu ombro.

Não o balançou para lhe dar impulso, provavelmente não podia coordenar seu braço dessa maneira. Mas era forte e a arma cantou enquanto viajava pelo ar. As correntes e pendentês arranharam o estômago de Rhage em um resplendor de agulhas.

Os joelhos de Rhage se esgotaram e tentou se manter com seus braços, só para verificar que também se recusavam a sustentá-lo. Caiu sobre seus joelhos, as mãos aterrissando sobre seu próprio sangue.

Mas ao menos isto havia terminado. Tomou longas respirações, determinado a fazer desvanecer a náusea.

Bruscamente o som de um corte limpo se precipitou pelo santuário, algo assim como metal contra metal. Ele não pensou muito nisso. Estava muito ocupado com seu estômago, tentando convencê-lo de que vomitar não era um

plano nada bom.

Quando esteve preparado, avançou lentamente sobre suas mãos e joelhos sobre o altar, inspirando antes de abordar as escadas. Quando olhou para frente, viu como seus Irmãos se alinharam outra vez. Rhage se esfregou os olhos, manchando o rosto com seu sangue.

Isto não é parte do ritual, pensou ele.

Cada um dos Irmãos levava uma adaga negra em sua mão direita. Wrath iniciou o cântico e outros elevaram suas vozes até que foram forte gritos que ressonavam no *sanctorum*. O aumento gradual não parou até que eles quase gritaram e depois suas vozes se cortaram bruscamente.

Como uma unidade, atravessaram com suas adagas seus peitos.

O corte de Zsadist era o mais profundo.

## CAPÍTULO TRINTA

---

Mary estava lá em baixo, na sala de bilhar, falando com Fritz sobre a história da casa, quando os ouvidos do doggen captaram um som que ela não percebeu.

—Pode ser que os senhores retornaram.

Ela foi para uma das janelas enquanto os faróis balançavam-se em volta do pátio. Ela foi para uma das janelas enquanto os faróis balançavam-se em volta do pátio. Mary estava lá em baixo, na sala de bilhar, falando com Fritz sobre a história da casa, quando os ouvidos do doggen captaram um som que ela não percebeu.

O Escalade parou, suas portas se abriram e os homens saíram. Com os capuzes de seus trajes abaixados, ela os conhecia da noite em que havia chegado à mansão. O cara do cavanhaque e das tatuagens em suas têmporas. O homem do cabelo espetacular. O da terrível cicatriz e do corte militar. O único que ela não tinha visto antes era um homem com o cabelo longo e negro e de óculos de sol.

Deus, suas expressões eram tristes. Talvez alguém tivesse se machucado.

Ela procurou por Rhage, tentando controlar o pânico.

O grupo se juntou-se foram para atrás do SUV quando alguém saiu da guarita e segurou a porta aberta. Mary reconheceu o cara que estava na soleira da porta como o que havia jogando futebol no vestibulo.

Com todos esses grandes corpos masculinos colocados em um apertado círculo na parte posterior do Escalade, era difícil dizer o que estavam fazendo. Mas parecia que uma espécie de coisa pesada estava entre eles...

A luz mostrou uma cabeleira loira.

Rhage. Inconsciente. E levavam seu corpo para aquela porta aberta.

Mary estava fora da mansão antes de compreender o que estava correndo.

— Rhage! Parem! Esperem! — O ar frio se movia rapidamente em seus pulmões. — Rhage!

Ante o som de sua voz, ele se moveu com força, levantando a mão para ela. Os homens pararam. Alguns deles amaldiçoaram.

— Rhage! — Ela parou de repente, chutando as pedrinhas.

— Que...Oh...Senhor.

Havia sangue sobre seu rosto e seus olhos desfocados pela dor.

— Rhage...

Sua boca aberta. Movendo-se silenciosamente.

Um dos homens disse.

— Merda, nós poderíamos deixá-lo em seu quarto agora.

— Certamente que vão deixarem ali! Feriu-se lutando?

Ninguém lhe respondeu. Eles só trocaram de direção e levaram Rhage através do vestibulo da mansão, para a escada. Depois que o deixaram sobre a cama, o cara do cavanhaque e das tatuagens no rosto colocou o cabelo de Rhage para trás.

— Irmão, talvez podemos te trazer algo para acalmar a dor?

A voz de Rhage era confusa.

— Nada. Melhor assim. Conhece as regras. Mary... Onde está Mary?

Ela foi até a cabeceira e tomou sua mão frouxa. Quando ela pressionou seus lábios sobre seus dedos, compreendeu que o traje estava em perfeitas condições, sem rasgaduras ou buracos. O que significava que não o vestia quando havia se machucado. E alguém o tinha colocado em cima.

Com uma horrível intuição, ela alcançou o laço trançado de couro ao redor de sua cintura. Afrouxou-o, puxou as bordas e deixou o traje aberto. Desde suas clavículas até seus quadris estava coberto de ataduras brancas. E o sangue tinha fluído através delas, brilhante, ofensivamente vermelho.

Com medo de olhar, mas necessitando saber, com muito cuidado tocou uma ponta e a levantou.

— Querido Deus — Ela cambaleou e um dos Irmãos a sustentou. — Como

lhe aconteceu isto?

Quando o grupo permaneceu tão silencioso, ela empurrou quem quer que fosse que a sustentava, distanciou-se e olhou a todos. Eles estavam imóveis, olhando fixamente a Rhage...

E com toda a dor que ele sentia. Doce Jesus, eles não podiam haver...

O do cavanhaque a procurou com o olhar.

Havia sido eles que o haviam feito.

— Vocês fizeram isto. — Murmurou ela. — Vocês lhe fizeram isto!

— Sim. — Disse o que usava óculos de sol. — E não é assunto seu.

— São uns bastardos.

Rhage emitiu um som e depois clareou a garganta.

— Nos deixem.

— Voltaremos para ver como se encontra, Hollywood. — Disse o cara do cabelo longo e multicolorido. — Necessita de alguma coisa?

— Um enxerto de pele? — Rhage sorriu um pouco e depois se estremeceu quando se moveu sobre a cama.

Enquanto os homens saíam pela porta, ela fulminou-os com o olhar à suas costas. Aqueles malditos animais...

— Mary? — Murmurou Rhage. — Mary.

Ela tratou de se recompor. Exaltar-se pelo que esses vândalos haviam lhe feito não ia ajudar Rhage agora.

Ela o olhou, abafando sua fúria e lhe disse.

— Deixará que eu chame o doutor do qual você me falou? Como se chamava?

— Não.

Ela queria lhe dizer que perdesse a expressão do cara resistente-suportando-a-dor-notavelmente. Mas sabia que lutaria e argumentar era quão

último ele necessitava.

— Quer ficar com o traje ou tiro ele? — Perguntou-lhe ela.

— Tira. Se puder suportar me olhar.

— Não se preocupe com isso.

Ela lhe soltou o cinturão de couro e retirou a seda negra, querendo chorar quando ele rolou para um lado e para o outro para ajudá-la enquanto grunhia de dor. Quando terminaram de lhe tirar o traje, o sangue gotejava sobre seu flanco.

Aquele lindo edredom ficaria arruinado, pensou ela, não se importando nem um pouco.

— Perdeste muito sangue. — Ela dobrou o pesado traje.

— Eu sei. — Ele fechou os olhos, sua cabeça afundando-se sobre o travesseiro. Seu corpo nu experimentava uma série de intermitentes espasmos, seus músculos tremiam e os peitorais se moviam sobre o colchão.

Ela colocou o traje na banheira e voltou.

— Limparam-lhe antes de lhe enfaixar as feridas?

— Não sei.

— Talvez deveríamos verificar.

— Me dê uma hora. Então o sangramento terá parado. — Ele suspirou e fez uma careta. — Mary...eles tinham que fazê-lo.

— O que? — Ela se inclinou para ele.

— Eles tinham que fazer tudo isto. Eu não... — Outra respiração foi seguida por um gemido. — Não se zangue com eles.

Que se fodam.

— Mary. — Disse ele com força, seus embaçados olhos se concentraram nela. — Não lhes dei nenhuma opção.

— O que você fez?

— Acabou-se. E não deve se zangar com eles. — Seu olhar ficou

impreciso outra vez.

Preocupada como estava, o que queria é que todos esses bastardos fossem ao inferno.

— Mary?

— Não se preocupe. — ela acariciou a bochecha, desejando poder lavar todo o sangue que tinha no rosto. Quando ele se estremeceu pelo ligeiro contato, ela se retirou. — Você não vai permitir que eu te consiga alguma coisa?

— Só fale. Leia para mim...

Havia uns livros contemporâneos nas prateleiras ao lado dos DVD, ela se aproximou dos livros de capa dura. Agarrou o do Harry Potter, o segundo e colocou uma cadeira ao lado da cama. No princípio era difícil concentrar-se por que ela seguia controlando sua respiração, mas no final ela encontrou o ritmo e ele também. Sua respiração era mais lenta e os espasmos cessaram.

Quando ele dormiu, ela fechou o livro. Tinha a testa enrugada e os lábios pálidos e apertados.

Ela odiava a dor que ele tinha e inclusive o resto que ele havia encontrado.

Mary sentiu na pele os anos passados.

Visualizou o dormitório amarelo de sua mãe. Cheirava a desinfetante. Escutava as trabalhosas e desesperadas respirações.

Ali estava outra vez, pensou ela. Outra cabeceira. Outro sofrimento. Necessitado.

Olhou ao redor do quarto, seus olhos aterrissaram sobre a Madonna e a criança sobre a cômoda. Neste contexto a pintura era arte, não um ícone, a parte de uma coleção da qualidade de um museu e só era utilizava como decoração.

Por isso ela não tinha que odiar a maldita coisa. E tampouco a assustava.

A estátua da virgem no quarto de sua mãe tinha sido diferente. Mary a tinha desprezado e assim que o corpo de Cissy Luce tinha abandonado a casa, aquele pedaço de gesso tinha acabado na garagem. Mary não teve coragem de quebrá-la, mas queria tê-lo feito.

À manhã seguinte ela tinha pego Nossa Senhora e a tinha levado para

fora. Fez o mesmo com o crucifixo. Quando ela estacionou na igreja, o triunfo que havia sentido, o verdadeiro Vá se ferrar Deus, tinha sido embriagador, o único sentimento bom desde há muito tempo. Entretanto o roubo não havia durado muito. Quando voltou para casa, tudo o que podia ver era a sombra sobre a parede onde a cruz tinha estado e o lugar livre de pó no chão onde a estátua havia estado de pé.

Dois anos mais tarde, no mesmo dia em que havia abandonado aqueles objetos de devoção, haviam lhe diagnosticado a leucemia.

Logicamente sabia que não a haviam amaldiçoado por ter deixado aquelas coisas. Havia 365 dias no calendário para poder atingi-la e como uma bola sobre a roda de uma roleta, o anúncio de sua enfermidade tinha tido que aterrissar em um deles. Em seu coração, entretanto, algumas vezes acreditava que não. O que fazia que odiasse Deus ainda mais.

Infernos...Ele não tinha tempo para fazer um milagre para sua mãe, que havia lhe sido fiel. Mas Ele fez um esforço extraordinário para castigar uma pecadora como ela. Grande figura.

— Você me alivia. — Disse Rhage.

Seus olhos encontrando os seus. Ela clareou sua cabeça e tomou a mão dele.

— Como você está?

— Melhor. Sua voz me calma.

Tinha sido o mesmo com sua mãe, pensou ela. Também a sua mãe gostava do som de sua voz.

— Quer algo de beber? — Perguntou ela.

— O que estava pensando neste momento?

— Em nada.

Ele fechou os olhos.

— Quer que eu te lave? — Disse-lhe ela.

Quando ele se encolheu, ela foi até o banheiro e voltou com uma esponja quente, úmida e uma toalha de banho seca. Limpou-lhe o rosto e com cuidado

trabalhou ao redor das bordas das ataduras.

— Vou lhe tirar isso, OK?

Ele assentiu e ela cuidadosamente retirou as fitas de sua pele. Tirou as gazes e os esparadrapos.

Mary se estremeceu, a bilis lhe subiu até a boca.

O haviam açoitado. Era a única explicação das marcas.

— Oh...Rhage. — As lágrimas lhe nublaram os olhos, mas não permitiu que caíssem. — Só vou trocar as ataduras. Mas também...ainda mantenho a oferta de te lavar. Tem que...

— No banheiro. No armário à direita do espelho.

Estando de pé diante do armário, ficou intimidada ante as provisões que tinha à mão. Equipamentos cirúrgicas. Gesso para as fraturas. Ataduras de todo tipo. Fitas. Ela pegou o que pensou que era preciso e retornou. Abrindo os pacotes de gazes almofadadas estéreis de 30 cm., colocou-as sobre seu peito e estômago e calculou que devia deixá-las ali. Não havia nenhum modo de poder levantar seu torso para envolvê-lo, a ação de prendê-los todos juntos implicaria em um excesso de perda de tempo.

Quando ela tocou a seção da área inferior esquerda das ataduras, Rhage se retesou. Ela o olhou. — Te machuquei?

— Pergunta engraçada.

— Me desculpe?

Seus olhos se abriram, olhando-a fixamente com dureza.

— Ainda não sabe, não é mesmo?

Claro que não.

— Rhage, o que você precisa?

— Que fale comigo.

— OK. Deixe-me terminar.

Assim que o fez, abriu o livro. Ele amaldiçoou. Confusa, lhe pegou a mão.

— Não sei o que você quer.

— Não é tão difícil entendê-lo. — Sua voz era frágil, mas indignada. — Cristo ao menos por uma vez poderia me deixar entrar?

Houve um golpe que atravessou o quarto. Ambos olharam para o som.

— Volto em seguida. — Disse ela.

Quando abriu a porta, o homem do cavanhaque estava no outro lado. Levava uma bandeja de prata sobrecarregada de comida equilibrando-a com uma mão.

— A propósito, sou Vishous. Ele está acordado?

— Oi, Vishous. — Disse Rhage.

Vishous passou direito por ela e colocou a comida sobre a cômoda. Quando ele se dirigiu para a cama, ela sentia não ser tão grande como ele para assim poder tirá-lo do quarto.

O cara apoiou o quadril sobre o colchão.

— Como você está, Hollywood?

— Estou bem.

— A dor está se desvanecendo?

— Sim.

— Então está te curando bem.

— Não pode acontecer o suficientemente rápido para mim. — Rhage fechou os olhos esgotado.

Vishous afastou o olhar durante um momento, seus lábios apertados.

— Voltarei mais tarde, meu Irmão. Certo?

— Obrigado, homem.

O cara se virou e a olhou, o que não podia ter sido mais fácil. Neste momento, ela desejava que ele tivesse o gosto da dor que ele havia infligido. E

ela sabia que seu desejo de vingança se via em seu rosto.

—Ele é resistente, não é mesmo? — Murmurou Vishous.

— Se você é seu Irmão por que lhe fizeram mal?

— Mary, não o faça. — Rhage a cortou com voz rouca. — Eu te disse...

— Você não me disse nada. — Ela fechou os olhos apertando-os. Não era justo gritar com ele quando estava deitado sobre suas costas com o peito que parecia um mapa quadriculado.

— Talvez devêssemos deixar que ela soubesse de tudo. — Disse Vishous.

Mary cruzou os braços sobre seu peito.

— Agora, é uma idéia. Por que você não me diz a maldita coisa? Ajude-me a entender por que lhe fizeram isto.

Rhage falou.

— Mary, não quero que você...

— Então me diga você. Se não quer que eu os odeie, me explique isto.

Vishous olhou para cama e Rhage deveria ter assentido ou se encolheu, por que o homem disse.

— Ele traiu a Irmandade por sua causa. Tinha que compensar o fato de querer ficar conosco e te manter aqui.

Mary deixou de respirar. Tudo isto era por ela?

Por ela?

Oh, Deus. Ele tinha permitido que o açoitassem com força por causa dela...

Farei que fique segura, o que você acha?

Ela não tinha absolutamente nenhuma explicação para este tipo de sacrifício.

Pela dor que ele tinha que suportar por ela. Pelo que havia sido feito pelas pessoas que supostamente se preocupavam com ele.

— Não posso...sinto-me um pouco aturdida. Você vai me perdoar..

Ela se retirou distanciando-se, esperando chegar ao banheiro, mas Rhage lutou sobre a cama para tentar levantar-se, como se estivesse indo atrás dela.

— Não, fique onde está, Rhage. — Ela foi até ele, sentando-se na cadeira e acariciando seu cabelo. — Permaneça onde está. Shh...Tranquilo, grandão.

Quando ele relaxou um pouco, ela olhou para Vishous.

— Não entendo nada de tudo isso.

— Por que você?

Os olhos do vampiro se mantiveram sobre os seus, as profundidades de prata de algum modo assustavam. Ela se concentrou na tatuagem que cingia seu rosto durante um momento e depois olhou Rhage. Ela lhe acariciou o cabelo com as pontas dos dedos e murmurou coisas até que ele deslizou novamente no sono.

— Te doeu fazer isto ele? — Perguntou-lhe ela suavemente, sabendo que Vishous não havia partido. — Me diga se te machucou.

Ela escutou o roçar de tecido. Quando o olhou sobre o ombro, Vishous tinha tirado a camisa. Sobre seu musculoso peito havia uma ferida fresca, um corte, como se uma lâmina tivesse lhe cortado a pele.

— Isto matou a cada um de nós.

— Bom.

O vampiro riu, mas com ferocidade.

— Entende-nos melhor do que pensa. E essa comida não é só para ele quando a quiser. A trouxe para você também.

Sim, pois ela não queria nada deles.

— Obrigado. Farei com que ele coma.

Vishous fez uma pausa antes de sair.

— Falaste-lhe sobre seu nome?

Ela virou a cabeça.

— O que?

— Rhage. Ele sabe?

Os calafrios se aproximaram da parte de trás de seu pescoço.

— Obviamente que ele sabe meu nome.

— Não, o porquê disso. Deveria lhe dizer. — Vishous franziu o cenho. — E não, não o pesquisei na Internet. Como eu poderia?

Bom Senhor, era exatamente como se ele tivesse passado através dela...

— Você lê as mentes?

— Quando quero e às vezes quando não tenho nenhuma opção. — Vishous partiu, fechando a porta silenciosamente.

Rhage tentou dar a volta para seu lado e despertou gemendo.

— Mary?

— Estou aqui mesmo. — Ela agarrou as mãos entre as suas.

— O que aconteceu? — Quando ele a olhou, seus olhos azuis estavam mais alarmados do que haviam estado. — Mary, por favor. Só por uma vez, me diga o que tem em mente.

Ela hesitou.

— Por que simplesmente não me esqueceu? Tudo isto...não teria acontecido.

— Não há nada que eu não fizesse por sua segurança, por sua vida.

Ela negou com a cabeça.

— Não entendo como pode sentir tanto por mim.

— Sim, sabe de uma coisa? — Ele sorriu um pouco. — Tem que deixar de lado todo esse assunto de entender as coisas.

— Isto é melhor que continuar com a fé. — Sussurrou ela, aproximando-se para ele e lhe passando uma mão por suas mechas loiras. — Volte a dormir, grandalhão. Cada vez que o faz, parece despertar com milhas a frente no

processo de se curar.

— Eu prefiro te olhar. — Mas ele fechou os olhos. — Eu gosto quando você mexe em meu cabelo.

Ele esticou o pescoço, inclinando-se de maneira que ela então pudesse alcançar mais.

Inclusive suas orelhas eram lindas, pensou ela.

O peito de Rhage se elevou e caiu com um grande suspiro. No fim de algum tempo, ela se reclinou na cadeira e elevou suas pernas, apoiando seus pés sobre um dos maciços suportes da cama.

Conforme passavam as horas, os Irmãos o visitaram para saber dele e apresentarem-se. Phury, o da grande cabeleira, entrou com cidra quente, o que na realidade ela tomou. Wrath, o cara dos óculos escuros e Beth, a mulher que ela já tinha visto, também os visitaram. Butch, o jogador de futebol, veio e o mesmo fez Tohrment, que tinha o corte de cabelo estilo militar.

Rhage dormiu muito, mas seguiu despertando sempre que tentava mudar de posição. Ele a olhava enquanto se movia em volta, como se recuperasse forças olhando-a, alimentando-se dela. Eles não se falaram muito. O toque era o bastante.

Suas pálpebras estavam fechadas e ela havia deixado sua cabeça cair quando houve outra leve batida. Provavelmente era Fritz com mais comida.

Ela se esticou e foi até a porta.

— Entre. — Ela disse enquanto a abria.

O homem com o rosto cheio de cicatrizes estava de pé no corredor. Como ele não se movia, a luz caiu sobre as acentuadas linhas, tirando seus olhos afundados, o crânio sob seu cabelo muito curto, a cicatriz irregular, seu queixo duro. Ele usava um pulôver folgado de gola virada e as calças pendiam sobre seus quadris. Ambos eram pretos.

Ela imediatamente se aproximou da cama para proteger Rhage, mesmo que fosse estúpido pensar que ela poderia com algo tão grande como o vampiro da porta.

O silêncio aumentou. Ela disse a si mesma que provavelmente só verificaria como estava Rhage como os outros o haviam feito e não queria

machucar seu Irmão novamente. Exceto ele estava totalmente tenso, sua ampla postura sugeria que podia saltar para frente a qualquer momento. E estranhamente, era mais pelo fato de que o vampiro não encontrava nada para olhar fixamente e tampouco parecia olhar para Rhage. O cara do olhar frio, sombrio do tipo infundado.

— Quer entrar para vê-lo? — Perguntou ela finalmente.

Aqueles olhos se deslocaram até os seus.

Obsidiana, pensou ela. Eles pareciam obsidiana. Brillhantes. Sem fundo. Sem alma.

Ela se afastou e pegou a mão de Rhage. O vampiro da porta sorriu com satisfação.

— Está me olhando ferozmente, mulher. Pensa que vou tomar outra parte dele? — A voz era baixa, monótona. Ressonante, na verdade. E imparciais e não revelavam nada, assim como suas pupilas.

— Você vai machucá-lo?

— Pergunta tola.

— Por quê?

— Você não acreditaria na minha resposta, por isso não deveria perguntar.

Houve mais silêncio e ela o avaliou com calma. Ocorreu-lhe que talvez ele não fosse apenas agressivo. Mas também era difícil.

Talvez.

Ela beijou a mão de Rhage e se obrigou a se distanciar.

— Eu ia tomar um banho. Sentar-se-á com ele enquanto o faço?

O vampiro piscou como se o tivesse surpreendido.

— Você vai se sentir confortável nua no banheiro comigo por perto?

Não realmente.

Ela se encolheu de ombros.

— A opção é sua. Mas tenho certeza de que se acordar, ele preferirá te ver a estar só.

— Você vai virar as luzes para mim agora?

— Você está indo ou vindo? — Quando ele não respondeu, ela disse. — Esta noite deve ter sido um inferno para você.

Seu lábio superior deformado se retesou com um grunhido.

— É a única que alguma vez supôs que eu não saia para machucar as pessoas. É do tipo da Madre Teresa? Vê em todos o bem, coisas feridas ou alguma merda?

— Não te ofereceu voluntário para a cicatriz que há em seu rosto, não é mesmo? E estou disposta a apostar que há mais debaixo de seu queixo. Então como te disse, esta noite deve ter sido um inferno.

Seus olhos se estreitaram em duas frestas e uma fria rajada soprou pelo quarto, como se tivesse empurrado o ar até ela.

— Cuidado, mulher. A coragem pode ser perigosa.

Ela andou diretamente para ele.

— Quer saber de uma coisa? O banho era uma mentira. Tentava te dar tempo a sós com ele, porque é óbvio que se sente mal ou não estaria de pé na porta com esses aspecto tão condenado. Toma-o como uma oferta ou uma permissão, por um ou outro caminho, eu apreciaria que não tentasse me assustar.

Neste ponto, já não se preocupava se ele a atacasse. Então outra vez, movia-se com a nervosa energia e o tremor que chegava pelo esgotamento, provavelmente já não pensava com clareza.

— Então que vai ser? — Exigiu-lhe ela.

O vampiro deu um passo para dentro fechou a porta, no quarto o frio aumentou com ele. Sua ameaça era uma ameaça tangível, alcançando-a, acariciando seu corpo como se o fizesse com as mãos. Quando o trinco se deslizou para seu lugar com um estalo, ela se atemorizou.

— Não tento. — Disse ele com voz lenta acetinada.

— O que? — Ela sentiu sua garganta se fechar.

— Te assustar. Você está assustada. — Ele riu. Suas presas eram muito longas, mais longas que as de Rhage. — Posso cheirar seu medo, mulher. Como a tinta fresca, isto formiga no nariz.

Como Mary se distanciou, ele avançou, a seguindo.

— Hum...e eu gosto de seu aroma. Eu gosto desde o primeiro momento em que te encontrei.

Ela se moveu mais rápido, tateando com sua mão, esperando sentir a cama a qualquer momento. Em troca se enredou entre algumas pesadas cortinas de uma janela.

O vampiro das cicatrizes a prensou no canto. Não era tão musculoso como Rhage, mas sem dúvida era mortal. Seus olhos frios disseram a ela que sabia tudo sobre a capacidade de matar.

Com uma maldição, Mary deixou cair a cabeça e rendeu-se. Ela não poderia fazer nada se ele quisesse lhe fazer mal e tampouco Rhage poderia fazer algo nessa condição. Mas que droga, lamentava se sentir tão desamparada, mas às vezes era o que sua vida lhe mostrava.

O vampiro se inclinou para ela e ela se encolheu de medo.

Ele aspirou profundamente e depois fez um longo suspiro.

— Vá tomar seu banho, mulher. Eu não tenho nenhum desejo de lhe fazer mal esta noite e nada o mudaria. Não tenho nenhum repugnante interesse em você, tampouco. Se algo te acontecesse, ele teria dor maior da que sente agora.

Ela se dobrou quando ele se virou, distanciando-se e ela viu como se estremecia quando olhou para Rhage.

— Como você se chama? — Murmurou ela.

Ele elevou uma sobrancelha e depois voltou a olhar fixamente a seu Irmão.

— Sou o mau, no caso de você não tê-lo entendido ainda.

— Quero seu nome, não como é chamado.

— Ser um sacana é mais que uma compulsão, na verdade. E é Zsadist. Sou Zsadist.

— Bom...é bom te conhecer, Zsadist.

— Que cortês. — zombou-se ele.

— OK, sobre isso. Obrigado por não matá-lo ou a mim neste momento. É o suficientemente verdadeiro para você?

Zsadist olhou sobre seu ombro. Suas pálpebras pareciam persianas da janela, permitindo que só as fendas de uma noite fria brilhasse. E com seu cabelo rapado e aquela cicatriz, ele era a personificação da violência: agressão e dor personificadas. Exceto enquanto a olhava através da luz da vela, um leve indício de calor atravessava seu rosto. Era tão sutil que ela não podia definir bem como sabia que isso estava ali.

— Você. — Disse ele suavemente. — É extraordinária. — Antes que pudesse dizer algo mais, lhe segurou a mão. — Vá. Agora. Deixe-me com meu Irmão.

Sem outra palavra, Mary entrou no banheiro. Ficou no banho até que os dedos lhe enrugaram e o vapor no ar ficou tão espesso como um creme. Quando ela saiu, vestiu-se com a mesma roupa que havia usado, já que havia se esquecido de levar uma muda de roupa com ela. Então abriu a porta do quarto silenciosamente.

Zsadist estava sentado sobre a cama, seus amplos ombros encurvados, seus braços ao redor de sua cintura. Inclinado sobre o corpo dormido de Rhage, estava tão dobrado para baixo, tão perto que era impossível que não o tocasse. Enquanto se balançava para frente e para trás, havia uma frágil canção harmoniosa no ar.

O vampiro estava cantando, sua voz subia e descia, saltando oitavas, subindo e baixando. Lindo. Completamente lindo. E Rhage estava relaxado, descansando de um modo plácido que não estava antes. Ela rapidamente cruzou o quarto e saiu para o corredor, deixando os dois homens a sós.

## CAPÍTULO TRINTA E UM

---

Rhage despertou no dia seguinte pela tarde. A primeira coisa que fez foi estender a mão às cegas na direção de Mary, mas parou a si mesmo, não querendo que a queimadura a queimadura o atingisse. Não se sentia o suficientemente forte para lutar.

Abrindo os olhos, ele virou a cabeça. Ela estava ali a seu lado em sua cama, adormecida sobre seu estômago.

Deus, outra vez ela tinha cuidado dele quando ele havia necessitado. Tinha estado inflexível. Forte. Disposta a se enfrentar a seus Irmãos.

O amor encheu seu coração, aumentando-o tanto que lhe parou a respiração.

Colocou a mão no peito e sentiu as ataduras que ela havia colocado. Trabalhando com cuidado, tirou-as uma a uma. As feridas pareciam bem. Haviam se fechado e já não lhe doíam. Pela manhã tão somente seriam linhas rosadas e no seguinte, teriam desaparecido.

Pensou na tensão que tinha tido ultimamente. A transformação. As ondas ao redor de Mary. A exposição ao sol. Os açoites. Ia ter que beber logo e queria fazê-lo antes que a fome o atingisse.

A alimentação era algo sobre o que era muito escrupuloso. A maior parte dos Irmãos esticavam a fome enquanto podiam suportar, só porque não queriam incomodar-se com a intimidade. Ele precisava mais do isso. Quão último precisava era que a besta com sede de sangue...

Espera um minuto.

Rhage suspirou. Havia um vazio...assombroso nele. Nenhum zumbido de fundo. Nenhuma coceira. Nenhuma queimadura. E isto enquanto ela estava deitado justamente ao lado de Mary. Isto era...só ele em seu corpo. Só ele mesmo. A maldição da Virgem Escriba se fora.

Mas é claro, pensou ele. Ela o tinha retirado temporariamente para poder fazer o rythe sem que ele se transformasse. E obviamente estava lhe dando um prazo para que pudesse se curar, também. Perguntou-se por quanto tempo duraria o indulto.

Rhage exalou devagar, o alívio do ar em seu nariz. Quando se aprofundou em sua pele, deleitou-se na perfeição da paz. O divino silêncio. A grande ausência do rugido.

Tinha passado um século.

Bom Deus, queria chorar.

Em caso de fazê-lo e que Mary despertasse, colocaria as mãos sobre seus olhos.

Outras pessoas sabiam quão afortunadas eram ao ter momentos como esses? Momentos de ressonante tranqüilidade? Ele não os tinha apreciado antes da maldição, inclusive não os havia notado. Infernos, se o tivessem abençoado com um, provavelmente só teria voltado a dormir.

— Como está se sentindo? Posso te trazer algo?

Com o som da voz de Mary, ele se reforçou com uma rajada de energia. Nada como o que lhe chegava. Tudo o que sentiu foi um cálido brilho em seu peito. Amor sem restrições com o caos de sua maldição.

Esfregou seu rosto e a olhou. Adorando-a tão intensamente na tranqüila escuridão que teve medo dela.

— Tenho que estar contigo, Mary. Agora mesmo. Tenho que estar dentro de você.

— Então me beije.

Ele esticou seu corpo contra o seu. Ela só usava uma camiseta e ele deslizou suas mãos por debaixo dela, abrangendo a parte inferior de suas costas. Estava realmente duro por ela, pronto para tomá-la, mas com nada para vencer, acariciá-la era um prazer delicioso.

— Tenho que te amar. — Disse ele, retirando todos os lençóis e as mantas da cama. Queria ver cada parte dela, tocar cada polegada e não queria nada em seu caminho.

Retirou-lhe a camiseta pela cabeça e depois acendeu as velas ao redor para iluminar o quarto. Ela estava resplandecente com o brilho dourado, sua cabeça virada para o lado quando levantou o olhar para ele com seus olhos cinza. Seu seios firmes já preparados nas pontas, as brancas elevações sob seus rosados mamilos. Seu estômago plano, um pouco plano demais, pensou ele,

preocupando-se com ela. Mas seus quadris eram perfeitos e suas pernas muito lisas.

E a junta debaixo de seu umbigo, que doce peça...

— Minha Mary. — Sussurrou ele, pensando em todos os lugares que queria tocar nela.

Quando se sentou sobre suas pernas, seu sexo saiu diretamente de seu corpo, pesado, orgulhoso, exigente. Mas antes que pudesse inclinar-se sobre sua pele, as mãos dela encontraram sua ereção e ele estremeceu, o suor saindo por todo seu corpo. O olhar dela tocando-o deixou ir durante só um momento, dando rédea solta à pureza de seu desejo, o êxtase desconta minado.

Quando ela se sentou em cima, ele não sabia aonde ia.

— Mary?

Seus lábios se separaram e ela o tomou com a boca.

Rhage ofegou e caiu em seus braços.

— Oh, meu...Deus!

Com todas as outras mulheres ele havia tido a maldição, não tinha deixado que nenhuma delas descesse tanto. Não o havia querido, não gostava que o tocassem acima da cintura, muito menos abaixo dela.

Mas era Mary.

A sucção e o calor de sua boca, mas sobretudo o conhecimento de que era ela, roubava-lhe a força, colocando-o a sua mercê. Os olhos dela olhando para cima, vendo como nadava no prazer que ela estava lhe proporcionando. Quando ele se afundou para trás sobre o colchão, derrubando-se, ela avançou lentamente sobre suas coxas, subindo. Ele emoldurou sua cabeça com suas mãos, arqueando sua boca enquanto ela encontrava o ritmo.

Justamente antes que se aproximasse da beira, ele trocou seus quadris de lugar, não querendo gozar ainda.

— Venha aqui. — Disse ele, esticando-a sobre seu estômago e seu peito, fazendo-a rolar sobre suas costas. — Vou estar dentro de você quando eu gozar.

Beijando-a, ele colocou sua mão sobre a base de seu pescoço e a moveu

para seu centro, parando em seu coração. Batia rapidamente, e ele abaixou-se, pressionando seus lábios sobre seu esterno e depois moveu-se para seu seio. Amamentou-se enquanto deslizava seu braço ao redor de suas omoplatas e a levantava aproximando-a mais à sua boca,

Ela fez um ruído incrivelmente profundo em sua garganta, um suspiro sem fôlego e atraiu sua cabeça de maneira que podia olhar seu rosto. Seus olhos fechados, os dentes apertados. Fez-lhe um caminho de beijos até seu umbigo, onde se entretêve e lambeu antes de mover-se para seu quadril. Impulsionando-a sobre seu estômago, lhe separou as pernas e afagou seu centro com sua mão. A sedosa umidade cobriu sua mão, sentiu-a estremecer quando beijou seu quadril e seu ventre.

Escorregando um dedo em seu interior, deixou ao descoberta suas presas e os levou para sua medula espinhal.

Mary gemeu, seu corpo retorcendo-se para encontrar seus dentes.

Ele parou em seu ombro. Retirando o cabelo de seu caminho. E grunhiu quando olhou seu pescoço.

Quando ela se retesou, ele sussurrou.

— Não se assuste Mary. Não te farei mal.

— Não tenho medo. — Ela moveu seus quadris e apertou seu calor úmido ao redor de sua mão.

Rhage murmurou quando a luxúria o percorreu. Começou a ofegar, mas confortavelmente. Não havia nenhuma vibração, nenhum zumbido espantoso. Só ela e ele. Juntos. Fazendo amor.

Embora realmente tivesse fome de algo mais dela.

— Mary, me perdoe.

— Por quê?

— Quero beber de...você. — Disse-lhe ele ao ouvido.

Ela tremeu, mas ele sentiu uma pressa quente quando a penetrava e sabia que as sacudidas eram de prazer.

— De verdade quer ...fazer isso? — Disse ela.

— Deus, sim. — Sua boca se aproximou do lado de sua garganta. Cheirou sua pele, morrendo por fazer algo mais. — Eu gostaria de estar em sua veia.

— E eu pergunto o que eu vou sentir. — Sua voz era rouca, emocionante. Por Deus! Ela ia deixá-lo fazer. — Dói?

— Só um pouco no princípio, mas então é como o sexo...sentirá meu prazer quando o tirar de você. Terei muito cuidado. Muito gentil.

— Sei que o fará.

Uma onda erótica o atingiu através de seu corpo e de suas presas descobertas. Podia imaginá-las afundando-os em seu pescoço. Chupar. Tragar. E depois haveria comunhão com ela fazendo o mesmo a ele. Ele a alimentaria bem, deixar-lhe-ia tomar tanto quanto quisesse...

Ela fazendo o mesmo?

Rhage se retirou. Que diabos se passava? Ela era uma humana, por todos os Santos. Ela não se alimentava.

Ele apoiou a testa sobre seu ombro. E recordando vagamente que ela era só uma humana; que estava doente. Lambeu os lábios, tentando persuadir que suas presas se retraíssem.

— Rhage? Vai ...você sabe.

— Acredito que é melhor te manter a salvo.

— Francamente, não estou assustada.

— Oh, Mary, eu sei. Não tem medo de nada. — E sua coragem era em parte a razão pela qual tinha se vinculado a ele. — Mas eu preferiria amar seu corpo que tomar alguma coisa se não puder me permitir dar isso.

Em uma série de rápidos movimentos a virou e se ergueu sobre ela, pegando seus quadris e os elevando do colchão, e entrando nela, deslizando-se profundamente. O calor rugiu através dele quando ela se arqueou ante a invasão e ele colocou um de seus braços entre seu seios, conservando seu corpo levantado. Com uma mão, virou-lhe o queixo e então pôde beijá-la.

Seu hálito era quente e desesperado em sua boca quando ele lentamente saiu de dentro dela. A onda que receberam fez que ambos gemessem. Ela era tão incrivelmente apertada, espremendo-o com força como um parafuso. Ele deu

alguns impulsos mais controlados e depois seus quadris tomaram por cima, movendo-se por vontade própria até que não pôde mais manter o contato com seus lábios. Seu corpo atingindo o seu e ele mudou suas mãos para sua cintura enquanto se agarrava a ela.

Seu peito apoiado sobre a cama e seu rosto virado para um lado. Seus lábios estavam afastados, seus olhos fechados. Ele soltou seu torso e plantou suas mãos sobre o colchão dos lados de seus ombros. Ela era tão pequena debaixo dele, diminuída pela grossura de seus antebraços, mas ela tomou todo ele, da ponta até a base, muitas vezes até que ele se perdeu.

De um nada ele sentiu um maravilhoso ardor em sua mão. Olhou para baixo e viu que ela havia se enredado ao redor de um de seus braços e tinha fechado sua boca sobre a base do polegar, mordendo-o.

— Forte, Mary. — Disse ele com voz rouca. — Oh, sim. Morda...com força.

A pequena explosão de dor enquanto seus dentes se afundavam o atingiu com tal prazer que o levou para cima, levando-o até a beira.

Mas ele não queria que isto terminasse.

Ele saiu de dentro dela e rapidamente a virou. Quando ela aterrissou sobre suas costas, suas pernas abertas para os lados como se não tivesse força para sustentá-las. A vendo aberta, brilhando para ele, inchada para ele, quase fez que estivesse a ponto de gozar por todas as partes de suas coxas. Baixou a cabeça e a beijou onde antes tinha estado, provando um pouco dele, um pouco daquele aroma que a marcava por todas as partes de seu corpo.

Ela gritou grosseiramente quando chegou ao clímax. E antes que seus batimentos se desvanecessem, ele se inclinou sobre ela e se afundou até o mais profundamente.

Ela o chamou por seu nome, suas unhas marcando suas costas.

Ele se permitiu aproximar-se da beira examinando seus grandes olhos, aturdidos. Sem nada para conter-se, entrou e saiu muitas vezes, bombeando seus fluidos nela. O orgasmo chegou e montou sobre as ondas que o alcançaram. O êxtase parecia não ter nenhum fim e não havia nada que o parasse.

Não que ele o parasse se tivesse o poder.

Mary se agarrou a Rhage enquanto ele se estremeceu uma vez mais, tomando seu corpo, seu fôlego saindo rapidamente. Ele gemeu profundamente sobre seu peito e ela sentiu como se retesava e se liberava outra vez dentro dela.

Isto era um tipo arrasador de intimidade, ela tão tranqüila, ele convulsionando em uma espécie de orgasmo múltiplo. Com sua concentração não estando diminuída pela paixão, ela sentia cada pequena coisa em seu corpo assim como cada duro impulso. Ela sabia exatamente quando a liberação lhe chegava, podia sentir como tremiam seu ventre e suas coxas. Agora estava passando, seu peito e seus ombros retesando-se com seus quadris quando ele se levantou outra vez.

Ele levantou a cabeça desta vez, seus lábios se afastando de suas presas, seus olhos apertados fechados. Seu corpo se contraiu, todos seus músculos tensos, e depois ela sentiu o profundo movimento em seu interior.

Seus olhos se abriram. Estavam frágeis.

— Sinto muito, Mary. — Outro espasmo lhe chegou e ele fez todo o possível para falar disso. — Nunca...aconteceu...antes. Não posso parar. Deus maldito.

Ele soltou um som gutural, uma mistura de apologia e êxtase.

Ela sorriu e levou suas mãos para suas costas lisas, sentindo cada grosso músculo sobre seus ossos enquanto se introduzia nela outra vez. Estava saturada entre suas pernas e deliciosamente quente por todo o calor que emanava dele. Aquele maravilhoso aroma de sua união com ela era espesso no ar, a escura fragrância a rodeava.

Ele se ergueu e se levantou sobre seus braços, parecendo que ia se afastar.

— Onde você vai? — Ela colocou suas pernas ao redor de seus quadris.

— Estou te esmagando... — Seu fôlego era outra vez como seu murmúrio.

— Estou perfeitamente bem.

— Oh, Mary...eu... — Ele se arqueou outra vez, levando seu peito para frente, retesando seu pescoço, seus ombros proeminentes. Bom Senhor, ele era magnífico.

Bruscamente ele se dobrou, seu corpo totalmente mole sobre o dela. Seu peso morto era imenso, mais do que ela podia suportar e ainda respirar. Por sorte,

ele rolou e a apertou contra ele. Seu coração trovejava contra seu peito e ela escutou enquanto começava a se acalmar.

— Te machuquei? — Perguntou-lhe ele bruscamente.

— Não.

Ele a beijou e se retirou, cambaleando para o banheiro. Voltou com uma toalha, com a qual com cuidado a aliviou entre suas pernas.

— Quer que eu comece tomando banho? — Disse ele. — Tenho, ah, de certo modo fiz uma imundície contigo.

— Dificilmente. E não, só quero estar aqui.

— Não posso explicar por que aconteceu isto. — Ele franziu o cenho quando jogou os lençóis e as cobertas sobre ambos. — Embora... bem, talvez, pode ser que eu saiba.

— Independentemente da razão, é incrível. — Ela pressionou seus lábios sobre seu queixo. — Absolutamente incrível.

Mantiveram-se juntos em silêncio durante um momento.

— Escuta, Mary, meu corpo deu muito de si ultimamente.

— Tenho certeza.

— Vou precisar... tenho que me cuidar.

Algo no tom de sua voz era apagado, e ela ergueu o olhar para ele. Ele olhava fixamente para o teto.

Um calafrio a atravessou como um relâmpago.

— Como assim?

— Vou ter que me alimentar. De uma mulher. Da minha espécie.

— Oh. — Ela pensou em como havia sentido suas presas sobre sua coluna vertebral. E se recordou do tremor da antecipação quando havia lhe mordiscado o pescoço. As sombras da noite que ele havia passado fora a rasgavam. Ela não podia voltar a passar por isso outra vez. Esperando em sua cama, sabendo que estava com outra mulher.

Tomou suas mãos e as colocou nele.

— Mary, tenho que alimentar-me agora e então poderei ter o controle. E quero que esteja comigo quando o fizer. Se for muito difícil para você olhar, ao menos pode estar no mesmo quarto. Não quero que haja nenhuma pergunta em sua mente sobre o que acontece entre eu e outra mulher.

— Quem vai... — ela clareou a garganta — lhe dar de beber?

— Pensei nisso. Não quero que seja alguém com quem já estive.

Então até quantas poderia reduzi-lo, cinco mulheres? Talvez seis?

Ela negou com a cabeça, sentindo-se como uma cadela.

— Chamarei uma das Escolhidas.

Diga-me que são bruxas desdentadas, pensou ela.

— O que ela fazem?

— Principalmente servem à Virgem Escriba, nossa divindade, por um tempo elas subministravam de sangue os membros solteiros da Irmandade. Nos tempos modernos não se utilizam dessa maneira, mas vou contatar com elas, e ver se podemos conseguir alguma coisa.

— Quando?

— Quanto antes for possível. Talvez amanhã de noite.

— Terei ido então. — Como sua expressão era sombria, não lhe deu a possibilidade de falar. — É o momento de que eu vá.

— Um inferno que é.

— Rhage, seja realista. Francamente espera que eu fique aqui para sempre?

— Isto é o que quero. Então, sim.

— Te ocorreu que perdi minha casa, minhas coisas, meus...

— Trarei tudo para cá. Tudo.

Ela negou com a cabeça.

— Tenho que ir para casa.

— Não é seguro.

— Então teremos que fazer que seja seguro. Instalarei um alarme, aprenderei a atirar, não sei. Mas tenho que retornar a minha vida.

Ele fechou os olhos.

— Rhage, me olhe. Olhe para mim. — Ela lhe apertou a mão. — Tenho coisas para fazer. Em meu mundo.

Seus lábios estavam apertados em uma linha dura.

— Deixará que Vishous te instale o sistema de segurança?

— Sim.

— E então permanecerá por alguns dias aqui comigo.

Ela suspirou.

— O que fará se eu disser que não?

— Então eu vou com você.

— Não acredito...

— Eu lhe disse isso antes. Deixa de pensar.

Seus lábios encontraram os seus, mas antes que sua língua escorregasse para dentro e roubasse sua capacidade de ser lógica, ela o empurrou para trás.

— Rhage, sabe que isto não leva a nenhuma parte. Isto... o que há entre nós. Isto não. Isto não pode ser.

Ele se virou sobre suas costas e colocou um braço atrás de sua cabeça. Com seu queixo apertado, os tendões do pescoço se retesavam.

Ela odiava isto; de verdade que o odiava. Mas era melhor falar tudo.

— Aprecio tudo o que tem feito por mim. O sacrifício de me manter segura...

— Por que a noite em que sai te transtornou tanto?

— Não entendi?

— Por que se preocupou que eu tivesse estado com alguém mais? Ou só necessitava de um pouco de sexo bruto e precisava se ocultar atrás de alguma razão para isso? — Seus olhos se dirigiram para ela. O azul era néon agudo, quase brilhante demais para olhá-los. — Escuta, a próxima vez que quiser algum pênis duro, tudo o que tem que fazer é perguntar. Posso ajudar com isso.

Oh, Deus. Esta cólera não é o que ela tinha querido.

— Rhage...

— Sabe de verdade que entrei nisso. Eu gostei dessa merda de dominação que rejeitou. Eu gostei da parte sádica, também. A degustação de meu sangue em seus lábios depois que você mordeu a minha boca? Um atrativo enorme.

O tom frio de sua voz era horrível. Seu olhar calmo, os olhos brilhantes eram o pior.

— Sinto muito. — Disse ela. — Mas...

— De fato, estou ficando duro agora mesmo, só de pensar nisso. É mais surpreendente, considerando como passei os vinte minutos anteriores.

— O que você supõe que o futuro nos proporciona?

— Nunca saberemos. Ficará até que a noite chegue certo? Mesmo que seja só porque me necessitar para que te leve para casa. Então deixe ver se posso me ajeitar outra vez. Lamentaria te fazer perder tempo. — Ele puxou os lençóis. — Mas que inferno, você é boa. Estou tão duro como um taco de beisebol.

— Sabe como vão ser os próximos seis meses para mim?

— Não e não vou saber, não é verdade? Então só quer algo como sexo. Já que é tudo o que quer de mim e por que sou um perdedor patético para tomar de qualquer modo que possa te conseguir, adivinho que é melhor colocar mãos à obra.

— Rhage! — Gritou ela, tentando chamar sua atenção.

— Mary! — zombou-se ele. — Sinto muito se falei demais? Preferiria que minha boca fizesse algo mais, não é verdade? Quer ela sobre a tua? Não, em seus seios. Espera, mais abaixo. Sim, você gostaria que estivesse mais abaixo, não é mesmo? E sei como fazer isso bem.

Ela colocou a cabeça entre as mãos.

— Não quero ir assim. Brigando.

— Mas isto não vai fazer-se mais lento, não é mesmo? Não, não Mary a super-forte. Não, você só sairá ao mundo...

— Para adoecer, Rhage! Abandono-te porque vou ficar doente, ok? Vou ao médico amanhã. Não há nenhuma grande festa esperando-me quando chegar em casa.

Ele a olhou fixamente.

— Acredita que sou indigno de cuidar de ti?

— O que?

— Não vai deixar eu te cuidar durante sua enfermidade?

Ela pensou em quão duro havia sido para ela vê-lo com dor e não ser capaz de fazer sumir sua dor.

— Por que você iria querer fazê-lo? — Sussurrou ela.

A boca de Rhage ficou frouxa, como se o tivesse golpeado.

Saiu disparado da cama.

— Sim, vá te ferrar, Mary.

Ele vestiu as calças de couro e tirou uma camisa da cômoda.

— Prepare a mala, querida. Não terá mais que agüentar a este cão de rua. — Empurrou seus braços nas mangas da camisa e a passou pela cabeça. — Conseguirei que Vishous coloque o sistema em sua casa o quanto antes. Não deverá lhe custar muito tempo e até que o tenha feito, pode dormir em outro lugar. Um novo quarto que o doggen te mostrara.

Ela saltou do colchão, mas ante de poder alcançá-lo, ele a olhou duramente, parando-a mortalmente.

— Sabe Mary, mereço isto. De verdade. Fiz o mesmo a muitos, só me afastei sem me importar nem um pouco. — Abriu a porta. — Embora as mulheres com as quais transei tiveram sorte. Ao menos elas nunca se lembrarão

de mim. E homem, eu mataria para te esquecer agora mesmo, de verdade que o faria.

## CAPÍTULO TRINTA E DOIS

---

SSenhor O se inclinou sobre o homem civil e apertou o parafuso da prensa. Tinha seqüestrado o vampiro no beco ao lado do Screamer, e até agora o centro de persuasão recém erguido funcionava perfeitamente. Ele também fazia progressos com o cativo. Verificou que o cara tinha uma conexão tangencial com a Irmandade.

Em circunstâncias normais, o Senhor O deveria ter ficado tão insensível quanto pudesse. Em vez disso, quando olhou as frias e vidrosas sacudidas do vampiro, perdendo a visão, viu-se com Omega. Debaixo daquele pesado corpo. Impotente. Fora de controle. Com dor.

As lembranças lhe obstruíram os pulmões com um temor parecido a um pântano até que teve que afastar o olhar. Quando o vampiro gemeu, o Senhor O se sentia como se fosse um gatinho.

Cristo tinha que conseguir essa merda.

O Senhor O clareou a garganta. Tomando ar.

— E, ah... como é que sua irmã conhece a Irmandade?

— Ela... tem sexo... com eles.

— Onde?

— Não sei.

— Você vai ter que fazer melhor que isso. — O Senhor O pressionou-o um pouco mais.

O civil gritou e seus selvagens olhos passearam ao redor do escuro interior do centro. Ele quase conseguia superá-lo outra vez, então o Senhor O afrouxou a braçadeira.

— Onde eles se encontram?

— Caith vai a todos os bares. — O homem tossiu fracamente. — Zero Sum. Screamer. Ela esteve ontem à noite no One Eye.

— One Eye? — Estranho. Isso estava em meio do campo.

— Por favor, posso ir para casa agora? Meus pais vão chegar...

— Tenho certeza de que estão preocupados. E deveriam estar. — O Senhor O negou com a cabeça. — Não posso te deixar partir. Ainda não.

Absolutamente, mas o vampiro não tinha por que saber.

O Senhor O voltou a aplicar pressão sobre o parafuso da prensa.

— Agora me diga outra vez como se chama sua irmã?

— Caith.

— E com qual dos Irmãos ela transa?

— Sei com certeza...o da cavanhaque. Vishous. Gosta do guerreiro loiro... mas ele não a quer.

O Irmão loiro com a besta?

— Quando foi a última vez que viu o loiro?

Alguns sons da escada chegaram até eles.

— O que foi? Não posso te ouvir. — O homem lutou para falar, mas de repente seu corpo se retesou e sua boca se abriu como se estivesse se asfixiando. — Oh, vamos. — Resmungou o Senhor O. — Isto não faz tanto mal.

Merda, esta pressão era só material do jardim de infância; ainda não haviam se aproximado de nada mortal. De qualquer maneira dez minutos mais tarde o vampiro estava morto e o Senhor O estava de pé diante do corpo se perguntando o que tinha acontecido.

A porta do centro de persuasão se abriu e o Senhor U entrou.

— O que fazemos esta noite?

— Este civil morreu, mas, inferno se sei por quê. Eu só tinha começado.

O Senhor O soltou a prensa da mão do vampiro e atirou a coisa onde estavam os outros instrumentos. Quando olhou o saco de pele sem vida sobre a mesa, encontrou-se de repente terrivelmente enjoado.

— Se você lhe quebrou um osso, talvez tenha produzido um coágulo.

— O que... hum? Oh, sim. Mas espere, foi só um dedo? Um osso com músculo poderia ser, mas estava trabalhando com sua mão.

— Não importa. Pode surgir em qualquer parte. Se ele chegar aos pulmões e se alojar? Acabou—se o jogo.

— Ofegava para poder respirar.

— Provavelmente foi o que aconteceu.

— Um momento inoportuno. Sua irmã transa com os Irmãos, mas não sei muito sobre isso.

— O endereço de sua casa?

— Não. Haviam roubado a carteira do idiota antes que eu o encontrasse. Tinha bebido e o haviam roubado em um beco. Ainda que tenha nomeado alguns lugares sociais. Os clubes sociais habituais, mas também um bar campestre, One Eye.

O Senhor U franziu o cenho enquanto tirava sua arma e verificava a câmara.

— Tem certeza de que não falava só para que você parasse? O One Eye está longe daqui e os Irmãos bastardos são habitantes da cidade, não é mesmo? Acredito que é onde nós os encontraremos.

— Isto será se nos permitem encontrá-los. Só Deus sabe onde vivem. — O Senhor O virou a cabeça na direção do corpo. — Cara, ele disse algo antes de morrer. Não entendi as palavras.

— Essa sua língua é uma merda. Gostaria que tivéssemos um tradutor.

— Não brinque.

O Senhor U olhou a seu redor.

— Como é trabalhar neste lugar?

Tanto faz, pensou o Senhor O.

— Perfeito. — Disse ele. — O manteve em um dos buracos por um tempo, esperando trazê-lo para cá. Os sistemas de trabalho estão bem. — O Senhor O lançou o braço do vampiro sobre seu peito e tocou a superfície de aço

inoxidável onde estava o corpo. — E esta mesa é um dom do céu. O buraco do deságüe, as correntes.

— Sim, pensei que gostaria disso. Roubei-o de um necrotério.

— Bom.

O Senhor U caminhou até o armário a prova de fogo onde costumavam guardar as munições.

— Se importa se pego alguma munição?

— Estão aí para isso.

O Senhor U tirou uma caixa classificada com um cartão que marcava Remington. Quando preencheu sua câmara, disse-lhe. — Então, ontem escutei que o Senhor X lhe colocou no comando deste lugar.

— Ele deu-me a chave, sim.

— Bom. Isto estará bem controlado.

Certamente, havia uma condição para o privilégio. O Senhor X tinha requerido que o Senhor O se movesse, mas a recolocação realmente tinha uma razão. Se eles iam manter os vampiros durante dias, alguém tinha que fiscalizar aos cativos.

O Senhor O apoiou seu quadril contra a mesa.

— O Senhor X anunciará uma nova orientação para os Primes. Dentro de cada esquadrão serão formadas parcerias, e eu serei o primeiro em escolher. Quero você.

O Senhor U sorriu quando fechou a caixa das balas.

— Eu era caçador no Canadá, sabia? Faz dezoito ou vinte anos. Eu gosto do campo. Atirar nas coisas.

O Senhor O assentiu com a cabeça, pensando que antes de se perder em sua viagem, ele e o Senhor U tinham ambos tinham padecido em um inferno.

— Então é verdade tudo isso sobre você e o Senhor X? — Perguntou o Senhor U.

— O que é verdade?

— Que você teve um encontro recente com Omega? — Quando os olhos do Senhor O piscaram ante o nome, o Senhor U notou a reação e graças a Deus, entendeu.

— Merda Santa, realmente o viu. Vai ser o segundo no comando depois do Senhor X? Para onde tudo isto nos conduz?

O Senhor O trago apesar da reviravolta repugnante em seu estômago.

— Você terá que perguntar ao Sansei.

— Eu sei, claro. Realmente vou fazer isso. Embora não sei por que tem que mantê-lo em segredo.

Como o Senhor O não sabia mais do que sabia o outro lesser, não tinha nenhuma opção.

Jesus. Faz um minuto, a idéia de ser o segundo na organização o havia deixado eufórico.

O Senhor U se dirigiu para a porta.

— Então onde e quando você me quer?

— Aqui. Agora.

— O que tem em mente?

— Voltaremos para o centro. Queria chamar os outros para lhes dar uma aula, mas parece que perdi meu manual.

O Senhor U inclinou a cabeça.

— Então vamos à biblioteca. E consigamos outro.

\*\*\*\*\*

Rhage rezou para encontrar uma saída quando espreitou pelos becos dos bares do centro. Sob a fria chuva, estava nervoso, colérico e a agonia bulia em seu peito. Vishous tinha desistido de falar com ele fazia duas horas.

Quando voltaram para o Trade Street outra vez, pararam ao lado da porta do Screamer. Com impaciência, a multidão tremia enquanto esperava poder

entrar no clube e havia quatro homens civis entre os humanos.

— Vou tentar pela última vez, Hollywood. — Vishous acendeu um cigarro e colocou novamente o boné dos Sox.

— O que acontece com todo esse silêncio? Não deve te doer o de ontem à noite ainda, não é mesmo?

— Não, estou bem.

Rhage olhou de relance para o beco escuro.

Sim, mentira, que estava bem. Sua visão noturna havia ido para o inferno, sua acuidade visual estava longe por mais que piscasse. E seus ouvidos tampouco funcionavam como deveriam. Normalmente podia escutar sons a quase uma milha de distância, mas agora ele precisa se concentrar para pegar o bate-papo dos que esperavam na fila do clube.

Certamente estava alterado pelo que havia acontecido com Mary; fora excluído pela mulher que amaria como faria um homem. Mas estas eram mudanças fisiológicas, não estavam atados ao emocional, merda.

E ele sabia qual era o problema. A besta não estava com ele esta noite.

Isto deveria ter sido um alívio. Ter se desfeito da maldita besta temporariamente deveria ter sido uma grande bênção. Mas claramente ele tinha chegado a confiar nos instintos da besta. Deus, a idéia de que tinha uma espécie de relação simbiótica com sua maldição era uma grande surpresa e então era a vulnerabilidade que agora resplandecia. Não duvidava de suas habilidades corpo a corpo ou o lançamento e trabalho com as adagas. Mas bem que sua besta lhe proporcionava uma informação extra sobre o ambiente e ele tinha se habituado em confiar. Mas o feio traseiro da besta era um trunfo fabuloso. Se tudo o resto falhasse, isto jogaria ao lixo seus inimigos.

— Bem, o que é que você sabe. — Disse Vishous, cabeceando para a direita.

Um par de lessers desciam pelo Trade Street, seus cabelos brancos brilhavam com as luzes dos carros que passavam. Como marionetes sobre a mesma corda, suas cabeças se giraram harmonicamente para Vishous e para ele. Os dois reduziram a marcha. Parando.

Vishous deixou cair o cigarro, esmagando-o com sua bota.

— Muitas testemunhas para uma briga.

Os membros da Sociedade pareceram compreender isso também, não fazendo nenhum movimento de ataque. No confronto, a estranha etiqueta na guerra entre a Irmandade e os lessers se esgotava. A discricção ante os homo sapiens era crítica para conservar em segredo ambos os lados. A última coisa que qualquer um deles precisaria era entrar numa briga diante uma multidão de humanos olhando.

Enquanto os irmãos e os lessers se fitavam de modo penetrante, as pessoas que estavam em volta não tinham nem idéia do que acontecia. Os vampiros civis da fila que esperavam, entretanto, sabiam o que acontecia. Foram andando, se espalharam ao redor, claramente pensando em correr. Rhage os olhou com dureza e devagar negou com a cabeça. O melhor lugar para aqueles moços era o público e ele rezava como o inferno para que entendessem a mensagem.

Mas claro, os quatro saíram.

Aqueles malditos lessers riram. E logo correram atrás de sua presa como estrelas de atletismo.

Rhage e Vishous começaram a correr em alta velocidade, iniciando uma corrida mortal.

Ridiculamente, os civis correram para um beco. Talvez esperassem se desmaterializar. Talvez só tivessem ficado assustados de modo estúpido. De um jeito ou de outro, tinham aumentado drasticamente a probabilidade de morrer. Aqui atrás, não havia ninguém ao redor devido à chuva fria, sem luzes e sem nenhuma janela nos edifícios, não havia nada que impedisse os lessers de fazer seu trabalho abertamente.

Rhage e Vishous correram mais rapidamente, suas botas pisavam pesadamente sobre as poças, espalhando água por toda parte. Quando diminuíram a distância com os assassinos, olharam como conseguiriam derrubá-los antes que eles agarrassem os civis.

Rhage estava a ponto de agarrar o lesser da direita quando uma caminhonete preta cortou o beco na frente dele, patinando sobre o asfalto molhado e freando depois. A coisa freou quando um dos lessers agarrou um dos civis. Com um movimento rápido, os dois assassinos jogaram o homem na parte traseira e logo dando a volta, prepararam-se para lutar.

— Pegarei o caminhão. — Gritou Rhage.

Vishous avançou na direção dos assassinos enquanto Rhage corria rapidamente. A caminhonete tinha reduzido a velocidade para recolhê-los e seus pneus giravam fora de controle, lhe dando alguns segundos extras. Mas justamente quando ia alcançá-la a F 150 saiu correndo outra vez, passando diante dele. Com uma onda imponente, lançou-se pelo ar, agarrando a beira da caminhonete a tempo.

Mas sua mão escorregou sobre o metal molhado. Tentava subir para conseguir uma melhor posição quando a janela traseira baixou e uma arma foi apontada para ele. Inclinou-se rapidamente, esperando escutar o agudo ruído da descarga da bala. Em vez disso, o civil que tentava saltar, agarrou seu ombro. O homem olhou confuso ao seu redor e logo caiu, em um lento movimento, na parte detrás da caminhonete.

Os dedos de Rhage resvalaram da caminhonete, e quando caiu virou, aterrissando com o rosto para cima. Quando se arrastou sobre o asfalto, seu casaco de couro o salvou de ficar ralado.

Levantou-se e olhou como a caminhonete se afastava pela esquina da rua. Amaldiçoando como um filho de cadela, não ficou a se ficar aflito pelo fracasso, voltou correndo para onde estava Vishous. A luta tinha começado e isso era bom, os assassinos confiavam em suas habilidades, longe dos reforços. Vishous já havia começado, sua adaga fazendo um número sobre os assassinos.

Rhage caiu sobre o primeiro lesser, zangado por ter perdido o civil naquela caminhonete, enlouquecido com o mundo por causa de Mary. Atingiu o bastardo com o punho, lhe quebrando os ossos, abrindo um buraco através da pele. Sangue negro o salpicou em seu próprio rosto, lhe entrando nos olhos. Mas não parou até que Vishous o afastou e o empurrou para trás contra a parede do beco.

— O que você está fazendo, porra! — Rhage tinha a metade da mente com a intenção de continuar, mas Vishous bloqueava seu acesso até o assassino.

Vishous o segurou pelas lapelas de seu trench-coat e deu a Rhage um bom golpe, como se estivesse tentando que ele entrasse em razão.

— O lesser já não se move. Está no chão e ali vai ficar.

— Não me importo! — Lutava por escapar, mas Vishous o manteve no lugar. Com dificuldade.

— Rhage? Vamos, fale comigo. O que está acontecendo? Onde está, Irmão?

— Só tenho que matá-lo...necessito... — De alguma parte, o histerismo aparecia em sua voz — Pelo que eles lhes fazem...os civis não podem suportar...tenho que matar... — Estava se desmoronando, mas não podia parar a queda. — Oh, Deus, Mary, eles a querem...levá-la como levaram aquele civil, Vishous. Ah, merda, meu Irmão... O que vou fazer para salvá-la?

— Shhh. Calma, Hollywood. Fique calmo.

Vishous segurou com uma mão o pescoço de Rhage e acariciou com seu polegar a jugular dele. A hipnose da carícia o relaxou primeiro por polegadas, depois por jardas.

— Está melhor? — Perguntou-lhe Vishous.

— Sim, melhor.

Rhage suspirou e andou pelos arredores durante um minuto. Então retornou para o corpo do lesser. Remexeu entre os bolsos, encontrando uma carteira, algum dinheiro vivo, uma arma.

Oh, isso era bom.

— Olhe o que consegui, — Resmungou ele. — Me diga olá Senhor BlackBerry.

Ele lançou o dispositivo para Vishous, que assobiou em sua respiração.

— Legal.

Rhage embainhou uma de suas adagas e enterrou a lâmina negra no peito do assassino. Com uma pequena explosão e um brilho, a coisa se desintegrou, mas lhe pareceu que não havia feito o bastante. Ainda queria rugir e chorar ao mesmo tempo.

Vishous e ele fizeram uma rápida patrulha pela vizinhança. Tudo estava tranqüilo. Com um pouco de sorte, os outros três civis tinham levado seus traseiros para suas casas e ainda deviam estar tremendo pela sobrecarga de adrenalina dentro da segurança.

— Quero os potes deste lesser. — Disse Rhage — Você descobriu algo do que lhe tiramos?

Vishous agitou a carteira.

— A carteira de motorista diz Rua LaCrosse, 195. E você?

Rhage o examinou.

— Nada. Nenhuma licença. Por que demônios suporta...hum. Isto é interessante.

O cartão dizia —três por cinco muito bem dobrado pela metade. No interior um endereço não muito longe de onde estavam.

— Vamos verificar isto antes de nos dirigir ao LaCrosse.

## CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

---

Mary recolheu sua bolsa de noite sob o vigilante olho de Fritz. O mordomo morria de vontade para ajudar, arrastando os pés de um lado para o outro, lhe doendo ver ela fazer o que claramente sentia ser o seu trabalho.

— Estou preparada. — Disse ela finalmente, mesmo que não o estivesse.

Fritz sorria agora que tinha um objetivo e a conduzia para um quarto com sacada de onde se viam os jardins na parte posterior da mansão. Ela tinha que lhe dar crédito: era incrivelmente discreto. Se ele pensava que era estranho que ela se mudasse do quarto de Rhage, não o demonstrou e a tratou com a mesma cortesia que sempre havia tido com ela.

Quando ficou sozinha, pensou em suas opções. Queria ir para casa, mas não era estúpida. As coisas que tinham acontecido no parque tinham sido mortais e embora necessitasse de seu espaço, não queria que a matassem por uma oferta de independência. Além disso, quanto tempo levaria a instalação do sistema de segurança? Talvez, Vishous estivesse trabalhando nisso agora mesmo.

Pensou em seu encontro com o doutor no dia seguinte pela tarde. Rhage havia lhe dito que lhe deixaria ir, e embora ele estivesse muito zangado quando se foi, sabia que não a impediria de ir ao hospital. Fritz provavelmente a levaria, pensou. Quando a tinha levado para dar uma volta pela casa, havia lhe explicado que podia sair à luz do dia.

Mary olhou sua bagagem. Enquanto considerava se partir era bom, sabia que não podia se afastar enquanto as dificuldades fossem tão cruas com Rhage. Talvez à noite fora o acalmasse. Ela certamente se sentia mais racional agora.

Abriu a porta do dormitório o suficiente para poder inteirar-se de quando ele voltasse para casa. E depois se sentou na cama e esperou.

Não tomou muito tempo sentir-se vacilada mente ansiosa, então pegou o telefone. Quando Bella atendeu, foi um alívio escutar a voz de um amigo. Elas não falaram de nada em especial durante um tempo. Então, disse-lhe que voltaria para casa quando o sistema de segurança estivesse instalado. Agradeceu por Bella não lhe exigir mais detalhes.

No fim de um momento, houve uma longa pausa entre elas.

— Ah, Mary posso te perguntar algo?

— Claro.

— Viu aos outros guerreiros?

— Alguns, sim. Mas não sei se conheci a todos.

— Encontrei-te com um que...tem o rosto cheio de cicatrizes?

— É Zsadist. Seu nome é Zsadist.

— Oh. Ah, é ele...

— O que?

— Bem, ouvi coisas sobre ele. Tem uma reputação perigosa.

— Sim, posso imaginar. Mas sabe, não tenho certeza de que seja tão mau.  
Por que pergunta?

— Oh, por nenhuma razão. De verdade.

\*\*\*\*\*

À uma da madrugada, John Matthew saiu do Moe's e foi para casa. Tohrment não tinha vindo. Talvez o homem não viesse. Talvez a possibilidade de escapar com ele tivesse sido perdida.

Caminhando pela noite fria, John estava frenético, sua necessidade de abandonar o edifício tinha chegado a níveis de evacuação máximos.

O medo era tão ruim, estava cunhado em seus sonhos. Tinha tirado um cochilo antes de ir trabalhar e seus pesadelos tinham sido aterradores, cheios de visões de homens de cabelos brancos que o perseguiam, agarravam-no e o levavam a algum lugar escuro e sob o chão.

Quando se aproximou da porta de seu estúdio, tinha a chave na mão e não demorou. Entrou rapidamente e encerrou a si mesmo, fechando tudo: as duas trancas, a corrente. Desejaria ter um desses postes para as portas que se colavam no chão.

Sabia que deveria comer, mas não tinha energia de tratar com o Ensure então se sentou sobre sua cama, esperando que sua força magicamente retornasse. Ia necessita dela. No dia seguinte tinha que sair e começar a procurar um novo lugar para viver. Era hora de se salva.

Mas Deus, desejaria ter ido com Tohrment quando havia tido a...

Uma batida soou na porta. John elevou o olhar, esperança e medo retorcendo-se como uma corda em seu peito.

— Filho? Sou eu. Tohrment. Abra.

John se precipitou através do quarto, abrindo as fechaduras e quase se lançando sobre o homem.

As sobrancelhas de Tohrment baixaram sobre os seus olhos azul marinho.

— O que está acontecendo John? Tiveste algum problema?

Não tinha muita certeza do quanto dizer sobre o homem pálido que havia encontrado no vão da escada e no final decidiu se calar. Não ia se arriscar a mudar o pensamento de Tohrment sobre um rapaz por que ele pensava que era um esquizofrênico paranóico.

— Filho?

Estou contente por que vieste. Obrigado.

Tohrment leu as palavras.

— Sim, teria que ter vindo mais cedo, mas ontem à noite tive um assunto...ao que tinha que comparecer. Então pensaste...

John assentiu e rabiscou rapidamente.

Quero ir contigo.

Tohrment sorriu um pouco.

— Está bem, filho. É uma boa opção.

John suspirou, aliviado.

— Aqui está o que vamos fazer. Voltarei amanhã de noite e te recolherei. Não posso te levar agora para casa porque estarei no campo até a alvorada.

John tragou com renovado pânico. Mas ele retornaria, disse a si mesmo. O que era um dia mais?

\*\*\*\*\*

Duas horas antes da alvorada, Rhage e Vishous foram à entrada da Tumba. Rhage esperou no bosque enquanto Vishous levava para dentro o pote que tinham encontrado na casa do lesser em LaCrosse.

O outro endereço resultou ser um centro de tortura abandonado. No porão mal ventilado de dois apartamentos alugados, tinham encontrado instrumental coberto de pó assim como uma mesa e correntes. O lugar era um testemunho dos horrores de mudança de estratégia que a Sociedade utilizava para lutar contra os Irmãos, arrebatando e machucando os civis. Tanto ele como Vishous se engasgaram com as vinganças quando partiram.

Na volta para casa, pararam na casa de Mary para que Vishous pudesse estudar os cômodos e calcular o que ele necessitaria para que o lugar ficasse bem e fechado. Estar ali tinha sido um inferno. Ver suas coisas. Recordar a primeira noite que fora procurá-la. Não tinha sido capaz de olhar o sofá por que lhe recordava o que havia feito a seu corpo no chão atrás dele.

Parecia que havia se passado toda uma vida.

Rhage amaldiçoou e voltou para a exploração do bosque ao redor da entrada da caverna. Quando Vishous saiu, os dois se desmaterializaram para o pátio principal da casa.

— Hey, Hollywood, Butch e eu iremos até o One Eye para um último gole. Você quer vir?

Rhage olhou para as escuras janelas de seu dormitório.

Embora uma viagem até o One Eye o deixasse frio, sabia que não deveria ficar só. Da forma que se sentia, corria o risco de ir procurar Mary e arrastar seu traseiro e lhe suplicar. O que só seria uma humilhação desperdiçada. Ela tinha deixado bem claro de onde se encontravam e não era o tipo de mulher que ele pudesse persuadir. Além disso, estava agindo como um idiota doente de amor.

Na maior parte do tempo.

— Sim. Irei com vocês, caras.

Os olhos de Vishous flamejaram como se tivesse lhe feito a oferta para ser cortês e não esperando um sim.

— Bem. Ok Vamos em quinze minutos. Necessito de uma ducha.

— Eu, também. — Queria tirar o sangue do lesser de cima dela.

Enquanto caminhava através do vestíbulo da mansão e o passava, Fritz saiu da sala de jantar.

O mordomo se inclinou profundamente.

— Boa noite, sir. Sua convidada está aqui.

— Convidada?

— A Diretriz Escolhida. Ela disse que você a tinha chamado.

Merda. Havia se esquecido da solicitação e não era porque não fosse mais precisar de seus serviços. Se Mary não estivesse em sua vida, não requeria nenhuma disposição especial de alimentação. Era livre para beber e foder com quem quisesse. Oh, alegria.

Deus, a idéia de estar com qualquer uma que não fosse Mary, fazia que se murchasse dentro das calças.

— Sir? Você a receberá? Esteve a ponto de dizer que não, mas calculou que não solucionaria os problemas. Considerando seu passado histórico com a Virgem Escriba, não era sábio ofender às mulheres especiais de sua raça.

— Diga-lhe que estarei com ela daqui a pouco.

Correu para seu quarto, abriu a ducha para que esquentasse e ligou para Vishous. O irmão não pareceu surpreso em saber que desistira da viagem ao bar.

Uma lástima que não fosse pela razão que Vishous obviamente havia presumido.

\*\*\*\*

Mary despertou quando escutou vozes vindo do vestíbulo. Era a voz de Rhage. Reconheceria aquele profundo estrondo em todas as partes.

Escorregando da cama, foi para o vão que havia deixado na porta.

Rhage subia pela escada. Seu cabelo estava úmido como se tivesse tomado uma ducha e estava vestido com uma camisa larga preta e folgadas calças pretas. Ela esteve a ponto de dar um passo para o corredor quando viu que não estava só. A mulher que estava com ele era alta e tinha uma longa trança

loira que lhe caía pelas costas. Estava vestida com um traje de noite branco transparente e juntos pareciam pertencer a algum tipo de casamento gótico, ele todo de negro e ela coberta com esse tecido de transparente. Quando chegaram ao alto da escada, a mulher fez uma pausa, como se não soubesse onde tinha que ir. Rhage lhe colocou a mão sob o cotovelo e a olhou solícitamente, como se fosse tão frágil que pudesse quebrar algum osso se conseguisse chegar ao segundo piso.

Mary os olhou entrar no quarto. A porta se fechou atrás deles.

Ela retornou à cama. As imagens retornaram a sua cabeça. Rhage por todas as partes de seu corpo com sua boca e suas mãos. Rhage lhe agradecendo que o alimentasse. Rhage olhando-a enquanto lhe dizia que a amava.

Sim, ele a amava, certo. Tanto que ele tinha passado no outro lado do corredor com outra mulher.

Assim que o pensamento passou por sua mente, soube que era irracional. Ela o tinha afastado. Ele havia entendido a deixa. Não tinha nenhum direito de culpá-lo por ter sexo com alguém mais.

Ela tinha obtido exatamente o que havia lhe pedido.

Que a deixasse partir.

## CAPÍTULO TRINTAE QUATRO

---

Na tarde seguinte, justo antes da caída da noite, Rhage foi à academia por questão de serviço público. Quando terminou com os pesos, subiu na esteira e começou a correr. As primeiras cinco milhas voaram. Por volta da sexta milha, já estava suando. Quando chegou à nona milha, o traseiro começou a lhe pesar.

Ele aumentou a inclinação e diminuiu seu passo. Suas coxas gritavam, tensas, lhe queimando. Seus pulmões ardiavam. Os pés e os joelhos lhe doíam.

Agarrou a camisa com a qual tinha saído e havia deixado pendurado sobre o painel e a utilizou para limpar o suor dos olhos. Calculou que estava desidratado como uma merda, mas não ia parar para beber água. Tinha a intenção de se cansar até cair.

Para continuar mantendo o doloroso ritmo, perdeu-se na música que saía dos alto-falantes. Marilyn Manson, Nine Inch Nails, Nirvana. O material era o suficientemente ruidoso para abafar o ruído da esteira, as canções que soavam na sala de pesos, vis, agressivas, transtornadas. Igual a seu estado de ânimo.

Quando o som foi cortado, não se incomodou em olhar a seu redor. Imaginou que alguém havia chutado o estéreo ou que queria falar com ele e ele não estava interessado em nenhuma das duas coisas.

Tohr apareceu diante da máquina. A expressão que tinha o Irmão fez com que Rhage saísse da esteira e apertasse o botão de STOP.

— O que é? — Ele respirava com força e passou outra vez a camisa pelo rosto.

— Ela se foi. Mary. Se foi.

Rhage se congelou com a camiseta molhada sob o queixo.

— O que significa, se foi?

— Fritz a esperou diante do hospital durante três horas durante sua consulta. Quando entrou na clínica lhe disseram que não estava. Dirigiu até sua casa. Como não estava lá, retornou e a procurou por todo o centro médico.

As têmeoras lhe batiam com força pelo medo em vez de pelo esforço, Rhage falou alto.

— Algum sinal da entrada forçada ou de violência em sua casa?

— Não.

— O carro estava na garagem?

— Sim.

— Quando foi a última vez que ele a viu?

— Eram três horas quando ela foi à consulta. Para sua informação, Fritz telefonou repetidamente, mas só conseguiu falar com a secretária eletrônica.

Rhage olhou seu relógio. Eram somente seis horas. Presumindo uns sessenta minutos mais ou menos para sua consulta com o doutor, ela tinha estado desaparecida durante duas horas.

Encontrava muito difícil imaginar que os lessers a haviam pego na rua. Algo muito mais provável era que ela houvesse ido para casa e a tivessem encontrado ali. Mas, sem sinais de luta na casa, havia uma possibilidade de que não tivessem lhe feito mal.

Ou talvez só a esperança cega estivesse falando.

Rhage saltou da máquina.

— Tenho que me armar.

Tohr lhe colocou uma garrafa de água na mão.

— Beba isto agora. Phury te trouxe seu armamento. O encontrará no vestiário.

Rhage saiu correndo.

— A Irmandade te ajudará a encontrá-la. — Gritou-lhe Tohr.

\*\*\*\*\*

Bella foi até as escadas no começo da noite, puxando da porta da cozinha com triunfo. Agora que os dias se faziam mais curtos, ela tinha mais tempo para estar lá fora. Eram somente seis horas, mas estava escuro. Encantador.

Ela se debatia entre fazer umas torradas ou cozinhar algumas panquecas quando viu que havia luzes no outro lado do prado. Alguém estava na casa de

Mary. Provavelmente eram os guerreiros que estavam instalando o sistema de segurança para ela.

O que significava que se aproximava o momento que poderia ver o homem das cicatrizes outra vez.

Zsadist tinha estado em sua mente desde que haviam se encontrado, até o ponto de que as anotações em seu diário estavam cheias de conjecturas sobre o homem. Ele era só tão...cru. E depois de ter sido mimada durante anos por seu irmão, morria de vontade de escapar e experimentar algo selvagem.

E Deus sabia que a bruta sexualidade de Zsadist o faziam apto para isso.

Vestiu o abrigo e trocou suas sapatilhas por um par de tênis. Fazendo corrida pelo campo, reduziu a velocidade quando passou pelo pátio traseiro da casa de Mary. A última coisa que precisava era correr de um lesser...

— Mary! O que está fazendo aqui?

A humana parecia aturdida quando levantou o olhar da rede onde se encontrava. Embora estivesse frio, só usava um suéter e jeans.

— Oh...hei, olá. Como está?

Bela se ajoelhou ao lado da mulher.

— Vishous terminou?

— Com o quê? — Mary se moveu com rigidez quando se sentou. — Oh, o alarme. Não pensava nisso. Ou ao menos, ninguém me disse nada sobre isso e lá dentro está tudo igual.

— Quanto tempo faz que está aqui fora?

— Não muito tempo. — Ela se esfregou os braços, em seguida soprou sobre suas mãos. — Estava só olhando o pôr-do-sol.

Bela lançou um olhar para a casa, movendo-se com temor.

— Rhage virá te pegar logo?

— Rhage não virá me pegar.

— Então um dos doggen?

Mary se estremeceu quando se levantou.

— Nossa, realmente faz frio.

Quando ela foi para o interior da casa como um zumbi, Bella a seguiu.

— Mary, ah...realmente não deveria ficar aqui sozinha.

— Eu sei. Calculei que estaria a salvo porque era dia.

— Rhage ou algum de seus Irmãos devem ter dito que os lessers não podiam ficar sob o sol? Por que não tenho certeza, mas penso que podem.

Mary se encolheu.

— Eles não me incomodaram, mas não sou estúpida. Vou para um hotel. Só tenho que recolher algumas coisas.

Sem subir, ela vagou ao redor do primeiro andar de sua casa com um estranho tipo de transtorno.

Ela parece estar em choque, pensou Bella. Mas em qualquer caso o problema era que as duas realmente precisavam sair rapidamente, como se o inferno fosse ali.

— Mary, por que não vem jantar comigo? — Ela olhou para a porta traseira. — E, sabe, poderia ficar comigo até que Vishous acabe. Meu Irmão protegeu a casa até com arame. Tem uma rota de fuga clandestina. Estou a salvo e está o suficientemente longe se por acaso eles vierem te procurar, não pensarão que está comigo.

Ela se preparou para discutir, alinhando os contrapontos em sua cabeça.

— Bem, obrigado. — Disse Mary. — Me dê um minuto.

A mulher foi para cima e Bela caminhou pelos arredores, desejando ter uma arma e saber como utilizá-la.

Quando a humana desceu com a bolsa cinco minutos mais tarde, Bela suspirou.

— Onde está o casaco? — Disse ela, quando foi até a porta sem nenhum.

— Sim, um casaco. — Mary deixou cair a bolsa, caminhou para um

armário e tirou uma parca vermelha.

Quando cruzaram juntas o Prado, Bela tentou apressar seu passo.

— A lua está quase cheia. — Disse Mary enquanto a grama rangia sob seus pés.

— Sim, está.

— Escuta, quando estivermos em sua casa, não quero que ligue para Rhage ou para alguém. Ele e eu...separamos nossos caminhos. Não o incomode por mim.

Bela trouxe sua surpresa.

— Ele não sabe que você foi embora?

— Não. Já o averiguará por si mesmo. Ok?

Bela esteve de acordo só para manter os pés de Mary em movimento.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Certamente.

— Foi ele que terminou ou foi você?

Mary caminhou em silêncio durante um momento.

— Eu o fiz.

— Um, ele fez, por acaso... Os dois ficaram íntimos?

— Se nós tivemos sexo? — Mary trocou a L.L. Bean de uma mão à outra.  
— Sim. Tivemos.

— Quando fizeram amor, notou uma espécie de fragrância sobre sua pele? Algo como escuras especiarias...

— Por que me pergunta isso?

— Sinto muito. Não queria bisbilhotar.

Estavam quase na granja quando Mary murmurou.

— Foi a coisa mais linda que já cheirei.

Bella guardou uma maldição para si. Não importava o que Mary pensasse, o loiro guerreiro viria por ela. Um homem vinculado não deixava sua companheira partir. Nunca. E isso se apoiava em sua experiência com civis.

Só podia imaginar o que um guerreiro faria se sua mulher saía correndo.

\*\*\*\*\*

Rhage caminhou por cada um dos aposentos da casa de Mary. No banheiro de cima, encontrou o armário do lavabo aberto. Dentro estavam alinhados os artigos de higiene suplementares, como os sabonetes, as pastas de dente, desodorante. Havia vãos nas ordenadas filas, como se tivesse pegado alguns.

Ela estava em outro lugar, pensou ele, olhando através da janela. Se tivesse ido para um hotel ele provavelmente estava ferrado, porque ela seria bastante inteligente para se registrar com um nome diferente. Talvez poderia tentar em seu trabalho...

Concentrou-se na granja no caminho através do prado. As luzes estavam acesas lá dentro.

Teria ido à casa de Bella?

Rhage desceu e trancou a casa. Uma fração de segundo mais tarde ele se materializou no alpendre dianteiro da casa de Bela e bateu na porta. Quando Bella abriu, a mulher somente se afastou como se tivesse estado esperando por ele.

— Ela está lá em cima.

— Onde?

— No dormitório dianteiro.

Rhage subiu as escadas de dois em dois. Uma vez que esteve ante a porta, não chamou, só a abriu. A luz do corredor iluminou toda o cômodo.

Mary estava profundamente adormecida sobre uma enorme cama de bronze, ele notou que ela usava um suéter e uma calça jeans. Um edredom de patchwork estava atirado sobre suas pernas e estava dobrada ao meio sobre seu estômago, de lado. Estava completamente esgotada.

Seu primeiro instinto foi pegá-la nos braços.

Ficou de pé onde estava.

— Mary. — Manteve a voz impessoal. — Mary. Acorde.

Suas pestanas se moveram, mas só suspirou e moveu um pouco a cabeça.

— Mary.

Oh, merda.

Aproximou-se da cama e sacudiu o colchão com suas mãos. Isto conseguiu atrair sua atenção. Se virou para cima, seus olhos petrificados até que o viu.

E em seguida o olhou confusa.

— O que você está fazendo aqui? — Ela retirou o cabelo do rosto.

— Sim, talvez você queira responder a isso primeiro?

— Não estou em casa.

— Não, não está. Tampouco está onde deveria estar.

Ela se recostou contra os travesseiros e ele ficou extremamente consciente dos escuros círculos sob seus olhos, a pálida linha de seus lábios... e o fato de que ela não lutava contra ele.

Não pergunte, disse-se a si mesmo.

Ah, infernos.

— O que aconteceu esta tarde?

— Só precisava estar sozinha por um tempo.

— Não falo de como fugiu de Fritz. Falaremos disso mais tarde. Quero saber sobre a consulta com o doutor.

— Oh, sim. Isso.

Ele a olhou fixamente enquanto ela brincava com a barra do edredom. Quando ela ficou calada, ele quis gritar. Jogar coisas. Incendiar algo.

— E então? — Ele a forçou.

— Não que eu pensasse que fosse você indigno.

Do que ela estava falando? Ah, sim, aquela pequena encantadora discussão sobre —cuidar dela quando estivesse doente. Homem, ela estava evitando-o.

— O quanto é mau, Mary. E não pense em mentir para mim.

Seus olhos encontraram os seus.

— Querem que na próxima semana eu comece com a quimioterapia.

Rhage expirou lentamente. Bem, só isto bastava para ela ficar fora de si.

Sentou-se sobre a beira de um lado longínquo da cama e fechou a porta com a mente.

— Vai funcionar?

— Acredito que sim. Meu médico e eu vamos nos encontrar em alguns dias, depois que ele falar com alguns de seus colegas. A questão mais importante é quanto mais do tratamento posso tolerar, então tomaram uma amostra de sangue para comprovar meu fígado e meus rins. Disse-lhes que aceitarei tudo o que me possam me dar.

Ele esfregou seu rosto com sua mão.

— Jesus Cristo.

— Eu vi como minha mãe morria. — Disse ela suavemente. — Foi horrível. Ver como perdia suas faculdades e aumentava a dor. No final não era ela, não agia como ela. Ela havia ido embora exceto que seu corpo se recusava a deixar de fazer suas funções básicas. Não digo seja isso que vai acontecer comigo, mas vai ser muito duro.

Mas que droga, doía-lhe o peito.

— E não quer que aconteça?

— Não, não quero. Não quero que nenhum de vocês passem por isso. Preferiria que lembrassem de mim como estou agora. Preferiria que nos recordássemos como estivemos. Vou necessitar de alguns lugares felizes para

onde me voltar.

— Quero estar ali contigo.

— E eu não o necessito. Não vou ter a energia para lhe fazer frente. E a dor...a dor faz que a pessoa mude.

Ele tinha certeza de que isso acontecia. Ele parecia ter envelhecido um século desde que a tinha encontrado.

— Oh, Rhage... — Quando sua voz hesitou, a clareou bruscamente. E ele a odiou por precisar ter tanto controle. — Vou despedi-me ao menos.

Olhou-a sobre o ombro. Sabia que se tentasse abraçá-la ela sairia do quarto, por isso se agarrou à beirada do colchão. E o espremeu.

— O que estou fazendo? — Ela sorriu torpemente. — Sinto te empurrar tudo isso. Sei que seguiste adiante e tudo mais.

— Seguir adiante? — Ele se irritou. — Como você avaliou isso?

— A mulher de ontem à noite. De todos os modos...

— Que mulher?

Quando ela negou com a cabeça, ele perdeu os estribos.

— Deus, mas que inferno, não pode me responder uma pergunta sem nenhuma merda de luta? Considera-o como um ato de compaixão, uma novidade. Partirei em alguns momentos de todos os modos, por isso não terá de se preocupar de fazê-lo outra vez.

Quando seus ombros tremeram ele sentiu como os infernos por ter gritado com ela.

Mas antes que pudesse lhe pedir perdão, ela lhe disse.

— Falo da mulher que levou para sua cama ontem à noite...eu te esperava. Queria te dizer que estava arrependida...te vi entrar em seu quarto com ela. Olhe, não o disse para te culpar nem nada disso.

Não, certamente que não. Ela não queria nada dele. Não queria seu amor. Não queria seu apoio. Nem sequer sexo.

Ele negou com a cabeça, sua voz abatida. Estava tão cansado de dar explicações, mas o fez como se dar conta.

— Era a Diretriz Escolhida. Nós falamos sobre minha alimentação, Mary. Eu não tive sexo com ela. Ele olhou para o chão. Logo deixou a cama e colocou sua cabeça entre suas mãos.

Houve um silêncio.

— Sinto muito, Rhage.

— Sim. Eu também.

Ele ouviu um ruído como se fosse um soluço e abriu seus dedos de maneira que pôde ver o rosto dela por uma fresta. Mas ela não chorava. Não, não Mary. Era muito forte para isso.

Ele, entretanto, não era. Tinha lágrimas em seus olhos.

Rhage clareou a garganta e piscou. Quando voltou a olhá-la, ela o olhava fixamente com ternura e dor que o violentou.

Oh, maravilhoso. Agora ela tinha compaixão por ele por que era negligente e merda. Homem, se não a amasse como a amava, a odiaria nesse momento.

Levantou-se. E se importando um nada com a segurança em sua voz lhe disse.

— O sistema de segurança de sua casa estará conectado conosco. Se for ativado, eu... — ele se corrigiu — algum de nós virá correndo. Vishous entrará em contato contigo quando começar a funcionar.

Quando o silêncio se estendeu, ele se encolheu.

— Então...adeus.

Saiu pela porta e não se permitiu o olhar para trás.

Quando chegou lá embaixo, encontrou Bella na sala de estar. O instante em que a mulher viu seu rosto, seus olhos se arregalaram desmesuradamente. Claramente estava tão espantoso como se sentia.

— Obrigado. — Disse ele, embora não tivesse certeza do que lhe

agradecia. — E já sabe, a Irmandade fará rondas por sua casa. Inclusive depois que ela partir.

— É algo muito amável de sua parte.

Ele assentiu e não perdeu o tempo. Neste ponto era tudo o que podia fazer até poder chegar à porta sem se desmoroar e chorar como um bebê.

Quando se afastou da casa e foi até a grama, não tinha nem idéia de para onde ir. Provavelmente deveria ligar para Tohr, averiguar onde estavam os outros Irmãos, unir-se a eles.

Em vez disso parou no caminho. Diante dele, a lua se elevava sobre a linha de árvores e era cheia, um disco gordo, brilhando na noite fria e limpa. Estendeu seu braço para ela e a olhou com um olho fechado. Brilhando em sua linha de visão, colocou a incandescência lunar sobre a palma de sua mão e manteve a imagem com cuidado.

Fracamente, escutou um ruído palpitante que vinha da casa de Bella. Uma espécie de batida rítmica.

Rhage olhou para trás quando ficou mais forte.

A porta da frente da casa se abriu e Mary saiu correndo da casa, saltando do alpendre, sem perder tempo nos passos no chão. Correu sobre a grama fria com seus pés descalços e se lançou sobre ele, agarrando-se a seu pescoço com ambos os braços. Ela o abraçou assim tão forte como se fosse quebrar-lhe a coluna vertebral.

Soluçava. Gritava. Chorava com tanta força que todo seu corpo tremia.

Não lhe fez perguntas, só a abraçou.

— Não estou bem. — Disse ela com voz rouca entre respirações. — Rhage...Não estou bem.

Ele fechou os olhos e a manteve abraçada.

## CAPÍTULO TRINTA E CINCO

---

O Senhor O levantou a rede que cobria o tubo da boca-de-lobo e enfocou a lanterna para o buraco. O homem jovem que havia lá dentro era o que tinham pegado na noite anterior com o caminhão. A coisa estava viva, tendo sobrevivido ao dia. O lugar de armazenagem tinha funcionado maravilhosamente.

A porta do centro se abriu de repente. O Senhor X caminhou, as botas batendo e os olhos atentos.

— Está vivo?

O Senhor O assentiu e colocou a rede em seu lugar.

— Sim.

— Bom.

— Eu ia levá-lo outra vez.

— Não agora. Quero que visite estes membros. — O Senhor X entregou uma folha de papel com sete endereços nela. — Os registros de e-mail são eficientes, mas as confirmações não eram confiáveis. Consigo as confirmações destes Betas, mas quando falo com seus esquadões, escuto o informe que ninguém os viu durante dias ou mais tempo.

O instinto disse ao Senhor O que fosse com cuidado. O Senhor X o estava acusando de matar Betas no parque e agora o Fore-lesser queria que os verificasse?

— Há algum problema, Senhor O?

— Não. Nenhum problema.

— E outra coisa. Tenho três novos recrutas. Eu os trouxe. Suas iniciações ocorrerão ao longo da próxima semana e meia. Quer vir? Assistir de longe proporciona um verdadeiro espetáculo.

O Senhor O negou com a cabeça.

— É melhor eu me concentrar aqui.

O Senhor X sorriu.

— Preocupado que Omega se distraia com seus encantos?

— Omega não se distrai com nada.

— Você está muito equivocado. Não pode deixar de falar de você.

O Senhor O sabia que havia uma boa possibilidade de que o Senhor X lhe ferasse com sua cabeça, mas seu corpo não tinha a mesma confiança. Afrouxaram-lhe os joelhos e um suor frio apareceu.

— Começarei com a lista agora. — Disse ele indo pegar sua jaqueta e as chaves.

Os olhos do Senhor X brilharam.

— Faça-o, filho, vá diretamente. Vou brincar um pouco com nosso visitante.

— Tudo o que lhe agradar, Sansei.

\*\*\*\*

— Então esta é agora minha casa. — Mary murmurou quando Rhage fechou a porta do dormitório.

Ela sentiu os braços dele ao redor de sua cintura, e a apertou contra seu corpo. Quando ela olhou o relógio, compreendeu que só fazia uma hora e meia desde que tinham abandonado a casa de Bella, mas toda sua vida tinha mudado.

— Sim, esta é seu casa. Nossa casa.

As três caixas alinhadas contra a parede estavam cheias com roupa sua, seus livros favoritos, alguns DVD, algumas fotos. Com Vishous, Butch e Fritz que a tinham ajudado, não havia demorado muito tempo para recolher algumas coisas, utilizando o Escalade de Vishous e sendo conduzidos de volta à mansão. Mais tarde ela e Rhage retornariam para finalizar o trabalho. E pela manhã ligaria para o escritório de advogados e os deixaria. Também procuraria um agente imobiliário e venderia a granja.

Deus, realmente tinha ido e o tinha feito. Indo com Rhage e desistindo de sua antiga vida.

— Deveria desempacotar.

Rhage lhe pegou as mãos e a levou em direção da cama.

— Quero que descanse. Parece muito cansada para estar de pé.

Enquanto ela se deitava, ele tirou o trench-coat e tirou seu conjunto de adagas e a arma de seu cinturão. Ele se deitou ao seu lado, criando um declive no colchão que fez que ela caísse contra ele. Todos os abajures se apagaram, o quarto se afundou na escuridão.

— Tem certeza de que está preparado para tudo isto? — Disse ela quando seus olhos se acostumaram ao brilho ambiental das janelas. — Por todas minhas...coisas?

— Não faça que eu utilize a palavra F...novamente.

Ela riu.

— Não vou fazer. É só que ...

— Mary, amo você. Estou mais que preparado para todas suas coisas.

Ela colocou sua mão sobre seu rosto e ficaram calmos por um tempo, só respirando juntos.

Ela estava a ponto de dormir quando ele disse.

— Mary, sobre os arranjos da minha alimentação. Enquanto nós estávamos em sua casa, chamei à Escolhida. Agora que retornaste, terei que as utilizar.

Ela ficou tensa. Mas infernos, se ela ia estar com um vampiro e ele não podia viver de seu sangue, iam ter que tratar do problema de algum modo.

— Quando vais fazê-lo?

— Uma mulher virá esta noite e como te disse antes, eu gostaria que você estivesse comigo. Se você estiver confortável com isso.

Como seria vê-lo? perguntou-se ela. Ele iria segurar a mulher em seus braços e beberia de seu pescoço? Deus, embora não tivesse sexo com ela, Mary não tinha muita certeza de poder olhar.

Ele beijou sua mão.

— Confie em mim. Este será o melhor caminho.

— Sim o farei, ah, se não poder lidar com...

— Não te obrigarei a olhar. É só...que há uma intimidade inevitável nisso e acredito que ambos estaremos mais confortável se você estivesse lá. Dessa maneira saberá exatamente o que implica. Não há nada oculto ou sombrio nisso.

Ela assentiu.

— Tudo bem.

Ele suspirou.

— Esta é uma verdade da vida que não posso mudar.

Mary colocou sua mão sobre seu peito.

— Sabe, até que seja um pouco espantoso, desejaria que fosse eu.

— Oh, Mary, eu também.

\*\*\*\*

John verificou seu relógio. Tohrment viria pegá-lo em cinco minutos, por isso era hora de dirigir-se para baixo. Pegou sua jaqueta com ambas as mãos e foi até a porta. Rezou por não encontrar-se com o homem pálido no caminho ou enquanto esperava, por que queria encontrar-se com Tohrment lá fora. Sentia-se mais como um igual, de algum modo.

Quando se aproximou do meio-fio, olhou na direção das duas janelas que tinha estado olhando fixamente durante tantas horas. Abandonava o colchão e o jogo de alteres, assim como seu depósito de segurança e o aluguel do mês passado por quebra de contrato. Teria que retornar para pegar sua bicicleta depois que Tohrment chegasse, embora por outra parte, estava livre desse lugar.

Olhou rua abaixo, perguntando-se por qual direção chegaria. E que tipo de carro conduziria. E onde viveria. E com quem era casado.

Tremendo de frio, John verificou novamente seu relógio. Eram nove horas em ponto.

Uma solitária luz flamejou a sua direita. Ele estava bastante seguro de que Tohrment não utilizaria uma moto para recolhê-lo. Mas a fantasia do rugido na

noite era bom.

Quando a Harley rugiu afastando-se, olhou através da rua para os escritórios do Linha Direta de Prevenção do Suicídio. Mary tinha desaparecido na sexta-feira e no sábado de noite também, e esperava que ela somente tivesse tirado férias. Assim que estivesse instalado, voltaria outra vez e se asseguraria de que ela estivesse bem.

Exceto ...wow, não tinha nenhuma pista de para onde ia. Estava assumindo que ficaria na área, mas quem sabia? Talvez ia para longe. Imaginou que estava partindo...

Caldwell. Deus, gostaria de ter um começo limpo. E sempre encontraria um modo de encontrar Mary, inclusive se tivesse que pegar um ônibus.

Dois carros mais e um caminhão passaram.

Tinha sido tão fácil sair de sua patética existência. Ninguém no Moe's se preocupou com que ele os deixasse sem avisar já que os ajudantes de garçons havia aos montes. E isto sem dizer que ninguém no edifício sentiria a falta dele. Da mesma maneira, agenda de endereços estava tão limpa como um assobio, nenhum amigo, nenhum familiar para quem ligar.

Na realidade, não tinha uma agenda de endereços. E quão pobre era isso?

John se deu uma olhada, pensando em como lamentável devia parecer. Seus tênis estavam sujos, as partes brancas eram cinza. Sua roupa estava limpa, mas os jeans tinham dois anos e a camisa, que era a melhor que tinha, parecia uma doação da Legião da Boa Vontade. Inclusive não tinha uma jaqueta já que haviam lhe roubado sua parca na semana anterior no Moe's e ia ter que economizar antes de poder comprar outra.

Desejaria estar melhor.

As luzes se balançavam rapidamente ao redor do Trade Street e em seguida foram para cima, como se o condutor apertasse com força o acelerador. Isso não era bom. Nesta vizinhança, quem passava geralmente corria diante dos policiais ou algo pior.

John deu um passo colocando-se para trás de uma caixa amassada, tentando passar despercebido, mas o Range Rover negro patinou freando diante dele. As janelas escurecidas. Os acabamentos de cromo. E G-Unit tocava no interior, a música era alta o suficiente para que se ouvisse em todo a quadra.

John pegou sua mala e se dirigiu para seu edifício. Inclusive se corresse do homem pálido, estaria mais a salvo dentro do vestibulo que em qualquer parte perto do traficante de droga que levava esse Rover. Ia para a porta quando a música cessou.

— Está preparado, filho?

John se virou para o som da voz de Tohrment. O homem dava a volta pelo capô do carro, e nas sombras parecia uma ameaça, uma grande e forte figura da que as pessoas se afastariam.

— Filho? Está pronto para partir ?

Quando Tohrment deu um passo para a frágil luz das luzes da rua, os olhos de John examinaram o rosto do homem. Deus, tinha esquecido como assustava ver o cara com esse corte de cabelo militar e aquele duro queixo.

Talvez fosse uma má idéia, pensou John. Uma opção feita do medo de uma coisa que só o jogaria mais profundamente em outro tipo de problemas. Não sabia para onde ia. E os rapazes como ele podiam acabar no rio depois que tivessem entrado em um carro assim. Com homem assim.

Como se sentisse a indecisão de John, Tohrment se apoiou contra o Rover e cruzou seus pés sobre seus tornozelos.

— Não quero que se sinta forçado, filho. Mas te direi que minha shellan esteve cozinhando boa comida e tenho fome. Por isso se vier, comerá conosco, verá a casa. Pode nos provar. E inclusive deixar suas coisas aqui. Que tal parece?

Inclusive a voz era tranqüila. Nenhuma ameaça. Mas o cara realmente mostraria o lado mau se queria colocar John no carro?

Um telefone celular soou. Tohrment o tirou da jaqueta de couro e o abriu.

— Sim. Oi, não, agora mesmo estou com ele. — Um pequeno sorriso quebrou a linha dos lábios do homem. — Estamos pensando. Sim, eu direi. Uh — huh. Bem. Já vou. Sim, farei isto também. Wellsie, eu... sei. Olhe, não queria deixá-lo de fora, não o farei outra vez. Prometo-lhe isso. Não...Sim, eu realmente...Uh - huh. Sinto muito, leelan.

Era a esposa, pensou John. E ela parecia estar brigando com este cara durão. E o homem o aceitava.

— Bem. Amo você! Adeus! — Tohrment fechou o celular e o meteu no

bolso. Quando se concentrou em John outra vez, claramente respeitava sua esposa o suficiente para não fazer rolar os olhos e se fazer de macho, fazendo comentários sujos sobre as mulheres. — Wellsie diz que realmente tem vontade de te conhecer. Ela espera que fique conosco.

Bem...certo.

Escutando seus instintos, estes lhe diziam que Tohrment era a segurança e independência que representava independentemente do que se via, John levou a bagagem nas costas até o carro.

— Isto é tudo o que você tem?

John se ruborizou e assentiu.

— Não deve se envergonhar de nada, filho. — Disse Tohrment suavemente. — Não quando estiver comigo.

O homem estendeu a mão e tomou a mala como se não pesasse nada, jogando-a casualmente no assento traseiro.

Quando Tohrment foi para o lado do condutor, John compreendeu que havia se esquecido de sua bicicleta. Deu um toque sobre o Rover para conseguir a atenção do homem; então indicou o edifício e sustentou seu índice.

— Necessita de um minuto?

John assentiu e foi disparado para seu apartamento. Tinha sua bicicleta e deixou as chaves sobre o contador, quando ele fez uma pausa e olhou a seu redor. A realidade de se afastar do estúdio lhe fez reconhecer a miséria do lugar. Mas de todos os modos, isto tinha sido durante um tempo, o melhor que podia permitir-se com o pouco que tinha. Sentindo um impulso, pegou a caneta de seu bolso traseiro, abrindo um dos frágeis armários e escreveu seu nome e a data sobre a parede interior.

Então conduziu sua bicicleta pelo corredor, fechou a porta e movendo-se rapidamente desceu pelo vão da escada.

## CAPÍTULO TRINTA E SEIS

---

— Mary? Mary, acorde. Ela já está aqui. — Mary sentiu que o ombro se movia e quando abriu os olhos, Rhage afastou o olhar dela. Ele havia colocado uma espécie de roupa branca, de manga larga com calças folgadas.

Ela se levantou, tentando se juntar a ele.

— Tenho um minuto?

— Com certeza.

Entrou no banheiro e se lavou o rosto. Com a água fria lhe gotejando do seu queixo, olhou fixamente seu reflexo. Seu amante estava a ponto de beber sangue. Diante dela.

E isto não era a parte mais estranha. Sentia-se inadequada por que não era ela quem o alimentaria.

Não querendo ficar naquela agonia mental, pegou uma toalha e se secou com uma boa esfregada. Não havia tempo para trocar seu jeans e seu suéter. E realmente nada mais queria levar, de todos os modos.

Quando saiu, Rhage estava tirando o relógio.

— Quer que eu guarde para você? — Perguntou-lhe ela, recordando a última vez que tinha guardado o Rolex.

Ele caminhou e colocou o pesado objeto sobre a palma de sua mão.

— Me beije.

Ela se elevou nas pontas dos pés enquanto ele se inclinava. Suas bocas se encontraram durante um momento.

— Vamos. — Ele tomou sua mão e a conduziu para o corredor. Como ela estava confusa, ele lhe disse.

— Não quero fazê-lo em nosso quarto. Esse é nosso espaço.

Levou-a para outro lado da sacada, a outro quarto de hóspedes. Quando abriu a porta, entraram juntos.

Primeiro Mary cheirou a rosas e depois viu a mulher no canto. Seu corpo viçoso estava coberto por um vestido branco envolvente e seu cabelo loiro avermelhado estava recolhido sobre sua cabeça. Com o decote pronunciado, o amplo vestido e a trança, seu pescoço estava o mais exposto possível.

Ela sorriu e se inclinou, falando aquela língua desconhecida.

— Não. — Disse Rhage. — Em inglês. Falaremos em inglês.

— Certamente, guerreiro. — A voz da mulher era alta e pura, como a chamada do canto de um pássaro. Seus olhos, verde pálido e encantadores, atrasaram-se sobre o rosto de Rhage.

— Estou contente de poder te servir.

Mary se moveu, tentando reprimir o impulso de defender seu terreno. Servi-lo?

— Como se chama, Escolhida? — Perguntou-lhe Rhage.

— Sou Layla. — voltou a se inclinar. Quando ela voltou para seu lugar, seus olhos percorreram o corpo de Rhage.

— Ela é Mary. — Ele lhe colocou seu braço ao redor de seus ombros. — Ela é minha...

— Noiva. — Disse Mary bruscamente.

A boca de Rhage se retesou.

— É minha companheira.

— Certamente, guerreiro. — A mulher voltou a se inclinar, desta vez para Mary. Quando levantou o rosto, sorriu calorosamente. — Querida, será um prazer servi-la também.

Bem, bom, pensou Mary. Então tira seu traseiro fraco daqui e se assegure de que sua substituta seja gorda, feia, muito desdentada.

— Onde me quer? — Perguntou-lhe Layla.

Rhage olhou ao redor do quarto antes de se concentrar na luxuosa cama com dossel.

— Ali.

Mary ocultou um estremecimento. Oh, esta não seria sua primeira opção.

Layla se aproximou, fazendo que o sedoso vestido formasse redemoinhos atrás dela. Sentou-se sobre o edredom de cetim, mas quando colocou suas pernas em cima, Rhage negou com a cabeça.

— Não. Fique sentada.

Layla franziu o cenho, mas não discutiu. Sorriu quando ele deu um passo para frente.

— Vamos. — Disse ele, pegando a mão de Mary.

— Isto é o suficientemente perto.

Ele a beijou e se aproximou da mulher, ficando de joelhos diante dela. Quando suas mãos foram até seu vestido como seu fosse tirá-lo Rhage a deteve.

— Beberei do pulso. — Disse ele. — E você não deverá me tocar.

A súbita decepção mexeu com os traços de Layla, ampliando seus olhos. Desta vez, quando inclinou a cabeça, parecia vergonha, não respeito.

— Estou corretamente limpa para o uso. Pode me inspecionar, se o desejar.

Mary colocou as mãos sobre a boca. Aquela mulher se via nada mais que um objeto para ser utilizado, era espantoso.

Rhage negou com a cabeça, claramente incômodo com a resposta, também.

— Deseja a alguma outra? — Perguntou-lhe Layla suavemente.

— Não quero nada disso. — Resmungou ele.

— Mas por que chamou às Escolhidas se não tem a intenção de servir-se a si mesmo?

— Não pensei que isto seria tão difícil.

— Difícil? — A voz de Layla se fez mais profunda. — Peço perdão, mas não consigo ver o que lhe incomoda.

— Não é o que e não me sinto ofendido. Minha Mary...é humana e não posso beber dela.

— Então ela se unirá só aos prazeres da cama. Seria uma honra lhe subministrar ali.

— Ah, sim, isto não é... ela não está para...ah, nós três não vamos a... — Bom Deus, Rhage estava se ruborizando. — Mary esta aqui por que não terei nenhuma outra mulher, mas devo me alimentar, entende? — Rhage amaldiçoou e se levantou. — Isto não vai funcionar. Não estou de acordo com isto.

Os olhos de Layla brilharam.

— Você diz que deve alimentar-se, mas é incapaz de tomar sua veia. Estou aqui. Estou disposta. Terei prazer em lhe dar o que necessita. Por que se sente incômodo? Ou talvez quer esperar mais? Até que a fome o consuma e o coloque em perigo sua companheira?

Rhage passou a mão pelo cabelo. Esticando-o. Puxando-o.

Layla cruzou as pernas, o vestido se abriu por uma coxa. Era toda uma imagem, sentada sobre aquela exuberante cama, tão apropriada e inclusive tão incrivelmente sexual.

— Desvaneceram-se as tradições de sua mente, guerreiro? Sei que passou muito tempo, mas como pode sentir-se indeciso sobre minha assistência? Este é um de meus deveres e encontro uma grande honra nisso. — Layla moveu a cabeça. — Ou direi, encontrava. Encontrávamos. Nós as Escolhidas o temos feito durante séculos. Ninguém da Irmandade nos chamou, não somos desejadas, sem uso. Quando você finalmente estendeu a mão, ficamos muito contentes.

— Sinto muito. — Rhage lançou um olhar para Mary. — Mas não posso...

— É por ela pelo que mais se preocupa, não é mesmo? — Murmurou Layla. — Preocupa-lhe o que pensará se ela o vê com meu pulso.

— Ela não está acostumada aos nossos costumes.

A mulher lhe estendeu a mão.

— Querida, venha e sente-se comigo assim ele poderá olhá-la enquanto bebe, poderá sentir seu toque e cheirá-la, para que seja parte disto. De outra maneira ele me rechaçará e aonde isso os levará? — Quando o silêncio se

manteve e Mary ficou quieta, a mulher lhe fez gestos com impaciência. — Certamente compreende que de outra forma ele não beberá. Deve fazer isto por ele.

\*\*\*\*\*

— Então, é aqui. — Disse Tohrment quando estacionou o Rover em sua moderna casa.

Estavam em uma zona da cidade que era desconhecida a John, onde as casas estavam separadas e afastadas umas das outras. Havia muitas com grandes portas de ferro negro, gramas circundantes e as árvores não só eram arces e carvalhos, alguns fantásticos, o nome dos quais desconhecia.

John fechou os olhos, desejando não estar usando uma camisa a qual faltava um botão. Talvez se mantivesse seu braço ao redor de seu estômago, a esposa de Tohrment não notaria.

Deus... e se tivessem filhos? Que ririam dele...

Tem filhos? — John o considerou sem pensar.

— O que acontece, filho?

John pinçou em seus bolsos procurando algumas folhas dobradas de papel. Quando encontrou a caneta, escreveu rapidamente e virou o papel.

Tohrment ficou quieto e olhou para sua casa, aquele rosto tenso e duro como se tivesse com medo do que havia lá dentro.

— Nós poderíamos ter uma criança. Em pouco mais de um ano. Minha Wellsie está grávida, mas nossas mulheres passam muito mal durante o parto. — Tohrment moveu a cabeça, seus lábios se retesaram. — Quando for maior, aprenderá a temer a gravidez. É um maldito ladrão de sheellan. Sinceramente, preferiria não ter nenhuma criança a perdê-la. — O homem clareou a garganta. — De todas as formas, vamos. Comeremos e depois te levarei ao centro de treinamento.

Tohrment puxou a maçaneta da porta da garagem e saiu. Enquanto John pegava a mala do assento traseiro, o homem tirou a bicicleta dez marchas da parte posterior. Entraram andando na garagem e Tohrment acendeu as luzes.

— Vou deixar sua bicicleta aqui contra a parede, ok?

John assentiu e olhou a seu redor. Havia um Volvo familiar e ...um Corvette Sting Ray conversível dos anos 60.

John só pôde olhá-lo fixamente.

Tohrment sorriu suavemente.

— Por que não se aproxima e o saúda?

John deixou cair sua mala e se aproximou do Vette com um atordoamento amoroso. Estendeu a mão, querendo acariciar o metal liso, mas então retirou a mão.

— Não, toca-o. Ela gosta de atenção.

Oh, era um lindo carro. Brilhante, azul metálico claro. E a coberta estava abaixada e por isso podia ver o interior. Os assentos brancos eram magníficos. O volante brilhava. No painel estavam todos os indicadores. Quando esteve disposto a apostar que o motor soava como os trovões quando o ligasse. Provavelmente cheirava como o azeite fresco que se coloca no aquecedor.

Olhou para Tohrment, pensando que seus olhos iam estalar. Desejaria poder falar, só dizer ao homem quão especial era o carro.

— Sim, está bom, não é mesmo? Restaurei-o eu mesmo. Estou a ponto de colocar nela as tampas para o inverno, mas talvez nos poderíamos levá-lo ao centro esta noite, que te parece? Faz frio, mas podemos nos colocar os casacos.

John irradiou alegria. E continuou sorrindo abertamente quando o pesado braço do homem lhe rodeou seus finos ombros.

— Vamos te alimentar, filho.

Tohrment recolheu a mala e se dirigiram para a porta ao lado da qual estava a bicicleta. Quando entraram na casa, chegou-lhe o aroma da comida mexicana, rica e picante.

O nariz de John se emocionou. Seu estômago se retorceu. Santo inferno, não ia ser capaz de comer nada de tudo isso. E se a esposa de Tohrment se ofendesse...?

Uma ruiva deslumbrante apareceu em seu caminho. Ela facilmente media 1,80m, tinha a pele como a fina porcelana e usava um amplo vestido amarelo. Seu cabelo era incrível, um rio solto de ondas que lhe caíam como uma

cascata pelas costas.

John colocou um braço a seu redor, ocultando a casa do botão.

— Como está meu hellren? — Disse a mulher, levantando sua boca para beijar Tohrment.

— Bem, leelan. Wellsie, este é John Matthew. John, esta é minha shellan.

— Bem vindo, John. — Ela lhe ofereceu a mão. — Estou muito feliz de que fique conosco.

John lhe deu a mão e rapidamente recolocou o braço em seu lugar.

— Vamos, meninos. O jantar está preparado.

Todos os armários da cozinha eram de cor cereja, balcões de mármore e brilhantes aplicações negras. Um conjunto de mesa de vidro e metal com três lugares estava preparada. Tudo se via muito novo.

— Sentem os dois. — Disse Wellsie — Trarei a comida.

Ele olhou para pia. Era de porcelana branca com uma graciosa torneira de cobre que se elevava no alto.

— Quer lavar as mãos? — Disse ela. — Lave aqui mesmo.

Havia um pequeno sabonete no prato, lavou todas a partes, inclusive debaixo das unhas. Depois que ele e Tohrment se sentassem, Wellsie chegou com os pratos e sacos cheios de comida. Apimentadas. Queijadinhas. Ela se foi para pegar mais.

— Agora, eu vou falar sobre isso. — Disse Tohrment quando se serviu, amontoando a comida em seu prato plano. — Wellsie, isto parece fantástico.

John olhou a amostra. Não havia nada na mesa que ele pudesse agüentar. Talvez pudesse lhes dizer que tinha comido antes...

Wellsie deixou uma tigela diante dele. Estava cheio de arroz branco com um páldo molho sobre ele. O aroma era delicado, mas atraente.

— Isto aliviará seu estômago. Leva gengibre. — Disse ela. — O molho tem muita gordura, o que te ajudará a ganhar algum peso. De sobremesa, fiz pudim de banana. Isto desce bem e tem muitas calorias.

John olhou fixamente a comida. Ela sabia. Sabia o que não podia comer. E o que podia.

A tigela que tinha diante de si ficou embaçada. Ele piscou rapidamente. Freneticamente.

Apertou sua boca fechada, apertando as mãos em seu colo até que os nódulos se gretaram. Não ia chorar como uma criança. Desonrar-se assim.

A voz de Wellsie soou tranqüila.

— Tohr? Quer nos conceder um minuto?

Escutou-se o som de uma cadeira que era colocada para trás e depois John sentiu uma sólida mão sobre seu ombro. O peso de passos que se afastavam do cômodo.

— Agora já pode. Ele já se foi.

John fechou os olhos e dobrou-se, lágrimas rolavam por suas bochechas.

Wellsie colocou uma cadeira a seu lado. Lentamente, movendo-se, ela acariciou suas costas.

Sentia-se aliviado de que Tohrment tivesse ido e o encontrasse a tempo. Aquela casa em que ia ficar era muito agradável e limpa. Wellsie fazia algo especial, algo que seu estômago poderia tolerar.

Ambos haviam lhe deixado manter seu orgulho.

John sentiu que o puxavam para um lado e depois o abraçavam. Embalando-o.

Seco, absorveu a bondade.

Um pouco mais tarde ele levantou a cabeça e sentiu como lhe colocavam um guardanapo na mão. Limpou o rosto, arrojou para trás os ombros e olhou Wellsie.

Ela sorriu.

— Está melhor.

Ele assentiu.

— Vou chamar Tohr, certo?

John assentiu outra vez e recolheu o garfo. Quando comeu o arroz, gemeu. Não tinha muito gosto de verdade, mas quando chegou a seu estômago, em vez de espasmos sentiu um maravilhoso afrouxamento em seu estômago. Era como se a coisa tivesse sido calibrada expressamente para o que seu sistema digestivo necessitava.

Não podia levantar o olhar quando Tohrment e Wellsie voltaram a se sentar e foi relevado enquanto eles começaram a falar de coisas normais. Diligências. Amigos. Projetos.

Quando terminou todo o arroz e olhou para a estufa, perguntou-se se haveria mais. Antes de poder perguntar, Wellsie tomou sua tigela e devolveu-a cheia. Comeu três tigelas. E um pouco de pudim de banana. Quando deixou a colher, compreendeu que era a primeira vez em sua vida que havia se sentido cheio.

Suspirou, recostando-se na cadeira e fechou os olhos, escutando o tom profundo da voz de Tohrment e as doces respostas de Wellsie.

Parecia um arrulho, pensou ele. Sobre tudo enquanto falavam em uma língua que ele não reconhecia.

— John? — Disse Tohrment.

Tentou sentar-se, mas estava tão sonolento que a única coisa que podia fazer era manter abertos os olhos.

— Vou levar você para seu quarto para que possa descansar. Iremos ao centro em alguns dias, ok? Dê-se um pouco de tempo para se adaptar.

John assentiu, pensando que não se sentiria muito melhor até que tivesse realmente uma noite boa de sono.

De todos os modos ele levou seu prato à pia, limpando-o e colocando-o na máquina de lavar pratos. Quando foi ajudar a limpar a mesa, Wellsie negou com a cabeça.

— Não, eu o farei. Vá com Tohr.

John tirou sua caneta e seu papel. Quando terminou de escrever, girou as palavras para Wellsie.

Ela sorriu.

— É muito bem-vindo. E sim, mostrarei como fazê-lo.

John assentiu. E depois estreitou os olhos.

Wellsie sorria tão extensamente que ele viu algum de seus dentes. Dois frontais eram muito longos.

Ela fechou a boca, como se estivesse se corrigindo a si mesma.

— Só vai dormir, John e não se preocupe com nada. Haverá muito tempo para pensar amanhã.

Olhou para Tohrment, cujo rosto era distante.

E foi assim que soube. Soube sem que o dissessem. Sempre tinha sido consciente de que era diferente, finalmente ia saber por que: estas duas encantadoras pessoas iam dizer se o era.

John pensou em seus sonhos. De dentadas e sangue.

Tinha o pressentimento de que não era sua imaginação.

Eram suas lembranças.

## CAPÍTULO TRINTA E SETE

---

Mary cravou os olhos na mão estendida da Escolhida e depois olhou para Rhage. Seu rosto era sombrio, seu corpo estava tenso.

— Não vai ajudá-lo? — Perguntou-lhe Layla.

Tomando fôlego, Mary foi para o lugar estendendo sua mão para ela.

Layla a puxou para baixo e sorriu um pouco.

— Sei que está nervosa, mas não se preocupe, isto terminará rapidamente. Então irei e então só estarão você e ele. Podem abraçar um ao outro e me tirar de seus pensamentos.

— Como pode suportar ...ser usada deste modo? — Disse Mary.

Layla franziu o cenho.

— Proporciono o que é necessário, não sou usada. E como não vou dar à Irmandade? Eles nos protegem para que possamos viver. Eles nos dão nossas filhas para que as tradições possam continuar...ou ao menos, costumavam fazê-lo. Ultimamente nossos números míngam, porque os Irmãos não vão até nós. Temos uma necessidade desesperada por crianças, mas por lei só podemos nos reproduzir com os membros da Irmandade. — Ela olhou para Rhage. — É por isso que fui selecionada esta noite. Estou perto de minha necessidade e tínhamos esperado que me tomasse.

— Não queria dormir com você. — Disse Rhage suavemente.

— Eu sei. De todos os modos lhe servirei.

Mary fechou os olhos, imaginando o tipo de criança que Rhage poderia dar a uma mulher. Quando sua mão procurou seu estômago plano, ela o imaginou crescendo, aumentando e pesado. A alegria seria esmagante; estava muito segura. Como a dor de saber que nunca aconteceria era enorme.

— Então, guerreiro o que vai fazer? Tomará o que estou contente de dar? Ou correrá o risco de machucar sua companheira?

Quando Rhage hesitou, Mary compreendeu que a única solução estava ante a eles. Ele tinha que fazê-lo.

— Bebe. — Ordenou-lhe ela.

Ele procurou seus olhos

— Mary?

— Quero que te alimente. Agora.

— Tens certeza?

— Sim.

Durante um batimento o silêncio se congelou. Então ele voltou a ajoelhar-se ante Layla outra vez. Quando se inclinou para frente, a mulher levantou a manga e pôs seu braço sobre sua coxa. As veias no interior de seu pulso eram azul claro debaixo da pele branca.

Rhage procurou a mão de Mary enquanto abria sua boca. Suas presas se estenderam, crescendo três vezes mais que o habitual. Com um leve som de murmúrio, inclinou-se e colocou sua boca sobre Layla. A mulher se retesou e depois relaxou.

O polegar de Rhage acariciou o punho de Mary, sua mão quente contra a sua. Ela não podia ver exatamente o que ele fazia, mas o sutil movimento de sua cabeça indicava que chupava. Quando apertou sua mão, lhe devolveu o gesto fracamente. Toda a experiência era muito estranha e tinha razão: havia uma espantosa intimidade nisso.

— Acaricie-o. — Sussurrou Layla. — Ele está a ponto de parar e muito cedo. Não tomou suficiente.

Entumecidamente, Mary estendeu a mão e a colocou sobre a cabeça dele.

— De acordo. Estou bem.

Quando Rhage fez o movimento de jogar-se para trás, como se soubesse que ela estava mentindo, ela pensou em tudo o que ele estava disposto a fazer por ela, tudo o que ele tinha sido capaz de fazer por ela.

Mary sustentou sua cabeça no lugar, empurrando-o para baixo.

— Tome seu tempo. De verdade, tudo está bem.

Quando ela apertou sua mão, seus ombros se suavizaram e se aproximou a ela, colocando seu corpo a seu redor. Ela separou suas pernas para que ele pudesse colocar-se entre elas, seu peito descansando sobre sua coxa, sobre suas diminuídas costas. Ela colocou a mão sobre seu loiro cabelo, suas grossas mechas, lisas que se afundavam entre seus dedos.

E de repente, tudo deixou de ser tão estranho.

Ainda que ela pudesse sentir os puxões dele enquanto chupava da veia de Layla, o corpo de Rhage contra o seu lhe era familiar e a carícia sobre sua mão lhe dizia que pensava nela enquanto se alimentava. Ela olhou para Layla. A mulher o olhava, mas a concentração sobre seu rosto era clínica.

Mary recordou o que ele havia lhe dito sobre o beber: se a mordesse, sentiria seu prazer. Claramente não havia nada entre ele e a Escolhida. Seus corpos estavam separados, tranquilos. Não com as convulsões de qualquer tipo de paixão.

Os olhos de Layla se elevaram e ela sorriu.

— Está fazendo bem. Só outro minuto mais ou menos.

Quando acabou, Rhage levantou sua cabeça ligeiramente e deu volta ao corpo de Mary, que aliviava o aperto de seus quadris, colocando seus braços ao redor dela. Ele descansou seu rosto sobre sua coxa e embora ela não pudesse lhe ver a expressão, seus músculos estavam relaxados, inclusive respirando profundamente.

Ela lançou um olhar ao pulso de Layla. Havia duas pequenas espetadas e um leve rubor, só um pequeno corrimento de sangue.

— Ele necessitará de algum tempo para recompor-se. — Disse Layla quando ela se lambeu e depois baixou a manga. Ficou de pé.

Mary acariciou as costas de Rhage enquanto olhava à mulher.

— Obrigado.

— Seja muito bem vinda.

— Virá outra vez quando ele a necessitar?

— Vocês dois me querem? Eu, especificamente?

Mary se fortaleceu ante a emoção da mulher.

— Sim, eu, ah, penso que sim.

Lay la absolutamente brilhava, seus olhos cheios de felicidade.

— Querida, isso seria uma honra. — Ela se inclinou. — Ele sabe como me convocar. Chame-me a qualquer momento.

A mulher deixou o quarto com o passo ligeiro.

Quando a porta se fechou, Mary se inclinou e beijou o ombro de Rhage. Ele se mexeu. Levantando a cabeça pouco a pouco. Então ele se esfregou a boca com sua mão, como se não quisesse que ela visse nenhum resto de sangue sobre ele.

Quando elevou o olhar para ela, suas pálpebras eram baixas, seu fixo olhar brilhante um pouco embaçado.

— Olá. — Disse ela, acariciando seu cabelo para trás.

Ele sorriu com esse sorriso especial seu, o que fazia que parecesse um anjo.

— Olá.

Ela tocou seu lábio inferior com seu polegar.

— Estava boa? — Quando ele hesitou, disse ela. — Seja honesto comigo.

— Sim. Mas preferiria que tivesse sido você e pensei em você o tempo todo. Imaginava que fosse você.

Mary se apoiou para baixo e lambeu sua boca. Quando seus olhos flamejaram com surpresa, ela deslizou sua língua em seu interior e agarrou uma amostra do persistente sabor, um vinho tinto doce.

— Bom. — Ela murmurou contra seus lábios. — Quero que pense em mim quando o fizer.

Ele colocou suas mãos sobre os lados do pescoço, seus polegares diretamente sobre suas veias.

— Sempre.

Sua boca encontrou a sua e ela o agarrou pelos ombros, aproximando-o mais. Quando ele tirou seu suéter, ela levantou os braços para lhe ajudar a fazê-lo e depois deixou que a jogasse na cama. Tirou-lhe as calças e suas calcinhas e depois tirou sua própria roupa.

Ele pairou sobre ela, recolhendo-a com um braço e colocando-a antes sobre a cama. Sua coxa entre suas pernas e depois pressionou seu corpo sobre o colchão, a pesada excitação lhe chegando até seu próprio centro. Ela ondulando-se contra ele, acariciando-se, acariciando-o.

Sua boca movendo-se urgentemente enquanto se beijavam, mas ele entrou nela devagar, separando-a com cuidado, esticando-a, unindo-se. Ele era grosso, duro, divino e se movia languidamente, profundamente. Aquele escuro aroma delicioso saiu de sua pele, saturando-a.

— Não terei nenhuma outra. — Disse ele contra sua garganta. — Não tomarei a nenhuma mais que não seja você.

Mary colocou suas pernas ao redor dos quadris, tentando tê-lo em seu interior para que ficasse com ela sempre.

\*\*\*\*

John seguiu Tohrment pela casa. Havia muitos quartos e todos os móveis e as decorações eram realmente agradáveis, realmente antigos. Fez uma pausa ante uma pintura com a cena de uma montanha. Um pequeno letreiro em cobre estava sobre o marco dourado onde se lia Frederic Church. Perguntou-se quem e o que era e decidiu que o cara era terrivelmente bom no que fazia.

Foi até o final do vestibulo, Tohrment abriu uma porta e acendeu uma luz.

— Coloquei sua mala aqui.

John entrou. As paredes e o teto eram pintados em azuis escuros e havia uma grande cama com uma cabeceira lisa e muitos travesseiros grandes. Havia também uma mesa e um birô. E um conjunto de portas de vidro que se deslizavam e davam para um terraço.

— O banheiro é aqui. — Tohrment acendeu outra luz.

John colocou a cabeça e viu uma parte de mármore azul escuro. A ducha era de vidro e...wow, havia quatro duchas para que saísse a água.

— Se necessitar de alguma coisa, Wellsie estará aqui e eu voltarei por

volta das quatro da manhã. Nós descemos nesse momento cada noite. Se nos necessitar durante o dia, só pegar qualquer telefone e disca o número um. Ficaremos muito felizes de vê-lo a qualquer momento. Ah e temos dois doggen, ou pessoal, quem nos dão uma mão por aqui, Sal e Regine. Ambos sabem que está aqui conosco. Eles se levantam ao redor das cinco horas. Se tiver que sair, só a eles que o levem.

John se aproximou da cama e tocou a capa do travesseiro. Era tão suave, que quase não podia senti-la.

— Estará bem aqui, filho. Poderá custar a se acostumar, mas ficará bem.

John o olhou através do quarto. Reafirmando sua coragem, caminhou para Tohrment e abriu sua boca. Então assinalou para o homem.

— Tem certeza de que quer fazer isto, agora? — Murmurou Tohrment.

Quando John assentiu, Tohrment devagar afastou seus lábios. E mostrou um par de presas.

Oh...homem...Oh...

John tragou e colocou seus dedos sobre sua própria boca.

— Sim, você também os terá. Algum dia nos próximos dois anos certamente. — Tohrment cruzou o quarto e se sentou sobre a cama, colocando seus cotovelos sobre seus joelhos. — Fazemos a mudança ao redor dos vinte e cinco anos. Depois disso você terá que beber para sobreviver. E não falo de leite, filho.

John levantou as sobrancelhas, lhe perguntando quem.

— Conseguiremos-lhe uma mulher para a mudança, e te direi o que esperar. Isto não é nenhuma festa, mas uma que vez o tenha passado, será muito forte, pensará que tudo valeu a pena.

Os olhos de John flamejaram quando se mediu com Tohrment. Bruscamente estendeu suas mãos horizontal e longitudinalmente, depois colocou seu polegar sobre seu próprio peito.

— Sim, também será de meu tamanho.

John articulou as palavras não te acredito.

— De verdade. E a transição é uma filha da puta. Seu corpo sentirá a mudança durante horas. Depois terá que aprender coisas novas, como andar, como te mover. — Tohr olhou para si mesmo. — Nossos corpos são difíceis de controlar no princípio.

## CAPÍTULO TRINTA E OITO

---

Saiu da cama e se dirigiu ao banho. Embora estivesse em uma casa bonita, com pessoas amáveis, em uma zona a salvo, sentia-se... muito pequeno. As botas de Tohrment entraram em sua linha de visão.

— Hei, John, talvez estarei um pouco por aqui contigo. Você gostaria? Podemos ver o canal de surfe.

Obrigado, trabalhou com o pensamento. Sinto-me um pouco estranho.

— Tomarei isto como um sim. — Tohrment se apoiou sobre os travesseiros, pegando o controle da televisão e a conectou. — Vishous, um de meus Irmãos, fez a instalação da casa. Parece-me que conseguiu setecentas estações aproximadamente desta coisa. O que você vai querer ver?

John se encolheu de ombros e caminhou arrastando os pés para a cabeceira.

Tohrment foi trocando de canais até que encontrou Exterminador 2

— Você gosta?

John assobiou suavemente por seus dentes e assentiu.

— Sim, o meu, também. É um clássico e Linda Hamilton é quente.

\*\*\*\*\*

Rhage dormiu até tarde, muito tarde e o que despertou eram más notícias. Agitação, um horrível ardor, estava vivo dentro dele outra vez. O indulto da Virgem Escriba tinha terminado. A besta havia retornado.

Abriu os olhos e viu o cabelo de Mary sobre seu travesseiro. E a curva de seu pescoço. E voltava a estar nua.

Começou a suar, uma terrível ereção apareceu tão rapidamente como o batimento do coração.

Pensou no que haviam feito juntos depois da alimentação. E depois outra vez quando haviam retornado para o quarto deles. Tinham-no feito duas vezes mais durante o dia, sentindo-se mal por suas exigências por que tinha estado por todas as partes dela. De todas as formas cada vez que ela havia lhe sorrido, tinha-

lhe dado as boas vindas em seu interior, mesmo que ela tivesse estado esgotada e provavelmente um pouco dolorida.

E ele a queria outra vez, agora mesmo, mas com uma necessidade palpitante que era diferente da que havia sentido antes. Esta era uma fome selvagem, como se não houvesse sentido absolutamente ou não a tivesse visto durante meses. Quando lutou contra o impulso, suas mãos se apertaram, seus dedos sentiram uma comichão, sentia a pele tensa. Ele estava completamente atado, seus ossos vibravam.

Saiu da cama e se dirigiu para o banho. Quando retornou, tinha recuperado um pouco o controle, mas então viu que Mary lhe tinha dado chutes às cobertas. Estava maravilhosamente nua deitada sobre seu estômago, seu lindo traseiro uma tentação que o comia.

— Quer que te traga algo da cozinha? — Perguntou-lhe ele com voz rouca.

— Dormir. — Murmurou ela, voltando-se de costas. Seu rosados seios se retesaram quando o ar os tocou.

Oh, doce Jesus...Espera, estava acontecendo algo. Tinha o rosto avermelhado como se tivesse estado ao vento e suas pernas tremiam em cima do colchão.

Ele se aproximou e lhe colocou a mão sobre a testa. Estava quente e seca.

— Mary, acredito que está com febre.

— É febre baixa. Não é incomum.

O medo esfriou sua ânsia por possuí-la.

— Quer que traga uma aspirina?

— Só tenho que dormir.

— Quer que fique contigo?

Ela abriu os olhos. Odiava ver seu olhar embotado neles.

— Não, passará. Francamente, estou bem. Só tenho que dormir.

Rhage ficou com ela durante um momento mais e depois vestiu umas

calças de nylon negras e uma camiseta. Antes de ir, olhou-a fixamente. Quase não podia suportar ver que tinha uma leve febre. Que diabos ia fazer quando estivesse realmente doente?

Havers. Não havia voltado a falar com Havers e o doutor deveria ter tido suficiente tempo para acessar os arquivos. Rhage pegou seu telefone celular e saiu até o corredor.

A conversa com o doutor não durou muito tempo, por que o homem lhe disse que não havia nada que pudesse fazer por ela. Como os vampiros não sofriam de câncer, não havia se concentrado nessa enfermidade e nem nenhum de seus colegas.

Rhage esteve a ponto de desligar quando o homem o disse.

— Perdoe, senhor não desejo bisbilhotar. Mas sabe... sabe a extensão dos seus tratamentos?

— Sei que há muitos deles.

— Dá-se conta de quão intensos serão? Se a leucemia tiver retornado, suas opções podem ser limitadas...

— Obrigado por olhar seus registros. Agradeço. — Como se necessitasse uma confirmação do quão séria era a situação. — Espere...por favor saiba que o ajudarei em qualquer coisa que puder. Ainda que não possa ajudar com respeito à quimioterapia, temos os formulários de muitas medicações para a dor e várias outras coisas que talvez vá necessitar. Posso ajudar a aliviá-la e cuidá-la, mesmo que ela receba seus tratamentos em hospitais de humanos. Deve me chamar.

— O farei. E ...obrigado, Havers.

Depois de desligar, foi ao escritório de Wrath, mas o cômodo estava vazio então desceu. Talvez Wrath e Beth estivessem comendo algo.

Por arte de magia, uma parede de couro negro com uma cabeça com cabelo negro se materializou diante dele. Os óculos de sol de hoje eram de prata envolventes.

— Estava me procurando? — Disse-lhe o rei.

— Isto. Sim. Mary ficará. Permanentemente.

— Escutei-o. Fritz me disse que trouxe algumas coisas com ela.

— Uh — huh. Escuta, importa-te se preparar uma reunião aqui esta noite? Quero que Mary veja sua amiga Bella e pensava que a Irmandade poderia torná-lo agradável. Sabe, com trajes e tudo mais. Talvez Wellsie pudesse vir, também. Mary já me tem, mas tem que ter algumas outras pessoas a seu redor. Não quero que permaneça isolada.

— Maldita boa idéia. Beth queria que fôssemos à cidade esta noite, mas...

— Não troque seus projetos. É realmente algo ocasional.

— Bem, minha shellan tinha vontade de sair. O tipo de coisas que gosta. E eu, ah, realmente eu gosto quando ela me tem desse modo, me entende?

Rhage sorriu um pouco quando o corpo de Wrath liberou uma rajada de calor.

— Sim, entendo.

Houve uma pausa. O rei disse

— Meu irmão, necessita de algo mais?

— Ah, sim. Mary logo estará muito doente. Sairei todas as noites com os Irmãos enquanto puder, mas quando as coisas ficarem ruins...

— Certamente. Fará o que tiver que fazer.

— Obrigado, homem.

Wrath assentiu com a cabeça.

— Sabe uma coisa, você é um homem de valor. De verdade que é.

— Sei bom, só fique calado. Tenho uma reputação de idiota egocêntrico a manter.

— Tohr, poderia fazer isso. Phury certamente. Talvez Vishous.

Rhage franziu o cenho.

— Faz que soe como um sacrifício, por Cristo. Eu a amo.

— Isso é um sacrifício. Você a ama embora saiba que ela está partindo para junto do Fade.

— Ela não vai a nenhuma parte. — Rhage apertou as mãos. — Ficar bem. Será duro, mas ficará bem.

— Me perdoe. — Wrath inclinou a cabeça. — Certamente ela que ficará bem.

Rhage abaixou o olhar. Não sabia o que fazer com a desculpa por que não tinha experiência em oferecê-las. E além disso, pensar que Mary pudesse morrer, fazia com que sentisse como se tivesse um maçarico no peito.

— Até depois, meu senhor. — Disse ele, querendo ir antes que desonrasse a si mesmo emocionalmente.

Mas o olhou fixamente, foi a primeira vez que viu os olhos de Wrath sem óculos. O rei nunca tirava os óculos. Sempre os usava.

Rhage deixou de respirar, concentrando-se nas íris iridescentes, verde prateado que lhe devolvia o olhar. Não havia pupilas, só dois pequenos pontos. E o calor nesses círculos cegos, acesos era chocante.

— Sinto-me orgulhoso de lhe chamar de Irmão. — Disse-lhe Wrath.

Rhage sentiu pesados braços rodeando-o como se fosse empurrado contra um peito sólido. Estava tenso, mas permitiu ser amparado pelo enorme Wrath.

— Wrath?

— Sim?

Rhage abriu a boca para falar, mas perdeu a voz.

Wrath respondeu a seu silêncio.

— Nós estaremos ali com você. Então nos pedirá ajuda quando nos necessitar. E se o momento chegar, nós lhe brindaremos inteiramente uma cerimônia Fade, como a shellan de um guerreiro merece.

Rhage apertou seus olhos fechados.

— Obrigado...meu senhor.

Mais tarde aquela noite Mary estava de pé em seu banheiro, se secando e escovando o cabelo. Quando terminou, olhou-se no espelho e alisou seus escuros cachos. Eram muito suaves sob seus dedos e com esta luz realmente tinha um

pouco de avermelhado e dourado nele.

Recusou-se pensar em ficar calva outra vez. Somente tirou diretamente o pensamento de sua mente. Deus sabia, haveria tempo para obcecar-se com isso quando realmente ocorresse.

— Está tão linda como estava ontem. — Disse Rhage quando saiu do banho. Enquanto se secava, passou por detrás dela e lhe enviou um beijo através do reflexo.

Ela sorriu.

— Muito obrigado por convidar Bella e o John. Ela é uma boa amiga e estive preocupada com ele.

— Não quero que perca o contato com as pessoas só por que está aqui. Além disso, a Irmandade tem que ser civilizada de vez em quando. É bom para nós.

— Sabe, Tohrment e Wellsie são muito amáveis por hospedarem John.

— São os melhores, os dois.

Quando Rhage abandonou o banheiro, os olhos da tatuagem a olharam fixamente. Um misterioso efeito, pensou ela, mas não exatamente desagradável. Parecia que estava sendo observada por um cão de guarda que realmente queria ser um mascote.

Aproximou-se e se sentou à beira da cama.

— Hei, sinto muito ter acordado você esta manhã. Remexo-me e dou muitas voltas quando tenho febre.

Rhage saiu do closet, fechando rapidamente o zíper das calças negras.

— Não me incomodou nada. Podemos fazer alguma coisa sobre isso?

— Não realmente. Irei a outro dormitório se te incomodar. — Ela sorriu ante o olhar que ele lhe lançou. — Bem, não o farei.

— Sobre Havers. Eu esperava que houvesse algo que pudéssemos fazer por você.

— Não se preocupe. Aprecio a tentativa.

— Quando vais voltar a ver seu oncologista novamente?

— Logo, mas não falemos mais disso, ok? Esta noite, é tudo vida. Sinto-me bem, e não esbanjarei nem um maldito minuto.

A boca de Rhage se elevou pelos cantos, seus olhos brilharam com aprovação, com respeito.

E ela havia pensado em algum momento deixá-lo? Idiota.

Ela riu atrás dele, tendo vontade de que a noite terminasse, quando pudessem estar a sós. Na escuridão. Com nada entre eles.

Quando ele desapareceu no closet, ela foi atrás dele, pensando que tinham alguns minutos antes que a reunião começasse de maneira que poderiam ter algum adiantamento. Enquanto ele olhava suas camisas ordenadas sobre cabides, ela colocou sua mão sobre suas costas, diretamente sobre o ombro da besta.

Rhage se estremeceu e se afastou.

— Te machuquei? — Perguntou-lhe ela.

Quando ela deu uma volta a seu redor, ele seguiu mantendo distância, os dois movendo-se duas ou três vezes.

— Rhage...

— Temos que nos apressar ou vamos chegar tarde. — Sua voz era um pouco rouca, seu peito tenso.

— O que ocorre com suas costas?

Ele tirou uma camisa e a colocou, abotoando-se rapidamente.

— As costas estão bem.

Rhage lhe deu um beijo na bochecha e rapidamente passou por ela. No dormitório abriu a porta que conduzia ao corredor e depois recolheu o relógio da cômoda e o colocou sobre seu pulso. Seus dedos tremiam enquanto o fechava.

Justo quando ela ia lhe perguntar o que estava errado, Phury apareceu na porta.

— Hei, meu Irmão, Mary. — Disse o homem com um sorriso. —

Querem descer junto comigo?

Mary ocultou sua frustração. E decidiu que se havia uma interrupção, não podia pensar em uma melhor que olhar. A gloriosa juba, multicolorida de Phury caía sobre seus amplos ombros e estava vestido para matar. Um sentido proverbial. Seu traje era negro azulado e sutilmente marcado por riscas e sua camisa rosa pálido deixava à vista sua grossa garganta e ridiculamente lhe ficava bem. Seus mocassins polidos como o inferno, seus punhos franceses fechados com pesados elos dourado e usava um diamante em um anel no dedo mindinho.

O Irmão era todo um material do GQ. Bella e ele ficariam fantásticos juntos, pensou ela.

— Diga-me, Phury, ainda não encontraste Bela?

O cara remexeu o lenço do bolso de seu peito, mesmo que a coisa não estivesse fora de seu lugar.

— Sim, encontrei-a. Na noite em que o rapaz e você vieram ao centro.

— Ela virá esta tarde.

— Eu, ah, sei.

— E ela não sai com ninguém agora.

Menino, ele realmente tinha se ruborizado, pensou ela. Phury era adorável.

— Ele não está interessado. — Disse Rhage enquanto colocava uma pequena pistola em suas costas.

Mary disparou um olhar duro a seu homem, que ele omitiu enquanto colocava a jaqueta.

— Mas você também está solteiro, não é mesmo? — Disse ela a Phury.  
— Não é verdade?

— Oh, ele está solteiro, certo.

— Rhage, você vai deixar que ele responda? Então, Phury, se os dois estão livres, por que não convida ela para sair para jantar algum dia?

Phury se alisou as lapelas, ruborizando-se ainda mais.

— Sim, não sei sobre isso.

— Ela é realmente fabulosa...

Rhage negou com a cabeça e a conduziu para o corredor.

— O deixe só, Mary. Vamos.

Na metade do caminho na escada, ela fez que Rhage parasse. Quando Phury passou a sua frente, ela lhe sussurrou. — Ele está fazendo uma pausa, não é verdade? Bella e ele poderiam agradecer um ao outro.

— A única coisa que Bela terá de Phury é conversa.

— O que o...

— Não o faz com mulheres.

— É gay?

— Não, mas não empurre Bella para ele, certo? Não é justo para nenhum dos dois.

Os olhos de Mary se dispararam até Phury, que acabava de dar um passo sobre o chão de mosaico do vestibulo. Inclusive com sua leve claudicação, movia-se como um homem que tinha todas suas partes trabalhando em bom funcionamento. Mas talvez fosse só uma ilusão. Talvez tivesse sido lesado enquanto lutava.

— Ele é, sabe, impotente?

— Não pelo que eu sei. É celibatário.

Deus, que desperdício, pensou ela, olhando o modo em que o homem se movia.

— Então, pertence a alguma espécie de ordem religiosa?

— Não.

— Então por quê?

— Com Phury, todos os caminhos conduzem a seu Irmão gêmeo, a Zsadist. E sim, sei que eles não se parecem. — Rhage lhe deu uma pequena cotovelada e ela começou a descer as escadas outra vez.

— Por que Phury coxeia?

— Usa uma prótese. Perdeu a metade de sua perna esquerda.

— Por Deus, como?

— Se deu um tiro.

Mary parou.

— O que? Atirou por acidente?

— Não, com intenção. Mary, vamos, podemos acabar isso mais tarde. — Pegou-a pela mão e fez que avançasse.

Bella caminhava pelo vestibulo da mansão com o doggen que a havia conduzido ao lugar. Quando olhou a seu redor, sentiu-se atordoada. Sua família possuía uma magnífica casa, mas não era nada como isto. Isto era a vida...real. Tinha sentido, por que o Rei Cego e sua rainha residiam ali.

— Bem vinda, Bella. — Disse uma profunda voz masculina.

Ela se virou e reencontrou com o Irmão do cabelo multicolorido, que tinha interrompido ela e Zsdist naquela noite no centro de treinamento.

— Sou Phury. Já nos conhecemos. Na academia.

— Guerreiro. — Disse ela, dobrando-se totalmente. Não era difícil temer os Irmãos, especialmente com um como este. Tão grande. Tão... Era real todo esse cabelo?

— Estamos contentes de que pudesse vir. — Sorriu para ela, seus amarelados olhos quentes. — Me permita guardar seu casaco.

Quando ela o tirou, ela o colocou sobre seu braço.

— Não posso acreditar que estou aqui, para falar a verdade. Mary! Olá!

As duas se abraçaram e depois falaram com Phury. Pouco depois Bella esteve completamente cômoda ao redor do guerreiro. Havia algo de tranqüilidade e confiança nele e aqueles olhos eram o golpe final. Eram genuinamente amarelos.

Era muito atraente, mas ela procurava o Irmão com cicatrizes.

Mantendo-se à par da conversa, ela discretamente explorou o enorme vestibulo, vistoso. Zsadist estava em alguma parte nos arredores. Talvez passaria longe da festa. Não parecia um tipo social: isso era certo.

Quando Mary partiu para ficar com Rhage, Bella tomou a determinação de não se sentir frustrada. Por Deus, não tinha nenhum sentido ficar perseguindo alguém como Zsadist, de todos os modos.

— Então, Phury — Disse ela — Poderia...não sei se é grosseiro, mas poderia tocar seu cabelo? — Ela o tocou antes que ele pudesse dizer algo e capturou os cachos loiros e vermelhos, esfregando as grossas mechas com sua mão. — Magnífico. A coloração é assombrosa. E...ah, cheira muito bem. Que tipo de xampu você usa?

Ela examinou seus olhos, esperando fazer uma espécie de comentário leve. Em troca ele ficou congelado. Não piscou enquanto afastava o olhar dela.

E de repente compreendeu que Rhage o olhava com uma expressão de choque em seu rosto. Assim como o outro guerreiro com cavanhaque. E um macho humano grande. E...

Bem, a festa tinha algum tipo de razão, não é verdade?

Ela deixou cair a mão e sussurrou.

— Sinto muito. Devo ter feito algo realmente impróprio, não?

Phury saiu do transe no qual havia estado.

— Não. Não está acontecendo nada.

— Então por que todos estão me olhando?

— Não estão acostumados a ver-me com...isto, com nenhuma mulher...ah... — Phury lhe agarrou a mão e a apertou. — Bella, não tem feito nada. Sericamente. E não se preocupe com meus Irmãos, ok? Estão ciumentos por que querem que você toque o cabelo deles.

Mas havia algo de muito sério com ele, e ela não se surpreendeu quando ele se desculpou pouco depois.

Um doggen se colocou na frente dela.

— Perdoe-me senhora, eu deveria ter recolhido seu casaco antes.

— Oh, Obrigado.

Depois que ela o deixou cair nas mãos do homem, compreendeu que a festa havia migrado para o que parecia uma sala de bilhar. Estava a ponto de entrar quando sentiu uma corrente de ar frio que lhe chegava de algum lugar atrás dela. As portas da casa estavam abertas.

Ela se virou.

Zsadist estava em uma área escura do vestibulo, olhando-a fixamente das sombras. Estava vestido com o mesmo tipo de pulôver de gola alta e calças folgadas negras as quais usava na última vez que o tinha visto, sua imagem noturna era selvagem. Sexual.

Oh, sim, pensou ela enquanto se ruborizava. Era por isso que tinha vindo. Tinha que voltar a ver o homem outra vez.

Tomou fôlego e foi até ele.

— Olá. — Quando ele não disse nada, ela se obrigou a sorrir. — Uma tarde encantadora, não é mesmo?

— Você gosta de tocar a meu gêmeo?

Era seu gêmeo? Como podia ser que os dois fossem... Bem, havia alguma semelhança. Se imaginasse que a cicatriz do Zsadist desaparecia e deixasse crescer o cabelo...

— Fiz-te uma pergunta, mulher. Você gostou de tocar o cabelo dele? — Os escuros olhos viajaram por seu corpo, remontando as linhas da blusa de seda e a estreita saia que usava. Quando voltou para seu rosto, seu olhar se demorou sobre sua boca. — Vai me responder, mulher?

— Bella. — Murmurou automaticamente — Por favor, me chame de Bella.

Zsadist a olhou com as pálpebras caídas.

— Acha que meu Irmão é bonito?

— Ah...ele é atraente, sim.

— Atraente. Sim, essa é a palavra. Diga-me uma coisa, você o quer o suficientemente para estar comigo?

O calor aflorou nela, um fogo aceso pelas palavras que ele lhe dizia e o modo com que a olhava com o sexo em seus olhos. Mas então compreendeu o que ele havia lhe dito.

— Sinto muito, não entendo...

— Meu gêmeo é celibatário da língua até os pés. Temo ser o mais perto que estará de Phury. — Fez o som estalar a língua. — Mas sou um pobre substituto, não é?

Bella colocou a mão no pescoço, abafando-se ante as imagens de estar sob o corpo de Zsadist enquanto ele se movia dentro dela.

Como ela se sentiria? Ser tomada por ele? Sua parte imprudente desejava saber.

Oh, Deus. Só pensar nisso fazia que tremesse.

Zsadist riu com serenidade.

— Impressionei-te? Sinto muito. Só tentava te ajudar a sair de uma dura e difícil situação. O desejo de algo que não poderá ter deve ser uma merda. — Seus olhos se abateram sobre sua garganta. — Eu mesmo, nunca tive esse problema.

Enquanto ela tragava, ele controlou o movimento.

— Problema? — Sussurrou ela.

— O que eu quero, eu tomo.

Sim, pensou ela. Certamente que você o faz, não é mesmo.

Em uma ardente corrida, ela o imaginou olhando-a enquanto seus corpos estavam unidos, seu rosto a poucas polegadas do dela. Em sua fantasia ela a segurava nos braços. Ela queria passar a ponta de seu dedo por toda sua cicatriz até a boca. Só para saber o que ele sentiria.

Com rápido movimento, Zsadist se esquivou do contato, seus olhos flamejavam como se o tivesse impressionado. A expressão foi rapidamente oculta.

Com voz lacônica, a voz fria dele disse.

— Cuidado, mulher. Eu mordo.

— Alguma vez dirá meu nome?

— Vamos tomar alguma coisa, Bella? — Phury interveio. Pegou-a pelo cotovelo. — O bar fica na sala de bilhar.

— Sim, leve-a. — Disse Zsadist arrastando as palavras. — É um herói tão bom, meu Irmão. Sempre salvando alguém. E deveria saber que ela pensa que você é atraente.

A face de Phury ficou tensa, mas não lhe respondeu enquanto a conduzia através do vestibulo.

Quando ela se virou, Zsadist tinha desaparecido.

Phury deu um puxão a seu braço para captar sua atenção.

— Tem que se manter afastada dele. — Quando ela não respondeu-lhe, o guerreiro levou-a um canto e agarrou-a pelos ombros. — Meu gêmeo não está triste ou confuso. Ele está destruído. Entende a diferença? Se ele estivesse uma das duas coisas talvez você pudesse arrumá-lo. Mas destruído? Tudo o que posso fazer é esperar para enterrá-lo.

Sua boca se abriu ligeiramente.

— Isso é...insensível.

— Essa é a realidade. Se ele morrer antes que eu, ele me matará. Mas isso não muda o que ele é.

De forma significativa ela se afastou do homem.

— Manterei isto em mente. Obrigado.

— Bella...

— Não vais conseguir uma bebida para mim?

## CAPÍTULO TRINTA E NOVE

---

O Senhor O estava estacionado diante do alto edifício de apartamentos. A monolítica monstruosidade era um dos mais altos de Caldwell, sistemas de luxo, uma tentativa de desenvolvimento no outro lado da margem. O apartamento do Senhor C era no andar vinte e seis de frente para a água.

Pretensioso. Seriamente pretensioso.

A maior parte dos lessers viviam em buracos de merda porque a Sociedade acreditava que o dinheiro devia ir para onde estava a guerra. O Senhor C havia escapado com um estilo chamativo por que podia se permitir isso. Tinha sido um malcriado menino rico antes de ter entrado nos anos setenta e de algum modo tinha mantido seu dinheiro. O cara era uma combinação insólita: um serial-killer amador.

Como era depois das dez horas não havia nenhum porteiro e a abertura da fechadura eletrônica seria trabalho de um momento. O Senhor O tomou o elevador de aço e vidro até o andar vinte e sete e desceu as escadas, mais por hábito que por necessidade. Não havia nenhuma razão para pensar que alguém daria uma merda por quem era ou aonde ia. Além disso, o edifício era um povoado por fantasmas esta noite, os residentes do Euro-trash estariam tomando êxtase e coca no centro da cidade no Zero Sum.

Bateu na porta do Senhor C.

Este era o quinto endereço que havia visitado da lista preparada que o Senhor X havia dado-lhe dos membros encontrados e a primeira das incursões desta noite. Na tarde anterior, tinha tido êxito. Um dos assassinos tinha estado fora do estado, tinha ido por sua própria vontade dar uma mão a um comparsa no D.C. Two do AWOLs, que tinham sido companheiros de quarto, tinham sido feridos metendo-se em uma briga um com o outro; estavam se curando e estariam em linha em alguns dias. No final o lesser tinha estado perfeitamente saudável em um SOB e só tinha que tomar cuidado e mentir sobre isso. Bem, perfeitamente saudável, isso foi antes que ele tivesse tido um desafortunado acidente quando o Senhor O partia. Passaria uma boa semana antes de poder se levantar e andar outra vez, mas a visita certamente teria esclarecido suas prioridades.

Era engraçado como um par de joelhos quebrados podiam fazer isto a um cara.

O Senhor O bateu novamente na a porta do Senhor C e depois mexeu na fechadura. Quando abriu a porta, retrocedeu. Oh, merda. O lugar cheirava mal. Como lixo podre.

Dirigiu-se à cozinha.

Não, não era o lixo. Era o Senhor C.

O lesser estava de barriga para baixo no chão, sobre um fundo de sangue negro a seu redor. Ao alcance de sua mão, havia algumas faixas, agulha e fio, como se tivesse tentado cuidar de si mesmo. Ao lado do material de primeiros socorros estava seu BlackBerry e o teclado numérico estava coberto de sangue. A bolsa de uma mulher, também manchada, estava no outro lado.

O Senhor O fez o Senhor C rolar. O pescoço do assassino tinha sido esfaqueado, um bom corte profundo. E considerando no caminho a pele tinha sido cauterizada, o corte havia sido feito por uma das repugnantes adagas negras da Irmandade. Homem, o que tinham naquele metal parecia ácido de bateria na ferida do lesser.

A garganta do Senhor C funcionava, jogando sons guturais, demonstrando que de fato estava um pouquinho morto. Quando levantou a sua mão, havia uma faca nela. Uns cortes marcavam sua camisa, como se tivesse tentado apunhalar-se no peito, mas tivesse carecido da força para finalizar o trabalho.

— Está em má forma, meu homem. — Disse o Senhor O, pegando a lâmina. Sentou-se sobre seus calcanhares, olhando como o cara se agitava no lento movimento. Estando dessa maneira sobre suas costas, braços e pernas se moviam inutilmente, parecia como um inseto abandonando a casca.

O Senhor O lançou um olhar à bolsa.

— Tomando um modo de viver alternativo, Senhor C? — Recolheu a coisa e examinou o conteúdo. Frascos de remédios. Lenços. Tampão. Telefone celular.

Olá, carteira.

Tirou a carteira de motorista. Cabelo castanho. Olhos cinza. Impossível de saber se era um vampiro ou uma humana. O endereço era Route 22 no bosque.

— Me diga se isto for correto. — Disse o Senhor O. — Você e um dos Irmãos estiveram cara a cara. O guerreiro estava com uma mulher. Escapou depois ser esfaqueado e pegou a bolsa antes de poder terminar o trabalho sobre a

companheira do homem. O problema foi que suas feridas eram muito graves e fora abandonado aqui depois de chegar em casa. Como estou indo?

O Senhor O colocou a carteira na bolsa e olhou o homem. Os olhos do Senhor C rodavam a seu redor, como bolinhas de gude que caíam enquanto lhe desinflava a cabeça.

— Sabe, Senhor C, se isto dependesse de mim, somente o abandonaria aqui. Não sei é consciente disto, mas quando abandonamos nossa existência, voltamos para Omega. Acredita, o que vai encontrar no outro lado vai parecer-lhe o que está sentindo agora sejam umas férias de merda. — O Senhor O olhou a seu redor. — Infelizmente, faz que este lugar cheire mal. Algum humano vai entrar e teremos problemas.

O Senhor O recolheu a faca, pegando o cabo com força. Quando o levantou sobre seu ombro, o alívio do Senhor C deixou todas aquelas lutas e parou.

— Não deveria sentir-se melhor sobre isto. — Disse o Senhor O suavemente.

Afundou a lâmina no peito do lesser. Houve um brilho de luz e o som de algo que se quebrava. E o Senhor C desapareceu.

O Senhor O recolheu a bolsa e saiu.

\*\*\*\*\*

Mary caminhou até Rhage, mantendo sua mão em suas costas enquanto esperava o momento oportuno. Ele estava na metade de um jogo de bilhar, ele e Butch estavam dando uma surra em Vishous e Phury.

Enquanto os olhava jogar, decidiu que gostava dos Irmãos. Inclusive Zsadist, com todas suas ameaças. Eles eram muito bons, tratavam-na com uma espécie de respeito e reverência que não tinha certeza do que havia feito para merecer.

Rhage lhe piscou um olho enquanto se inclinava sobre a mesa e alinhava seu taco.

— É a maneira que você se preocupa por ele. — Disse alguém a seu ouvido.

Ela se retesou sobre seus sapatos. Vishous estava justo atrás dela.

— Do que você está falando?

— É por isso que lhe adoramos. E antes que me diga que deixe de ler sua mente, não tinha a intenção de perceber seu pensamento. Somente foi muito forte. — O vampiro tomou um gole de vodka de um copo. — Por isso é pelo que lhe aceitamos. Quando o trata bem, honra a cada um de nós.

Rhage olhou e franziu o cenho. E logo deu seu tiro, deu a volta à mesa e de forma significativa lhe deu uma cotovelada.

Vishous saiu do caminho.

Vishous sorriu.

— Relaxe, Hollywood. Ela só tem olhos para você.

Rhage grunhiu e a colocou a seu lado.

— Só lembre- e que seus braços e suas pernas permaneçam exatamente onde estão.

— Sabe, você nunca tinha sido um cara possessivo antes.

— É por que nunca tive nada que queria guardar. Levante-te da mesa, meu Irmão.

Quando Vishous deixou sua bebida e ficou sério para o jogo, Mary tirou a mão. Das pontas de seus dedos, pendia uma cereja.

— Quero ver seu outro truque. — Disse ela. — Disse-me que podia fazer algo grande com sua língua e o caule da cereja.

Ele riu.

— Vamos...

— O que? Nenhum truque?

Sorrindo lentamente.

— Só olhe como trabalha minha boca, mulher.

Olhando-a com as pálpebras caídas, Rhage inclinou sua mão. Sua língua saiu e capturou a cereja, colocando-a entre seus lábios. Mastigou e sacudiu a

cabeça como se engolissem.

— Não exatamente ali. — Murmurou ele.

— O que?

— Seus segredos são muito mais doces.

Ruborizada, ela cobriu os olhos com a mão.

Oh, certo. Agora quer fazer-se de sexy, pensou ela.

Quando suspirou, ela cheirou a erótica fragrância, escura que emanava dele sempre que queria estar dentro dela. Ela levantou a mão e lhe lançou um olhar.

Ele a olhava fixamente com total absorção. O centro de seus olhos eram tão brancos e brilhantes como a neve fresca.

Mary deixou de respirar.

Ali havia algo mais, pensou ela. Havia...algo mais examinando-a fixamente.

Phury passou, sorrindo.

— Consiga um quarto, Hollywood, se for prosseguir com isto. O resto de nós não quer que nos recorde tudo o que tem.

Ele apalpou o ombro de Rhage.

Rhage se virou tentando morder a mão de seu Irmão com seus dentes. O som de seus maxilares fechando-se com força foi o tão ruidoso para escutar a conversa do cômodo.

Phury saltou para trás, retirando bruscamente seu braço.

— Jesus Cristo, Rhage! Que ...Merda. Seus olhos, homem. Mudaram.

Rhage empalideceu e depois tropeçou, entortando os olhos e piscando.

— Sinto muito. Infernos, Phury, não sabia que estava...

No cômodo, os homens deixaram o que tinham entre mãos e foram até ele, rodeando-o.

— Como é que te transformaste? — Perguntou-lhe Phury.

— Tire as mulheres. — Alguém ordenou. — As leve para cima.

Quando o som de pessoas abandonando o lugar encheu o ar, Vishous apertou o braço de Mary.

— Vêem comigo.

— Não. — Lutou ela. — Pare. Quero ficar com ele.

Rhage a olhou, e imediatamente esse raro olhar fixo retornou. Então seus brancos olhos se voltaram para Vishous. Rhage lhe mostrou os dentes e grunhiu, como se fosse um leão.

— Vishous, homem, deixa-a. Agora mesmo. — Disse Phury.

Vishous a deixou assentindo, mas lhe sussurrou.

— Você tem que sair daqui.

Foda-se, pensou ela.

— Rhage? — Disse ela suavemente. — Rhage, o que está acontecendo?

Ele sacudiu a cabeça e quebrou o contato visual, apoiando-se contra a lareira de mármore. O suor brilhava sobre seu rosto quando se agarrou à pedra e a puxava como se tentasse levantar a maldita lareira inteira da parede.

O tempo parou lentamente enquanto ele lutava, bombeando o peito, os braços e o tremor de pernas. Passou um longo tempo até que as sacudidas e a tensão abandonassem seu corpo. A batalha que tinha tido, a havia ganho. Mas não por muito.

Quando levantou o olhar, seus olhos voltavam a ser normais, mas estava pálido como o inferno.

— Sinto muito, meus Irmãos. — Resmungou ele. — Então os olhou e abriu a boca. Em vez de falar, abaixou a cabeça como se estivesse envergonhado.

Mary andou entre a barreira de corpos masculinos e colocou suas mãos sobre seu rosto.

Enquanto ele ofegava ante a surpresa, ela o beijou na boca.

— Vamos ver isso da cereja. Vamos.

Os homens que estavam de pé a seu redor ficaram atordoados; ela podia sentir olhar fixo deles. Rhage se sacudiu também. Mas quando ela o olhou de maneira significativa, ele começou a mastigar, trabalhando o caule com seus dentes.

Ela se voltou para olhar os guerreiros.

— Ele está bem. Estaremos bem. Voltem a fazer o que estavam fazendo, ok? Ele necessita de um minuto e todos vocês olhando-o fixamente não o ajudam.

Phury riu um pouco e caminhou para a mesa do fundo.

— Vocês já sabem, ela é fabulosa.

Vishous recolheu seu taco e seu copo.

— Sim. É verdade.

Quando a partida continuou e Bela e Wellsie retornaram, Mary acariciou o rosto e o pescoço de Rhage. Parecia que tinha problemas para olhá-la nos olhos.

— Você está bem? — Disse ela suavemente.

— Sinto tanto...

— Corte a lamentável desculpa. Independentemente do que seja, você não pode evitar, não é verdade? — Ele assentiu. — Então não há nada que lamentar.

Ela queria saber o que acabava de acontecer, mas não aqui e agora. Às vezes, fingir que era normal era o melhor antídoto à estranheza. — Finge até que ganhel era a maior das idiotices de jargão psicológico.

— Mary, não quero que tenha medo de mim.

Durante um momento, ela olhou sua boca e o trabalho de seu queixo com o caule.

— Não tenho medo. Vishous e Phury podem ter estado com problemas,

mas não teria me feito mal. Nunca. Não tenho certeza de como eu sei, só sei.

Ele tomou fôlego.

— Deus, eu te amo. De verdade, de verdade que te amo.

E depois ele sorriu.

Ela riu de maneira tão ruidosa que fez que cada pessoa do cômodo se virasse.

O caule de cereja estava muito bem atado ao redor de uma de suas presas.

## CAPÍTULO QUARENTA

---

Bella o olhava fixamente e isto tinha que parar. Mas não podia ajudar a si mesma. Zsadist era a única coisa que podia ver. Não que realmente estivesse envolvido com a festa. Mas quando aconteceu o episódio do Rhage, Zsadist se separou de todos. Não falou com ninguém. Não bebeu nada. Era como uma estátua apoiada contra uma das largas janelas e sua calma era fascinante. Inclusive parecia que não respirava. Só seus moviam se olhos.

E sempre longe dela.

Bella deu a ambos um descanso indo procurar um pouco mais de vinho. O quarto de bilhar era um espaço escuro, luxuoso, empapelado de seda verde e adornado com cortinas de cetim negras e dourado. No canto onde estava o bar, as sombras eram ainda mais espessas, e se refugiou nelas.

Talvez pudesse ser mais discreta se o olhasse daqui.

Durante os poucos dias que tinham passado tinha perguntado e tinha escutado histórias sobre Zsadist. Os rumores eram diretamente espantosos, sobre tudo os que falavam dele e das mulheres. As pessoas diziam que matava às de seu sexo por esporte, mas era difícil não se perguntar o quanto era folclore. Um homem que olhava tão perigosamente como ele o fazia, as pessoas eram obrigadas a falar. Seu Irmão se encontrava na mesma situação. Tinha ouvido sussurros sobre Rehvenge durante anos e Deus sabia que todos eles eram falsos.

Não havia modo de que toda a conversa sobre Zsadist fosse correta. Por todos os céus, as pessoas diziam que vivia do sangue das prostitutas humanas. Isto não era fisicamente possível, a não ser que bebesse cada noite. E então, como era tão forte com aquele sustento tão frágil?

Bella deu a volta no bar e explorou o cômodo. Zsadist tinha ido embora.

Olhou no vestibulo. Ela não o tinha visto sair. Talvez tivesse se desmaterializado...

— Me procurando?

Ela seu um pulo e virou a cabeça. Zsadist estava atrás dela, esfregando uma maçã Granny Smith sobre sua camisa. Quando ele a levantou até sua boca, ele olhou sua garganta.

— Zsadist...

— Sabe, por ser uma mulher da aristocracia, é malditamente grosseira. — Deixou suas presas a mostra e quebrou com os dentes a polpa verde brilhante com um estalo. — Sua mãe não te explicou que não é cortês olhar fixamente?

Ela o olhou mastigar, seu queixo trabalhava em círculos. Deus, só olhar seus lábios a deixava sem respiração.

— Não queria te ofender.

— Bom, o tem feito. E acredito que transtorna meu gêmeo enquanto o faz.

— O que?

Os olhos de Zsadist se demoraram sobre seu rosto, depois foram para seu cabelo. Comeu a outra parte da maçã.

— Phury gosta de você. Acredito que lhe atrai, deve ser a primeira, ao menos desde que eu o conheço. Não se distrai com mulheres.

Engraçado, ela não tinha essa sensação absolutamente. Então, voltou a se concentrar em Zsadist.

— Não penso em Phury.

— Ele segue te olhando. Enquanto me olha, ele a olhe fixamente. E não é porque esteja preocupado com você. Seus olhos estão sobre seu corpo, mulher. — Zsadist inclinou a cabeça para um lado. — Sabe, talvez tenha me equivocado. Talvez seja a que o tirará de seu celibato. Merda, você é muito linda e ele não está morto.

Ela se ruborizou.

— Zsadist, deveria saber que, ah, eu te acho...

— Repugnante, não é mesmo? Como um bom carro acidentado. — Ele mordeu a maçã um pouco mais. — Posso entender a fascinação, mas tem que olhar para outro lado. Olhe para Phury de agora em diante, estamos entendidos?

— Quero olhar para você. Eu gosto de te olhar.

Seus olhos se estreitaram.

— Não, não gosta.

— Sim. Gosto.

— Ninguém gosta de me olhar. Nem sequer eu.

— Você não é feio, Zsadist.

Ele riu, deliberadamente colocando uma ponta do dedo debaixo de sua cicatriz.

— Agora, há um endosso. Assim como uma visível mentira de merda.

— Você me hipnotiza. Não posso te tirar de minha mente. Quero estar contigo.

Zsadist franziu o cenho, declinando.

— Estar comigo exatamente como?

— Você sabe. Estar contigo. — Ela se ruborizou como um brilhante diamante vermelho, mas calculou que ela não tinha nada a perder. — Quero...deitar-me contigo.

Zsadist se voltou para trás tão rápido que bateu no bar. E quando as garrafas de licor repicaram, soube que as histórias sobre ele eram falsas. Não era nenhum assassino de mulheres. Mais que nada, parecia petrificado por pensar que ela se sentia sexualmente atraída por ele.

Ela abriu a boca, mas ele a cortou.

— Mantenha-se longe de mim, mulher. — Disse ele, lançando ao lixo a maçã meio comida. — Se não o fizer, não haverá nada que dizer para poder me defender.

— Do que? Não sou nenhuma ameaça para você.

— Não, mas posso te garantir que não arriscaria sua maldita saúde. Há uma boa razão pela qual as pessoas se mantêm afastadas de mim.

Ele sai da residência.

Bella olhou para todas aquelas pessoas ao redor da mesa do fundo. Todos concentrados no jogo. Era perfeito. Não queria nenhum deles para falar sobre o

que estava a ponto de fazer.

Deixou sua taça de vinho e saiu devagar da sala de bilhar. Quando entrou no vestibulo, Zsadist ia para cima. Depois de lhe dar algum tempo para que se adiantasse, caminhou rapidamente, movendo-se silenciosamente na direção do segundo andar. Quando chegou lá em cima, viu o calcanhar de sua bota desaparecer por uma esquina. Correu rapidamente pelo tapete, mantendo certa distância quando ele escolhia o corredor que levava a seu quarto e ao vestibulo de baixo.

Zsadist fez uma pausa. Ela se escondeu atrás de uma escultura de mármore.

Quando espiou, ele tinha ido. Ela caminhou para onde o tinha visto e encontrou uma porta ligeiramente entreaberta. Aproximou sua cabeça. O quarto estava às escuras, a luz do corredor progredia pouco na escuridão. E fazia frio, como se a calefação estivesse desligada durante a noite, mas não tinha sido ligada já que o calor do verão tinha desvanecido.

Seus olhos se adaptaram. Havia uma ampla cama. Suntuosa, com cortinado de pesado veludo carmesim. Outros móveis eram igualmente pródigos, embora houvesse algo ímpar em um canto no chão. Uma plataforma de cobertores. E um crânio.

Pegaram o braço de Bella a fizeram entrar.

A porta se fechou de repente e o quarto ficou totalmente na escuridão. Com um rápido suspiro, a fez se virar e empurrou seu rosto para a parede. As velas se acenderam.

— Que porra você está fazendo aqui?

Ela tentou tomar fôlego, mas com o antebraço de Zsadist pressionado sobre suas costas, não podia introduzir muito ar em seus pulmões.

— Eu, ah, eu...pensava que nós poderíamos falar.

— De verdade. Isso é o que quer fazer aqui? Conversar.

— Sim, pensei...

Sua mão prendia como uma braçadeira o dorso de seu pescoço.

— Não falo com as mulheres que me seguem em silêncio. Mas te

mostrarei o que estou disposto a fazer com elas.

Colocou seu braço grosso ao redor de seu estômago, retirando seus quadris da parede e empurrando sua cabeça para baixo. Desequilibrada, ela se esforçou para se agüentar contra uma das molduras.

Sua excitação arremeteu contra seu coração. Sua respiração explodiu abrindo caminho através de seus pulmões.

Enquanto o calor crescia entre suas pernas, o peito dele acariciava suas costas. Tirou a blusa de sua saia e escorregou sua mão por seu ventre, atravessando-o com seus dedos largos e a ampla palma.

— Uma mulher como você deveria estar com outro aristocrata. Ou as cicatrizes e a reputação são parte de minha atração? — Quando ela não lhe respondeu, por que estava sem fôlego, ele resmungou. — Sim, certamente que o são.

Com um rápido movimento ele empurrou seu sutiã para cima e capturou seu seio. Presa em um ataque de luxúria bruta, ela murmurou e se retesou. Ele sorriu um pouco.

— Muito rápido? — Ele tomou seu mamilo entre seus dedos e o acariciou, combinando o prazer e a dor. Ela gritou.

— É muito áspero para você? Tentarei me controlar, mas, já sabe, sou um selvagem. É por isso que me quer, não é verdade?

Mas não era muito rápido ou muito áspero. Deus a ajudasse, ela estava gostando. Queria-o com força e agora e o queria com ele. Queria quebrar as regras, queria o perigo e a emoção, queria o calor selvagem e o poder dele. E já estava preparada, sobretudo quando lhe empurrou a saia dos quadris. Tudo o que tinha que fazer era separar sua tanga e poderia afundar-se profundamente.

Mas ela queria vê-lo quando a penetrasse. E queria tocar seu corpo também. Começou a se levantar, mas ele a conteve, inclinando-se contra seu pescoço, mantendo-a no lugar.

— Sinto muito, sou um cavalo. Só o faço assim.

Ela lutou, morrendo de vontade de beijá-lo.

— Zsadist...

—É tarde para se arrepender. — Sua voz era um grunhido sensual em seu ouvido. — Por alguma razão, quero te foder. Errado. Por isso faça um favor para ambos e aperte os dentes. Não me custará muito tempo.

Sua mão abandonou seu seio, lançou-se entre suas pernas e encontrou seu centro.

Zsadist se congelou.

Instintivamente ela moveu seus quadris, esfregando-se entre seus dedos, sentindo uma maravilhosa fricção...

Ele saltou para trás.

— Saia daqui.

Desorientada, ferozmente despertada, balançou-se quando se levantou.

— O que?

Zsadist se aproximou da porta, abriu-a e olhou fixamente para o chão. Quando ela não se moveu, ele rugiu.

— Saia.

— Por que...

— Deus, você me deixa doente.

Bella sentiu que todo o sangue lhe abandonava o rosto. Abaixou a saia e recompôs sua blusa e o sutiã. Então saiu do quarto.

Zsadist fechou a porta com um golpe e correu para o banheiro. Levantou a tampa da privada, inclinou-se e vomitou a maçã que havia comido.

Quando puxou a descarga, afundou-se no chão, tremendo e enjoado. Tentou respirar profundamente, mas tudo o que podia cheirar era Bella. Sua adorável, inexplicável excitação estava em seus dedos. Tirou o pulôver e o colocou ao redor de sua mão, necessitando seu frágil aroma.

Deus, o perfeito cetim dela. A magnífica fragrância de sua paixão. Toda chuva deliciosa.

Nenhuma mulher havia se molhado por ele durante cem anos. Não desde

seu tempo como escravo de sangue. E então...ele não o tinha querido, tinha aprendido a temer a excitação.

Tentou concentrar-se no atual presente, tentando manter a imagem do banheiro, mas o passado o sugou para trás...

Estava na cela, com os grilhões postos, seu corpo não era dele. Sentiu as mãos da Mistress, cheirou o bálsamo que ela tinha que colocar nele para conseguir a ereção que necessitava. E depois ela o montava, bombeando-o até que gozasse. Depois disto, mordida-o e agredia enquanto bebia e se alimentava de suas veias.

Tudo havia retornado. As violações. As humilhações. As décadas de abusos até que perdeu a noção do tempo, até que quase não era nada, quase morto exceto pelo incessante batimento de seu coração, preso em sua memória e o funcionamento mecânico de seus pulmões.

Escutou um estranho som. Compreendeu que estava gemendo.

Oh...Bella

Colocou sua testa sobre seus biceps. Bella. Deus, ela fazia que se envergonhasse de suas cicatrizes e de sua feiúra, seu aspecto destruído e sua negra e repugnante natureza.

Na festa ela, sem nenhum esforço, havia se dirigido a seus Irmãos e às mulheres, sorrindo. Tinha um encanto e uma facilidade que falava da vida cômoda que havia tido. Provavelmente nunca tinha conhecido uma palavra ou um fato pouco amável. Certamente nunca tinha sido cruel ou dura com outra pessoa. Era uma mulher que valia não como as pessoas más, humanas famintas das quais havia bebido.

Não tinha acreditado nela quando havia lhe dito que queria se deitar com ele, mas ela havia querido. Era o que toda sua sedosa umidade significava. As mulheres poderiam mentir sobre muitas coisas, mas não nisto. Nunca sobre isto.

Zsadist estremeceu. Quando a tinha tido inclinada e tocava seus seios, tinha planejado deter-se apesar do que havia lhe dito. Tinha acreditado que a assustaria estando a sós, e a deixaria aflita um pouco antes de enviá-la de novo a seu caminho.

Mas na realidade tinha querido estar com ele.

Recordou de novo o que havia sentido quando havia mergulhado entre suas coxas. Tinha sido tão...suave. Tão incrivelmente quente, suave e preparada. No princípio a havia tocado para saber o que sentia por ele. Não tinha tido nenhuma idéia de fazê-lo, mas então o perturbado, Mistress tinha retornado. Tinha visto seu rosto e havia sentido seu corpo em cima dele.

A Mistress sempre tinha ido a ele muito animada e fazia muitos esforços para se assegurar de que ele sabia, embora não a houvesse tocado nunca com as mãos. Tinha sido ardilosa. Depois de cada coisa que fazia com ele, se tivesse sido capaz de opor-se a ela, a teria esmigalhado como um animal raivoso e ambos sabiam disso. Perigosamente enjaulado representava uma grande emoção para ela.

Pensou na atração de Bella por ele. Estava apoiado no mesmo não? O poder do sexo. O sujeito selvagem com grilhões usados para o prazer.

Ou no caso de Bella, o homem perigoso utilizado para uma aventura.

Se estômago se revolveu outra vez e se inclinou sobre a privada.

— Pensava que você só havia sido. — Disse Bela atrás dele. — Não sabia que na realidade te fiz adoecer.

Merda. Não tinha fechado a porta.

Nunca teria imaginado que ela retornaria.

Bella abraçou a si mesma. De todas as coisas que podia ter se inventado, esta superava a ficção. Zsadtist deitado e meio nu sobre a privada com seu pulôver ao redor de sua mão, os movimentos subindo e descendo faziam que se retessasse.

Enquanto ele amaldiçoava, ela olhou fixamente seu corpo. Querido Senhor, suas costas. A ampla extensão estava sulcada por cicatrizes, evidenciando um passado de açoites, que de algum modo não se curaram com suavidade. Ainda que não pudesse adivinhar como tinha acontecido.

— Por que está outra vez em meu quarto? — Perguntou-lhe ele, a voz ressonando ao redor da pia de porcelana.

— Eu, ah, queria gritar com você.

— Se importa se primeiro termino de me levantar? — A água saiu e respingou enquanto se lavava.

— Você está bem?

— Sim, isto só é parte da diversão.

Ela entrou no banheiro e teve a impressão que era muito limpo, muito branco e totalmente pessoal.

Em um abrir e fechar de olhos, Zsadi estava de pé olhando para ela.

Ela se engoliu um suspiro.

Embora claramente poderoso, seus músculos destacavam descarnadamente, em fibras individuais e visíveis. Por ser um guerreiro, para qualquer homem, era magro, muito magro. Sinceramente estava perto de morrer de fome. Tinha cicatrizes na frente, embora só em dois lugares; sobre seu peitoral esquerdo e sobre seu ombro direito. Tinha ambos os mamilos perfurados, pequenos aros de prata com pequenas esferas penduradas neles captando a luz enquanto ele respirava.

Mas nada disso foi o que a deixou estupefata. As grossas marcas negras tatuadas em seu pescoço e pulsos eram horríveis.

— Por que usa as marcas de um escravo de sangue? — Sussurrou ela.

— Imagine.

— Mas que é...

— Supõe que não lhe pode acontecer a alguém como eu?

— Bom, sim. Você é um guerreiro. Um nobre.

— O destino é uma cadela cruel.

Seu coração se abriu para ele e tudo o que tinha pensado sobre ele mudou. Era mais que uma emoção, mas um homem que ela queria aliviar. Reconfortar. Com um impulso, deu um passo na direção dele.

Seus escuros olhos se estreitaram.

— Realmente não quer te aproximar, mulher. Sobre tudo não agora.

Não o escutou. Quando já não houve distância entre eles, ele retrocedeu até que ficou preso no canto entre o vidro da ducha e a parede.

— Que diabos você está fazendo?

Ela não lhe respondeu, por que não tinha certeza.

— Retroceda. — Explodiu ele. Abriu a boca, alargando suas presas ao tamanho dos de um tigre.

Isto a fez fazer uma pausa.

— Mas talvez eu possa...

— Me salvar ou alguma merda? Oh, certo. É sua fantasia, esta é a parte onde, supõe-se, atravessam-me seus olhos. Entregando a minha besta aos braços de uma virgem.

— Não sou uma virgem.

— Bem, melhor para você.

Ela estendeu sua mão, querendo colocá-la sobre seu peito. Diretamente sobre seu coração.

Ele se afastou dela, apertando-se contra o mármore. Quando o suor estalou por todo seu corpo, esticou o pescoço distanciando-se e seu rosto tenso se estremeceu. Seu peito movendo-se para cima e para baixo, fazendo brilhar intermitentemente os anéis dos mamilos.

Sua voz atenuada até que não foi apenas um som.

— Não me toque. Não posso...não posso suportar ser tocado, certo? Dói.

Bella se deteve.

— Por quê? — Disse ela suavemente. — Por que lhe...

— Porra, saia daqui por favor. — Quase não podia pronunciar as palavras. — Estou a ponto de destruir algo. E não quero que seja você.

— Não me fará mal.

Ele fechou os olhos.

— Mas que droga. O que acontece aos tipos refinados? Foste criada para torturar pessoas?

— Bom Senhor, não. Só quero te ajudar.

— Mentirosa. — Cuspiu-lhe ele, lhe abriram de repente os olhos. — É uma mentirosa. Não quer me ajudar, quer cutucar uma serpente, uma cascavel com um pau para ver o que faz.

— Isso não é verdade. Ao menos... não agora.

Seu olhar era como o gelo, desalmado. E sua voz perdeu toda entonação.

— Me quer? Bom. Foda-se, pode me ter.

Zsadist se lançou sobre ela. Jogo-a no chão, deitando-a sobre o estômago e arrastando suas mãos para suas costas. O mármore estava frio contra seu rosto quando ele a colocou de joelhos e lhe separou as pernas. Escutou o som de algo que se rasgava. Sua tanga.

Ela ficou entorpecida. Suas idéias não podiam seguir o passo de suas ações e menos ainda podiam suas emoções. Mas seu corpo sabia o que queria. Zangado ou não, ela o acolheria.

O peso dele a abandonou brevemente e ela escutou o som de um zíper. Então ele esteve sobre ela sem que houvesse nada entre sua enorme ereção e sua feminilidade centro. Mas ele não empurrou. Só ofegou enquanto se congelava no lugar, sua respiração ruidosamente rápida em seu ouvido... Soluçava?

Sua cabeça caiu sobre sua nuca. Então ele se separou, cobrindo-a enquanto abandonava seu corpo. Colocando-se sobre suas costas, ele colocou seus braços sobre seu rosto.

— Oh, Deus. — Gemeu ele. — Bella.

Ela quis lhe estender a mão, mas ele estava tão tenso que não se atreveu. Com dificuldade ela ficou de pé e afastou o olhar dele. As calças de Zsadist estavam sobre suas coxas, seu sexo já não estava ereto.

Jesus, seu corpo estava em más condições. Seu estômago estava oco. Os ossos de seu quadril saindo da pele. Era verdade que devia beber só das humanas, pensou ela. E não comia nada absolutamente.

Ela se concentrou nos grupos de tatuagens que recobriam seu rosto e seu pescoço. E nas cicatrizes.

Destruído. Não quebrado.

Embora ela se envergonhasse de admitir isto agora, a escuridão tinha sido a parte maior de seu encanto. Era tal anomalia, um contraste para o que conhecia da vida. Isto o fazia muito mais perigoso. Excitante. Atraente. Mas isso tinha sido uma fantasia. Isto era a realidade.

Ele sofria. E não havia nada de atraente ou emocionante nisso.

Ela pegou uma toalha, aproximou-se dele, colocando-a com cuidado sobre a carne exposta. Ele pulou e a agarrou fortemente contra ele. Quando elevou o olhar para ela, o alvo de seus olhos estava injetado em sangue, mas não chorava. Talvez ela tivesse se enganado sobre os soluços.

— Por favor...deixe-me. — Disse ele.

— Desejo...

— Vá. Agora. Não deseje, não há esperança. Não há nada. Só me deixe. E nunca se aproxime de mim outra vez. Jure. Jure.

— Eu...eu prometo.

Bella se apressou em sair de seu dormitório. Quando ela estava no corredor o bastante longe, parou e penteando o cabelo com os dedos, tentando alisá-lo. Podia sentir sua tanga ao redor da cintura e a deixou ali. Não tinha nenhum lugar onde a deixar se a tirasse.

Escada abaixo à festa ainda estava em plena atividade, mas ela se sentiu fora de lugar, esgotada. Aproximou-se de Mary, disseram-se adeus e procurou pelos arredores algum doggen para que a levasse para casa.

Mas então Zsadist entrou no cômodo. Havia colocado uma roupa de treinamento de nylon branca e levava uma bolsa negra na mão. Sem olhá-la para nada, aproximou-se de Phury por trás, que estava a alguns passos de distância.

Quando Phury se virou e viu a bolsa, retrocedeu.

— Não, Zsadist. Não quero...

— O fará, Irmão ou encontrarei a alguém que o faça.

Zsadist lhe deu a bolsa.

Phury o olhou fixamente. Quando pegou a bolsa, sua mão tremeu.

Os dois saíram juntos.

## CAPÍTULO QUARENTA E UM

---

Mary deixou o prato vazio perto da pia e entregou uma bandeja para Rhage para poder recolher juntos todas as vasilhas vazias. Agora que a festa tinha terminado, todos ajudavam a limpar.

Quando saíram ao vestibulo, disse ela.

— Estou contente de que Wellsie e Tohr tenham recolhido John. Teria gostado de vê-lo esta noite, mas sou feliz de saber que se encontra em boas mãos.

— Tohr me disse que o pobre rapaz não pode sair da cama, está esgotado. Tudo o que faz é comer e dormir. Ah, a propósito, acredito que tinha razão. Phury se entendeu com Bella. Passou muito tempo olhando-a. Nunca o vi fazer isso antes.

— Mas depois do que me disse sobre...

Quando passaram junto à magnífica escada, uma porta oculta debaixo dela se abriu.

Zsadist saiu. Seu rosto estava machucado, sua camisa de treinamento feita em farrapos. Havia sangue sobre ele.

— Oh, merda. — murmurou Rhage.

O Irmão passou por eles, os escuros olhos frágeis não os olhando. Seu pequeno sorriso de satisfação parecia totalmente fora de contexto, como se tivesse desfrutado de uma boa comida ou talvez de bom sexo em vez de conseguir que o inferno santo o atingisse. Subiu para cima devagar, uma perna não se dobrava bem.

— Melhor que eu vá limpar Phury. — Rhage deu a bandeja para Mary e a beijou ligeiramente. — Eu posso demorar um tempo.

— Porque Phury... Oh...Deus.

— Só por que o obrigou. Essa é a única razão, Mary.

— Bem...fique enquanto ele o necessitar.

Mas antes que entrasse na passagem, Phury saiu levando o equipamento de exercícios. Estava tão esgotado como o Zsadist, mas não tinha nenhum sinal

sobre ele. Não, isso não era certo. Seus nódulos estavam arroxeados e partidos. E tinha manchas de sangue no peito.

— Hei, homem. — Disse Rhage.

Phury olhou a seu redor e pareceu se assustar de encontrar-se onde estava.

Rhage ficou diante dele.

— Meu Irmão? Seus sobressaltados olhos o enfocaram.

— Hei.

— Quer ir para cima? Descansar um pouco?

— Oh, sim, não. Estou bem. — Seus olhos saltaram para Mary. Olhando-a a distância. — Eu, ah, estou bem. Sim, de verdade. Imagino que a festa já terminou?

Rhage pegou a bolsa. A camisa rosa pálido de Phury se sobressaía dela, presa ao zíper.

— Vamos, subamos juntos.

— Deveria ficar com sua mulher.

— Ela entende. Vamos juntos, meu Irmão.

Os ombros de Phury se afundaram sobre seu torso.

— Sim, certo. Sim, eu não...eu preferiria não estar sozinho nesse momento.

Quando Rhage finalmente retornou para seu quarto e de Mary, soube que estaria adormecida, por isso fechou a porta silenciosamente.

Havia uma vela acesa sobre a mesinha de noite e com o brilho viu que a cama era uma confusão. Mary tinha empurrado o edredom e espalhado os travesseiros. Ela estava de costas, a adorável camisola branca retorcida ao redor de sua cintura, subindo sobre suas coxas.

Ele nunca tinha visto seda antes, sabia que ela a estava usando por que queria que fosse uma noite muito especial. A visão lhe deu corda e ainda quando

a vibração começava a queimá-lo, ajoelhou-se a seu lado da cama. Tinha que estar perto dela.

Não sabia como Phury continuava fazendo-o, sobre tudo em noites como esta. Um Irmão só amava ter que sangrar, exigindo dor e castigo. Então Phury fazia o que havia lhe pedido que fizesse, aceitando a transferência do sofrimento. Zsadist sem dúvida estava dormindo. Phury poderia estar preso o seu redor em sua mesma pele durante dias.

Era um homem muito bom, fiel a Zsadist. Mas o trabalho da culpa do que lhe tinha acontecido a Zsadist, matava-o.

Deus, como alguém poderia concordar machucar a quem amava só por que a pessoa assim o queria?

— Cheira muito bem. — Murmurou Mary, aconchegando-se a seu lado e olhando-o. — Como um Starbucks.

— É por causa da Red-Smoke. Phury acendeu algo intenso, mas não o culpo.

— Rhage lhe pegou a mão e franziu o cenho. — Está outra vez com febre.

— Deixa-o. Sinto-me muito melhor. — Beijou-lhe o punho. — Como está Phury?

— Um desastre.

— Zsadist lhe faz fazer isto muito?

— Não. Não sei o que o fez saltar esta noite.

— Sinto muito por ambos. Mas sobretudo por Phury.

Sorriu a ela, gostava da maneira que ela se preocupava com seus Irmãos.

Mary se sentou devagar, colocando suas pernas de maneira que ficassem pendurando da cama. Sua camisola tinha um corpete de renda e através do modelo ele podia ver seus seios. Suas coxas se retesaram e fechou os olhos.

Isto era um inferno. Desejava estar com ela. Estava assustado pelo que seu corpo faria. E não estava pensando só no sexo. Precisava abraçá-la.

Suas mãos se elevaram até seu rosto. Quando o polegar acariciou sua

boca, seus lábios se abriram por vontade própria, um convite subversivo que ela aceitou. Ela se inclinou e o beijou, sua língua penetrando, tomando o que sabia que ele não deveria estar oferecendo.

— Hum. Que gosto bom.

Tinha estado fumando com Phury, sabendo que ia voltar, esperando que pudesse relaxar um pouco. Não poderia voltar a controlar uma repetição do que tinha acontecido na sala de bilhar.

— Quero-te, Rhage. — Ela mudou de posição, abrindo suas pernas, atirando seu corpo contra ele.

A energia se formava redemoinhos condensando-se ao longo de sua coluna e a irradiava, perfurando suas mãos e seus pés, fazendo que suas unhas cantassem com a dor e lhe estremecesse o cabelo.

Ele se jogou para trás.

— Escuta, Mary ...

Ela sorriu e tirou a camisola pela cabeça, sacudindo a coisa de tal maneira que caiu sobre o chão formando um redemoinho. Sua pele nua à luz da vela o enredou. Não podia se mover.

— Me ame, Rhage. — Ela pegou-lhe as mãos e colocou-as sobre seu seios. Inclusive quando ele disse a si mesmo para não tocá-la, ele afagou os bicos, seus polegares alisando seus mamilos. Ela arqueou as costas. — Oh, sim. Assim.

Ele foi para seu pescoço, lambendo em cima da veia. Queria beber com força dela, sobre tudo quando ela sustentava a cabeça como se também o quisesse. Não era que tivesse que se alimentar. Queria-a em seu corpo, em seu sangue. Queria ser abraçado por ela, viver dela. Desejava que pudesse fazer o mesmo com ele.

Ela colocou os braços ao redor de seus ombros e o puxou, tentando abaixá-lo para o colchão. Deus lhe ajudasse, ela lhe deixou. Ela estava agora debaixo dele, o cheiro de excitação que tinha por ele.

Rhage fechou os olhos. Não podia negá-la. Não podia parar a corrida que havia dentro de si. Preso entre os dois, beijou-a e rezou.

Algo não estava bem, pensou Mary.

Rhage não estava a seu alcance. Quando ela quis lhe tirar a camisa, não lhe deixou chegar até os botões. Quando tentou tocar sua ereção, afastou seus quadris. Inclusive quando sugou seus seios e passou a mão entre suas pernas, era como se fizesse o amor com ela à distância.

— Rhage... — Sua voz se quebrou quando sentiu seus lábios sobre seu umbigo.

— Rhage que está acontecendo?

Suas mãos grandes separaram suas pernas amplamente, sua boca dirigindo-se ao interior de suas coxas. Mordiscando-a, brincando com as presas, nunca a mordendo.

— Rhage, pare um minuto...

Ele colocou sua boca sobre seu sexo, tomando-a entre seus lábios, chupando-a, movendo-se para frente e para trás, saboreando-a. Dobrou-se sobre a cama para ver sua cabeça loira abaixada, seus ombros debaixo de seus joelhos, suas pernas tão pálidas e finas contra ele como pano de fundo.

Ela ia estar totalmente perdida em outro segundo.

Agarrando uma mecha de seu cabelo, puxou-o, afastando-o dela.

Seus olhos azuis brilharam tenuamente com potência sexual enquanto respirava diretamente com os lábios abertos, brilhantes. Deliberadamente ele tomou mais abaixo entre seus dentes e a sugou. Depois sua língua lhe deu uma lambida longa e lenta para cima.

Ela fechou os olhos, inchada, derretida.

— Qual é o problema? — Ela sussurrou.

— Não sabia que havia um. — Ela acariciou seu centro com os nódulos, esfregando a pele sensível. — Você não gosta disto?

— Certamente que sim.

Seu polegar começou a fazer círculos.

— Então me deixe que eu volte para o que estava fazendo.

Antes que ele deixasse cair a cabeça e colocasse a língua sobre ela outra vez, ela o segurou fechando suas pernas ao redor de sua mão o melhor que pôde.

— Por que não posso te tocar? — Perguntou-lhe ela.

— Estamos nos tocando. — Ele moveu seus dedos. — Estou bem aqui.

Oh, Deus ela podia ter algo mais quente?

— Não, não está.

Ela tentou se afastar e se sentar, mas ele estendeu seu braço livre. Sua palma sobre seu seio, empurrando suas costas sobre a cama.

— Não terminei. — Disse ele com profundo estrondo.

— Quero tocar seu corpo.

Seu olhar flamejou intensamente. Mas foi só isso, o brilho tinha desaparecido e uma rápida emoção passou por seu rosto. Medo? Ela não poderia dizer, por que ele baixou a cabeça. Beijou-a sobre a coxa, acariciando-a com sua bochecha, seu queixo e sua boca.

— Não há nada como seu calor, seu sabor, sua suavidade. Permita-me te dar prazer, Mary.

As palavras a esfriaram. As havia escutado antes. No começo.

Seus lábios se moveram pelo interior de sua perna, perto de casa.

— Wo. Pare, Rhage. — Ele o fez. — Unilateralmente não é muito atraente para mim. Não quero que me sirva. Quero estar contigo.

Sua boca se apertou e ele desceu da cama repentinamente. Ia abandoná-la?

Mas ele só se ajoelhou no chão, seus braços sobre o colchão, a cabeça pendendo sobre seus ombros.

Recolhendo-se consigo mesmo.

Ela esticou uma perna tocando seu antebraço com um pé.

— Não me diga que você vai me dizer que não. — Murmurou ela.

Ele elevou o olhar para ela. Da baixa posição de sua cabeça, seus olhos eram meras linhas em seu rosto, cuspidos brilhantes raios de néon azul.

Arqueando seu corpo, ela moveu sua perna, lhe dando uma pequena imagem do que ela sabia que ele queria tão duramente.

Conteve a respiração.

Com um poderoso movimento, fluido, Rhage surgiu do chão e saltou sobre ela, aterrissando entre suas coxas. Desfez-se de suas calças e ...

Oh, obrigado, Deus.

Chegou imediatamente, apertando sobre toda aquela dureza em ondas. Quando o tropejar retrocedeu, sentiu-o tremendo sobre ela, dentro dela. Estava a ponto de lhe dizer que deixasse seu autocontrole quando compreendeu que o refreamento não era o problema. Estava em uma espécie de transe, cada músculo de seu corpo tinha um espasmo.

— Rhage? — Ela elevou o olhar até o seu rosto.

Seus olhos eram brancos e brilhantes.

Em uma tentativa para tranquilizá-lo, colocou suas mãos sobre suas costas, mas sentiu algo sobre sua pele. Um desenho levantado. Traços, quase.

— Rhage, há algo sobre seu...

Ele se afastou dela e se foi diretamente para a porta.

— Rhage? — Ela pegou sua camisola e o colocou enquanto saía atrás dele.

No corredor ele parou para colocar as calças e Mary quase gritou. A tatuagem estava viva. A coisa havia se levantado sobre suas costas, o desenho se elevava nas sombras.

E se movia mesmo que ele estivesse parado. O grande dragão buliu enquanto a olhava fixamente, a cabeça e os olhos dirigidos para ela enquanto seu corpo se ondulava.

Procurava uma saída.

— Rhage!

Ele saiu como uma bala, descendo até o vestibulo e desaparecendo por uma porta oculta sob a escada.

Rhage não deixou de correr até que esteve dentro das instalações de treinamento. Quando passou pelo vestiário, esmurrou as portas até abrirem e foi para a ducha comum. Abriu uma das duchas, deslizou-se para baixo sobre os azulejos e se sentou sob o jorro de água fria.

Era tudo tão terrivelmente claro. As vibrações. Os murmúrios. Sempre ao redor de Mary, sobre tudo se estivesse excitada.

Deus, não sabia por que não o havia entendido antes. Talvez ele só queria evitar a verdade.

Estando com Mary era diferente por que....ele não era o único que queria fazer amor com ela. A besta a queria também. A besta queria sair para poder tomá-la.

## CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

---

Fechando a zíper da parca, andou sobre a grama alta e desigual do prado. Zsadist. Não podia fechar os olhos e não vê-lo estar de costas naquele banheiro. Destruído. Não quebrado. Parou e olhou a neve.

Tinha dado sua palavra de que não voltaria a incomodá-lo, mas não queria manter a promessa. Deus a ajudasse queria tentar outra vez com ele...

Na distância notou que alguém andava nos arredores da casa de Mary. Bela ficou rígida pelo medo, mas então viu uma juba escura, por isso não era um lesser.

Obviamente Vishous estava trabalhando na instalação do sistema de segurança. Saudou-o com a mão e foi até lá.

Depois de ter falado com Vishous na festa, tinha gostado tremendamente dele. Tinha o tipo de capacidade mental que em geral absorvia as habilidades sociais de um vampiro, mas com aquele guerreiro, tinha o pacote inteiro. Era atraente, inteligente, poderoso, o tipo de homem que lhe fazia pensar em bebês só para guardar seu DNA no fundo genético.

Ela se perguntou por que usava aquela luva de couro negro. E sobre as tatuagens que tinha em um lado de seu rosto. Talvez lhe perguntasse sobre eles, se parecesse bem.

— Pensava que não teria que terminar agora. — Disse-lhe quando passou pelo terraço. — O que aconteceu com Mary...

A figura de cabelo escuro que sua direção não era Vishous. E isto não estava vivo.

— Jennifer? — Disse-lhe o lesser maravilhado.

Durante uma fração de segundo Bella se congelou. Então ela se virou e correu, movendo-se rapidamente sobre a terra. Não tropeçou; não vacilou. Era rápida e estava segura enquanto cruzava o prado, mesmo que estivesse aterrorizada. Se pudesse chegar em casa, poderia trancar-se e deixar o lesser de fora. Quando ele entrasse pela janela, ela já estaria no porão onde ninguém podia chegar. Chamaria Rehvenge e pegaria o túnel subterrâneo que levava ao outro lado da propriedade.

O lesser estava atrás dela, podia escutar o som de seus longos passos e o roçar da roupa, mas não tinha terminado quando se precipitou ao outro lado da grama rangente, gelado. Guiou seus olhos para as alegres luzes de sua casa, provocando seus músculos para correr mais.

A primeira dor a atingiu na coxa. A segunda no meio das costas, na parca.

Suas pernas ficaram mais lentas e seus pés pareciam enormes pés de pato. Então a distância que tinha que percorrer ficou maior, estendia-se imensamente, mas continuou de qualquer modo. Quando se dirigiu à porta traseira, cambaleava. De alguma forma, entrou, mas lutou contra a fechadura com os dedos que estavam sem força.

Quando virou-se foi cambaleando para o porão, as portas francesas pareciam estar sendo chutadas, como se estivesse passando em algum lugar longínquo, muito longínquo.

Uma mão lhe prendeu o ombro.

O impulso bélico foi forte nela e se armou de coragem, batendo o lesser com o punho fechado. Momentaneamente ele ficou atordoado e depois ele bateu nas suas costas, enviando-a ao chão. Virou-a e a bateu novamente, a mão aberta sobre sua maçã do rosto, batendo sua cabeça sobre o chão.

Ela não sentiu nada. Nem a bofetada, nem o golpe na cabeça. O que foi bom por que não a distraiu quando lhe mordeu o braço.

Agitando-se juntos, bateram na mesa da cozinha, derrubando as cadeiras. Libertou-se agarrando uma dos objetos e o atingiu no peito. Ele estando desorientado, arquejando ela se distanciou.

Seu corpo se esgotou ao pé da escada do porão.

Estando estendida ali, estava consciente, mas incapaz de se mover. Tinha um vago pensamento sobre que algo lhe gotejava sobre os olhos. Provavelmente seu próprio sangue, talvez um pouco do lesser.

O alcance de sua visão girava a seu redor enquanto estava estendida.

Examinou o rosto do lesser. Cabelo negro, olhos marrons pálidos.

Bom Deus.

O assassino estava chorando quando a levantou do chão e a embalou entre

seus braços. A última coisa que ela tinha consciência foi à visão de suas lágrimas caindo sobre o rosto.

Ela não sentiu absolutamente nada.

O Senhor O tirou com cuidado à mulher na cabine do caminhão. Desejava por todos os infernos não ter estado de acordo em deixar sua casa dessa maneira poderia viver no centro de persuasão. Teria preferido mantê-la longe dos outros lessers, mas homens outra vez, estavam aqui seria capaz de assegurar-se de que ela não escaparia. E se qualquer outro assassino aproximasse dela ...bem, utilizaria as facas.

Enquanto passava à mulher pela porta, olhou seu rosto. Parecia-se com sua Jennifer. Olhos de diferente cor, mas o rosto em forma de coração. A espessa cabeleira escura. O corpo delgado, perfeitamente proporcionado.

Na realidade, ela era mais linda do que Jennifer tinha sido. E batia com mais dureza também.

Colocou à mulher sobre a mesa e tocou o machucado de sua bochecha, a ferida do lábio, os sinais sobre sua garganta. A luta tinha sido tremenda: por todos os meios, sem economizar nada, nenhuma parada até que ele ganhou e sustentou seu corpo entre seus braços.

Olhando fixamente a vampira, recordou o passado. Sempre tinha tido medo de ser ele quem mataria Jennifer, que alguma noite todos esses golpes cruzariam a linha. Em vez disso tinha terminado por assassinar o motorista que tinha batido o carro de frente com o dela. O bastardo estava bêbado por volta das cinco horas da tarde e ela só voltava para casa do trabalho.

Matar seu assassino tinha sido fácil. Tinha encontrado onde o cara vivia e tinha esperado que chegasse em casa em busca de merda. Então o havia golpeado a cabeça ao homem com o ferro dos pneus e o tinha empurrado pelas escadas. Com o corpo esfriando-se, o Senhor O tinha dirigido para o norte e para o leste, todo o caminho atravessando o país.

Onde tinha caído na Sociedade.

Um carro parou lá fora. Rapidamente recolheu à mulher e a levou a um dos buracos. Depois de colocar a corda ao redor de seu peito, abriu a tampa de um deles e a deixou cair em seu interior.

— Você conseguiu outro? — Perguntou-lhe o Senhor U quando entrou.

— Sim. — O Senhor O fez um alarde ao examinar o outro buraco, com o homem que o Senhor X tinha estado trabalhando a noite anterior. O civil estava trocando de posição no tubo, parecendo um pouco assustado, fazendo ruídos.

— Então vamos poder trabalhar sobre a captura fresca. — Disse o Senhor U.

O Senhor O colocou a bota sobre a capa da mulher.

— Este é meu. Se alguém a tocar eu lhe arranco a pele com os dentes.

— Ela? Excelente, Sansei ficará contente.

— Você não dirá nada sobre isto. Estamos entendidos?

O Senhor U franziu o cenho, depois se encolheu de ombros.

— Claro. O que quiser, homem. Mas você sabe que ele o saberá cedo ou tarde. Quando o fizer, só pense que não veio de mim.

O Senhor O podia ver que o Senhor U manteria o segredo e com um impulso deu ao assassino o endereço da granja em que tinha estado. Um pequeno favor em troca da integridade do lesser.

— O nome da mulher que vive lá é Mary Luce. Foi vista com um Irmão. Vá pegá-la, homem.

O Senhor U assentiu.

— O farei, mas está perto da alvorada e preciso dormir. Estive acordado durante duas noites. É muito tempo e estou debilitado.

— Então amanhã. Agora nos deixe.

O Senhor U inclinou a cabeça e lançou um olhar ao tubo do buraco.

— Nós?

— Porra, saia daqui, Senhor U.

O Senhor U saiu e o Senhor O escutou como o som do carro do lesser se desvanecia.

Satisfeito, olhou para a capa de rede. E não pôde deixar de sorrir.

## CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

---

Rhage não voltou para a casa principal até as cinco horas da tarde. Enquanto caminhava pelo túnel, não fez nenhum ruído. Tirou os sapatos porque tinham ficado ensoçados e depois esqueceu onde os tinha deixado.

Era um cabo vivo, queimava-lhe um rugido do qual não podia desfazer-se não importando o quão esgotado estivesse ou quantas pesos levantasse ou o quanto corresse. Neste ponto, nem sequer poderia considerar, porque não podia imaginar-se tendo sexo com cem mulheres diferentes já que não se rebaixaria.

Não tinha nenhuma escapatória, mas tinha que falar com Mary. Temia lhe dizer que tinha sido condenado fazia um século e não tinha nenhuma idéia de como lhe explicar que a besta queria ter sexo com ela. Mas ela tinha que saber por que se manteve afastado.

Preparou-se e abriu a porta do dormitório. Ela não estava ali.

Desceu e se encontrou com Fritz na cozinha.

— Você viu Mary? — Perguntou-lhe, fazendo todo o possível por manter o nível de sua voz.

— Sim, senhor. Ela saiu.

O sangue de Rhage gelou.

— Para onde ela foi?

— Ela não disse.

— Levou alguma coisa com ela? A bolsa? Uma bolsa de viagem?

— Um livro. Um pão-doce. Uma parca.

Lá fora. Rhage correu pelo túnel subterrâneo e esteve no Pit em meio minuto. Bateu na porta.

Vishous se tomou seu maldito tempo para atender, estava vestido com uns boxers curtos e ergueu a cabeça quando disse.

— O que a...

— Mary saiu da casa. Sozinha. Preciso encontrá-la.

Vishous se esfregou os olhos e o olhou tentando se concentrar. Foi até seu computador, vendo cada imagem do exterior que tinha, encontrou-a sentada no sol na porta da rua da mansão. Era inteligente. Se algo lhe acontecesse, seria capaz de entrar no vestibulo em um minuto.

Rhage suspirou.

— Como faz para que esta coisa se mova e se aproxime mais?

— Uso o zoom com o botão da direita do mouse.

Rhage centrou a imagem. Ela estava alimentando um par de pardais, lhes lançando pedacinhos de pão doce. Cada vez que levantava a cabeça, olhava a seu redor. O sorriso em seu rosto era íntimo, só uma leve elevação de seus lábios.

Ele tocou a tela, acariciando seu rosto com as pontas de seus dedos.

— Sabe, equivocou-te, meu Irmão.

— Fiz isso?

— Ela é meu destino.

— Eu disse que não era?

Rhage o olhou sobre o computador, concentrando-se no olho tatuado de Vishous.

— Não sou seu primeiro amante. Disse-me que meu destino era uma virgem. Pelo que te equivocaste.

— Nunca me equivoco.

Rhage franziu o cenho, rechaçando de primeira mão a idéia de que alguma outra mulher significaria ou tomaria o lugar de Mary em seu coração.

Homem, que se ferre o destino se ia tentar que amasse a alguém mais. E ao diabo com os prognósticos de Vishous.

— Deve ser agradável saber de tudo. — Resmungou ele. — Ou ao menos pensar que sabe.

Enquanto se virava para se dirigir ao túnel, seu braço foi agarrado com

força.

Os diamantinos olhos de Vishous, geralmente tão tranqüilos, estreitaram-se e ele se alterou.

— Quando digo que não me equivoco, não o faço por meu ego. Ver o futuro é uma maldita maldição, meu Irmão. Acredita que eu gosto de saber quando vai morrer todo mundo?

Rhage retrocedeu e Vishous sorriu com frieza.

— Sim, acredita nisso. E não compreende que a única coisa que não sei é quando, por isso não posso salvar a nenhum. Agora, quer me dizer por que deveria fanfarronear sobre minha maldição?

— Oh, Deus... meu Irmão. Sinto muito...

Vishous bufou seu fôlego.

— Certo. Olhe, por que não vai até sua mulher? Esteve pensando em você toda à tarde. Não se ofenda, mas me canso de ouvir a sua voz em minha cabeça.

\*\*\*\*\*

Mary se recostou mais contra as grandes portas de cobre e aço e levantou o olhar. No alto, o céu era uma extensão brilhante azul, o ar seco lhe deu vigor depois da extraordinária e prematura nevada da noite anterior. Antes que o sol se fosse, queria caminhar pelas terras, mas o calor que atravessava sua parca deixava-a letárgica. Ou talvez só estivesse esgotada. Não tinha sido capaz de dormir depois que Rhage abandonasse o quarto, tinha passado todo o dia esperando que ele voltasse.

Não tinha nenhuma idéia do que tinha acontecido ontem à noite. Não tinha certeza do que tinha visto ou que pensava que tinha feito. Por todos os Santos, as tatuagens não se levantavam da pele de ninguém. E não se moviam. Ao menos, não em seu mundo.

Rhage não tinha sido a única razão de sua insônia. Era hora de averiguar o que os doutores iriam fazer com ela. O encontro com a Dra. Delia Croce era amanhã e quando tivesse terminado, saberia como seriam maus os tratamentos.

Deus...Querida falar com Rhage sobretudo para o que ele teria que se preparar.

Quando o sol desceu por debaixo da linha das árvores, o frio se instalou nela.

Levantou-se, esticou-se e depois passou pelo primeiro conjunto de portas para o vestibulo. Quando se fecharam, ela mostrou seu rosto para a câmara e o conjunto de dentro se abriu.

Rhage estava sentado no chão ao lado da entrada. Levantou-se devagar.

— Olá. Estive te esperando.

Ela sorriu torpemente, mudando seu livro para frente e para trás entre suas mãos.

— Queria-te dizer onde estava. Mas você se esqueceu do celular quando ...

— Mary, escuta, sobre ontem à noite...

— Espere, antes de começar com isso. — Lhe pegou a mão. Tomou uma profunda respiração. — Amanhã vou ao hospital. Para a consulta anterior aos tratamentos.

Seu cenho franzido se tornou muito profundo, suas sobrancelhas se encontravam no meio de sua testa.

— Que hospital?

— São Francis.

— A que hora.

— Pela tarde.

— Quero que alguém vá contigo.

— Um doggen?

Ele negou com a cabeça.

— Butch. O Tira é bom com armas e não quero que vá desprotegida. Olhe, podemos ir para cima?

Ela assentiu e ele tomou a sua mão, conduzindo-a até o segundo andar. Quando estiveram em seu dormitório, ele caminhava sem cessar, enquanto ela

se sentou sobre a cama.

Quando eles falaram do encontro com o doutor, se notou que ele estava melhor preparado que ela. E depois ficaram em silêncio.

— Rhage, me explique o que aconteceu ontem à noite. — Quando ele hesitou, ela lhe disse. — Seja o que for, passaremos por isso. Pode me dizer.

Ele parou. Confrontando-a.

— Sou perigoso.

Ela franziu o cenho.

— Não, não é.

— Sabe o que há em toda minha costas?

Com frieza, ela pensou no movimento da tatuagem...

Espere, disse ela a si mesma. Isso não tinha acontecido. Ele tinha respirado com força ou algo assim e por isso a coisa parecia que tinha mudado de posição.

— Mary, é parte de mim. A besta. Está dentro de mim. — Ele se esfregou o peito e depois os braços. Agora as coxas. — Tento controlá-lo o melhor que posso. Mas isto... não quero te fazer mal. Não sei o que fazer. Inclusive agora, perto de você, sou...Cristo, sou uma confusão de merda.

Enquanto estendia as mãos que lhe tremiam, via-se totalmente tenso.

— Parte da razão pela qual tenho que lutar é por que o combate me relaxa. — Disse ele. — E também as mulheres. As tomava por que o gozo ajudava a manter a besta presa. Mas agora não posso ter sexo, estou instável. É sobre ontem à noite, quase perdi. Duas vezes.

— Espera um... Do que você está falando? Você me tem. Faz amor comigo.

— Não posso deixar que aconteça mais. — Disse ele com os dentes apertados.

— Não posso...ter sexo contigo nunca mais.

Atordoada, ela o olhou fixamente.

— Isso significa, que não estará mais comigo? Nenhuma outra vez?

Ele negou com a cabeça.

— Nunca.

— Que diabos? Você me quer. — Seus olhos se dirigiram ao grosso vulto em suas calças. — Posso ver que está duro. Posso cheirar a necessidade que tem por mim.

De repente seus olhos deixaram de piscar e brilharam brancos.

— Por que seus olhos mudam? — Sussurrou ela.

— Por que ela...está chegando.

Quando ela se calou, ele começou a respirar de uma maneira estranha. Duas inspirações dentro de um, uma longa exalação. Dois ofegos curtos, um suspiro lento.

Lutou por agarrar-se com força ao que ele lhe dizia. E fracassou, ao menos em uma parte. Devia significar que tinha uma espécie de alter-ego incondicional, pensou ela.

— Mary, não posso...estar contigo por que....quando estou contigo ela quer sair.

— Duas respirações rápidas. — Ela quer...

— O que, exatamente?

— Ela te quer. — Ele se afastou dela. — Mary, ela quer...estar dentro de você. Entende o que te digo? Meu outro lado quer tomar ...tenho que ir agora.

— Espera! — Ele parou na porta. Seus olhos se encontraram. — Então permita que me tenha.

A boca de Rhage caiu aberta.

—Você está louca?

Não, não estava. Tinham tido sexo com um desespero que parecia violência. Havia sentido seus duros impulsos. Se essa outra personalidade era

resistente, calculava que poderia controlá-la.

— Só deixe ir. Está bem.

Dois ofegos curtos. Um longo suspiro.

— Mary, não sabe...que merda está dizendo.

Tentou lhe fazer ver a luz disso.

— O que vai me fazer? Comer-me?

Quando ele só a olhou com aqueles olhos em branco, ela se esfriou. Jesus, talvez ele tivesse seu ponto.

Mas ela estava definitivamente louca.

— Atar-lhe-emos. — Disse ela.

Ele negou com a cabeça quando tropeçou com seus pés e se agarrou à maçaneta da porta.

— Não quero me arriscar.

— Espera! Sabe com certeza o que acontecerá?

— Não. — Ele se arranhou o pescoço e os ombros, tensos.

— Há alguma possibilidade de que vai ter a liberação que necessita?

— Talvez.

— Então o tentaremos. Corrirei se...bom, se algo estranho acontecer.

Rhage, me deixe fazer isto por nós. Além disso, qual é a alternativa? Mudo-me? Não voltamos a nos ver? Alguma vez teremos sexo outra vez? Pense, vamos, está tão ansioso agora mesmo que está a ponto de sair de sua pele.

O medo inundou seu rosto, apertou a boca, arregalou os olhos. A vergonha lhe seguia os calcanhares, um sofrimento que lhe retorcia os intestinos que fez que ela atravessasse o quarto. Tomou suas mãos, sentindo a sacudida.

— Odeio te ver assim, Rhage. — Quando ele começou a falar, ela o cortou. — Olhe, você sabe com o que tratamos. Eu não. Faz o que tenha que fazer para te assegurar e vamos ver que acontece.

Ele afastou o olhar dela. Ela queria pressioná-lo, mas tinha o pressentimento de que só o empurraria em direção contrária.

— Me deixe ir falar com Vishous. — Disse finalmente.

— Correntes. — Repetiu Rhage, enquanto estava de pé em meio da residência do Pit.

Vishous o olhou por cima da tela de seu computador.

— De que tipo?

— Como as que utilizavam para rebocar um carro.

Butch saiu da cozinha, uma Bud em sua mão, no outro um sanduíche.

— Hey, grandalhão. O que está acontecendo?

— Quero que os dois prendam-me à cama.

— Excêntrico.

— Então temos algo que possamos usar, Vishous?

Vishous colocou novamente seu boné dos Sox. — A garagem. Acredito que há algumas na garagem. Mas Rhage, homem, no que está pensando?

— Preciso...estar com Mary. Mas não quero sofrer o... — Ele parou. Exalou.

— Tenho medo da transformação. Muito suco.

Os pálidos olhos de Vishous se estreitaram.

— E deixaste às outras mulheres, não é mesmo?

Rhage assentiu.

— Só quero Mary. Não poderia me colocar duro com ninguém mais neste ponto.

— Ah, merda, homem. — Disse Vishous por debaixo de sua respiração.

— Por que a monogamia é algo ruim? — Perguntou Butch enquanto se sentava e abria como podia a lata de cerveja. — Penso que é uma maldita boa

mulher a que conseguiu. Mary é boa gente.

Vishous negou com a cabeça.

— Se lembra do que viu naquela clareira, Tira? Você gostaria disso perto da mulher que amas?

Butch deixou a Bud sem beber. Seus olhos percorreram todo o corpo de Rhage.

— Vamos necessitar um carregamento de aço. — Resmungou o humano.

## CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

---

O Senhor O estava ficando nervoso. A mulher não estava totalmente consciente e já tinham passado dezoito horas. Aqueles dardos tinham sido calibrados para um homem, mas ela deveria começar a levantar-se agora.

Preocupou-se se por acaso tivesse lhe causado uma concussão.

Deus, isto era apenas como tinha sido antes. Ele e Jennifer lutariam e depois, ficaria nervoso antes de lhe fazer algum mal sério. Enquanto ele a lavava, cuidava de suas feridas, procurando fraturas e cortes profundos. E quando tinha certeza de que ela estava bem, fazia amor com ela, inclusive se ela não estivesse bem. O alívio chegava enquanto estava em cima dela, e ia até os calcanhares ao saber que não tinha levado as coisas muito longe, sempre era o melhor tipo de prazer.

Desejaria poder fazer amor com a mulher que tinha seqüestrado.

O Senhor O caminhava sobre o buraco onde ela estava. Tirou a tampa de rede, acendendo uma lanterna e enfocando a luz para dentro. Ela estava deitada sobre o chão, vergada contra o tubo.

Queria tirá-la. Segurá-la. Beijá-la e sentir sua pele. Queria estar dentro dela. Mas todos...os lessers eram impotentes. Omega, aquele bastardo, era um amo ciumento.

O Senhor O substituiu a tampa e rondou a seu redor, pensando no dia e na noite que havia passado com Omega e a depressão em que tinha entrado após. Engraçado, agora que tinha essa mulher, sua mente se limpou e um novo compromisso o estimulou.

Sabia que quem estava no buraco não era Jennifer, mas a vampira era parecida com a que lhe tinham arrancado e ele não ia ser exigente. Aceitaria o presente que tinham lhe entregue e o guardaria bem.

Desta vez ninguém ia levar a sua mulher. Ninguém.

Com as janelas levantadas durante a noite, Zsadist desceu da plataforma e caminhou nu ao redor do quarto onde ficava.

O que tinha acontecido na noite passada com Bella o estava matando. Queria ir a sua procura e lhe pedir perdão, mas como ia fazer?

Sinto muito, agi como um animal. E você não me deixa doente. De verdade.

Deus! era tão estúpido.

Fechou os olhos e se recordou como se apoiou contra a parede da ducha enquanto ela estendia a mão sobre seu peito nu. Seus dedos eram longos e elegantes, bonitos, sem esmalte nas unhas. Seu toque tinha era leve, suspeitava. Leve e morno.

Deveriam ter mantido-se juntos. Se a tivesse, poderia conhecer ao menos uma vez ser um homem livre. Tinha vontade de ter a mão suave de uma mulher sobre sua pele. Quando era um escravo haviam-no tocado muito freqüentemente e sempre contra sua vontade, mas livre...

E isto não havia sido qualquer mão. Teria sido a de Bella.

Sua mão teria pousado sobre seu peito, entre seus peitorais e talvez ela teria-o acariciado um pouquinho. Poderia ter gostado disto, se ela fosse devagar. Sim, quanto mais o pensava, Talvez mais pudesse gostar de...

Ah, que diabos estava pensando? A capacidade de tolerar a intimidade de qualquer tipo tinha sido violada há anos. E de todas as formas, não tinha nenhum assunto para entretidas fantasias de uma mulher como Bella. Não era digno nem das putas zangadas humanas das quais obrigava-se a alimentar-se.

Zsadist abriu os olhos e deixou de sandices. A melhor coisa que podia fazer por Bella, o melhor modo de compensá-la, era estar seguro de que ela nunca voltasse a lhe ver, ainda que sem querer.

Ainda que ele a visse. Cada noite visitaria sua casa e se asseguraria de que estava bem. Era um tempo perigoso para os civis e ela tinha que ser cuidada. Ele ficaria entre as sombras enquanto o fazia.

Pensar em protegê-la o aliviava.

Não podia confiar em si mesmo para estar com ela. Mas tinha fé absoluta em sua capacidade para mantê-la segura, não importava quantos lessers tivesse que comer vivos.

## CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

---

Mary ia de um lado para o outro na sacada do segundo andar, apenas fora da porta do dormitório. Não tinha sido capaz de olhar para Butch e Vishous quando foram trabalhar com aquelas correntes. E era difícil em saber que os dois estavam preparando Rhage para ter sexo com ela era por jogos eróticos como o inferno ou francamente assustadiços.

A porta se abriu.

Os olhos de Butch olharam pelos arredores, não se encontrando com os seus.

— Ele está preparado.

Vishous saiu acendendo um cigarro feito a mão. Tomou uma profunda tragada.

— Estaremos aqui no corredor. Em caso de nos necessitar.

Seu primeiro instinto foi lhes dizer que partissem. Já era horripilante o que tinham concordado fazer ainda tinham que estar aí fora, enquanto ela e Rhage tinham sexo? Privacidade, depois de tudo, era um estado de ânimo assim como um lugar isolado, íntimo.

Mas então pensou na quantidade de aço com o qual eles tinham entrado ali. Aquela carga de duro material não tinha sido absolutamente o que tinha esperado. Alguma corda, talvez, algemas. Mas não o tipo de material que levantaria um motor do chão.

— Tem certeza de que vocês têm que esperar? — Disse ela.

Ambos assentiram.

— Confie em nós sobre isto. — Resmungou Butch.

Mary entrou no quarto e fechou a porta. As velas acesas rodeavam a cama e Rhage estava nu sobre o colchão, seus braços amarrados sobre sua cabeça, suas longas pernas estavam esticadas. As correntes estavam ao redor de seus pulsos e tornozelos ficando enroscados ao redor dos pesados apoios de carvalho da cama.

Rhage levantou a cabeça, os olhos azuis perfurando-a na escuridão.

— Você tem certeza sobre isto?

Na realidade, não, não tinha.

— Você parece incômodo.

— Não é muito ruim. — Sua cabeça se tornou para trás. — Embora esteja contente de que sejam postes da cama e não cavalos partindo em quatro direções diferentes.

Olhou seu corpo colossal, deitado para ela como uma espécie de sacrifício sexual.

Santo... Moisés. Isto era real? Estava indo a...

Pare, disse a si mesma. Não o mantenha ali mais do que tem que fazer. E uma vez que isto tenha terminado e ele se encontre bem, não terá que voltar a fazê-lo.

Mary se libertou de seus sapatos com um chute, tirou o pulôver de gola alta pela cabeça e se despiu tirando os jeans.

A cabeça de Rhage se elevou outra vez. Quando tirou o sutiã e a calcinha, seu sexo se moveu. Erguendo-se. Viu como se transformava para ela, endurecendo-se, inchando-se, crescendo. A excitação lhe trouxe rubor à face e uma capa de suor em toda sua pele, sem pêlo.

— Mary... — Suas pupilas ficaram brancas e começou a ronronar, movendo seus quadris. A ereção se moveu crescendo na direção de seu estômago, a cabeça alcançando seu umbigo e um pouco mais. Com uma pressa repentina, seus antebraços dispararam e puxaram as amarras. As correntes repicaram, mudando de posição.

— Você está bem? — Perguntou ela.

— Oh, Deus, Mary. Estou...estamos com fome. Estamos...sedentos de você.

Se armando de coragem, ela se aproximou da cama. Inclinou-se e o beijou na boca, então ficou sobre o colchão. Levantada sobre ele.

Quando se sentou escarranchado sobre seus quadris, ele se moveu ondulando-se debaixo dela.

Tomando-o com sua mão, ela tentou introduzi-lo em seu interior. Não

pôde fazê-lo na primeira tentativa. Era muito grande, ela não estava preparada e lhe doía. O tirou e tentou novamente e ele fez uma careta.

— Você não está preparada para mim. — Disse Rhage, arqueando-se quando ela colocou sua cabeça contra seu centro uma vez mais. Ele fez algo selvagem, cantarolando um som.

— Está bem, me permita só...

— Vêem aqui. — Quando falou sua voz tinha mudado. Profunda. — Me beije, Mary.

Ela se inclinou sobre seu peito e tomou sua boca, tentando se excitar. Mas não conseguiu.

Ele quebrou o contato, como se sentisse a carência de sua excitação.

— Sobe mais alto sobre mim. — As correntes moveram-se e o som metálico quase como um repicar de sinos. — Me dê seu seio. Leve-o à minha boca.

Ela trêmula, subiu e colocou o mamilo em seus lábios. Imediatamente sentiu um apazível chupar, seu corpo respondeu. Fechou os olhos, aliviada quando o calor a inundou.

Rhage pareceu reconhecer a mudança nela, pelo som do ronronar que emitiu cresceu mais forte, um formoso ruído no ar. Quando acariciou-a com os lábios fez uma grande ondulação sob seu corpo, seu peito subiu, depois seu pescoço e sua cabeça se arquearam para trás. O suor apareceu de novo sobre sua pele, o aroma de sua necessidade preencheu o ar com sua especiaria.

— Mary, me permita te provar. — Sua voz agora era tão baixa que quase se deformavam suas palavras. — Sua doçura. Entre suas pernas. Deixe-me te provar.

Ela o olhou e dois brilhantes círculos brancos a estavam olhando. Havia uma qualidade hipnótica neles, uma persuasão erótica que não podia negar, mesmo que sabia que não só estava com Rhage.

Avançou lentamente sobre seu corpo, parando quando esteve em seu peito. A intimidade era de algum modo chocante, sobre tudo com ele amarrado.

— Mais perto, Mary. — Inclusive no modo em que ele disse seu nome não era o mesmo. — Te aproxime mais da minha boca.

Moveu-se torpe mente, tentando acomodar-se sobre a posição em que estava. Terminou com um joelho sobre seu peito e outro sobre seu ombro. Ele esticou o pescoço e virou sua cabeça, elevando-se para encontrar sua carne, capturando-a com seus lábios.

Seu gemido vibrou sobre seu centro, ela apoiou uma mão sobre a parede. O prazer lhe roubou as inibições completamente, fornecendo ao seu criado do sexo que o lambeu e chupou. Quando seu corpo respondeu com uma rápida umidade, escutou-se um som agudo seguido de um gemido quando as correntes foram esticadas com força e a madeira do marco da cama protestou. Os grandes braços de Rhage se esticaram contra suas amarras, seus músculos rígidos, seus dedos estendendo-se amplamente e esticando-se em forma parecida a de uma garra.

— Aqui. — Disse ele entre suas pernas. — Posso sentir como ela chega...

Sua voz se afundou e desapareceu com um grunhido.

Chegou rapidamente sua liberação e ela caiu, afundando-se sobre a cama, sua perna se arrastou através do rosto dele antes de cair, seu tornozelo se encontrava no pescoço dele. Assim que diminuíram as pulsações, ela o olhou. Seus olhos brancos sem piscar estavam arregalados pelo assombro e pelo temor. Estava cativado por ela enquanto se encontrava ali, a respiração naquele padrão de duas batidas seguidas por uma longa exalação.

— Me tome agora, Mary. — As palavras eram profundas, elogiando-a. Não era Rhage.

Mas ela não se sentiu assustada ou como se o estivesse traindo.

Independentemente de como tinha chegado a ele, isto não era malévolo e não lhe era completamente desconhecido. Tinha sentido essa coisa...sempre e sabia que não tinha por que estar assustada. E quando ela encontrou seus olhos, era como estivesse na sala de bilhar, uma presença afastada que a olhava, mas que era absolutamente igual a Rhage.

Ela se moveu para baixo e o levou até dentro de seu corpo, encaixando-o perfeitamente. Seus quadris se elevaram e outro grito saiu de sua garganta quando ele começou a empurrar. Os impulsos entraram e saíram dela, uma deliciosa caída que crescia com força. Para impedi-lo de sair, colocou-se engatinhando e tentou ficar estável.

O som de lamento se fez mais forte como se fosse um selvagem, pegando com as mãos seus quadris contra ela, tremendo por toda parte. A urgência cresceu e cresceu, edificando, a chegada de uma tormenta, atingindo-os. De repente ele se dobrou sobre o colchão, a cama rangeu quando seus braços e pernas se contraíram. Suas pálpebras se voltaram para trás e a branca luz perfurou o quarto, fazendo-a tão brilhante como se fosse meio-dia. Profundamente dentro dela sentiu as contrações em seu ponto culminante e as sensações começaram outro orgasmo para ela, levando-a ao limite.

Ela caiu sobre seu peito quando tudo terminou e não se ouvia mais nada exceto o respirar, se normalizando em seu ritmo ímpar.

Levantou a cabeça e o olhou fixamente no rosto. Os olhos brancos a queimavam quando se concentraram nela com adoração total.

— Minha Mary. — Disse a voz.

E depois uma descarga elétrica de baixo nível fluiu por seu corpo e carregou o ar. Cada luz que chegava ao quarto, inundou o espaço iluminando-o. Ela ofegou e olhou a seu redor, mas a onda desapareceu tão rapidamente como tinha chegado. Dessa maneira, a energia se foi. Ela olhou para baixo.

Os olhos de Rhage voltavam a ser normais outra vez, sua habitual cor azul brilhante.

— Mary? — Disse ele com a voz aturdida, indistinta.

Ela teve que fazer várias respirações antes de falar.

— Você retornou.

— E você está bem. — Levantou seus braços, dobrando seus dedos. — Não me transformei.

— O que significa a mudança?

— Não o fiz...podia vê-la enquanto estava comigo. Foi como uma névoa, mas eu sabia que não lhe fazia mal. Esta é a primeira vez que me lembrei de algo.

Ela não sabia o que fazer com isto, mas viu que as correntes estavam deixando sua pele em carne viva.

— Posso soltar você?

— Sim. Por favor.

Poder lhe soltar custou algum tempo. Quando ele ficou livre, massageou os pulsos e os tornozelos e olhou-a com cuidado, como para assegurar-se que ela estava bem.

Ela olhou a seu redor procurando a roupa.

— É melhor dizer a Butch e a Vishous que estou a salvo, quando você estiver livre.

— Eu o farei. — Aproximou-se da porta do dormitório e colocou para fora a cabeça.

Quando falou com os homens, ela olhou a tatuagem de suas costas. Poderia ter jurado que estava sorrindo para ela.

Deus, estava louca. Realmente estava.

Ela saltou sobre a cama e atirou em cima de si as cobertas.

Rhage fechou a porta e se apoiou nela. Ainda estava tenso, apesar da liberação que tinha tido.

— Depois de tudo isto... ainda tem medo de mim?

— Não.

— Não tem medo...disso?

Ela lhe estendeu os braços.

— Venha aqui. Quero te abraçar. Veja como se tivesse tido um caso de estalo continuado.

Ele se aproximou da cama devagar, como se não quisesse que ela se sentisse espreitada ou algo assim. Ela lhe fez gestos com as mãos, impulsionando-o para que se apressasse.

Rhage sentou-se ao lado dela, mas não tocou-a

Depois do um batimento do coração ela foi até ele, colocando seu corpo ao redor do dele, colocando suas mãos sobre ele. Quando ela o acariciou contra seu lado, passando sobre a ponta da cauda do dragão, Rhage se estremeceu e se

moveu.

Ele não a queria em nenhuma parte perto da tatuagem, pensou ela.

— Vire-se. — Disse ela. — Sobre seu estômago.

Quando ele negou com a cabeça, lhe empurrou os ombros. Parecia como se fosse mover um piano de cauda.

— Vire-se, mas que droga. Vamos, Rhage.

Fazê-lo não lhe fez nenhuma graça absolutamente, amaldiçoando e jogando-se sobre seu ventre.

Passou suas mãos sobre a espinha dorsal, diretamente sobre o dragão.

Os músculos de Rhage se retesaram de forma arbitrária. Não, não arbitrária. Eram as partes de seu corpo que correspondiam onde ela tocava a tatuagem.

Que extraordinário.

Ela acariciou suas costas um pouco mais, sentindo como a tinta se elevava sob sua palma como um gato.

— Alguma vez quererá voltar a estar comigo? — Disse Rhage rigidamente. Virou então seu rosto para poder vê-la.

Mas não conseguia ver seus olhos.

Ela se demorou sobre a boca da besta, desenhando a linha de seus lábios com a ponta de seu dedo. O próprio Rhage parou como se sentisse seu toque.

— Por que não ia querer estar contigo?

— É um pouco estranho, não é verdade?

Ela riu.

— Estranho? Durmo em uma mansão cheia de vampiros. Apaixonei-me por um...

Mary parou. Oh, Deus. O que acabava de sair de sua boca?

Rhage separou seu torso da cama, torcendo seu peito para poder olhá-la.

— O que foi que disse?

Ela não tinha pensado que pudesse acontecer, pensou. Cair ou dizer a verdade.

Mas não voltaria atrás.

— Não tenho certeza. — Murmurou ela, recebendo a força bruta da besta de seus ombros e braços. — Mas penso que era algo que estava nos termos de te amo. Sim, era isso. Eu, ah, te amo.

Agora, isto era pouco convincente. Ela poderia fazer um inferno muito melhor.

Mary lhe emoldurou o rosto, plantando um bom beijo com força sobre sua boca e o olhou diretamente nos olhos.

— Amo-te, Rhage. Amo-te ferozmente.

Aqueles pesados braços a abraçaram e ele enterrou sua cabeça em seu pescoço.

— Não pensava que você o fizesse alguma vez.

— Sou tão teimosa?

— Não. Eu sou indigno.

Mary se afastou e o olhou severamente.

— Não quero te ouvir dizer isso outra vez. É a melhor que já me aconteceu.

— Inclusive com a besta?

A besta? Certamente havia sentido que havia algo mais nele. Mas uma besta? De todos os modos Rhage estava preocupado, ela riu dele.

— Sim, até com ela também. Podemos fazê-lo na próxima vez sem a parte metálica? Tenho certeza de que não me fará mal.

— Sim, acredito que podemos deixar as correntes.

Mary insistiu para que ele jogasse o pescoço para trás e se encontrou olhando para a Madonna e a Criança através do quarto.

— É o milagre mais estranho. — Sussurrou ela, olhando a imagem.

— O que? — Disse ele sobre sua garganta.

— Nada. — Ela beijou o alto da cabeça da loira e olhou fixamente à  
Madonna.

## CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

---

Com um rápido puxão ela foi içada pelos arnês do peito do que era um tubo na terra. Quando olhou a seu redor com terror, não tinha nem idéia de onde estava. O cômodo não era grande e as paredes não estavam acabadas. Não havia nenhuma janela, só duas clarabóias no teto baixo, e ambas estavam cobertas por um pano negro. Três fluorescentes pendiam de cabos. O lugar cheirava a caramelo, uma combinação de pinheiro fresco e o aroma de talco do lesser.

Quando viu uma mesa de aço inoxidável e dúzias de facas e martelos, tremeu tanto que começou a tossir.

— Não se preocupe com tudo isso. — Disse o lesser. — Isto não será para você se te comportar.

Suas mãos pentearam seu cabelo e o deixaram em forma de leque sobre seus ombros.

— Agora vai tomar um banho. Vai se lavar para mim.

Ele alcançou e recolheu um vulto com roupa. Quando o pressionou sobre seus braços, ela compreendeu que eram suas.

— Se for boazinha, poderá colocar isso. Mas não antes que esteja limpa. — Ele a empurrou para a porta aberta, quando um celular começou a soar. — Entra na ducha. Agora.

Tão desorientada e petrificada para discutir, tropeçou em um banheiro inacabado e que não tinha nenhuma privada. Como um zumbi, ela entrou e abriu a água com mãos trêmulas. Quando ela se virou, viu que o lesser havia aberto a porta e a olhava.

Ele colocou a mão sobre a parte inferior do móvel.

— Tire a roupa. Agora.

Ela jogou uma olhada às facas. A bilis lhe subiu à garganta quando se despiu. Quando terminou, cobriu-se com as mãos e tremeu.

O lesser desligou e largou o telefone.

— Não se esconda de mim. Deixe cair os braços.

Ela os manteve, negando com a cabeça entumecidamente.

— Deixe-os cair.

— Por favor, não...

Ele deu dois passos para frente e lhe bateu com a mão, atravessando-lhe o rosto, enviando-a contra a parede. Então a agarrou.

— Olhe para mim. Olhe-me. — Seus olhos brilharam com entusiasmo quando o olhou fixamente. — Deus, é tão bom que tenha retornado.

Colocou seus braços ao redor dela, abraçando-a finalmente. O doce aroma dele afligiua.

\*\*\*\*\*

Butch era um inferno como escolta, pensou Mary enquanto saíam da sala de oncologia do São Francis. Usava um casaco de lã negro, um chapéu estilo anos 40 e fabulosos óculos de sol de avião, parecia um capanga muito chique.

Que não enganava. Ela sabia que estava armado até os dentes, por que Rhage tinha inspecionado as armas do homem antes de deixá-los sair da casa.

— Necessita algo mais antes que voltemos para casa? — Perguntou Butch quando estiveram fora da sala.

— Não, obrigado. Vamos para casa.

A tarde tinha sido extenuante e inconclusiva. A Dra. Célia Croce ainda consultava seus companheiros e tinha ordenado para Mary ter uma MRI assim como outro exame físico. Mais sangue tinha sido extraído também por que a equipe queria comprovar outra vez como funcionava seu fígado.

Deus, ela odiava ter que voltar pela manhã e ainda teria outra noite sem saber que ia acontecer. Quando ela e Butch se aproximaram da porta aberta e entraram no Mercedes, sentiram uma horrível combinação de aceleração e cansaço. O que realmente queria era se deitar, mas estava tão ansiosa que o sono não estava em seu futuro.

— Na realidade, Butch, poderia passar pela minha casa a caminho para a mansão? Quero recolher alguns medicamentos que deixei lá.

— Aqueles soníferos de dose baixas iam ser muito práticos.

— Eu gostaria de evitar em me dirigir para lá se pudéssemos. Há alguma possibilidade de que possa recolher o que quer em uma farmácia ou algo assim?

— Necessitam de uma prescrição.

Ele franziu o cenho.

— Bem. Mas será rápido e entrarei contigo.

Quinze minutos mais tarde estavam estacionados no caminho de entrada. Com o brilho de dourado do sol poente, sua casa estava deserta. Havia folhas voando contra a porta da rua, seus crisântemos estavam meio mortos e havia o ramo de uma árvore caído no pátio.

Esperava que quem a comprasse gostasse dela.

Quando andou para a casa, uma fria rajada de ar entrou na sala de estar e verificou que a janela sobre a pia estava aberta por umas três polegadas. Quando a fechou, pensou que Vishous a havia deixado aberta quando tinha ido trabalhar no sistema de segurança antes que se mudasse. Fechou a coisa e depois foi para cima para pegar o Ambien.

Antes de ir, ela parou ante a porta posterior e olhou seu pátio traseiro. A piscina estava coberta de folhas, a superfície opaca. O prado mais à frente era um ondulação de grama pálida...

Algo brilhava na casa de Bela. Seus instintos se acenderam.

— Butch, se importa se nós verificamos isto?

— Não há possibilidade. Tenho que te levar para casa.

Ela deslizou a porta traseira.

— Mary, isto não é seguro.

— E a casa de Bella. Não deveria ter nada se movendo em sua casa a esta hora do dia. Vamos.

— Pode ligar para ela do carro.

— Farei-o daqui. — Pouco depois desligou e se dirigiu à porta de trás. — Não há nenhuma resposta. Vou me aproximar.

— É um inferno, Mary, se detenha! Cristo, não faça que te coloque sobre minhas costas e te tire daqui.

— Faça algo assim e direi a Rhage que colocou as mãos por todo meu corpo.

Os olhos de Butch flamejaram.

— Jesus, é uma manipuladora tão dura como ele.

— Não exatamente, mas aprendo. Agora, você vai vir ou vou sozinha?

Ele soltou uma suculenta maldição e escondeu uma arma na palma de sua mão.

— Eu não gosto disto.

— Devidamente anotado. Olhe, só nos asseguraremos de que ela está bem. Não deverá nos custar mais de dez minutos.

Eles andaram pelo prado, Butch explorava o campo com olhos penetrantes. Quando estiveram mais perto da granja, ela pôde ver a porta da janela traseira de Bela balançando-se pelo vento e recolhendo os últimos raios do sol.

— Permanece perto de mim, ok? — Disse Butch enquanto caminhavam pela grama.

A porta ricocheteou abrindo-se outra vez.

— Oh, merda. — resmungou ele.

A tranca de cobre estava estilhaçada e vários vidros estavam quebrados.

Eles entraram cautelosamente.

— Oh, Meu Deus. — respirou Mary.

As cadeiras estavam espalhadas pela cozinha, junto com as taças e pratos quebrados e um abajur quebrado. Marcas de queimaduras riscavam o chão assim como uma substância negra, parecida com tinta.

Quando ela se inclinou sobre as oleosas manchas, Butch disse.

— Não se aproxime desse material. É o sangue de um lesser.

Ela fechou os olhos. Aquelas coisas do parque tinham Bela.

— Seu quarto é no porão? — Perguntou ele.

— Foi o que ela me disse.

Desceram correndo até o porão e encontraram as portas abertas. Algumas das gavetas de sua cômoda tinham sido espalhadas e se via que levaram alguma roupa. O que não tinha muito sentido.

Butch abriu seu telefone celular quando voltaram para a cozinha.

— Vishous? Tivemos um roubo. Bella. — Olhou as manchas negras sobre a cadeira quebrada. — Ela lutou muito. Acredito que os lessers a levaram.

Enquanto Rhage colocava um conjunto de couro, ele segurava o telefone entre seu ombro e seu ouvido.

—Tira? Deixa-meeu falar com Mary.

Houve o som de pés se arrastando e depois escutou.

— Olá? Rhage?

— Hei, minha mulher, você está bem?

— Estou bem. — Sua voz era infernal mente instável, mas que alívio só escutá-la.

— Vou até aí, ficar contigo. — Pegou seu coldre peitoral quando empurrou seus pés para dentro de suas botas. — O sol está descendo agora, então estarei aí.

Queri-a a salvo e em casa. Enquanto ele e seus Irmãos estavam atrás desses idiotas.

— Rhage...Oh, Deus, Rhage o que eles vão fazer com ela?

— Não sei. — Era uma mentira. Ele sabia exatamente o que fariam a Bella. Deus a ajudasse. — Escute, compreendo que agora está preocupada com ela. Mas agora mesmo necessito que se concentre. Quero que você se grude em Butch como uma rosca, entendido?

Porque materializar-se ante ela era mais rápido do que se o Tira a

conduzisse até em casa. Mas ele odiava que ela estivesse tão exposta.

Quando inseriu as adagas no coldre, compreendeu que foi feito o silêncio no telefone.

— Mary? Você ouviu o que eu te disse? Pense em você. Permanece ao lado de Butch.

— Estou ao seu lado.

— Bom. Mantenha-se assim. E não preocupe-se de uma ou outra maneira recuperaremos Bella. Amo-te. — Ele desligou e colocou o pesado casaco.

Quando saiu disparado para o corredor, entrou no quarto de Phury que estava vestido de couro e totalmente armado.

— O que está acontecendo? — Perguntou Zsadist que passava pelo corredor. — Recebi uma mensagem quente e incômoda de Vishous sobre uma mulher...

— Bella foi seqüestrada pelos lesser. — Disse Rhage comprovando sua Glock

Uma fria corrente saiu de Zsadist como um sopro.

— O que você disse?

Rhage o olhou com o cenho franzido ante a intensidade do Irmão.

— Bella. A amiga de Mary.

— Quando?

— Não sei. Butch e Mary estão em sua casa...

Justo quando terminou de falar, Zsadist tinha desaparecido.

Rhage e Phury foram atrás dele, materializando-se na casa de Bella. Os três correram juntos para a entrada da granja.

Mary estava na cozinha, ao lado de Butch que verificava o chão. Rhage passou como um trovão e a agarrou, abraçando-a contra ele com tanta força que quase lhe quebrou os ossos.

— Vou te levar para casa. — Murmurou ele contra seu cabelo.

— O Mercedes está na parte de trás. — Disse Butch quando se levantou de onde se encontravam as manchas negras que havia estivera olhando. Atirou para Rhage o molho de chaves.

Phury amaldiçoou enquanto endireitava uma cadeira.

— O que temos?

O Tira negou com a cabeça.

— Acredito que a levaram viva, apóio-me neste modelo de rastros chamuscados da porta. O rastro de sangue queimado quando o sol o toca...

Inclusive antes que Butch se parasse em seco e lançasse uma olhada para Mary, Rhage começou a ir até a porta com ela. A última coisa que ela precisava era ouvir os espantosos detalhes.

O Tira continuou.

— Além disso, ela lhes é inútil se estiver morta... Zsadist? Você está bem, homem?

Passando por ele, Rhage lançou um olhar sobre o ombro a Zsadist.

Zsadist era uma agitada fúria, seu rosto tenso ao longo da cicatriz sob seu olho esquerdo. Infernos parecia como se fosse voar, mas era difícil de acreditar que a captura de uma mulher lhe importasse de uma ou outra maneira.

Rhage parou.

— Zsadist, o que está acontecendo?

O Irmão virou-se, distanciando-se como se não quisesse que vissem, depois apoiou-se na janela que estava mais perto. Com um grunhido baixo, se desmaterializou.

Rhage olhou para fora. Tudo o que podia ver era a granja de Mary no outro lado do campo.

— Vamos. — Disse a ela. — Quero-te fora daqui.

Ela assentiu e ele a pegou pelo braço, conduzindo-a para casa. Não disseram nada enquanto caminharam rapidamente sobre a grama.

Justo quando estavam a um passo da grama, um vidro se quebrou com um choque.

Algo ou alguém estava sendo atirado da casa de Mary. Diretamente através da porta.

Enquanto o corpo estava jogado sobre o terraço, Zsadist saltou pela abertura, mostrando as presas, seu rosto agressivo. Lançou-se sobre o lesser, agarrando a coisa pelo cabelo e levantando seu torso da terra.

— Onde está ela? — Grunhiu o Irmão. Quando a coisa não respondeu, Zsadist perdeu seu controle e o mordeu no ombro, diretamente sobre o casaco de couro. O assassino uivou de dor.

Rhage não ficou para olhar o espetáculo. Correu com Mary ao redor da casa, só para encontrar-se com dois lessers mais. A obrigando a ficar atrás, protegeu-a com seu corpo enquanto tirava sua arma. Justo quando conseguiu colocar-se em posição de disparar, sons de disparos soaram a sua direita. As balas zumbiam por seu ouvido e saíam da casa atingindo-o no braço e na coxa e...

Ele nunca tinha estado tão contente de sentir a besta surgindo. Lançou-se totalmente no vértice com um rugido, abraçando a transformação e a explosão de suas coxas e ossos.

Enquanto uma rajada de energia saía de Rhage, Mary foi lançada contra a casa, sua cabeça se virou para trás e bateu nas tábuas. Deslizou até o chão, fracamente consciente de uma enorme presença que tomava o lugar de Rhage.

Houve mais sons de disparos, gritos, rugidos ensurdecedores. Arrastando-se pelo chão, ocultou-se atrás de um arbusto de zimbro justo quando alguém acendeu as luzes exteriores.

Santo Cristo!

A tatuagem cobrava vida: uma criatura parecida com o dragão coberto de iridescentes de escamas roxas e verde limão. A coisa tinha uma cauda esfaqueada com lingüetas, garras amareladas e uma negra juba selvagem. Não podia lhe ver a face, mas os sons que fazia eram horrorosos.

E a besta era mortal, fazendo um trabalho rápido com os lessers.

Cobriu-se a cabeça com os braços incapaz de olhar. Esperava como o

inferno que a besta não a visse e que se o fizesse, que se lembrasse dela.

Mais rugidos. Outro grito. O terrível rangido de um triturador.

Da parte posterior da casa, escutou rápidos tiros.

Alguém gritou.

— Zsadist! Pare! Precisamos deles vivos.

A luta continuou e provavelmente durou só cinco ou dez minutos. E depois só o som da respiração. Dois fôlegos. Um suspiro lento.

Ela levantou o olhar. A besta surgia sobre o arbusto atrás do qual ela se ocultava, estabilizando o fixo olhar branco sobre ela. Sua face era enorme, seu queixo cheio de dentes como os de um tubarão, a juba caindo sobre a ampla testa. Sangue negro sobre seu peito.

— Onde está ela? Onde esta Mary? — A voz de Vishous chegou ao redor do canto da casa. — Mary? Oh...merda.

A cabeça da besta girou entre Vishous e Zsadist rapidamente.

— O distrairei. — Disse Zsadist. — Você a tira do caminho.

A besta se voltou para os dois Irmãos e se colocou em posição de ataque, mostrando as garras, a cabeça para frente, a cauda agitando-se regularmente. Os músculos de seus quartos traseiros tremeram.

Zsadist seguiu se aproximando enquanto Vishous começava a se aproximar até onde ela estava.

A besta grunhiu e abriu os maxilares.

Zsadist amaldiçoou em sua direção.

— Sim, o que você vai me fazer não já não tenha sido feito?

Mary disparou sobre seus pés.

— Zsadist! Não o faça!

Sua voz congelou a todo mundo como se fosse um quadro vivo: Zsadist caminhou para frente. Vishous aproximando-se furtivamente dela. Os três a olharam durante uma fração de segundo. E depois voltaram a se concentrar uns

nos outros, indo diretamente ao curso da colisão para a qual se prepararam.

— Saiam os dois daqui! — Murmurou ela. — Alguém pode sair machucado. Estão incomodando-o!

— Mary, precisamos se afastar de seu caminho. — O tom de Vishous era um horrível — amos seja razoável — que os homens tiravam de um acidente de tráfego.

— Isto não me fará mal, mas está a ponto de rasgar os dois. Saiam!

— Ninguém a escutava. — Deus, me poupe dos heróis.

— Resmungou ela. — Retrocedam, droga!

Isto conseguiu sua atenção. Os dois Irmãos deixaram de se mover. E a besta se voltou sobre seu ombro.

— Hei. — Murmurou ela, saindo detrás do arbusto. — Sou eu, Mary.

A grande cabeça do dragão se sacudiu de cima a baixo, movendo sua negra juba. O corpo maciço balançando-se um pouco para ela.

A besta era linda, pensou ela. Linda como era uma cobra, sua feiúra escurecida pela graça, trocando os movimentos e uma inteligência predadora que tinha que respeitar.

— É realmente enorme sabia? — Ela manteve a voz baixa enquanto se aproximava devagar, recordando como Rhage gostava que falasse com ele. — Fez um trabalho excelente ao me proteger desses lessers. Obrigado.

Quando esteve ao lado da besta, os maxilares abertos e o céu de seus olhos sobre ela. Bruscamente a cabeça abaixou-se como se procurasse que ela o tocasse. Ela estendeu a mão, acariciando as lisas escamas, sentindo o grande limite de resistência à tração na grossura de seu pescoço e de seu ombro.

— Você assusta como o inferno, realmente. Mas é agradável. Não pensei que sua pele seria tão suave ou quente.

Aqueles olhos brancos piscaram para a esquerda e se estreitaram, seus lábios fizeram um grunhido.

— Eu digo que ninguém mais se aproxima. — Disse ela sem variar seu tom ou dar a volta. Manteve seus olhos fixos sobre aquela enorme face.

— Butch, se jogue para trás, homem. — Resmungou Vishous. — Ela o acalma.

A besta produziu um grunhido baixo com sua garganta.

— Hei, agora, não se incomode com eles. — Disse ela. — Não vão fazer nada a nenhum dos dois. Além disso, não tiveste suficiente por esta noite?

A criatura tomou uma grande respiração.

— Sim, o fez — Murmurou ela, lhe acariciando a juba. Os pesados músculos eram como grandes cordas sob a pele. Não havia nada de gordura, nada mais que poder.

Aquela coisa olhou para os vampiros outra vez.

— Não, eles não lhe farão nada e não tenho que me preocupar. Só você está aqui de pé comigo...

Sem advertência, a besta se virou e a atirou ao chão com a cauda. Saltou pelo ar até sua casa, estrelando seu tórax contra uma janela.

Um lesser foi tirado de noite e o rugido da besta pelo ultraje foi cortado enquanto colocava ao assassino entre seus maxilares.

Mary se enrodilhou como uma bola, protegendo-se das lingüetas da cauda. Ela se cobriu os ouvidos e fechou os olhos, cortando os suculentos sons e a visão da horrível matança.

Momentos mais tarde ela sentiu que estavam lhe dando uma cotovelada. A besta a empurrava com seu nariz.

Ela se virou e levantou o olhar até os brancos olhos.

— Estou bem. Mas vamos ter que trabalhar com suas maneiras à mesa.

A besta ronronou e se esticou sobre o chão ao lado dela, descansando a cabeça sobre as patas dianteiras. Houve um brilhante brilho de luz e depois Rhage apareceu na mesma posição. Coberto de sangue negro, tremendo de frio.

Ela tirou seu casaco enquanto os Irmãos corriam até eles. Cada um dos homens se tirou seu casaco e também os colocaram sobre Rhage.

— Mary? — Sussurrou ele.

— Estou aqui. Todos estamos bem. Os dois me salvaram.

## CAPÍTULO QUARENTA E SETE

---

Butch não teria acreditado se não tivesse visto por si mesmo. Mary tinha convertido aquela besta furiosa em um animal de estimação.

Jesus, aquela mulher conhecia o caminho para chegar até ele. E coragem, também. Depois de ver aquele repugnante aspecto do trabalho de comer aqueles assassinos ante ela, colocou-se diante da maldita coisa e o havia tocado. Ele não teria tido esse tipo de coragem.

Mary levantou o olhar do corpo de Rhage.

— Alguns de vocês pedem me ajudar a colocá-lo no carro?

Butch foi diretamente pegar nas pernas de Rhage enquanto Vishous e Zsadist o pegavam pelos braços. Levaram-no até o Mercedes e o colocaram no assento de trás.

— Não posso levá-lo para casa. — Disse Mary. — Não conheço o caminho.

Vishous se dirigiu à porta do motorista.

— Vou levar você. Tira, voltarei em vinte minutos.

— Cuide deles. — Murmurou Butch.

Quando se virou, Phury e Tohr o olhavam com uma expectativa com a qual não estava acostumado.

Sem se dar conta, voltou a ser o detetive de homicídios da região e assumiu o comando.

— Me deixem que diga a vocês o que temos agora. — Conduziu os dois até a parte posterior da casa de Mary e assinalou alguns rastros negros sobre a terra. — Vêem estes rastros de queimaduras na grama? Um lesser levou Bella atravessando o campo desde sua casa até aqui. Estava sangrando e quando o sol saiu o rastro do sangue se queimou e deixou estes rastros sobre o chão. E por que a teve que trazer através do prado? Acredito que o assassino vinha procurando Mary e de algum modo saiu correndo atrás Bella atravessando a propriedade. Bella correu para sua casa e ele teve que voltar a trazê-la, provavelmente por que tinha estacionado o carro aqui. Sigam-me, rapazes.

Ele rodeou a casa e desceu pela rua onde havia um Ford Explorer estacionado na sarjeta.

— Bella foi, para eles, um engano afortunado e retornaram esta noite para terminar o trabalho levando Mary. Quero que Vishous verifique as placas destes carros, certo?

Butch olhou para o céu. Pequenas rajadas de neve caíam. — Com esta merda caindo, a integridade dos cenários exteriores se desintegra, mas acredito que sabemos tudo o que podemos dos exteriores. Deixem-me examinar o SUV enquanto vocês, rapazes limpam os corpos daqueles lessers. Não tenho que lhes dizer que peguem tudo o que puderem deles, carteiras, Blackberrys, celulares. Dêem tudo a Vishous quando voltar de maneira que leve o material ao Pit. E não se metam nas casas antes que eu limpe as cenas.

Enquanto os irmãos terminavam o trabalho, Butch executou um pente fino no Explorer. Quando terminou, os vampiros tinham terminado com os lessers...

— O Suv está limpo como um assobio, mas este está registrado por um cara chamado Ustead. — Deu a carteira de identidade a Phury. — Provavelmente é uma identidade falsa, mas de todos os modos um de vocês verificará o endereço. Vou até a casa de Bella para terminar por lá.

Tohr olhou seu relógio.

— Verificaremos o endereço deste tal Ustead, depois iremos fazer a varredura dos civis. A não ser que necessite ajuda.

— Não, é melhor se o fizer só.

O Irmão parou.

— O que diz sobre a cobertura, Tira? Porque os lessers poderiam aparecer outra vez. Nenhum escapou daqui, mas quando os rapazes não fizerem o check-in, alguns de seus comparsas poderiam vir dar uma olhada.

— Eu consigo dar conta. — Tirou sua arma e a verificou. — Mas gastei meu carregador. Posso pegar outro emprestado?

Phury lhe ofereceu uma Baretta.

— Pegue esta e começa de novo.

E Tohr não partiu até que Butch aceitasse uma das suas também.

Butch colocou uma arma em seu coldre, a outra a deixou em sua mão e saiu correndo para atravessar o Prado. Seu corpo preparado e musculoso cobriu a distância em pouco tempo, quase não suando. Enquanto corria, sua mente era aguda como o ar da noite, pensando em um monte de coisas que teria que verificar e teorias de lugares onde podiam ter levado Bela.

Enquanto corria de retorno à granja, observou um brilho movendo-se dentro da casa. Apoiou-se contra a parede no lado da porta da janela quebrada e tirou a trava da Baretta. De dentro da cozinha escutava-se o som de vidro sendo pisado, como as pipocas sobre um fogão. Alguém estava nos arredores. Alguém grande.

Butch esperou até que esteve mais perto; então saltou para a entrada, apontando a arma ao nível do peito.

— Sou eu, Tira. — Resmungou Zsadist.

Butch balançou o cano para o teto.

— Cristo, poderia ter lhe dado um tiro.

Mas Zsadist não pareceu se preocupar que quase houvesse levado um tiro. Só se inclinou e pescou algumas partes do prato quebrado com a ponta do dedo.

Butch tirou o casaco e enrolou as mangas. Não ia pedir a Zsadist que partisse. Não havia nenhum argumento para fazer-lhe entrar em juízo e além disso, o Irmão estava agindo de uma maneira estranha, como se estivesse atordoado. A mortal calma nele era infernalmente misteriosa.

Zsadist recolheu algo do chão.

— O que é isso? — Perguntou-lhe Butch.

— Nada.

— Tente não mexer na cena, certo?

Quando Butch olhou a seu redor, amaldiçoou-se. Queria seu velho companheiro da Força, José. Queria a equipe completa de Homicídios. Queria sua gente de volta ao laboratório do CSI.

Permitiu-se alguns segundos de frustração sombria e depois retornou ao trabalho. Começando pelas portas e janelas quebradas, estava preparado para examinar cada poreda da casa, inclusive se tivesse que fazê-lo até a alvorada.

Mary tirou outra embalagem de Alka-Seltzer do banheiro. Rhage estava sobre sua cama, respirando devagar, mas um pouco verde.

Depois de ter bebido o material, levantou os olhos para ela. Seu rosto estava tenso e seus olhos eram cautelosos, preocupados.

— Mary...desejaria que não tivesse visto nada disso.

— Sh! Só descanse um pouco, ok? Já haverá tempo de falar mais tarde.

Despiu-se e deslizou a seu lado. No momento em que esteve debaixo dos lençóis, ele aconchegou-se a seu redor, seu grande corpo era como uma manta viva.

Estando ao seu lado, fora de perigo e segura, a fez pensar em Bella.

O peito de Mary se apertou e fechou com força os olhos. Se acreditasse que havia um Deus absoluto, estaria rezando agora mesmo. Em vez disso só podia esperar que ela pudesse.

Eventualmente o sono lhe chegou. Até horas mais tarde, quando Rhage começou a gritar.

— Mary! Mary, corra!

Ele começou a agitar seus braços. De um golpe, ela se mergulhou entre eles, apertando-se contra seu peito, dirigindo-se a ele. Quando suas mãos ainda se moviam, ela as capturou e colocou sua mão sobre seu rosto.

— Estou bem. Estou aqui.

— Oh, graças a Deus...Mary. — Lhe acariciou as bochechas. — Não posso ver muito bem.

À luz das velas, ela o olhou nos desorientados olhos.

— Quanto tempo custa para você se recuperar? — Perguntou-lhe ela.

— Um dia ou dois. — Ele franziu o cenho e depois esticou as pernas. — Na realidade, não estou tão tenso como geralmente deveria estar. Tenho um nó no estômago, mas não me dói tanto. Depois da transformação...

Ele se deteve, o queixo estava rígido. Então afrouxou o abraço como se não quisesse que ela se sentisse presa.

— Não se preocupe. — Murmurou ela. — Não te tenho medo enquanto sei que é você.

— Infernos, Mary...não queria que o visse. — Ele negou com a cabeça.

— É tão horrível. Tudo isto é tão horrível.

— Não tenho muita certeza disso. Na realidade fui diretamente para ela. A besta. Eu estava tão perto como o estou agora de você.

Rhage fechou os olhos.

— Merda, Mary, não deveria tê-lo feito.

— Sim, bom, ou o fazia ou a criatura teria comido Vishous e Zsadist. Literalmente. Mas não se preocupe, sua besta e eu nos entendemos muito bem.

— Não volte a fazê-lo.

— O inferno que não voltarei há fazer. Não pode controlá-lo, os Irmãos não podem controlá-lo. Mas a mim essa coisa escuta. Você goste disso ou não, os dois me necessitam.

— Mas não é...feito?

— Não. Não para mim. — Ela pressionou um beijo sobre seu peito. — É temível e aterrador e poderoso e imponente. E se alguém tentasse me agarrar essa coisa apagaria uma vizinhança. Como uma garota não vai estar encantada? Além disso, depois de ver esses lessers em ação, estou-lhe agradecida. Sinto-me a salvo. Entre você e o dragão, não tenho por que me preocupar.

Quando ela levantou o olhar com um sorriso, Rhage piscou rapidamente.

— Oh, Rhage...está bem. Não fique...

— Pensava que se você soubesse a que se parecia — disse ele com voz rouca — não seria capaz de voltar a me olhar. Tudo o que se lembraria seria esse horrível monstro.

Ela o beijou e lhe limpou uma lágrima do rosto.

— É parte de você, não todo você ou tudo o que você é. E te amo. Com ou sem isso.

Ele aproximou e colocou a cabeça em seu pescoço. Quando ele soltou um profundo suspiro, ela lhe perguntou.

— Você nasceu com isso?

— Não. É um castigo.

— Por quê?

— Matei um pássaro.

Mary lhe lançou um olhar, pensando em que parecia algo exagerado.

Rhage lhe colocou o cabelo para trás.

— Fiz algo mais que isso, mas matar um pássaro foi o que desequilibrou a balança.

— Você vai me contar sobre isso?

Ele fez uma pausa durante longo momento.

— Quando eu era jovem, justo depois de minha transição, eu era... incontrolável. Tinha toda essa força e energia e era estúpido quando a utilizava. Não mau, só...tolo. Brigas. E eu, ah, dormia com muitas mulheres, mulheres que não deveria ter tomado por que elas eram as shellans de outros homens. Nunca o fiz para roubar a seus hellrens, mas tomei o que me ofereciam. Tomei...tudo o que ofereceram-me. Bebi, fumei ópio, caí no láudano. Alegria-me que você não me conhecesse na época. Isto durou vinte, trinta anos. Eu era um desastre esperando no litoral e me encontrei com uma mulher. Queria-a, mas ela era reservada e quanto mais me provocava mais determinado estava a tê-la. Não foi até que fui alistado pela Irmandade que ela mudou. As armas a seduziam. Os guerreiros a seduziam. Só queria estar com os Irmãos. Uma noite a levei ao bosque e lhe mostrei minhas adagas e minhas armas. Ela brincava com meu rifle. Deus, posso recordar-me da imagem do rifle em suas mãos, era um daqueles flinlock que se faziam no início de 1800.

Desde 1800? Bom Deus. Quantos anos tinha? Mary se perguntou.

— De todas as formas, lhe caiu das mãos e escutei que atingia algo sobre o chão. Era uma coruja. Uma daquelas corujas brancas de celeiro tão graciosas.

Ainda posso ver a mancha vermelha de seu sangue gotejando sobre suas plumas. Quando recolhi o pássaro e senti seu leve peso sobre minhas mãos, compreendi que o descuido era uma forma de crueldade. Olhe, eu sempre me dizia que porque não queria fazer mal, nada do que acontecesse era minha culpa. Naquele momento, soube que estava errado. Se não houvesse dado minha arma à mulher, o pássaro não teria levado um tiro. Eu era responsável mesmo que não tenha apertado o gatilho. — Clareou-se a garganta.

— A coruja era uma coisa inocente. Tão frágil e pequena comparada comigo que sangrou e morreu. Senti-me um desgraçado e pensei onde enterrá-la, quando a Virgem Escriba chegou. Estava lívida. Lívida. Para começar gostava dos pássaros e a coruja do celeiro é um símbolo sagrado, mas certamente a morte era só parte disso. Tomou o corpo de minhas mãos e devolveu a vida ao pássaro, enviando-o para o céu noturno. O alívio que senti quando aquele pássaro voou foi enorme. Senti como se o quadro tivesse sido limpo. Mas então a Virgem Escriba se virou para mim. Amaldiçoou-me e após isso, quando me descontrolo, a besta sai. Por uma parte, é o castigo perfeito. Ensinou a regular minha energia, meus caprichos. Ensinou-me a respeitar as conseqüências de todas minhas ações. Ajuda-me a entender o poder de meu corpo de um modo que não teria de outro jeito.

Ele riu um pouco.

— A Virgem Escriba me odeia, mas ela me fez um favor infernal. De todos os modos...é horrível por isso. Matei um pássaro e consegui uma besta. Simples e complicado ao mesmo tempo, não é mesmo?

O peito de Rhage se ampliou quando fez uma grande respiração. Ela podia sentir seu remorso tão claramente como se fosse seu próprio.

— Ao mesmo tempo. Verdade. — Murmurou ela, lhe acariciando o ombro.

— As boas notícias são que quando tiverem passado noventa e um anos ou algo assim, termina. — Ele franziu o cenho, como se considerasse a perspectiva.

— A besta desaparecerá.

Engraçado, ele parecia um pouco preocupado.

— Não o sentirá sua falta, não é mesmo? — Disse ela.

— Não. Não, eu...Será um alívio. De verdade.

Mas o cenho franzido ficou em seu lugar.

## CAPÍTULO QUARENTA E OITO

---

Por volta das nove horas da manhã do dia seguinte, Rhage se esticou na cama e se surpreendeu de como se sentia. Nunca havia se recuperado tão rapidamente antes e tinha o pressentimento de que era porque não tinha lutado contra a transformação. Só a havia acompanhado.

Mary saiu do banheiro com uma carga de toalhas em seus braços e se dirigiu para o closet para deixá-las cair na tulha. Parecia cansada, triste. O que tinha sentido. Tinham passado parte da manhã falando de Bella e embora ele tivesse feito todo o possível para tranquilizá-la, ambos sabiam que a situação não era boa. E depois havia outra razão para que estivesse preocupada.

— Quero ir hoje ao doutor contigo. — Disse ele.

Ela retornou ao quarto.

— Você está acordado.

— Sim. Quero ir contigo.

Enquanto caminhava para ele, tinha aquele olhar bravo, o qual colocava sempre que ia discutir. Soltou a munição sobre a objeção mais óbvia.

— Mude a consulta para a tarde. O sol baixará as cinco e trinta agora.

— Rhage...

A ansiedade fez que sua voz soasse com força.

— Faça-o.

Ela colocou as mãos sobre seus quadris.

— Não aprecio que me forcem.

— Me deixe dizer-lhe de outra maneira. Mude a consulta, por favor. — Mas ele não aliviou o tom nem um pouco. Quando dessem-lhe as notícias, sejam quais fossem, estaria a seu lado.

Ela foi até o telefone, todo o tempo amaldiçoando sob seu fôlego. Quando desligou, ficou surpresa.

— Ah, a Dra. Delia Croce irá me ver ...nós ver...as seis desta tarde.

— Bom. E sinto ser um safado. Só quero estar contigo quando lhe disserem isso. Tenho que ser parte de tudo o que puder.

Ela moveu a cabeça e se inclinou para recolher uma camisa do chão.

— É o grosseirão mais doce que conheci.

Quando ele olhou o movimento de seu corpo, sentiu como se endurecia.

Dentro, a besta também mudou, mas era muito curiosa a sensação de tranquilidade. Não era nada da grande energia rápida, só um lento calor, como se a criatura ficasse contente de compartilhar seu corpo, não de tomá-lo. Uma comunhão, não uma dominação.

Provavelmente porque a coisa sabia que o único modo de estar com Mary era através de Rhage.

Ela continuou movendo-se ao redor do quarto, arrumando-o.

— O que está olhando?

— A você.

Penteando o cabelo para trás, ela riu.

— Então sua visão voltou.

— Entre outras coisas. Vêem aqui, Mary. Quero te beijar.

— Oh, claro. Compensa ser um fanfarrão me exercitando com seu corpo.

— Usarei qualquer vantagem que tiver.

Afastou os lençóis e o edredom e passou a mão pelo peito, sobre seu estômago. Mais abaixo. Seus olhos se arregalaram quando agarrou a pesada ereção com sua mão. Enquanto se acariciava, o aroma de sua excitação floresceu como um buquê no quarto.

— Venha aqui, Mary. — Ele moveu os quadris. — Não tenho certeza de estar fazendo-o bem. Sinto melhor quando você me toca.

— Você é incorrigível.

— Só procuro alguma instrução.

— Como se a necessitasse. — Resmungou ela, tirando o suéter.

Fizeram o amor lentamente, de maneira gloriosa. Mas depois a abraçou, não podia dormir. Nem podia ela.

\*\*\*\*

Aquela noite Mary tentou respirar normalmente enquanto tomavam o elevador até o sexto andar do hospital. O São Francis estava tranqüilo pela tarde, mas ainda cheio de gente.

O recepcionista os deixou entrar e depois saiu, usando uma bata vermelha cereja enquanto fechava a porta atrás dela. Cinco minutos mais tarde a Dra. Delia Croce entrou na sala de espera.

A mulher conseguiu esconder sua tardia reação ante Rhage. Embora estivesse vestido como um civil, com calças e pulôver de gola alta negro, aquele trench-coat de couro era ainda algo para ver a caída daqueles amplos ombros.

Bem e Rhage era...Rhage. Insuportavelmente lindo.

A doutora sorriu.

— Ah, olá, Mary, quer que passemos para meu escritório? Ou ficarão os dois?

— Ficaremos os dois. Apresento Rhage. Meu...

— Companheiro. — Disse ele alto e forte.

As sobrancelhas da Dra. Delia Croce elevaram-se e Mary teve que sorrir apesar de toda tensão que tinha acumulada no corpo.

Os três atravessaram o corredor, diante das portas dos quartos de exame, as balanças nos pequenos vãos e as estações dos computadores. Nenhum pequeno bate-papo. Nenhum falou, nada de *como está o tempo*, ou *as férias estão a ponto de chegar*, esse tipo de coisas. A doutora sabia que Mary odiava o bate-papo social.

Alguma coisa que Rhage tinha recolhido no TGI Friday's em seu primeiro encontro.

Deus, parecia que tinham passado anos, pensou Mary. E quem poderia ter previsto que acabaríamos aqui juntos?

A mesa da Dra. Delia Croce estava desordenada com montões de papéis, arquivos e livros. Os diplomas da Smith e Harvard pendurados na parede, mas o que Mary sempre achava mais alentador era a linha de violetas africanas sob a janela.

Ela e Rhage se sentaram enquanto a doutora se dirigia para trás de sua mesa.

Antes que a mulher estivesse em sua cadeira, Mary disse.

— Então que vai me administrar e quando poderei começar?

A Dra. Delia Croce levantou o olhar dos registros médicos, das canetas, dos cliques de pasta e do telefone de sua mesa.

— Falei com meus colegas assim como com outros dois especialistas. Repassamos os registros e os resultados de ontem...

— Tenho certeza de que os tem. Agora me diga onde nos encontramos.

A outra mulher tirou os óculos e respirou profundamente.

— Acredito que deva colocar em ordem seus assuntos, Mary. Não há nada que possamos fazer por você.

\*\*\*\*\*

Às quatro e trinta da madrugada, Rhage deixou o hospital em um estado absoluto de desconcerto. Nunca tinha esperado ir para casa sem Mary.

Ficou para uma transfusão de sangue e porque claramente aquelas febres noturnas e o esgotamento eram os inícios de uma pancreatite. Se as coisas melhorassem lhe dariam alta na manhã seguinte, mas ninguém se comprometia.

O câncer era forte: sua presença havia se multiplicado em um curto período de tempo desde que ela havia feito sua verificação trimestre há uma semana e a mostra sangüínea do dia anterior. E a Dra. Delia Croce e os especialistas tinham concordado que pelos tratamentos que Mary tinha recebido, não podiam lhe administrar mais quimioterapia. Seu fígado estava liquidado e não podia aceitar a carga química.

Deus. Ele havia se preparado para uma luta infernal. E uma grande parte de sofrimento, em particular esta parte. Mas nunca a morte. E não tão rápida.

Só tinham alguns meses. Até a primavera. Talvez até o verão.

Rhage se materializou no pátio da casa principal e se dirigiu ao Pit. Não podia retornar para seu quarto e de Mary sozinho. Não ainda.

Mas quando esteve de pé ante a porta de Butch e Vishous, não bateu. Em vez disso apoiou seu ombro sobre a fachada da casa principal e pensou em Mary alimentando os pássaros. Imaginou-a ali, sobre as escadas, com o encantador sorriso em seu rosto, a luz do sol sobre seu cabelo.

Doce Jesus. O que ia fazer sem ela?

Pensou na força e resolução em seus olhos depois que ele havia se alimentado de outra mulher diante dela. Da maneira que amava-o ainda que não tivesse visto a besta. De sua silenciosa, demolidora beleza e sua risada e seus olhos cinza metalizados.

Sobre tudo pensou na noite que tinha saído da casa de Bella, correndo sobre o frio com os pés nus, para seus braços, dizendo-lhe que não estava bem...finalmente indo para ele procurando ajuda.

Sentiu algo sobre seu rosto.

Ah, droga. Estava chorando?

Sim.

E não se preocupou de que fosse ser suave.

Ele olhou para as pedras do caminho de acesso e se sentiu ferido pelo absurdo pensamento de que eram muito brancos como os refletores. E tal era a barreira de contenção educada que corria ao redor do pátio. E a fonte no centro tinha sido drenada durante o inverno...

Ele se congelou. Então abriu os olhos.

Virou-se devagar para a mansão, levantando o olhar até a janela de seu quarto.

Seu objetivo o incitou e o conduziu até o vestibulo em uma corrida mortal.

\*\*\*\*

Mary estava estendida na cama do hospital e tentava sorrir para Butch, que estava sentado em uma cadeira no canto com seu chapéu e os óculos. Tinha vindo quando Rhage a tinha deixado para protegê-la e mantê-la segura até que caísse à noite.

— Não precisa ser sociável. — Disse Butch suavemente, como se soubesse que lutava para ser cortês. — Só faz o que quiser.

Ela assentiu e olhou pela janela. Os intravenosos em seu braço não estavam mau; não lhe doía. Então outra vez, estava tão intumescida que poderiam lhe ter martelado pregos sobre as veias e provavelmente não o teria notado.

Santo inferno. O final tinha chegado. A realidade de morrer estava sobre ela. Nenhuma saída desta vez. Nada que se pudesse fazer, nenhuma batalha a empreender. A morte não seria um conceito abstrato, seria um acontecimento muito real, iminente.

Ela não sentiu nenhuma paz.

Não havia aceitação. Tudo o que tinha era raiva de...

Não queria ir. Não queria abandonar o homem ao qual amava. Não queria deixar o sujo caos da vida.

Só para, pensou ela. Que alguém...o pare.

Fechou os olhos.

Quando tudo ficou escuro, viu o rosto de Rhage. E em sua mente ela tocou sua bochecha com sua mão e sentiu o calor de sua pele, os fortes ossos abaixo dela. As palavras começaram a partir de sua cabeça, vindo de algum lugar que não reconhecia, indo...a nenhuma parte, supôs ela.

Não permita que vá. Não me faça abandoná-lo. Por favor...

Deus, só deixe ficar aqui com ele e amá-lo um pouco mais. Prometo não desperdiçar os momentos. Abraçá-lo-ei e nunca o deixarei partir...Deus, por favor. Só para o...

Mary começou a chorar quando compreendeu que rezava, rezava com tudo o que havia em seu interior, abrindo seu coração, suplicando. Quando

chamava algo no qual não acreditava, uma revelação estranha que lhe chegou em meio ao desespero.

Então era isto no que sua mãe tinha acreditado. Cissy não tinha querido descer do passeio de carnaval, não tinha querido que o carrossel deixasse de dar voltas, não tinha querido abandonar Mary...A iminente separação do amor, mais que o final da vida, tinha mantido toda aquela fé viva. Foi a esperança de ter um pouco mais de tempo para amar o que tinha feito sua mãe manter as cruzeiras e contemplar as faces das estátuas e lançar as palavras ao ar.

E por que aquelas rezas tinham sido dirigidas para o céu? Bem, a coisa tinha sentido, não é mesmo? Inclusive quando não havia mais opções para o corpo, os desejos do coração encontravam uma saída e como com todo o calor, o amor aumenta. Além disso, a vontade de voar estava na natureza da alma assim que sua casa tinha que elevar-se para cima. E os presentes realmente chegavam do céu, como a chuva primaveril e a brisa do verão e a caída do sol e a neve invernal.

Mary abriu os olhos. Depois de piscar, sua visão se limpou, concentrou-se na brilhante alvorada nascente atrás dos edifícios da cidade.

Por favor...Deus.

Deixe ficar aqui com ele.

Não faça que eu parta.

## CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

---

Rhage correu para a casa, tirando seu casaco enquanto passava pelo vestíbulo e subia pelas escadas. Dentro do quarto tirou o relógio e colocou uma camisa e umas calças de seda branca. Depois pegou uma caixa laqueada da prateleira superior do armário, foi ao centro do dormitório e ficou de joelhos. Abriu a caixa, tirou um colar de pérolas negras de mármore e o colocou no pescoço.

Sentou-se sobre seus calcanhares, colocando as mãos sobre suas coxas e fechou os olhos.

Reduzindo a velocidade de sua respiração, se imobilizou no lugar até que seus ossos, não seus músculos, sustentaram-no no lugar. Varreu sua mente limpando-a de tudo o melhor que pôde e depois esperou, pedindo ser recebido pela única coisa que poderia salvar Mary.

As pérolas se esquentaram sobre sua pele.

Quando abriu os olhos se encontrou em um brilhante pátio de mármore branco. A fonte aqui funcionava maravilhosamente, a água brilhava, a espumosa água se elevava sobre o ar e descia sobre a bacia. Uma árvore branca com flores brancas estava em um canto, os pássaros cantores trilavam sobre os ramos sendo os únicos respingos de cor no lugar.

— A que devo este prazer. — Disse-lhe a Virgem Escriba. — Certamente não vieste por sua besta. Ficarás bastante tempo com isso, segundo me lembro.

Rhage permaneceu ajoelhado, sua cabeça inclinada, sua língua atada. Não sabia como começar.

— Semelhante silêncio. — Murmurou a Virgem Escriba. — É incomum em você.

— Gostaria escolher minhas palavras com cuidado.

— Sábio, guerreiro. Muito sábio. Considerando para o que você veio aqui.

— Sabe?

— Não pergunte. — Reagiu ela. — Realmente, me canso de ter a necessidade de recordar isto à Irmandade. Talvez quando voltar lhes recordará

esta etiqueta aos outros.

— Minhas desculpas.

A barra de seu traje negro entrou em seu campo de visão.

— Levanta seu cabeça, guerreiro. Olhe-me.

Ele suspirou e obedeceu.

— Sofre grande dor. — Disse ela suavemente. — Posso sentir sua carga.

— Meu coração sangra.

— Por essa mulher humana?

Ele assentiu.

— Eu lhe pediria que a salvasse, se isto não a ofender.

A Virgem Escriba se virou distanciando-se. Ela flutuou sobre o mármore, dando uma lenta volta no pátio.

Ele não tinha nem idéia do que estava pensando. Ou se ela estava considerando o que ele havia lhe pedido. Mas tudo o que sabia era que estava fazendo algum exercício. Ou caminhava afastando-se dele.

— Porque não o faria, guerreiro — Disse enquanto lia a sua mente.

— Apesar de nossas diferenças, eu não te abandonaria desta maneira. Diga-me uma coisa o que fará se salvo a sua mulher e não te libero nunca da besta? Deixá-la viver significa que deverá permanecer com sua maldição até que vá ao Fade.

— Eu felizmente o manteria dentro de mim.

— Odeia-o.

— A amo.

— Bem, bem. Evidentemente o faz.

Com a esperança acesa em seu peito. Tinha na ponta da língua lhe perguntar se tinham chegado a um trato, se Mary viveria agora. Mas não ia arriscar o resto da negociação irritando a Virgem Escriba com outra pergunta.

Ela suavizou o caminho para ele.

— Mudaste um pouco desde que mantivemos aquela reunião particular no bosque. E acredito que é a única coisa desinteressada que já tem feito.

Ele exalou, um doce alívio cantou por suas veias.

— Não há nada que eu não faria por ela, nada que não sacrificasse.

— Afortunado para você, de certo modo. — Murmurou a Virgem Escriba.

— Por que além de manter à besta dentro de você, requiero que deixe sua Mary.

Rhage se sacudiu, convencido de que não tinha escutado corretamente.

— Sim, guerreiro. Entendeste perfeitamente.

Uma frieza mortal o atravessou, lhe roubando o fôlego.

— Aqui está o que te ofereço. — Disse-lhe ela. — Posso afastá-la de seu destino, arrumando tudo e curando-a. Ela não envelhecerá, nunca adoecerá, decidirá quando quer ir ao Fade. E lhe darei a opção para aceitar o presente. Entretanto, quando aceitar a oferta, ela não te reconhecerá e se ela concordar, você e seu mundo serão desconhecidos para ela. Da mesma maneira, ninguém que a tenha conhecido a reconhecerá, nem sequer os lessers. Você será o único que se recordará dela. E se alguma vez se aproximar dela, morrerá. Imediatamente.

Rhage se balançou e caiu para frente, apoiando-se sobre suas mãos. Passou muito tempo antes que pudesse espremer qualquer palavra de sua garganta.

— Realmente me odeia.

Uma suave descarga o atravessou e compreendeu que a Virgem Escriba havia lhe tocado o ombro.

— Não, guerreiro. Amo-te, minha criança. O castigo da besta devia te ensinar o controle, aprender quais eram seus limites, enfocar para dentro.

Ele levantou o olhar, não preocupado pelo que ela veria neles: ódio, dor, o impulso de distribuir golpes a torto e a direito.

Sua voz tremeu.

— Tira-me a vida.

— Esse é o ponto. — Disse ela em um tom extremamente suave.

— Isto é o yin e o yang, guerreiro. Sua vida, metaforicamente, pela dela, de fato. O equilíbrio deve ser mantido, os sacrifícios devem ser feitos se forem dados como presentes. Se devo salvar a humana por você, deve haver uma profunda promessa de sua parte. Yin e yang.

Colocou sua cabeça para baixo.

E gritou. Gritou até que o sangue correu por seu rosto e ardeu. Até que seus olhos se incharam e quase saíram das órbitas. Até que sua voz se quebrou e se desvaneceu.

Quando terminou, enfocou seus olhos. A Virgem Escriba estava ajoelhada ante ele, suas roupas esparramadas por toda parte, um fundo negro sobre o mármore branco.

— Guerreiro, eu te pouparia se pudesse.

Deus, quase acreditou. Sua voz era tão falsa.

— Faça-o. — Disse ele bruscamente. — Lhe dê a opção. Eu prefiro que ela viva muito tempo e felizmente sem saber que morreria agora.

— Assim seja.

— Mas peço-lhe que permita-me despedir-me. Um último adeus.

A Virgem Escriba negou com a cabeça.

A dor o rasgou, cortando-o de tal maneira que não surpreenderia verificar que seu corpo estivesse sangrando.

— Eu lhe peço...

— Isto é agora ou nunca.

Rhage se estremeceu. Fechou os olhos. Sentiu a morte chegar tão segura como se seu coração tivesse deixado de bombear.

— Então é agora. — Sussurrou ele.



## CAPÍTULO CINCOENTA

---

A primeira parada que Butch fez quando chegou do hospital foi o escritório da mansão. Não sabia por que Rhage o tinha chamado e feito-lhe deixar o quarto de Mary. Seu primeiro impulso tinha sido discutir com o Irmão, mas o som da voz do cara tinha sido estranho, por isso a tinha deixado só.

A Irmandade esperava no quarto de Wrath, todos severos e concentrados. E estavam o esperando. Quando Butch olhou a todos, sentiu-se como se estivesse a ponto de apresentar um relatório ao departamento e depois de meses de estar sentado sobre seu traseiro, era bom retornar ao trabalho.

Embora maldita fosse, lamentava que fossem necessárias suas habilidades.

— Onde está Rhage? — Perguntou Wrath — Que alguém vá buscá-lo.

Phury desapareceu. Quando retornou deixou a porta aberta.

— O homem está no banho. Virá depois.

Wrath olhou Butch através de sua mesa.

— O que sabemos?

— Não muito, embora esteja animado por uma coisa. Levaram algumas roupas de Bella. Era do tipo asseado, só pude encontrar jeans e camisetas, não o tipo de material que poderia ter levado à lavanderia ou algo assim. Isto me dá a esperança de que possam mantê-la com vida por algum tempo. — Butch escutou como se fechava a porta atrás dele e pensou que Rhage tinha entrado.

— De todos os modos, em ambas as casas, a de Bella e a de Mary, foram limpos, embora efetuasse um pente fino...

Butch compreendeu que ninguém o estava escutando. Virou-se.

Um fantasma caminhava pela residência. Um fantasma que se parecia muito a Rhage.

O Irmão estava vestido de branco e tinha uma espécie de cachecol ao redor de sua garganta. Tinha pendurando algo branco em ambos os pulsos também. Tudo apontava que ele tivesse tragado algo, pesou Butch.

— Quando ela se reunirá ao Fade? — Perguntou-lhe Wrath.

Rhage só sacudiu a cabeça e se aproximou de uma das janelas. Olhou fixamente através dela embora as persianas estivessem abaixadas e não pudesse ver nada.

Butch ficou perplexo porque a morte tinha chegado tão rápida, não sabia se prosseguia ou não. Lançou um olhar para Wrath, que negou com a cabeça e ficou de pé.

— Rhage? Meu Irmão? O que podemos fazer por você?

Rhage o olhou por cima do ombro. Olhou fixamente a cada um dos homens da sala, terminando sobre Wrath.

— Não posso sair esta noite.

— Certamente que não. E ficaremos contigo e compartilharemos sua aflição.

— Não. — Disse Rhage bruscamente. — Bella está aí fora. Encontrem-na. Não permita que...se vá.

— Mas haverá alguma coisa que possamos fazer por você?

— Não posso... acho que não posso concentrar-me. De verdade que não posso.

— Os olhos de Rhage foram na direção de Zsadist. — Como vive com isso? Toda essa cólera. A dor. O...

Zsadist se moveu inquieto e olhou fixamente para o chão.

Rhage ficou de costas para o grupo.

O silêncio no cômodo aumentou.

E depois com um caminhar lento e vacilante, Zsadist se aproximou de Rhage. Quando se encontrou de pé ao lado de seu Irmão, não disse nenhuma palavra, não levantou uma mão, não disse nada. Só cruzou os braços sobre seu peito e apoiou seu ombro junto ao de Rhage.

Rhage se moveu como se ficasse surpreso. Os dois homens olharam um ao outro. E depois ambos se voltaram para olhar fixamente a obscurecida janela.

— Continua. — Ordenou Rhage com uma voz mortal.

Wrath retornou outra vez para a mesa. Butch começou a falar outra vez.

\*\*\*\*\*

Às oito horas daquela noite, Zsadist terminou na casa de Bella.

Verteu o último balde de água saponácea na pia e depois colocou o balde e a vassoura no armário ao lado da porta da garagem.

Sua casa estava limpa agora e tudo estava onde tinha que estar. Quando ela retornasse para casa, tudo tinha que estar como sempre.

Tocou a pequena corrente de pequenos diamantes que usava ao redor de sua garganta. A tinha encontrado na noite anterior no chão e depois de ver que tinha um elo quebrado o consertou. Mal rodeava seu pescoço.

Explorou a cozinha um momento mais e depois desceu a escada que levava a seu dormitório. Tinha dobrado de novo a roupa muito bem. Colocou as gavetas da cômoda em seu lugar outra vez. Alinhou os vidros de perfume sobre a cômoda. Passou o aspirador sobre o lugar.

Abriu o armário e tocou as blusas, os pulôveres e os vestidos. Apoiou-se e aspirou seu aroma profundamente. Podia cheirá-la e o aroma fez que o peito lhe queimasse.

Aqueles bastardos de merda iam sangrar por ela, ia rasgá-los com suas mãos nuas até que seu negro sangue caísse como uma cascata.

Com a vingança palpitando em suas veias, aproximou-se da cama e se sentou. Movendo-se devagar, como se pudesse quebrar o estrado e se deitou, recostando sua cabeça sobre os travesseiros. Havia um caderno de espiral sobre o edredom e o recolheu. Suas páginas cheias de letras.

Era analfabeto, por isso não podia entender as palavras, mas estavam maravilhosamente compostas, sua caligrafia curva era um modelo encantador sobre o papel.

Em uma página aleatória, prendeu uma palavra que podia ler.

Zsadist.

Ela tinha escrito seu nome. Folheou o diário, olhando-o estreitamente.

Tinha escrito seu nome várias vezes recentemente. Abateu-se quando imaginou o conteúdo.

Fechando o caderno, devolveu-a a lugar exato onde o havia encontrado. Então olhou para sua direita. Havia uma fita do cabelo sobre o suporte da cama, como se ela a tivesse tirado antes de meter-se na cama. Recolheu-a e enrolou o negro cetim em seus dedos.

Butch apareceu na base da escada.

Zsadist saiu disparado da cama como se o tivessem pego fazendo algo errado. O que, certamente, fazia. Não deveria ter estado na área particular de Bela.

Mas ao menos Butch não parecia mais cômodo do que tinha estado na reunião.

— Que diabos está fazendo aqui, Tira?

— Queria ver a cena outra vez. Mas vejo que é habilidoso com uma toalha de papel.

Zsadist o fulminou com o olhar através do quarto.

— Por que se preocupa com tudo isto? O que significa o rapto de uma de nossas mulheres para você?

— Me importa.

— É nosso mundo. Não o teu.

O Tira franziu o cenho.

— Perdoe-me, Zsadist, mas dada sua reputação, o que é tudo isto para você.

— Só estou fazendo meu trabalho.

— Sim, certo. Então o que estava fazendo agora na cama? Por que passou horas limpando a casa dela? E por que apertas tanto a fita que faz que seus dedos fiquem brancos?

Zsadist olhou sua mão e devagar liberou o aperto. Então olhou ao humano fixamente.

— Não me ferre, Tira. Você não gostará do que te responderei.

Butch amaldiçoou.

— Olhe, só quero ajudar a encontrá-la, Zsadist. Tenho...isto significa algo para mim, ok? Eu não gosto da violência com as mulheres. Tenho uma história repugnante pessoal com esse tipo de merda.

Zsadist colocou a tira de cetim em seu bolso e rodeou o humano, aproximando-se dele. Butch ficou em posição de defesa, esperando que o atacasse.

Zsadist parou mortalmente diante do cara.

— Os lessers provavelmente a tenham matado já, certo?

— Talvez.

— Provavelmente.

Zsadist se apoiou para frente e suspirou. Não podia cheirar nenhum medo saindo do humano mesmo que seu grande corpo estivesse tenso e pronto para lutar. Isso era bom. O Tira ia necessitar das bolas se realmente queria jogar na infernal gaveta de areia da Irmandade.

— Me diga uma coisa. — Resmungou Zsadist. — Me ajudará a matar os lessers que a levaram? Tem estômago para isso, Tira? Por que...vou fazer isso, estou louco por isso.

Os olhos cor avelã de Butch se estreitaram.

— Eles tiram de você, eles tiram de mim.

— Não sou nada teu.

— Está equivocado nisso. A Irmandade foi boa comigo e sou fiel aos meus rapazes, me entende?

Zsadist mediu o homem. A aura que Butch desprendia era tudo uma questão. A voz do sangue familiar.

— Não tenho gratidão. — Disse Zsadist.

— Eu sei.

Zsadist se reforçou e estendeu a mão. Sentiu a necessidade de selar um pacto entre eles, mesmo que odiasse a sensação. Por sorte, o apertão do humano foi suave. Mas Zsadist sabia como podia dirigir a força de contato.

— Vamos juntos atrás deles. — O policial disse enquanto deixava cair os braços.

Zsadist assentiu com a cabeça. E os dois se encaminharam para cima.

## CAPÍTULO CINCOENTA E UM

---

Mary saudou com a mão quando o grande Mercedes parou em frente do hospital. Ela correu de tal maneira que Fritz só pôde sair pela porta do motorista quando ela se meteu no carro.

— Obrigado, Fritz! Escuta, chamei Rhage seis vezes no celular e não me atendeu. Está tudo bem?

— Tudo está bem. Vi o senhor esta tarde.

Sorriu rapidamente para o doggen.

— Bom! E como são oito horas, ainda é cedo para que tenha saído.

Fritz colocou o carro em marcha e com cuidado entrou no trafego.

— Há algo que necessite...

Ela estendeu as mãos por cima do assento, abraçou o idoso e o beijou na bochecha.

— Me leve rápido para casa, Fritz. Mais rápido do que nunca o tenha feito. Quebre cada lei de trafego.

— Senhora?

— Já me ouviste. O mais rápido que puder!

Fritz ficou nervoso pela atenção, mas se recuperou rapidamente e apertou o pedal do acelerador.

Mary colocou o cinto de segurança e abaixou rapidamente a viseira e se olhou no pequeno espelho iluminado. Suas mãos tremiam quando as colocou sobre suas bochechas e sorrisos tolos lhe escaparam da boca, sobre tudo quando o carro se precipitou por uma esquina e ela foi lançada contra a porta.

Quando as sirenes soaram, riu com mais força.

— Sinto muito, senhora. — O doggen lhe lançou um olhar. — Mas devo evitar à polícia e isto pode se tornar agitado.

— Feche as portas, Fritz.

O doggen apertou algo e todas as luzes desapareceram e lá fora não se distinguia o carro. Então o Mercedes soltou um rugido que lhe recordou o passeio no GTO com Rhage pelas montanhas.

Bem, mas então as luzes acesas estiveram acesas.

Ela se agarrou à correia do cinto de segurança e gritou com o alvoroço do chiar dos pneus.

— Me diga que tem uma visão noturna perfeita ou algo assim.

Fritz lhe sorriu com calma, como se somente estivessem conversando na cozinha.

— Ah, sim, senhora. Perfeita.

Com uma sacudida para a esquerda girou ao redor de um mini-caminhão e depois entrou no beco. Freando de repente para evitar atropelar um pedestre, apertou o acelerador quando teve o caminho limpo na estreita rua. Saindo depressa por outro lado, cortou um táxi, esquivou um ônibus. Inclusive o fez com um SUV do tamanho do QE II pensando duas vezes antes de passá-lo.

O velho cara era um artista atrás do volante.

Certo, um artista em um Jackson Pollock de estrada, mas assombroso entretanto.

E depois estacionou rapidamente. Diretamente na porta da residência. Bem na hora.

O coro das sirenes se fez tão ruidoso que ela teve que gritar.

— Fritz, eles vão ...

Dois carros de polícia se aproximavam rapidamente a eles.

— Um momento mais, senhora.

Outro carro de polícia voou no final da rua.

Fritz reduziu e continuou normalmente.

— Agradável truque, Fritz.

— Sem que se ofenda, madam, mas as mentes humanas são facilmente

manipuláveis.

Enquanto iam depressa, ela riu e brincou com os dedos sobre o antebraço. A viagem parecia eterna.

Quando divisaram o primeiro conjunto de portas duplas, ela virtualmente vibrava, muito excitada. E no momento em que estacionaram diante da casa, saiu do carro, sem se incomodar em fechar a porta.

— Obrigado, Fritz! — Disse-lhe sobre seu ombro.

— De nada senhora! — Gritou-lhe atrás.

Ela atravessou o vestibulo e saltou rapidamente pela magnífica escada. Quando se virou para cima, corria mortalmente, sua bolsa se balançava e atingiu um abajur. Voltou para trás e agarrou a coisa antes que caísse.

Ria a gargalhadas quando entrou no dormitório...

Mary parou de repente.

No centro do quarto se encontrava Rhage nu e ajoelhado em uma espécie de transe sobre uma espécie de laje negra. Tinha algo branco atado no pescoço e nos pulsos. E havia sangue gotejando sobre a manta, onde não podia ver de onde provinha.

Seu rosto parecia que havia envelhecido décadas desde a última vez que o tinha visto.

— Rhage?

Seus olhos se abriram devagar. Eram opacos, atordoados. Perplexos. Olhando-a e franziu o cenho.

— Rhage? Rhage, o que está acontecendo?

Sua voz pareceu chamar sua atenção.

— O que está... — Ele parou. Sacudiu a cabeça como se tentasse limpar a vista. — O que está fazendo aqui?

— Estou curada! É um milagre!

Quando ela foi correndo, ele pulou e se afastou de seu caminho,

segurando suas mãos e olhando nos arredores desesperadamente. — Saia! Ela te matará! Levar-te-á de volta! Oh, Deus, se afaste de mim.

Mary parou.

— Do que você está falando?

— Aceitou o presente, não é mesmo!

— Como faz...como sabe desse estranho sonho?

— Aceitou o presente!

Jesus. Rhage estava completamente perdido. Negando, nu, sangrando das canelas e branco como a pedra calcária.

— Se acalme, Rhage. — Homem, esta não era a conversa que tinha imaginado que teriam. — Não sei nada de nenhum presente! Mas escute! Dormi enquanto me colocavam outro MRI e algo aconteceu com a máquina. Explodiu ou algo assim, eu acho, não sei, eles disseram que havia algum brilho de luz. De todos os modos, quando me levaram para cima, analisaram o sangue e estava perfeito. Perfeito! Estou limpa! Ninguém sabe o que aconteceu. Parece que a leucemia desapareceu e meu fígado melhorou. Eles me chamaram de milagre médico!

Vertia felicidade. Até que Rhage lhe pegou as mãos e as espremeu com tal força que lhe machucou.

— Você tem que ir. Agora. Não me pode reconhecer. Tem que ir. Não volte aqui outra vez.

— O que?

Ele começou a tirá-la do quarto e a arrastou quando se opôs.

— O que está fazendo? Rhage, não farei...

— Tem que ir!

— Guerreiro, pode parar agora.

A irônica voz feminina parou a ambos.

Mary olhou sobre seu ombro. Uma pequena figura coberta de negro

estava em um canto do quarto, a luz acesa sob o solto traje.

— Meu sonho. — sussurrou Mary. — Você era a mulher de meu sonho.

Os braços de Rhage a esmagaram quando a colocou ao redor de seu corpo, e depois a empurrou se separando dela.

— Não, não até ela, Virgem Escriba. Juro, não o fiz..

— Se acalme, guerreiro. Sei que manteve o acordo. — A pequena figura flutuou até eles, não caminhava, só se movia pelo quarto. — E tudo está bem. Você só deixou fora um pequeno detalhe sobre a situação, algo que eu não sabia até que me aproximei dela.

— O que?

— Não consegui me dizer que ela não podia ter crianças.

Rhage olhou para Mary.

— Não sabia.

Mary assentiu e abraçou a si mesma.

— É verdade. Sou estéril. Por causa do tratamento.

As negras roupas se moveram.

— Vêem aqui mulher. Toçar-te-ei agora.

Mary deu um passo para frente aturdida quando a mão acesa apareceu entre a seda. A união de suas mãos causou uma quente eletrificação.

A voz da mulher era baixa e forte.

— Lamento que sua capacidade reprodutiva tenha sido tirada. A alegria de minha criação me sustenta sempre e tomo a grande dor que nunca sustentará a carne de sua carne em seus braços, o que não verá uma criança te olhar fixamente no rosto, que nunca mesclará sua natureza essencial com a do homem que amas. O que perdeste é um grande sacrifício. Tirar-te do guerreiro também...é muito. Como te disse, dou-te a vida eterna até que ditas ir ao Fade por sua própria vontade. E tenho o pressentimento de que esta opção será tomada quando for a vez deste guerreiro de deixar a terra.

A mão de Mary foi liberada. E toda a alegria que havia sentido a esgotou. Queria chorar.

— Oh, infernos. — Disse ela. — Ainda estou sonhando, não é mesmo? Eu deveria ter sabido...

Baixinha, uma risada feminina saiu de entre as roupas.

— Vai com seu guerreiro, mulher. Sente o calor de seu corpo e saiba que é verdadeiro.

Mary se virou. Rhage olhava à figura com incredulidade também.

Ela deu um passo na direção dele, abraçando-o, escutando o bombear de seu coração em seu peito.

A negra figura desapareceu e Rhage começou a falar na antiga língua, palavras que saíam tão rápidas de sua boca que não as teria entendido ainda que tivessem sido em inglês.

Rezas pensou ela....ele estava rezando.

Quando finalmente terminou, a olhou.

— Me permita te beijar, Mary.

— Espere, por favor me diga o que aconteceu? E quem é ela?

— Mais tarde. Não posso...não penso com clareza nesse momento. Na realidade, é melhor eu me deitar durante um minuto. Parece-me que vou desmaiar e não quero cair sobre você.

Ela colocou seu pesado braço sobre seus ombros e o agarrou ao redor da cintura. Quando se inclinou sobre ela, ela grunhiu pelo peso.

Assim que Rhage esteve deitado, ele arrancou as tiras brancas de seu pescoço e de seus pulsos. Foi então que ela viu que algo brilhante se mesclou com o sangue sobre suas canelas. Ela olhou a laje negra. Havia pedacinhos sobre ela, como o cristal ou diamantes? Deus, ele tinha estado ajoelhado sobre eles. Não era nada assombroso que tivesse cortado com aquilo.

— O que estava fazendo? — Perguntou-lhe ela.

— Luto.

— Por quê?

— Depois. — Colocou-a em cima dele e a abraçou com força.

Sentindo seu corpo sob o seu, ela se perguntou se era possível que os milagres acontecessem de verdade. E não desse tipo *acabo de ter boa sorte*, mas a misticidade, era uma variedade incompreensível. Pensou nos doutores correndo ao redor de sua análise de sangue e suas pranchetas. Sentindo o choque de eletricidade através de seu braço e em seu peito quando a negra figura a havia tocado.

E pensou nas rezas desesperadas que tinha feito ao céu.

Sim, decidiu Mary. Os milagres acontecem realmente no mundo.

Ela começou a rir e a chorar ao mesmo tempo e tomou a reação acalmada de Rhage ante o arrebatamento.

Um pouco mais tarde ela lhe disse.

— Só minha mãe podia ter acreditado nisto.

— Acreditado no que?

— Minha mãe era uma boa católica. Tinha fé em Deus, na salvação e na vida eterna. — Beijou-o no pescoço. — Então ela teria acreditado em tudo isto imediatamente. E teria estado convencida de que a mãe de Deus tinha estado debaixo daquelas roupas negras naquele momento.

— Na realidade era a Virgem Escriba. Que é muitas coisas, mas não a mãe de Jesus. Ao menos, não tal como funciona nosso léxico.

Ela levantou sua cabeça.

— Sabe, minha mãe sempre me dizia que me salvaria tanto se acreditava em Deus ou não. Estava convencida de que não podia me afastar da Graça devido ao nome que me deu. Dizia que sempre que alguém me chamasse ou escrevesse meu nome ou pensasse em mim, me protegeria.

— Seu nome?

— Mary. Ela me chamou assim por causa da Virgem Maria.

A respiração de Rhage parou. E depois riu suavemente.

— O que é tão engraçado?

Seus olhos verde azulados brilhavam, reluziam.

— É só que Vishous...bom, Vishous nunca erra. Oh, Mary, minha linda virgem deixará que te ame enquanto viver? Quando for ao Fade virá comigo?

— Sim. — Lhe acariciou a bochecha. — Mas não se importa que eu não possa ter seus filhos?

— Nem um pouco. Tenho a ti, isso é tudo o que importa.

— Sabe. — Murmurou ela — Sempre existe a adoção. Os vampiros adotam?

— Pergunte a Tohrment e a Wellsie. Já consideram John como seu filho próprio.

— Rhage sorriu. — Quer um bebê, conseguir-te-ei um. Sabe, eu poderia ser um bom pai.

— Acredito que será mais que bom.

Quando ela se inclinou para beijá-lo, ele a deteve.

— Ah, há outra coisa.

— O que?

— Bom, estamos presos a besta. Negocieie com a Virgem Escriba...

Mary se separou dele.

— Negociou?

— Tinha que fazer algo para te salvar.

Ela o olhou fixamente, atordoada e depois fechou os olhos. Colocou as engrenagens em movimento, ele a tinha salvado.

— Mary, tinha que negociar com algo...

Ela o beijou com força.

— Oh, Deus, eu te amo. — Ela respirou.

— Inclusive se isso significar que você vai ter que viver com a besta? Por que a maldição agora é perpétua. Como uma pedra. Para sempre.

— Disse-te, que está bem para mim. — Ela riu. — Significa, vamos. É uma coisa amável, do tipo Godzilla. E o verei como dois por um no trato.

Os olhos de Rhage cintilaram brancos quando a derrubou e colocou sua boca sobre seu pescoço.

— Me alegro de que você goste. — Murmurou ele, suas mãos puxando sua camisa. — Por que os dois somos teus. Ter-nos-á pelo tempo que quiser.

— Isto será para sempre. — Disse ela quando se deixou ir.

E se deleitou com todo o amor.

Fim

The Swan - Programa de TV que transforma patinhos feios em cisnes.

Arnês - (cadeirinha, arreio) é uma espécie de cinto de segurança para a escalada.

Misticidade - Qualidade de místico. O mesmo que misticismo.